



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

CAROLINE BULHÕES NUNES VAZ

**OS SERTÕES PELOS SERTANEJOS: IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO E
REGIONALIZAÇÃO NOS TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE SERTÃO PRODUTIVO E
SERTÃO DO SÃO FRANCISCO**

**Salvador
2016**

CAROLINE BULHÕES NUNES VAZ

**OS SERTÕES PELOS SERTANEJOS: IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO E
REGIONALIZAÇÃO NOS TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE SERTÃO PRODUTIVO E
SERTÃO DO SÃO FRANCISCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal da Bahia, como requisito avaliativo do Mestrado em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Angelo Serpa

**Salvador
2016**

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca do Instituto de Geociências - UFBA

V393 Vaz, Caroline Bulhões Nunes.
Os sertões pelos sertanejos : identidade, representação e regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco / Caroline Bulhões Nunes Vaz.- Salvador, 2016.
210 f. : il. Color.

Orientador: Prof. Dr. Angelo Szanieck Perret Serpa

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Geociências, 2016.

1. Territorialidade humana - Sertanejos - Bahia. 2. Identidade. 3. Regionalismo. I. Serpa, Angelo Szanieck Perret. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Geociências. III. Título.

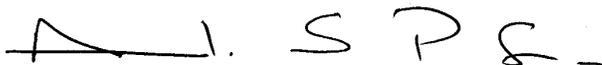
CDU: 911.3(813.8)

TERMO DE APROVAÇÃO

**OS SERTÕES PELOS SERTANEJOS: IDENTIDADE,
REPRESENTAÇÃO E REGIONALIZAÇÃO NOS TERRITÓRIOS DE
IDENTIDADE SERTÃO PRODUTIVO E SERTÃO DO SÃO
FRANCISCO.**

CAROLINE BULHÕES NUNES VAZ

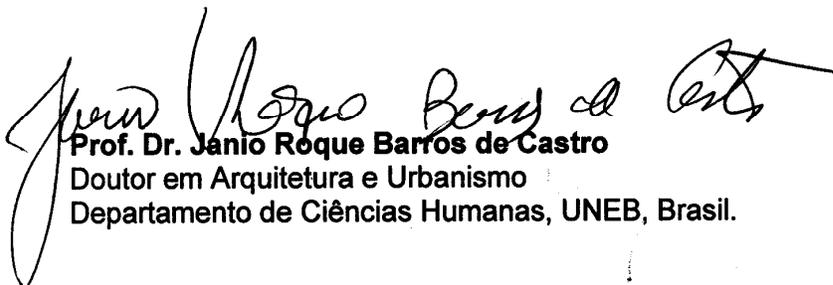
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa
Doutor em Planejamento Paisagístico e Ambiental
Departamento de Geografia, UFBA, Brasil



Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida
Doutora em Geografia
Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, UFG, Brasil.



Prof. Dr. Janio Roque Barros de Castro
Doutor em Arquitetura e Urbanismo
Departamento de Ciências Humanas, UNEB, Brasil.

Aprovada em Sessão Pública de 08/04/2016.

Para o meu Deus “Agrada-te do Senhor, ele satisfará os desejos do seu coração. Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele, e o mais ele fará” Salmos 37. 4-5

AGRADECIMENTOS

Nestas breves linhas gostaria de agradecer às pessoas que também são, de algum modo, parte da minha vida e desta pesquisa.

Ao meu Deus, pelo seu amor, misericórdia, fidelidade e companhia.

À minha família agradeço por todo apoio e suporte sem os quais não teria conseguido chegar ao final do caminho. Agradeço a meus tios e tias, primos e primas e a Lorena, minha irmã, por serem parte da minha história, por compartilharem comigo os bons e os maus momentos. Gostaria de agradecer em especial a vovó Bete e vovó Alzira pelas mãezonas que são, ao meu pai Charles pelos “paitrocínios” do trabalho de campo. A tia Ró, tio Dinho, Teteu e Nana pelo conforto de um lar amoroso, a Sr. Irenando e vovó Bete por me receber em sua casa durante esse período de estudo. Agradeço a Victor, por seu companheirismo e cuidado, com a sua presença constante cuidando de mim para me ajudar a crescer.

Aos meus amigos, todos eles, por fazerem dessa jornada um caminho “suave”. Agradeço especialmente Mateus, Jacileda, Liane, Maicon, Ildo, Elba, João Paulo e Ricardo, companheiros de labuta, por me ajudarem nos percalços e caminhos dessa pesquisa. Agradeço aos colegas do mestrado pelas valorosas discussões e pelos momentos de descontração. Aos meus amigos e aos meus pastores da Igreja Batista do Garcia, especialmente o Pr. Élson, a Pra. Elizabete, Márcio, Vanessa e Maressa e também aos da Primeira Igreja Batista de Manoel Vitorino, especialmente ao Pr. Sandro, a Rebeca, Sara, Marcelle e Paula, agradeço pelos conselhos e intercessão.

Aos companheiros do grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação pelos bons momentos compartilhados com calorosas discussões que sempre me fazem ver o mundo com olhos desejos de (re)descobrir e me (re)encantar com ele.

Agradeço ao meu orientador prof. Dr. Angelo Serpa pela força, incentivo, motivação e confiança, por ser um exemplo de profissional. Aos professores Dr. Jânio Roque e Dra. Maria Geralda por aceitarem participar da minha banca e pelas contribuições inestimáveis para o desenvolvimento desta pesquisa. A vocês agradeço por me fazerem crescer nesta caminhada.

Aos professores do Curso de Geografia da UFBA, do mestrado e da graduação, que foram essenciais na minha formação acadêmica, profissional e política, contribuindo ao longo dos seis anos e meio, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa e para o meu crescimento como ser humano.

Aos funcionários da UFBA, pela presteza e pelo atendimento sempre gentil e eficiente.

À sociedade brasileira que me proporcionou estudar em uma Universidade pública e de qualidade.

Aos entrevistados da sociedade civil e do poder público que compartilharam comigo parte do seu fazer cultural. Obrigada a todos vocês que me ajudam a transformar meus sonhos em realidade.

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito.
Não aguento ser apenas um sujeito que abre
Portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que
compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora,
que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.
Perdoai.
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.

Manoel de Barros (BARROS, 2002, p.79)

RESUMO

No ano de 2007 foi implantada uma nova regionalização no estado da Bahia e, segundo esta proposição, o estado foi dividido em 27 Territórios de Identidade. Esta pesquisa se propôs a verificar a existência de identidades regionais sertanejas em dois Territórios de Identidade: o Sertão do São Francisco e o Sertão Produtivo, valorizando os significados e sentimentos sobre o sertão nutridos pelos agentes de cultura. Metodologicamente foram realizadas pesquisa direta, em campo, nos dois Territórios de Identidade, contemplando ao todo 10 municípios, e pesquisa indireta a partir da busca de dados secundários e de referências bibliográficas. Os principais resultados mostram que: a) não há expressões identitárias sertanejas, em nível regional, ligadas aos Territórios de Identidade, que tenham rebatimento nas políticas culturais do governo do estado da Bahia; b) o sertão é amplamente significado e ressignificado pelas pessoas e ultrapassa os limites dos Territórios de Identidade; c) a vegetação assume um papel central na identificação do sertão por parte dos agentes de cultura; d) há uma influência de obras artísticas já consagradas nos significados e percepções do sertão pelos entrevistados; e) o rio São Francisco exerce uma marcação identitária para aqueles que estão em suas margens.

Palavras-chave: Região, Regionalização, Identidade, Sertão.

ABSTRACT

Bahia is regionalized in Territórios de Identidade since 2007. This research aimed to verify the existence of regional identities by valuing the meanings and feelings about the sertão nourished by cultural agents in two Territórios de Identidade in Bahia the Sertão do São Francisco and Sertão Produtivo. Methodologically was proceeded an empirical study, in both Identity Territories contemplating ten municipalities, in order to interview cultural agents and people involved with the cultural policies created by Bahia's government. We also searched for secondary data and bibliographic references to base the analyses. The main results indicate that: a) there is not regional identities related to the Territórios de Identidade and the regional identities that exists don't repercute at the cultural policies of Bahia state government; b) sertão as region is extensively significated and reinterpreted by people and its limits exceed the Território de Identidade; c) the caatinga vegetation has a central role on the process of identificating sertão by the interviewees; d) there is an influence of artistic works on the creation of meanings and perceptions of the sertão by the cultural agents; e) the São Francisco River is an identity marker for those who live on its banks.

Key-words: Region, Regionalization, Sertão, Identity

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Regionalização em Territórios de Identidade.....	19
Figura 2	Mapa de localização do Território de Identidade Sertão do São Francisco.....	20
Figura 3	Mapa de localização do Território de Identidade Sertão Produtivo.....	21
Figura 4	Mapa de quantidade de entrevistados por município do Território de Identidade sertão do São Francisco.....	44
Figura 5	Mapa de quantidade de entrevistados por município do Território de Identidade sertão produtivo.....	47
Figura 6	Imagem comparativa entre a Regionalização em Regiões Econômicas e em Territórios de Identidade	70
Figura 7	Imagem comparativa dos municípios pertencentes ao Território de Identidade Sertão do São Francisco e dos municípios pertencentes à Região Econômica Baixo Médio São Francisco.....	71
Figura 8	Imagem comparativa dos municípios pertencentes ao Território de Identidade Sertão Produtivo dos municípios pertencentes à Região Econômica Serra Geral.....	72
Figura 9	Mapa das principais rodovias que atendem ao Território de Identidade sertão do São Francisco.....	108
Figura 10	Mapa de transporte intermunicipal dos municípios do Território de Identidade sertão do São Francisco.....	109
Figura 11	Mapa de transporte intermunicipal dos municípios que compõe o Território de Identidade sertão do São Francisco com municípios de Territórios de Identidades vizinhos.....	110
Figura 12	Mapa das principais rodovias que atendem ao Território de Identidade sertão produtivo.....	113
Figura 13	Mapa de transporte intermunicipal dos municípios do Território de Identidade Sertão Produtivo.....	114
Figura 14	Mapa de transporte intermunicipal dos municípios que compõe o Território de Identidade sertão produtivo com municípios de Territórios de Identidades vizinhos.....	115

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Representantes do Poder Público Entrevistados no Território de Identidade Sertão do São Francisco.....	42
Quadro 2	Agentes de Cultura Entrevistados no Território de Identidade Sertão do São Francisco.....	43
Quadro 3	Representantes do Poder Público Entrevistados no Território de Identidade Sertão Produtivo.....	45
Quadro 4	Agentes de Cultura do Poder Público Entrevistados no Território de Identidade Sertão Produtivo.....	45
Quadro 5	Situação dos Órgãos Gestores da Cultura nos Municípios do Território de Identidade Sertão do São Francisco.....	76
Quadro 6	Situação dos Órgãos Gestores da Cultura nos Municípios do Território de Identidade Sertão Produtivo.....	76
Quadro 7	Frequência Semanal de Ônibus dos Municípios do Território de Identidade Sertão do São Francisco destinados à Feira de Santana e Salvador.....	105
Quadro 8	Frequência Semanal de Ônibus dos Municípios do Território de Identidade Produtivo destinados à Vitória da Conquista, Feira de Santana e Salvador.....	112
Quadro 9	Quadro Síntese dos Significados e Símbolos que Representam o Sertão na Perspectiva dos Entrevistados do Território de Identidade Sertão do São Francisco.....	136
Quadro 10	Quadro Síntese dos Significados e Símbolos que Representam o Sertão na Perspectiva dos Entrevistados do Território de Identidade Sertão Produtivo.....	139

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABLC	Academia Brasileira de Literatura de Cordel
AGERBA	Agência Estadual de Regulação de Serviços Públicos de Energia, Transportes e Comunicações da Bahia
AGPO	Assessoria Geral de Planejamento
ALAB	Academia de Letras e Artes de Brumado
ASPLAN	Assessoria de Planejamento
CERES	Centro de Referência do Sertão da Bahia
CPE	Comissão de Planejamento da Bahia
ECUS	Espaços Culturais Universitários do Sertão
FMC	Fundo Municipal de Cultura
FPC	Fundação Pedro Calmon
FUNCEB	Fundação Cultural do Estado da Bahia
G-DECC	Grupo de Dança Educativa Caminho da Cidadania
GOTA	Grupo Oliveira de Teatro Amador
IPAC	Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia
IPMC	Instituto Popular Memorial Canudos
MAM	Museu de Arte Moderna da Bahia
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MINC	Ministério da Cultura
MUNIC	Pesquisa de Informações Básicas Municipais
PMC	Plano Municipal de Cultura
PNC	Plano Nacional de Cultura
PPA	Plano Plurianual
SCT	Secretaria de Cultura e Turismo
SECULT	Secretaria de Cultura do Estado da Bahia
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SEPLAN	Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia
SEPLANTEC	Secretaria de Planejamento Ciência e Tecnologia
SNC	Sistema Nacional de Cultura
SUDECULT	Superintendência de Desenvolvimento Territorial da Cultura
TCA	Teatro Castro Alves
TOPA	Todos pela Alfabetização
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

Sumário

INTRODUÇÃO	13
<i>OBJETO DE ANÁLISE</i>	22
OBJETIVOS	22
Objetivo Geral	22
Objetivos Específicos	22
CAPÍTULO I - CAMINHOS DA PESQUISA	24
1.1 VISIBILIDADE DO FENÔMENO E ESCOLHA DO RECORTE ESPACIAL E TEMPORAL	26
1.2 DEFINIÇÃO DOS AGENTES DA PESQUISA	30
1.3 MARCO TEÓRICO-CONCEITUAL	32
1.4 DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	39
1.5 REFLEXÕES SOBRE A ENTREVISTA ENQUANTO FERRAMENTA DESTA PESQUISA	49
CAPÍTULO II – TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE: REGIONALIZANDO IDENTIDADE E CULTURA EM TERRITÓRIOS?	53
2.1 REGIONALIZAÇÕES DA BAHIA: UM BREVE APANHADO	53
2.2 REGIONALIZAÇÃO EM TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE E SUA RELAÇÃO COM AS POLÍTICAS CULTURAIS DO BRASIL	57
2.3 REGIÃO E TERRITÓRIO: DIÁLOGO ENTRE OS DOIS CONCEITOS	73
2.4 POLÍTICAS CULTURAIS NOS TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE SERTÃO DO SÃO FRANCISCO E SERTÃO PRODUTIVO	75
CAPÍTULO III – LIMITES DO SERTÃO: QUANDO ENTRAMOS E SAÍMOS UM DO OUTRO	86
3.1 IDENTIDADES SERTANEJAS E OS TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE DA BAHIA	86
3.2 O SERTÃO COMO REGIÃO	94
3.3 POSSIBILIDADES DO ENCONTRO: TRANSPORTE E VIAGEM NOS TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE SERTÃO DO SÃO FRANCISCO E SERTÃO PRODUTIVO	99
CAPÍTULO IV – SERTÃO: SIGNIFICADOS E REPRESENTAÇÕES	117
4.1 O SERTÃO E AS REPRESENTAÇÕES: CRIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DE REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES	118
4.2 SERTÃO DE CORPO E ALMA	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS	151
APÊNDICES	167

INTRODUÇÃO

As questões identitárias enfocam a relação das pessoas com os lugares (e com as regiões), quer positivamente, quer negativamente. Elas têm sido trabalhadas por diversos autores, dentre eles, Claval (1997), Haesbaert (1997), Bauman (2005), Lefebvre (2006), Vasconcelos (2007) Almeida (1998; 2008) e Hall (2011).

A partir dos estímulos emanados destas discussões teóricas que questionam o sentimento de pertencimento das pessoas aos lugares e da proposta do governo federal de mudar a perspectiva em que vinham sendo trabalhadas as questões culturais, com a mudança, efetuada pelo estado da Bahia, em 2007, que implantou a regionalização em Territórios de Identidade – um indicativo de mudança no trato das regiões, pelo menos no que tange ao discurso oficial, pois é a experiência cotidiana dos habitantes que é posta em foco, e não mais apenas questões econômicas como outrora (SOUZA, 2008) – surgiram as indagações para esta pesquisa. Conforme Barbosa e Serpa (2015), o processo de regionalização buscou superar as limitações das regionalizações anteriores para amenizar as desigualdades regionais, tornando o Território de Identidade como unidade de planejamento para as políticas culturais do estado.

Tem-se, então, que esta regionalização foi difundida pelos seus elaboradores como o “revelar” de territórios, a partir das identidades regionais preexistentes ao processo de regionalização (SERPA *et al*, 2011). Neste ínterim, a identidade é tida como algo dado, algo que independe de reflexão e da tomada de decisões. De fato, anteriormente a quaisquer regionalizações criadas por qualquer pesquisador, que pode criar numa pesquisa uma regionalização, ou órgão público, por meio do planejador, cada pessoa, individualmente, tem a sua região como espaço vivido, haja vista que cada um experimenta diferentemente o espaço, tendo diferentes percepções dele. As percepções, dos espaços vividos conhecidos e próximos, criam uma imagem regional, o elo psicológico do homem com a região (FRÉMONT, 1980). Para as pessoas de espaços vividos semelhantes e que têm hábitos em comum, essa imagem pode ser semelhante, criando uma região da experiência, como é o caso da região do Samba de Roda, no Recôncavo Baiano (CARVALHO, 2013).

Em concordância com estas últimas linhas, as pesquisas desenvolvidas no âmbito do grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) apontam que não há um revelar dos Territórios de Identidade, pois há municípios que questionam seu

pertencimento ao Território de Identidade ao qual foram inseridos (SERPA *et al.*, 2011). Isso se justifica, ainda, uma vez que muitas pessoas, entrevistadas durante as pesquisas, não conheciam todos os municípios dos seus Territórios de Identidade e que, apesar da aparente participação popular na delimitação dos Territórios de Identidade, muitas pessoas desconhecem essa regionalização e seus critérios instituintes (SERPA, 2015a; VAZ, 2013).

A regionalização por Territórios de Identidade – proposta como uma forma de aproximar o Estado das pessoas, permitindo a descentralização de projetos e recursos, bem como a participação popular e a valorização das peculiaridades e das singularidades regionais do estado – tem, ao invés de revelar as identidades, se esforçado para criá-las, relacionando-as aos Territórios de Identidade (SERPA; VAZ, 2015). Percebe-se que, acrescida a esta tentativa de forjar identidades, há, por parte dos representantes do Estado, o uso de manifestações culturais e sociais comuns para sustentar este laço. No caso do Território de Identidade Portal do Sertão, são valorizados os aspectos naturais de semiárido e a relativa proximidade entre os municípios, que permite a criação de festivais e festejos que possam aproximar os moradores dos municípios (VAZ, 2013), fazendo-os elaborar uma história e pensar sobre o futuro, elementos fundamentais na criação de identidades (HALL, 2011). Entende-se também que, num processo de regionalização, as regiões são *artefatos* (HAESBAERT, 2010), sendo, então, uma construção intelectual, teórica, artificial, e simultaneamente possuidora de um caráter factual, fenomênico, concreto; mas não restrito ao âmbito material, tendo em si também uma dimensão simbólica repleta de significados.

Desta maneira, os simbolismos presentes na regionalização por Territórios de Identidade podem aproximá-los da região como espaço vivido de Frémont (1980), para o qual: “a região, se existe, é um espaço vivido. Vista, apreendida, sentida, anulada ou rejeitada, modelada pelos homens e projetando neles imagens que os modelam. É um reflexo. Redescobrir a região é pois procurar captá-la onde ela existe, vista pelos homens” (FRÉMONT, 1980, p. 17). No entanto, esta relação não pode ser feita de uma maneira ingênua, já que há uma intencionalidade estatal na sua criação.

Esta pesquisa estudou as identidades sertanejas, que são dotadas de subjetividade e que são construídas coletivamente, nos Territórios de Identidade Sertão do São Francisco e Sertão Produtivo. Escrevemos aqui identidades sertanejas, no plural, como forma de demarcar as infinitas possibilidades de construção de identidades individuais que podem ser encontradas

numa identidade coletiva, considerando que, apesar dos traços comuns partilhados, cada pessoa tem vivências sociais e espaciais distintas.

As questões que norteiam esta pesquisa são relacionadas ao sentimento de pertencimento das pessoas ao sertão e à possibilidade de existência de identidades sertanejas coletivas criadas por meio de reflexão individual ou coletiva, transpostas para a coletividade a partir de valores, ideias e crenças compartilhados (BAUMAN, 2005). As pessoas destes Territórios de Identidade se consideram sertanejas? Quais os elementos comuns que fazem delas sertanejas? O que é o sertão e quais são os traços que desenham sua existência? São elementos ambientais, culturais ou ambos? Em sua experiência, qual o significado de ser sertanejo? Existe, nestes territórios, uma identidade sertaneja que justifique o nome atribuído a eles? O sertão faz parte da experiência cotidiana dessas pessoas? Como se dá, politicamente e culturalmente, a construção destes sertões? O que diferencia o sertão do semiárido? O estereótipo sertanejo é assumido pelos habitantes do sertão? Se sim, o estereótipo é fruto de uma realidade materializada ou imaginada pelos sertanejos? É importante ressaltar que concordamos com Relph (1979) quando este aponta que a experiência espacial nem sempre é consciente, não havendo uma reflexão prévia sobre o processo de experiência espacial.

Os diferentes olhares sobre o sertão trazem, como foco para a realização desta pesquisa, a questão das representações, uma vez que elas são as mediações entre as pessoas e o mundo, sendo o meio de fazer conhecer as coisas e os lugares quando a experiência não ocorre *per se*.

O espaço é representado de diversas formas a partir de diferentes perspectivas. Essas podem ser construídas ou assumidas pelos agentes e/ou grupos, dominantes ou não, podendo servir também como base para a dominação (LEFEBVRE, 2006). Por isso, ao verificar que a maior parte das discussões sobre o sertão e os sertanejos é elaborada sob um ponto de vista que é externo às pessoas que experienciam este espaço, busca-se aqui trazer os olhares destas pessoas para a academia, valorizando o significado que elas atribuem ao sertão.

O primeiro contato com a problemática das identidades sertanejas se deu ao longo de um ano e meio de pesquisa realizada sobre o Território de Identidade Portal do Sertão, no projeto de Iniciação Científica, e na monografia de conclusão de curso em Geografia, ambos na UFBA. As inquietações surgiram ao longo do desenvolvimento da pesquisa, principalmente durante a realização das entrevistas, no contato com os entrevistados. Suas declarações estimulavam um número cada vez maior de questionamentos sobre a regionalização da Bahia em Territórios de

Identidade, pois eles arguíam sobre os seus limites, não se sentindo Portal do Sertão, mas, sim, Recôncavo. Além de haver, ainda, aqueles que assumiram para si uma identidade marcadamente sertaneja, sentindo-se pertencentes ao sertão baiano e reivindicando ações e mudanças no tratamento para “sua” região.

São estes últimos entrevistados que instigaram o prosseguimento das discussões, pois se percebeu que havia aí novas possibilidades de ampliar a pesquisa desenvolvida, pela busca por uma melhor explicação do fenômeno que se apresentou: o sertão como presença, como experiência cotidiana para as pessoas. Então, o que é o sertão? Como ele se faz presente na vida das pessoas? Quais são os elementos que criam o sentimento de pertencimento das pessoas ao sertão? Como as representações sobre o sertão são percebidas, recebidas, usadas pelas pessoas? Quais as imagens que projetam sobre ele? Quem são os produtores das representações aí presentes? As respostas a estas questões são importantes para auxiliar na compreensão de como as pessoas agem para produzir seus espaços e suprir as suas necessidades materiais e imateriais.

Bauman (2005) indica que o pertencimento precede à identidade, sendo o primeiro inquestionado pelo indivíduo, apresentando-se de forma natural, quase nata; enquanto a identidade pode tanto ser fruto do poder de escolha da pessoa, quando ela opta por algo que traz em si valores, qualidades e ideologias que a contemplam, quanto uma identidade imposta, lançada pelos outros e que pode ser capaz de originar estereótipos, estigmas e até desumanizar e humilhar as pessoas. Ainda para este autor, quando as identidades construídas pelos indivíduos são transpostas para o coletivo, assumem caráter político. Por isso, intenta-se verificar qual é o fenômeno que ocorre nos Territórios de Identidade Sertão do São Francisco e Sertão Produtivo: se há um pertencimento inquestionado, uma identificação ou identidade formada, avaliando como a identidade coletiva de sertanejo tem lidado com as representações que há sobre o sertão: se estas vêm sendo assumidas ou confrontadas.

Esta pesquisa ganha importância acadêmica, uma vez que busca questionar o significado de sertão aí considerado, haja vista que este deixa de equivaler à poligonal do semiárido baiano, de grande extensão, para se fragmentar em áreas distintas e distantes entre si. Trazendo ainda, para o debate, o significado de sertão na perspectiva das pessoas que aí habitam, seus sentimentos e sua experiência espacial. Esta pesquisa ganha importância também na sua tentativa de compreender como as questões sobre identidade se colocam diante da nova política de desenvolvimento territorial e cultural do estado da Bahia e suas implicações para os agentes que

estão, de alguma maneira, ligados a elas.

O sertão não é considerado como algo dado e preexistente à pesquisa. Não consideramos, sua existência material como certa, mas consideramos que há sertões possivelmente construídos na memória coletiva. Sertões estes que não estão perfeitamente delimitados por nenhuma regionalização proposta ou efetivada pelo estado da Bahia, mas que existem em-relação¹, na relação entre homem e espaço, sendo construídos na memória coletiva das pessoas a partir da experiência com o espaço, pela geograficidade (DARDEL, 2011) e pela mediação exercida por inúmeras representações nas criações dos sertões dos entrevistados.

Esta pesquisa é também, em parte, uma tentativa de descobrir esses sertões, de que eles são feitos, como são vistos pelas pessoas. Compreendemos que, no curto período de elaboração desta pesquisa, muitas questões permanecem em aberto e esperamos que estas sirvam como estímulo para outras pesquisas.

A escolha dos recortes pela via institucional é fruto de algumas reflexões: a primeira está intrinsecamente relacionada ao discurso que institui a nova regionalização, que propõe um revelar de identidades. É importante ressaltar aqui, que o nome é de fundamental importância para a Geografia, pois a arte de nomear está relacionada aos sentimentos, valores e experiências que se tem, ou se pode vir a ter, com o espaço (BENJAMIN, 2006). Além disto, Castro (2010) afirma que os nomes dados a logradouros, municípios e regiões podem “[...] ser portadoras tanto de carga ideológica como de elementos das matrizes culturais de um povo” (CASTRO, 2010, p. 112). Assim, considerando o discurso oficial de que esta regionalização buscou revelar identidades territoriais (ou seja: formas de relação do ser no espaço), seus nomes parecem ter importância central na sua compreensão enquanto recortes do espaço. Por isso, a partir da observação dos nomes criados para cada região, ou como quer a regionalização, Territórios de Identidade, devemos ou deveríamos ter pistas sobre as próprias regiões que foram instituídas. O nome é também uma das formas do aparecer de algo. O algo não se restringe ao nome, mas o nome que é dado para o algo, o caracteriza por inteiro e mostra uma parte e o todo do ser, sem, de modo algum, esgotá-lo (SARTRE, 2005).

¹ Conforme as discussões realizadas com Ricardo Freire e Mateus Barbosa, quando da construção negociada do relatório da disciplina Fenomenologia da Paisagem GEO B49, ministrada pelo professor Angelo Serpa, do POSGEO/UFBA, o termo “em-relação” difere da expressão “em relação” por ressaltar o caráter dialético inexorável entre seres. Esta diferenciação serve, também, para não confundir com a expressão, amplamente utilizada em português brasileiro, que busca mostrar a existência de relação entre coisas, mas sem ressaltar a indissolubilidade da relação que se estabelece “em-se-relacionando com algo”.

A partir da observação do mapa dos 27 Territórios de Identidade da Bahia (figura 1), vemos que há apenas três nomes relacionados a sertão: Portal do Sertão, Sertão do São Francisco e Sertão Produtivo. Outras inquietações começam então a se delinear: se estes três são sertão, os demais não são? Porque os sertões não aparecem como área contínua? De algum modo, no revelar destes Territórios de Identidade, assume-se como premissa que não há sertão nos demais Territórios de Identidade? O que a população local pensa? Como se sente? Há um sentimento de “sertanidade”? Neste sentido, escolhemos desenvolver esta pesquisa nos Territórios de Identidade Sertão do São Francisco e Sertão Produtivo².

Uma vez que o tempo de desenvolvimento de uma dissertação é de apenas dois anos, era preciso delimitar recortes específicos que fossem capazes de dar pistas sobre as questões que a nova regionalização instiga. Além disto, consideramos que nenhuma regionalização feita até hoje é capaz de delimitar perfeitamente o sertão e também que nem todas as pessoas que por ventura estejam na área que recebe tal alcunha se considerem sertanejas. Isto porque é sabido que as fronteiras são fluidas e sabe-se ainda mais que, quando instituídas politicamente, estas fronteiras têm interesses por trás de sua constituição. Aqui, partimos do pressuposto que só há sertão onde há sertanejos, que o assumem na sua experiência cotidiana do espaço. Não tomamos o sertão em nenhuma medida como pronto, mas como algo a ser descoberto, que não tem limites territoriais específicos e que não pode ser, de modo algum, imposto por uma regionalização. Cada sertão, de cada sertanejo, tem limites únicos e uma espacialidade específica que diz respeito a sua experiência com o espaço. Isto significa que, ao mesmo tempo em que há uma infinidade de sertões e de sertanejos, há também um sertão que se cria coletivamente e paralelamente a esta construção individual.

Para que pudéssemos ter fugido à via institucional, teríamos que ter criado uma nova metodologia que possibilitasse redescobrir os sertões da Bahia a partir de referenciais inovadores, com um trabalho de campo ainda mais extenso do que o que realizamos. No entanto, não pudemos almejar tal feito. O que buscamos foi criar possibilidades de nos encontrar com os sertões das pessoas nas entrevistas, de ver, com o corpo por inteiro, as imagens do seu aparecer.

É relevante mencionar que, para autores clássicos da Geografia, como Manoel Correia de

² O Portal do Sertão foi estudado no projeto de iniciação científica “Políticas de Desenvolvimento Territorial e Cultural no Território de Identidade Portal do Sertão: Uma Análise Geográfica da Lógica de Localização de Projetos e Recursos” que contou com apoio do CNPQ sob orientação do professor Angelo Serpa. Como já foram realizadas 30 entrevistas no Território de Identidade Portal do Sertão abordando, mesmo que de forma parcial, a temática da identidade, este Território de Identidade não fez parte do recorte desta pesquisa.

Andrade (2011), o sertão se configura numa faixa contínua do nordeste brasileiro, marcado pela seca e pela vegetação de caatinga, tendo, nos primeiros séculos de colonização, como sua principal atividade econômica, a pecuária. É importante dizer também que esta visão já foi superada na academia (MENDES, 2009).

Territórios de Identidade da Bahia

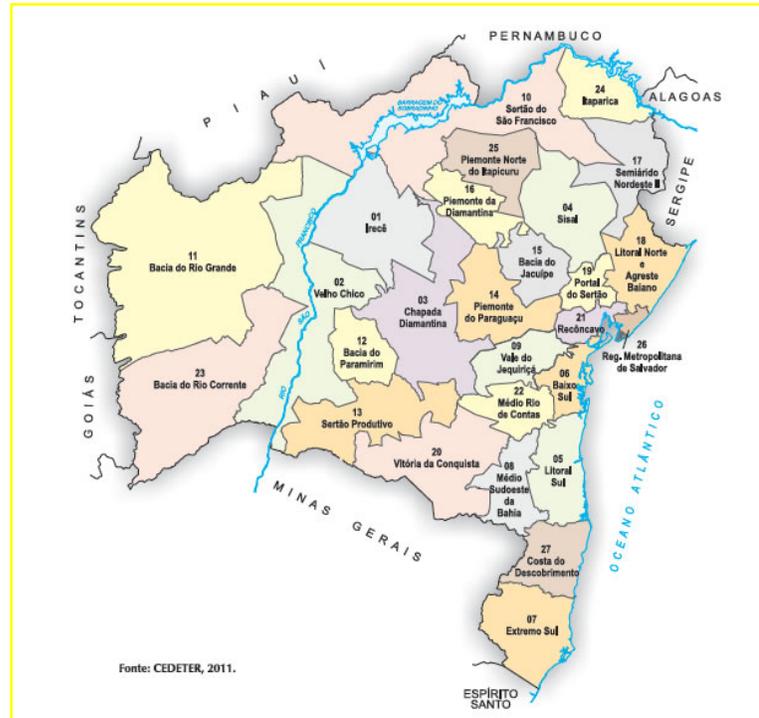


Figura 1. Mapa dos Territórios de Identidade da Bahia segundo a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia
Fonte: www.secult.gov.br

De acordo com o que foi dito acima, lista-se que o Território de Identidade Sertão do São Francisco é constituído por 10 municípios (Campo Alegre de Lourdes, Pilão Arcado, Remanso, Casa Nova, Sobradinho, Sento Sé, Juazeiro, Curaçá, Uauá, Canudos) e o Território de Identidade Sertão Produtivo, composto por 19 municípios (Brumado, Caculé, Caetitê, Candiba, Contendas do Sincorá, Dom Basílio, Guanambi, Ibiassucê, Ituaçu, Iuiú, Lagoa Real, Livramento de Nossa Senhora, Malhada de Pedras, Palmas de Monte Alto, Pindaí, Rio do Antônio, Sebastião Laranjeiras, Urandi, Tanhaçu), conforme a figura 2 e 3.

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE SERTÃO DO SÃO FRANCISCO - 2015

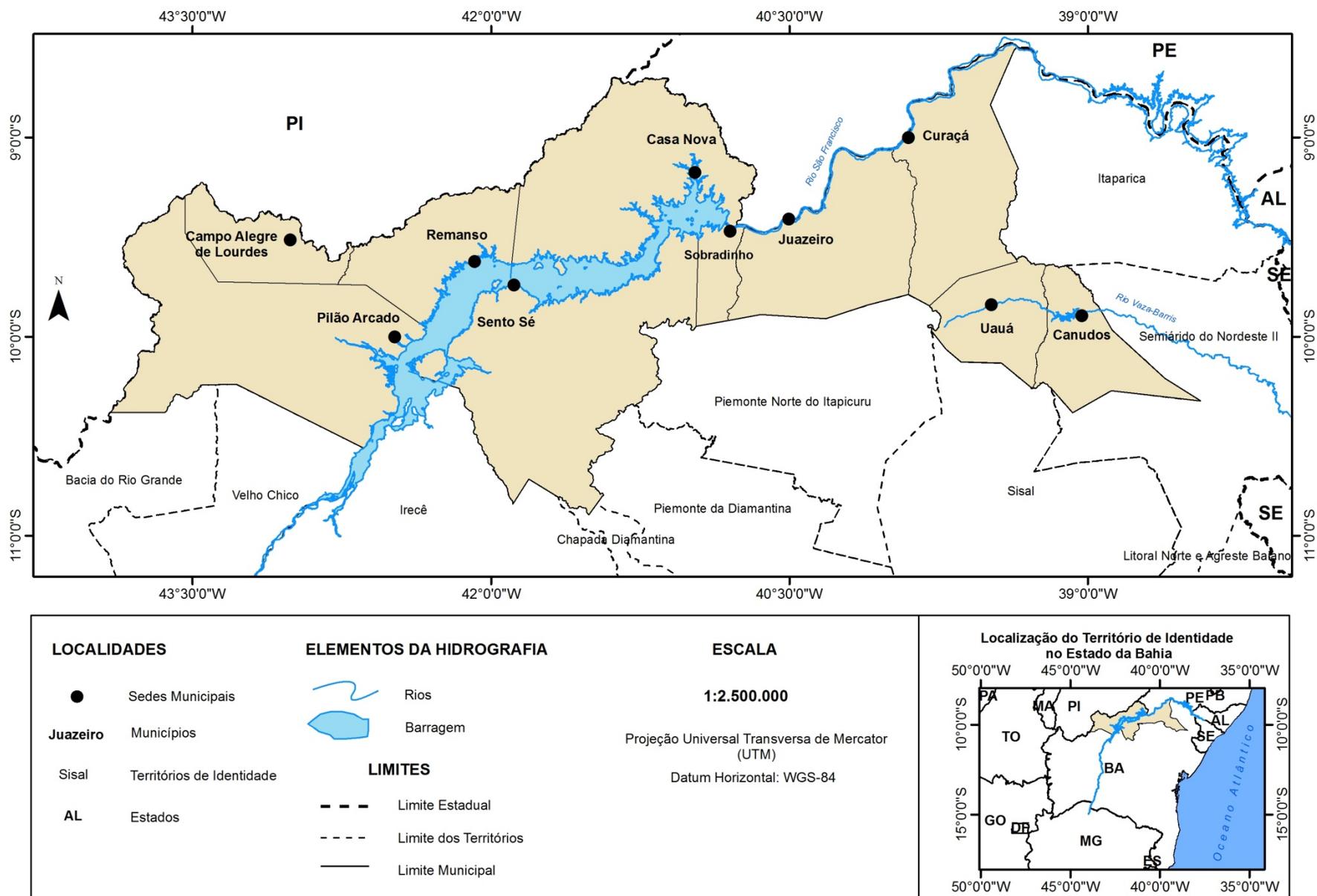


Figura 2. Mapa de Localização do Território de Identidade Sertão do São Francisco.

Elaboração: Caroline Bulhões Nunes Vaz

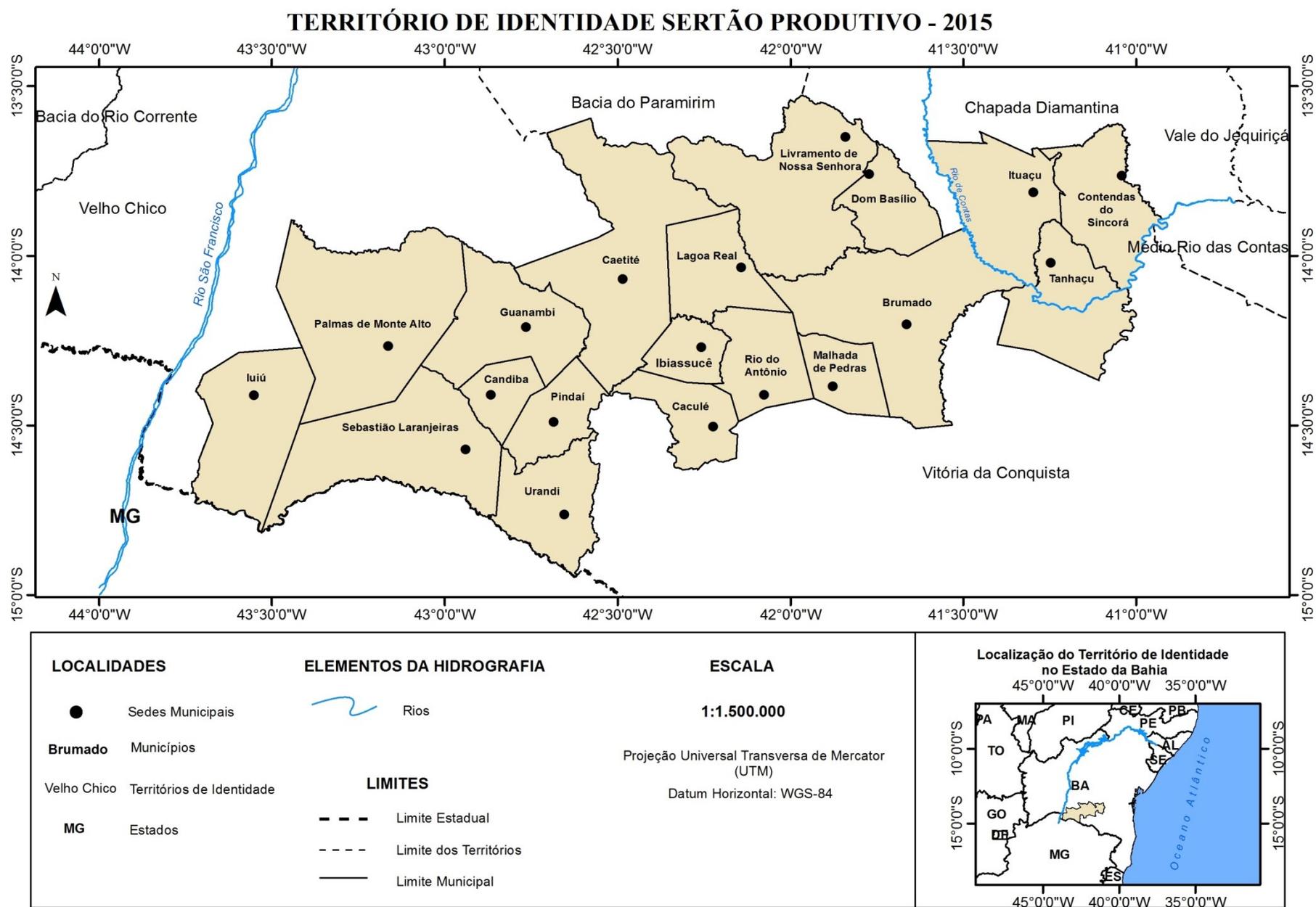


Figura 3. Mapa de Localização do Território de Identidade Sertão do Produtivo.

Elaboração: Caroline Bulhões Nunes Vaz

OBJETO DE ANÁLISE

Esta pesquisa tem, como objeto de análise, a relação do homem com o sertão baiano a partir da perspectiva dos agentes de cultura dos Territórios de Identidade Sertão do São Francisco e Sertão Produtivo, da sua experiência cotidiana, da sua percepção e das representações – produzidas e reproduzidas – que abundam o imaginário dos moradores dessas regiões.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Compreender quais as concepções, leitura e olhares sobre o sertão para os agentes de cultura entrevistados e verificar se há a existência de identidade(s) regional(is) sertaneja(s) nos Territórios de Identidade Sertão do São Francisco e Sertão Produtivo - em caso afirmativo, verificar quais identidades e suas possíveis implicações na nova política de desenvolvimento territorial e cultural do estado, realizando, ainda, um contraponto entre os limites estabelecidos pelo governo para estes territórios e a vivência de seus moradores.

Objetivos Específicos

1. Identificar quais as concepções de sertão presentes na criação das identidades dos agentes de cultura dos Territórios de Identidade Sertão do São Francisco e Sertão Produtivo;
2. Identificar se há diferenças entre o significado de sertão e o de semiárido para os grupos culturais e quais são as suas implicações no cotidiano;
3. Identificar se as diferentes leituras, identidades, pertencimento relacionados com o sertão influenciam nas políticas públicas de desenvolvimento Territorial e Cultural do estado nos Territórios de Identidade escolhidos como recorte para esta proposta.

Para finalizar esta parte inicial, optamos por indicar brevemente como esta dissertação está

estruturada. De modo não convencional, decidimos que o primeiro capítulo contemplaria as questões pertinentes aos caminhos percorridos ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Detalhamos aqui as opções metodológicas e as reflexões sobre a pesquisa ao longo do processo de sua realização. Optamos por fazer isso, para fornecer ao leitor um panorama mais amplo sobre as bases que estruturam esta pesquisa, favorecendo uma leitura mais fluida dos capítulos que se seguem.

Buscamos, ao longo do segundo capítulo, esmiuçar as questões pertinentes à regionalização em Territórios de Identidade, bem como refletir sobre como uma regionalização institui territórios ao invés de regiões. Almejamos refletir sobre as possibilidades de articulação entre os dois conceitos bem como sobre a institucionalização da regionalização em Territórios de Identidade. Além disto, enfatizamos os desdobramentos das políticas culturais nos dois Territórios de Identidade.

Ao longo do terceiro capítulo, intentamos discutir as bases da região como espaço vivido de Frémont (1980), na tentativa de identificar se o Território de Identidade corresponde à região espaço vivido das pessoas. Para tal, desenvolvemos uma argumentação a partir das ideias de Bachelard (1998) e Heidegger (2014) sobre os limites que as regiões das pessoas podem ter, bem como buscamos realizar análises das linhas de transporte oficial para/nos dois Territórios de Identidade. Isto foi feito para verificar as principais possibilidades de transporte entre os municípios circunscritos nos Territórios de Identidade e entre os municípios destes com municípios de Territórios vizinhos. Por fim, demos ênfase às falas dos entrevistados que estão relacionadas às suas regiões da vivência.

Na última parte da pesquisa, evidenciamos os diferentes significados que o sertão pode ter para as pessoas, como seus corpos se relacionam e percebem o sertão. Buscamos ainda discorrer sobre as suas formas de ser no/com o sertão, revelando uma série de maneiras de aparecer do sertão para os sertanejos. Ensejamos ainda discutir como diversas representações de sertão estão relacionadas com o pertencimento ao sertão e às identidades sertanejas.

Este trabalho é fruto de uma tentativa de organizar nossas reflexões e argumentações por meio do diálogo entre as nossas reflexões e as reflexões dos nossos entrevistados sobre o sertão numa tentativa de intersubjetivação. Foi uma forma de deixar a realidade falar.

CAPÍTULO I - CAMINHOS DA PESQUISA

A leitura deste capítulo fornece um panorama dos processos que auxiliaram a execução da pesquisa situando o leitor acerca dos processos que a nortearam. Desta maneira, pretendemos compartilhar os caminhos percorridos ao longo da pesquisa, para explicitar as operações que culminaram nesta dissertação.

À luz das ideias de Feyerabend (2011) é importante ressaltar que seguir as orientações de um único método de maneira estrita é trabalho muito difícil e com poucas chances de sucesso, pois todos os métodos apresentam limites, não permitindo uma compreensão completa do real. Por isso, é importante trazer à tona estes limites e conscientemente transitar entre diferentes métodos, reconhecendo a existência de diferenças e contradições, tentando apresentá-las na busca de realizar análises que possibilitem compreender diferentes partes do real. Deste modo, as análises deste trabalho serão feitas numa tentativa de aproximação da dialética e da fenomenologia, uma vez que o intuito é realizar apreciações qualitativas que consideram tanto as experiências espaciais quanto as contradições que se apresentam no espaço e nos fenômenos. Isto porque, num dado momento, compreende-se que o fenômeno pode ser reinserido no fluxo histórico e lançado à nova luz para sua compreensão (LEFEBVRE, 1991; SERPA, 2006; BENJAMIN, 2012d).

A fenomenologia é importante, pois ela instiga a abandonar, mesmo que provisoriamente, os conhecimentos prévios, os preconceitos e prejuízos sobre o objeto, numa tentativa de buscar as essências do fenômeno, trazendo à baila as perspectivas dos agentes que experienciam o espaço (neste caso, o espaço sertanejo) e os significados das experiências, na tentativa de descobrir o vir a ser do fenômeno. A descoberta do fenômeno revela as contradições deste/neste e possibilita sua exposição. A dialética, por sua vez, assume uma importância central para superar as barreiras colocadas pela lógica formal, na tentativa de colocar as contradições encontradas em-relação, em movimento. Isto não significa que a lógica formal deve ser desprezada, mas sim que deve ser superada e incorporada à lógica dialética, tendo em vista que a permanência na lógica formal leva a prevalência das representações (SERPA, 2014). A lógica dialética permite colocar o pensamento em movimento e ter uma ampla visão de processo (LEFEBVRE, 1991).

É, pois, por entender que a fenomenologia não nega a dialética que há uma tentativa de associação destes, por entender que os dois métodos podem fazer parte de momentos diferentes

da pesquisa. Neste sentido, os trabalhos de Serpa (2006; 2007 e 2013b) dão pistas de como efetivar essa aproximação. Nas palavras do autor: “a fenomenologia não exclui a contradição da razão dialética, justamente porque busca romper a familiaridade com o mundo para apreendê-lo e revelá-lo como paradoxo” (SERPA, 2013b, p.169). O autor afirma ainda que os dois métodos

[...] podem funcionar como estratégias complementares, buscando-se sempre a construção da síntese agente-objeto, própria ao ato de conhecer, ora utilizando-se da história enquanto categoria de análise, ora buscando-se intencionalmente abstrair a historicidade dos fenômenos, visando à explicitação de sua “essência” (SERPA, 2007a, p.20).

Para mais uma vez ressaltar as possibilidades de articulação entre os dois métodos, destacamos que diversos autores da fenomenologia, dentre eles Sartre(2005), Merleau-Ponty (2004a; 2004b; 2006) e Bachelard (1998), se apropriam desta lógica para desenvolver suas argumentações.

É também na tentativa de conseguir colocar a conjuntura e a estrutura em-relação que as duas formas de pensar, de ver o mundo, podem se relacionar. Na tentativa de compreender essas relações, o processo de confecção de artesanato pode ser um exemplo esclarecedor, pois é um processo que exige simultaneamente a noção da conjuntura (o ponto-a-ponto) e da estrutura (o vir-a-ser da peça). Neste sentido, para compreender como uma pessoa que faz crochê tem a visão do todo, ela precisa imaginar como o trabalho final será, ao mesmo tempo em que tem que desvendar as conjunturas, em suas situações específicas, fazendo-as ponto-a-ponto. É ter a noção do que um dado arranjo de pontos se transformará numa configuração específica. É preciso ao mesmo tempo uma visão ampla do todo e conjuntural, situacional das particularidades que fazem o nexo do trabalho manual que está sendo desenvolvido. Daí a importância de desenvolver formas de raciocínio que permitam transitar entre o todo da obra e suas partes. Sennett (2007) chama atenção para a importância do raciocínio artesanal para que as pessoas possam localizar e mapear as situações sociais que se apresentam, mas, em um mundo em que as pessoas deixam de ter contato com essa produção manual, fica cada vez mais difícil desenvolver esses nexos que exigem grande abstração.

Para além disso, o trabalho artesanal se aproxima do trabalho artístico (em que medida é artístico?), na medida em que a confecção de peças, poesias e quadros se dá nessa relação entre as partes da apresentação e o todo dela. O trabalho artístico e o trabalho artesanal também se

constituem em um só golpe na consciência do artista, no entanto, como esse trabalho será traduzido para as formas legíveis, passíveis de compreensão, a peça pode sempre sofrer modificações (conjunturais que podem afetar a estrutura e/ou mudanças pontuais em sua elaboração). Cabe aqui considerar também que, para a confecção das peças, pode ainda não haver um “modo de fazer existente”, fazendo com que se abram possibilidades para a inovação a partir da criatividade, por meio de procedimentos inovadores que permitam a concretização daquilo idealizado pelo artista/artesão – uma brecha para o novo. Por isso, é importante considerar, por exemplo, as ideias de Lefebvre (2006), segundo as quais apenas a partir da obra, da possibilidade de inovar, de subverter a ordem, a reprodução das relações de vida no espaço pode ganhar outro sentido.

Merleau-Ponty (2004a) aponta para a necessidade da aproximação entre ciência e arte para melhor compreensão do mundo³. Para este autor, o artista e a obra se misturam, posto que um não existe sem o outro. Neste sentido, o pesquisador e a pesquisa também se fundem porque a pesquisa é sempre realizada por uma pessoa que consegue ver o mundo de um jeito singular. Os resultados de uma pesquisa partem daquilo que pode ser alcançado a partir da relação entre pesquisador-objeto e daquilo que pode ser tocado em “mim” pelo “outro”, o que abre as perspectivas de olhar e refletir sobre o tema e sobre o próprio processo de reflexão da pesquisa. A pesquisa revela algo sobre aqueles que fazem parte dela diretamente, revelando os agentes que dela fazem parte, inclusive o pesquisador, enquanto pessoa que a pensa, a sistematiza e a escreve.

1.1 VISIBILIDADE DO FENÔMENO E ESCOLHA DO RECORTE ESPACIAL E TEMPORAL

Castro (1995) discute a necessidade de visibilidade e pertinência do recorte espacial e do fenômeno na realização de estudos em geografia. Recortar espacialmente aqui não significa fragmentar o real, mas, sim, definir áreas para melhor apreensão e compreensão do fenômeno, que aparece mais claramente numa dada escala, e que se almeja pesquisar. Deste modo, a autora supera o problema da escala geográfica diferenciando-a e separando-a da escala cartográfica, ressaltando as diferenças entre elas e a importância destas. Castro aponta ainda a necessidade de os geógrafos tentarem relacionar as diferentes escalas geográficas para que haja uma melhor

³Não pretendemos discutir o que é um artista ou o que faz ser artista, mas reconhecemos que alguns agentes de cultura entrevistados nesta pesquisa são artistas da cultura popular.

compreensão do real, pois, em cada escala geográfica, diferentes possibilidades de compreensão do fenômeno se farão possíveis, pois serão nuances diferentes do fenômeno que se farão visíveis.

A autora fornece ainda pistas metodológicas de como proceder a esta inter-relação ressaltando as dificuldades e possibilidades que daí advem. As ideias de Castro coadunam com as ideias de Serpa (2006) para quem:

São, portanto, as questões e os problemas de pesquisa, bem como as características específicas dos fenômenos, as quais se deseja explicitar e dar visibilidade que vão justificar, em última instância, o acerto da escolha de um determinado recorte em detrimento de outro (p.12).

Mais uma vez, ressaltamos que a escolha da regionalização institucional para análise, bem como dos municípios que integram estes Territórios de Identidade, se deu por estes se configurarem como parâmetros disponíveis para realização da pesquisa, uma vez que existem políticas, voltadas para a territorialização da cultura, e mecanismos criados pelo governo do estado para viabilizar esta regionalização. É, por isso, que os objetivos desta pesquisa se voltaram para verificar se o Território de Identidade tem algum significado para seus habitantes, para ver se há, de fato, alguma relação entre identidade sertaneja e o Território de Identidade. Para que estas comparações pudessem ser efetivadas foi preciso lidar com os mesmos parâmetros instituídos para esta regionalização, para podermos verificar a existência de identidade regional sertaneja circunscrita ao Território de Identidade. Isto não significa que não reconheçamos o Território de Identidade como um recorte frágil, haja vista que é uma regionalização institucional que foi instituída como base para o trabalho da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SECULT) apenas em 2007. Mas, é justamente por sua fragilidade, pelos indicativos que dão Serpa *et al* (2011) sobre esta regionalização, que surgiram os questionamentos. Escolher outras bases para realizar esta pesquisa implicaria na necessidade de procurar outras questões norteadoras e no desenvolvimento de outra metodologia. Por isso, consideramos como acertada a escolha da escala regional como recorte teórico e empírico básico desta pesquisa.

O recorte temporal do fenômeno, ou sua temporalidade, por sua vez, foi considerado em situação, na medida de seu aparecimento para a consciência e durante sua permanência nela. W. Benjamin (2012d) em “Sobre o conceito de História” traz, por exemplo, que a História deve ser construída no tempo de agora. Tempo este que faz explodir o fenômeno para fora do *continuum* da história, revelando-o como num relampejar. É, então, este tempo de agora do fenômeno que

interessa enquanto ele aparece e não o tempo homogêneo e linear, vazio, do historicismo⁴.

Compreender o fenômeno no tempo de agora significa considerar o período de sua aparição, que não necessariamente se dá neste instante, mas numa sucessão infinita, não necessariamente sequencial, de presentes que se configuram no presente atual do fenômeno. Husserl (2006) afirma que o agora é sempre pontual e atual, persistindo sempre como algo novo. No entanto, sua existência não prescinde de um horizonte de passado e futuro – horizonte de antes e depois – num fluxo constante, infinito e preenchido de vividos que não podem ser compreendidos em separado:

Todo agora de vivido, mesmo o da fase inicial de um vivido que acaba de surgir, tem necessariamente seu horizonte do antes. Mas este não pode ser, por princípio, um antes vazio, forma vazia sem conteúdo, um nonsense. Ele tem necessariamente a significação de um agora passado, que capta essa forma um algo passado, um vivido passado. Todo vivido recém iniciado é necessariamente antecedido no tempo por vividos, o passado de vividos está completamente preenchido. Todo agora de vivido tem, no entanto, também seu necessário horizonte do depois, e tampouco este é um horizonte vazio; todo agora de vivido, mesmo que seja o da fase final de duração de um vivido que cessa, se altera necessariamente num novo agora, e este é necessariamente um agora preenchido (HUSSERL, 2006, p. 186-187 grifos do autor).

Neste sentido, Alves (2008) argumenta que a fenomenologia proposta por Husserl coloca o tempo cosmológico, objetivo, em-relação com o tempo fenomenológico, pois ao invés de contrapor o

*‘tempo da consciência’ e um ‘tempo físico’ dos cronômetros, em vez de desqualificar o segundo enquanto concepção ‘vulgar’ do tempo ou de, inversamente, contestar o primeiro enquanto ‘ilusão subjectiva’, ela exhibe os processos constitutivos pelos quais vamos do tempo vivido até um tempo do mundo, pondo a descoberto as operações aí envolvidas enquanto realizações (Leistungen) subjectivas. É que só há um tempo e só há um tempo e só há um mundo (ALVES, 2008, p. 177, grifos do autor)*⁵

Deste modo, fica nítida a impossibilidade de dissociação entre o tempo objetivo e o tempo fenomenológico. É importante ressaltar que nenhum recorte temporal objetivo específico pode contemplar em inteireza um dado fenômeno, sendo sempre necessário recorrer intencionalmente à diferentes pontos do horizonte do antes para poder compreender dados aspectos do fenômeno,

⁴Esta discussão, bem como a discussão sobre a realização de entrevistas – baseada em Bourdieu (2003) –, foi aprofundada em reuniões do grupo de pesquisa Espaço Livre de Pesquisa-Ação.

⁵Em seu texto Alves (2008) desenvolve a argumentação mostrando a relação entre os estudos da física contemporânea com os estudos de Husserl sobre o problema do tempo fenomenológico.

pois ainda que os fluxos de vivido do fenômeno existam no tempo objetivo, o fluxo de vividos não está circunscrito em seus limites.

Por isso, o agora, o presente atual não assume caráter instantâneo, linear, mas sim as características do seu aparecer até aqui. Santos (1996; 2008), se referindo à análise da paisagem, aponta a necessidade de considerar três tempos do presente: o primeiro seria o presente-presente que contempla as conformações da paisagem que se dão no momento atual; o segundo seria um presente-passado, no qual identificamos formas que puderam resistir à sucessão temporal e que podem ou não ter modificado sua função e que fazem parte da constituição do presente-presente; e o presente-futuro, que é o conjunto das possibilidades de vir-a-ser do espaço, almejando vislumbrar novas funções para as formas existentes, bem como novas formas e novas relações sendo estabelecidas no espaço⁶. E, para além das conformações do presente, Benjamin (2012d) mostra que o passado é composto de diversos tempos presentes que devem ser alvo de estudos. Para este autor, um dado momento presente do passado pode ser estudado a partir de diferentes vieses, mostrando diferentes perspectivas com relação ao mesmo fato histórico⁷.

Compreendemos então, que a periodização do tempo em-relação com o espaço precisa de uma reflexão não linear do tempo, mas considerando os fenômenos nas situações temporo-espaciais específicas. Assim, pensamos que a periodização do presente pode se iniciar durante a ação, enquanto a ação está em curso, se concretizando em um passado (que reverbera no presente) quando a ação se finaliza. No primeiro momento, antes de iniciar a ação, quando é apenas possível vislumbrá-la, ela ainda é futuro (presente-futuro), sendo impossível identificá-la espaço/temporalmente de modo adequado. A ação ainda está em projeção e as intencionalidades estão se encaixando, neste caso, ela ainda está parcialmente no plano das ideias. Consideramos então que o “agora” do fenômeno não significa o “neste instante”, mas o próprio processo de encaixe do fenômeno nos seus três tempos presentes. Assim, a identidade pode ser vista dialeticamente no agora instantâneo de sua aparição – revelando uma configuração específica do seu aparecer, num momento específico, que quando ocorre já não existe mais, já se transformou em algo outro, se tornou passado incluso no presente (passado que reverbera no presente) – e também simultaneamente como processo porque indissociável do processo histórico de sua

⁶ Discussão realizada com Mateus Barbosa e Ricardo Freire durante a construção do relatório da disciplina Fenomenologia da Paisagem GEO B49, ministrada pelo professor Angelo Serpa, do POSGEO/UFBA.

⁷ A necessidade de presentificar o passado para Benjamin é fundamental, mas o autor ressalta que, ao realizar um estudo de história, não se pode esquecer dos resultados dos processos do passado no presente, pois há uma tendência de subserviência às classes dominantes através da empatia com os vencedores.

constituição (presente-passado). A configuração de aparecer do agora instantâneo (presente-presente instituído em ato), que aparece em uma dada situação, como na realização de uma entrevista, é também em algum grau o revelar do próprio processo de sua constituição, sendo, portanto o presente-presente em-relação com presente-passado e com o presente-futuro (porque possível vislumbrar caminhos a trilhar) estando sempre em transformação. O presente é, portanto, simultaneamente o agora instantâneo, o passado e o futuro, em-relação, tornando possível aparecer configurações específicas do fenômeno num dado espaço/tempo.

Assim, no tocante à temática desta dissertação, temos inicialmente que o recorte temporal está situado quando da implantação do Território de Identidade enquanto regionalização oficial, ou seja, a partir de 2007. No entanto, entendemos que este não pode ser um recorte “fixo”, na medida em que as análises pretendidas podem nos levar para diferentes pontos do horizonte temporal no intuito de nos auxiliar a compreender determinadas nuances que se apresentam no/do fenômeno.

1.2 DEFINIÇÃO DOS AGENTES DA PESQUISA

Vasconcelos (2011) traça um panorama do uso das noções de ator e agente na história, sociologia e geografia, mostrando a complexidade e a diversidade de contextos em que foram empregados. E, ainda não havendo consenso sobre a utilização de um termo em prejuízo do outro, o autor deixa clara sua preferência pela noção de agente, posto que a noção de ator “[...] remete a papéis de representação, tanto na vida corrente como nas artes (teatro, cinema)” (VASCONCELOS, 2011, p. 76). Escolhemos desenvolver esta pesquisa seguindo esta indicação.

Optamos por ter como amostra intencional agentes culturais em detrimento de movimentos da sociedade civil organizada, porque esta é uma forma de não excluir agentes não institucionalizados, ampliando os horizontes da pesquisa, possibilitando a realização de entrevistas em municípios pequenos e/ou de pouca articulação da sociedade civil. Esta decisão se mostra importante, pois permite que agentes, que não se organizam pela lógica do Território de Identidade, possam ter voz. Doutra sorte, se se opta por ter como prioritários apenas os movimentos da sociedade civil organizada, ficaria limitado o alcance da pesquisa e dificultado o processo de apreensão das contradições e das demais lógicas de organização e experiência das pessoas com sua região. É importante ainda ressaltar que os grupos que não respeitam esta lógica

põem em xeque a regionalização proposta e revelam outras possibilidades de regiões como espaços vividos.

Serpa *et al.* (2015) mostram que a política de desenvolvimento territorial e cultural atinge de forma distinta os agentes de cultura os quais ela tem como foco. Grupos culturais formados por agentes de maior capital escolar e social conseguem se adequar melhor à política proposta pelo governo do estado da Bahia em detrimento daqueles que são compostos por membros com menor instrução, quando comparados com os primeiros. Ressaltamos que, dentro dos próprios grupos culturais, há agentes de maior e menor capital cultural e escolar⁸, estando alguns mais bem informados que outros sobre as ferramentas de funcionamento da política cultural do governo (idealização, implantação e efetivação). Ao optarmos por entrevistar representantes do poder público em escala local e regional temos a oportunidade de entrar em contato com aqueles que de alguma forma podem escolher quais manifestações e agentes ganham mais visibilidade nos seus municípios e nos eventos culturais de âmbito regional patrocinados pelos governos municipais. Estes agentes são também responsáveis por influenciar nas representações que passam adiante, pois podem priorizar atividades culturais que estejam de acordo com a sua visão de mundo em lugar de outras que estejam em desacordo. Assim, os agentes de cultura que conseguem mais influência nos municípios são aqueles que estão direta ou indiretamente ligados ao poder local, trazendo mais visibilidade para suas manifestações, não sendo, necessariamente, os detentores de maior capital escolar e econômico, mas os que apresentam forte capital social. Deste modo, estar em contato com os mais diversos agentes de cultura nos permite ter uma visão de processo, de como criam o sertão por meio de suas atividades culturais, possibilitando também identificar quais as representações sobre o sertão são validadas por eles.

Os agentes de cultura, como mencionado acima, por vezes são pessoas de baixo capital escolar e econômico. Mas apesar de não terem tido acesso a conhecimento de caráter acadêmico, eles conhecem a dinâmica, a realidade temporo-espacial a qual pertencem, pela experiência cotidiana. Como ressalta Almeida (1998), a partir das ideias de Levy-Strauss (s/d), o conhecimento popular também tem legitimidade “[...] em razão de sua importância na vida social,

⁸Bourdieu (2007) ressalta a importância de não considerar o conceito de classe social a partir de uma visão tradicional e aponta que na constituição das classes e frações de classe diferentes capitais (econômico, social e cultural/escolar) são importantes para compreender os gostos e comportamentos das classes sociais e também para verificar se os agentes estão se movendo de forma ascendente ou descendente na estrutura social. No contexto das políticas culturais da Bahia, ressaltamos que o capital escolar é fundamental para que os grupos se adequem à política de editais, haja vista que alguns projetos e documentos necessários para a contemplação em editais exigem conhecimentos técnicos específicos (SERPA, 2011;VAZ, 2013; SERPA *et al.* 2015).

da clareza que ele traz sobre os processos cognitivos e as interações sociais” (p.34).

Ainda sobre agentes da cultura – que são detentores de informação e capital escolar e econômico – mesmo estes podem não exercer influência em escala local pela ausência de prestígio, pois suas manifestações são postas de lado em favor de agentes mais consagrados. José Walter Pires, sociólogo, advogado, cordelista e membro da Associação Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), por exemplo, evidencia as dificuldades de conseguir apoio do poder público municipal e estadual para publicar seus trabalhos e para tê-los adotados como material paradidático em escolas. Segundo ele, os representantes do poder público e os dirigentes de escola preferem adotar materiais de autores do Sul/Sudeste ao invés dos seus trabalhos sobre o sertão; ele ressalta ainda que nunca foi contemplado em edital e que seus trabalhos na maior parte das vezes são publicados em editoras do Sul/Sudeste (PIRES, 2015). Neste sentido, não consideramos que o autor seja um agente hegemônico no município, pois mesmo sendo reconhecido nacionalmente, seu trabalho é preterido no nível municipal e regional. Portanto, a compreensão da posição de um agente perante o município e outros agentes só é possível quando se relacionam diferentes escalas geográficas.

1.3 MARCO TEÓRICO-CONCEITUAL

Optamos, nesta pesquisa, por escrever sobre a problemática da identidade, mais especificamente, das identidades sertanejas a partir dos estudos de Geografia Cultural e Regional. Consideramos, pois, a cultura como sendo aquilo que “[...] serve para dar um sentido à existência dos indivíduos e dos grupos nos quais eles estão inseridos” (CLAVAL, 1997, p.96), podendo abranger todos os aspectos da vida das pessoas. Isto não significa que esta seja uma definição para a cultura, mas um elemento norteador para a realização das análises aqui pretendidas, haja vista a grande abrangência que os estudos culturais podem ter. Cosgrove aponta que buscar uma definição precisa de cultura “[...] implica sua redução a uma categoria objetiva, negando sua subjetividade essencial” (COSGROVE, 2003,p.103).

Acreditamos aqui que a produção cultural é realizada diariamente, construída por e para as pessoas, por seus diferentes agentes. Por isso, as culturas, hoje, não podem ser apreciadas como “puras”, já que o contato entre as pessoas de diferentes lugares ocasiona mudanças no pensar e no fazer das manifestações. Contudo, neste processo de mudança, nem tudo é alterado e

permanências poderão ser percebidas ao longo do processo (CLAVAL, 2010). Este fenômeno ocorre também para o caso particular em estudo, a cultura sertaneja, que, ao longo do tempo, tem sido alvo de modificações a partir do contato com e da influência de outras culturas.

Desta forma, discordamos dos trabalhos tradicionais que adotam o paradigma supra-orgânico de uma cultura acima dos homens e externa a eles, com poder causativo, assentada num *locus* metafísico e tendo os homens como meros agentes, em que o consenso prevalece, “um mundo intocado pelos conflitos interculturais” (DUNCAN, 2003, p.83). Um estudo criado nestes moldes implicaria em uma simplificação das questões identitárias, trazendo a cultura do sertão como uma resposta pronta para quaisquer indagações que fossem feitas. Acreditamos, aqui, pois, numa ciência que cria as perguntas e que gera inquietações, e não numa ciência que traz o conforto das respostas fáceis.

Castro (1997) aponta que o domínio do simbólico está na base da constituição das representações que orientam as ações do homem sobre o espaço, possuindo ainda um grande valor explicativo. É a partir das interações entre o homem e a terra que surge o imaginário social; e “mais do que inspirador dos mitos e base da organização dos rituais que compõe o imaginário, o espaço é ao mesmo tempo continente e conteúdo dos seus signos e símbolos” (CASTRO, 1997, p.156-157). O espaço tem uma dimensão simbólica, que suscita a afetividade do homem, criando as lembranças e os laços. Neste contexto, no qual a experiência com o espaço faz com que sejam criadas imagens pelas pessoas sobre ele, o significado de imaginário está relacionado à mente, às possibilidades de criação e recriação das imagens mentais. E, a despeito de serem considerados opostos como fonte de conhecimento, é a partir da experiência que as imagens são criadas e modificadas pela ação do pensamento e da reflexão, que, mescladas com as emoções, originam as imagens. Castro indica que as representações do espaço assumem, a partir da relação entre imaginário político, imaginário social e imaginário espacial, caráter político, repleto de valores e significados. Em suas palavras:

Existe, pois, uma relação que não pode ser ignorada entre a *geograficidade* da experiência humana e a elaboração de um discurso que não é neutro, mas, ao contrário, qualifica o espaço e seus objetos, tornando-os significantes, portadores de significados nas representações sociais. Consequentemente, este discurso apresenta valores simbólicos que presidem a estruturação funcional do espaço, com conseqüências importantes sobre a sua organização pela sociedade em função dos significados que lhe são atribuídos (CASTRO, 1997, p.179).

Considerando, então, que os discursos não são neutros, que eles criam, validam e rejeitam as representações sobre os fenômenos espaciais, é importante ressaltar o caráter mediador das representações, posto que estas funcionam como mediações entre o homem e o mundo e, quanto maior o poder de hegemonia da representação, mais distantes da presença e da vivência esta se encontra (LEFEBVRE, 2006). Este caráter de mediação entre o concebido e o vivido faz com que as representações possam alterar a ambos, fazendo surgir algo novo, desde que as práticas fujam dos modelos, dos lugares-comuns. As representações na concepção lefebvriana seriam fenômenos da consciência individual e coletiva podendo ser “[...] uma palavra ou série de palavras, um objeto ou uma constelação de objetos; outras vezes é uma coisa ou um conjunto de coisas, correspondendo às relações que estas coisas encarnam, explicitando-as ou velando-as” (SERPA, 2013a, p.81). Neste contexto, é importante considerar que a representação não se refere à reprodução ou cópia da realidade, mas sim em parte da realidade e que também pode ter caráter instituinte. As representações sociais são, ao mesmo tempo, marcadas pela constância e pela mudança, haja vista que estão relacionadas com a dinâmica do cotidiano: esta dinâmica pode, então, favorecer a abertura para releituras das tradições (JOVCHELOVITH, 2000).

Este caráter mediador que as representações assumem para Lefebvre se aproxima das ideias de Durand, para o qual “[...] todo pensamento humano é representação, quer dizer, passa pelas mediações simbólicas e não há solução de continuidade, para o homem, entre o imaginário e o simbólico, sendo então ‘o imaginário esta conexão obrigatória, pela qual se constitui toda representação humana’” (DURAND, 1994 *apud* CASTRO, 1997, p. 168-169).

Mendes (2009) ressalta, a partir das ideias de Bailly (1992), que as representações somente podem ser entendidas na teia de relações dos indivíduos de uma sociedade, regendo também as relações “[...] do homem com o mundo e com os outros, orientam e organizam comportamentos e as comunicações sociais e interferem na definição de identidades sociais e territoriais” (MENDES, 2009, p. 56).

Serpa (2014) aponta para a inexorabilidade de viver em meio às representações e ressalta que o risco está na substituição do mundo vivido pelo mundo das representações, com supervalorização do concebido em detrimento do vivido e do percebido. É, pois, apenas através do potencial inovador e criador da obra, que se é capaz de ultrapassar a mediação advinda das representações do mundo e de aproximar o homem da presença, da completude. Ressalta-se que

[...] o conceito lefebvreano de “obra”, não [está] necessariamente restrito às obras de arte: as “obras” definiriam uma presença na ausência, embora se trate sempre aqui de “conteúdos deslocados, subordinados a uma forma”[...] que é capaz de transformar e criar novas realidades, não submetidas a uma reprodução (uma vez que a reprodução impede o surgimento do novo, ao passo que valida as representações existentes) quer de costumes, de valores e/ou do espaço. A “obra” ganha aqui um sentido de mediação para além da representação, já que nenhuma obra – incluindo a obra de arte – se pode realizar sem reunir todos os elementos e momentos, sem constituir uma totalidade, superando a fragmentação e as representações parciais e ideológicas (SERPA, 2014, p. 490-491).

A significação para a criação, ao mesmo tempo individual e coletiva, de uma identidade regional ocorre na dimensão simbólica do espaço, criadora de significados, uma região como espaço vivido, como a proposta por Frémont (1980). Nestes termos, o espaço regional é também uma imagem entre os homens e o espaço onde vivem. Esta imagem regional é construída pelas pessoas e se constitui naquilo que as une com o espaço/a região, sem ela, os homens estariam apenas em um processo de adaptação ao meio. Então, entende-se que a percepção individual, as relações sociais, culturais e econômicas constroem uma região da experiência.

Isto porque a região da experiência apresenta uma integração, um nexos entre as dimensões simbólica e material do espaço, sendo interiorizada pelas pessoas, estabelecendo seus espaços vividos e sociais. É importante ressaltar que estes últimos estão, a todo tempo, imbricados em conflitos, sendo constantemente modificados.

Ora, a possibilidade de existência de uma região nestes termos só é possível pela experiência cotidiana do homem com o espaço, que cria um sentimento de pertencimento ou um processo de identificação. Nos termos propostos por Serpa (2008), este espaço é o espaço que é vivido e imaginado, espaço da experiência do homem, não apenas experienciado materialmente, mas aquele que ultrapassa os limites do puramente material, pois é fruto também da imaginação, das imagens poéticas que “emerge(m) na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade” (BACHELARD, 1998, p. 19). É importante ressaltar que se concorda com Serpa (2013b) e Haesbaert (1997) quando estes apontam a região também como um tipo específico de território, de construção simbólica e política. A região é, pois, um ente social e cultural, na qual os discursos funcionam como articuladores entre signos e representações para legitimá-la enquanto construção simbólica e política, legitimando também uma hegemonia. O discurso regionalista é performativo, porque pretende impor como legítima uma definição de fronteiras e fazer reconhecer a região assim delimitada (SERPA, 2013b, p. 173).

Conforme as ideias de Bauman (2005) é importante diferenciar entre o pertencimento e a

identidade. O pertencimento corresponde a uma identidade não refletida, originada a partir de imposições ou da falta de opção; e a identificação um processo consciente que demanda escolhas constantes. Neste sentido, Claval (1997) ressalta a importância do espaço neste processo, haja vista que:

As identidades se associam ao espaço; elas se baseiam nas lembranças divididas, nos lugares visitados por todos, nos monumentos que refrescam a memória dos grandes momentos do passado, nos símbolos gravados nas pedras das esculturas ou nas inscrições. A territorialidade se transformou em um dos componentes mais importantes dessas orientações no mundo social e político (CLAVAL, 1997, p.107).

Entendemos, pois, que, quando as experiências com o espaço são positivas, criam boas lembranças e originam a topofilia (BACHELARD, 1998). A partir desta primeira conexão, o homem passa a criar laços com seu entorno e o transforma em lugar, numa área repleta de sua essência, das memórias, tornando-se parte dele. Considera-se, então, que assim começa o processo de criação de uma identidade espacial, aliada, é claro, às manifestações culturais e aos contatos sociais que trazem ritmo à vida cotidiana. Neste contexto, o identificar-se sertanejo implica ter as lembranças e experiências associadas positivamente (para o indivíduo) aos seus lugares de vivência, em outros termos, a sua região como espaço vivido.

Lefebvre (2006) afirma que o processo de identificação se realiza pelo reconhecimento das diferenças, partindo de relações dialéticas entre diferença e identidade. Tem-se a identidade, então, como sendo realizada e concebida no contraste com seu diferente, a alteridade. Quando há identificação do indivíduo com seu lugar “[...] ele acaba, assim, por se tornar um com os lugares que frequenta, com as pessoas que ele encontra lá. Ele se funde numa comunidade, ou em comunidades inseridas umas nas outras, já que o universo próximo é feito de esferas em escalas diferentes [...]” (CLAVAL, 2010, p.43). Contudo, ele só pode exercer seus deveres e usufruir de seus direitos se tiver consciência de pertencer a uma mesma coletividade, em outras palavras, identificando-se e lutando por afirmar sua identidade (BAUMAN, 2005). Destacamos aqui que a identidade, nos termos como propõe Bauman, é provisória e conjuntural, pois não pode ser entendida como fixa e imutável.

A identidade é, pois, construída na vivência, emergindo dos espaços sociais a partir da reflexão. E, levando-se em conta as individualidades e infinitas possibilidades de criação de identidade, ela não pode ser considerada no singular, pois há uma multiplicidade de elementos

que a compõem. No âmbito regional, essa imagem se condensa e se singulariza a partir de elementos comuns, agrupando as identidades individuais numa identidade coletiva (HAESBAERT, 1997).

É importante destacar ainda que as identidades podem ser forjadas por meio de interesses dos detentores do poder, como afirma Hall (2011), pela construção de uma história comum, da criação de um legado.

Na geografia brasileira, diversos autores tratam do sertão. Ab'Sáber (1985) já mostrava a necessidade de especificação sobre qual sertão, espacialmente, se desejava discutir, isto porque este termo, cujos primeiros usos em língua portuguesa datam do século XIII e XIV⁹ (FADEL FILHO, 2011), foi utilizado para designar “o ‘locus’ cujo sentido é o interior das terras ou do continente, pode ou não vir implícita a ideia de aridez ou de área despovoada” (FADEL FILHO, 2011, p. 87, grifo do autor). O que ocorre é que, ao longo do tempo, este termo foi utilizado indiscriminadamente sem se fazer referência a uma espacialidade específica, sendo empregado como referência para diversas áreas do Brasil. Isto pode se configurar em um problema, já que a palavra pode assumir um caráter ambíguo ou impreciso.

No sentido de superar essa provável imprecisão do termo, Moraes (2011) traz o sertão numa perspectiva diferente, não sendo “[...] uma materialidade criada pelos grupos sociais com os lugares terrestres” (p. 99), mas, “[...] enquanto uma realidade fáctico-material, a noção de sertão não representa uma individualidade específica que o identifique como um ente telúrico dotado de particularidades intrínsecas, não podendo ser estabelecido como um tipo de meio natural singular nem como uma modalidade própria de paisagem humanizada” (p. 100). Portanto, não pode ser visto como uma figura do universo empírico da geografia tradicional, capaz de ser descrito, cartografado e analisado nos moldes tradicionais. Mas, o fato de as pessoas terem uma experiência com este espaço, dotando-o de significados, faz com que haja uma materialidade imbricada no processo que gera as imagens e os discursos. Como um contraponto às ideias de Moraes que aponta o sertão como um adjetivo espacial, majoritariamente de caráter depreciativo, vinculado à ausência de modernidade, Mendes (2009, p. 69) afirma que, paradoxalmente, “[...] nesta dinâmica a ideia de sertão se afirma com mais ênfase, configurando na memória coletiva uma identidade que não se quer perder”. A autora argumenta ainda que as representações acerca

⁹ Almeida (1998), Lima (1999), Vasconcelos (2007; 2014), Mendes (2009) também discutem as origens do termo e seus usos iniciais.

do espaço passam por contínuas ressignificações, estando, então, realidade e representação intrinsecamente relacionadas. Aponta, a partir da leitura de Melo (2006), que muitas áreas que foram denominadas sertão entre os séculos XVI e XIX deixaram de sê-lo, mas que este fenômeno não foi geral, haja vista que outras localidades permaneceram com tal alcunha.

Ainda no sentido da ressignificação que o espaço pode ter, Mendes ressalta que a significação espacial apresenta uma conjuntura espaço/temporal específica. Além disso, ressalta que o espaço, por si só, não pode ter uma identidade específica, mas apenas a identidade que os agentes sociais lhe dão a partir da sociedade que o associa a uma dada experiência, dotando-o de sentido. Por isto, a autora aponta que os sentidos atribuídos a sertão são sempre resultado do confronto de experiências sociais diversas e imprecisas, cujos significados são passíveis de compreensão a partir de uma interseção entre o objetivo e o subjetivo, pois os sentidos estão sempre abertos a novas possibilidades de significação. Em sua tese, a autora ressalta que o sertão, ao mesmo tempo em que significa a vida das pessoas, é significado por elas, não podendo, de modo algum, ser significado de forma rígida e definitiva, posto que nuances de sua apreensão pelas pessoas podem a todo tempo ser modificadas. Ressaltamos que isto é possível apenas com o deslumbramento e a abertura para olhar o mundo, pela disposição de estar em-relação com ele.

O sertão está em permanente modificação e construção. Inacabado e detentor de grande complexidade, portanto sendo necessário lançar por terra toda a tentativa de apreensão do sertão nos moldes clássicos, propostos na academia nas décadas que passaram (MENDES, 2009).

Arruda (1999; 2000) aponta que o sertão, enquanto região, não pode ser considerado como uma representação neutra, dada, “natural”, Mas sim como “[...] uma forma espacial e um produto histórico”, importando, ao invés de mapear regiões sertanejas, entender *quando* as regiões foram consideradas como sertão e em que medida as políticas públicas criaram expressões, investimentos, projetos e técnicas de resgate – práticas de governabilidade – do sertão em rumo à modernidade, pois

a idéia de sertão aparece em diversos discursos nomeando realidades geográficas distintas. Transformou-se em oposição ao termo civilização e foi utilizada como justificativa para inúmeros projetos de (re)ocupação dos territórios interiores do país. Articulou-se com vários desejos de construção da identidade nacional, foi usada como recurso ordenador da memória e da história de algumas cidades (ARRUDA, 1999, p.124)

O autor enfatiza ainda a importância da dimensão espacial no processo de criação do sertão,

no imaginário social, pois para ele a memória e a experiência do espaço “possuem grande influência na constituição dos sentimentos de identidade nacionais ou regionais, no pensamento político e no próprio processo de transformação dos mesmos espaços” (ARRUDA, 2000 p.163). Neste sentido o autor ressalta que falar sobre o sertão é também dialogar com “[...] os significados atribuídos à natureza na construção de identidades e memórias” (ARRUDA, 2000, p. 18).

Nesta perspectiva, Almeida (2008) mostra que o sertão não pode ser apreendido a partir de uma visão monolítica, mas sim diversa e plural, sendo o sertão composto por uma infinidade de sertões que são tão diferentes como as pessoas que os habitam. Esta autora ressalta ainda a importância da dimensão espacial no processo de compreensão das identidades sertanejas: “Pela compreensão do uso e pelas representações feitas sobre a natureza, entende-se a manutenção/extinção de expressões culturais denotadoras de uma interação homem-sertões e como essas populações sertanejas ‘enraizam-se’ no território” (ALMEIDA, 2008, p. 317).

1.4 DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No primeiro momento da pesquisa, buscamos estruturar o trabalho de campo enquanto simultaneamente realizamos a revisão bibliográfica da temática. Ressaltamos que a revisão bibliográfica se deu a partir de pesquisa indireta e, apesar de ter se iniciado junto com a preparação para o campo, a busca por referenciais que embasassem a escrita desta dissertação se estendeu por todo o processo de pesquisa. Isto porque reconhecemos ser impossível conhecer todos os materiais publicados sobre a temática, posto que a todo instante novas ideias e criações são produzidas na academia e que materiais mais antigos, por vezes, são mais difíceis de encontrar.

É importante ressaltar, juntamente com Lacoste (2006), que o trabalho de campo, tanto em sua fase prévia, quanto no momento de sua efetivação, precisa ser realizado com certos cuidados, devendo este estar sempre em consonância com a formação teórica do pesquisador, pois, como aponta Serpa (2006), “não pode haver separação entre teoria e metodologia, entre os conceitos e sua operacionalização através do trabalho de campo [...]” (SERPA 2006, p.10). Neste sentido o campo foi considerado para além da obtenção de dados primários, numa tentativa de vê-lo em sua vertente humana, pensado e preparado de modo a possibilitar o encontro com o outro.

Pretendemos ao longo desta pesquisa continuar a metodologia de campo empregada pelo grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação que norteou as pesquisas desenvolvidas no período de 2010-2014. Procuramos utilizar a metodologia não hierárquica apontada por Serpa (2005), “trabalhando com o conceito de redes como instrumental para a seleção e amostragem dos entrevistados” (SERPA, 2005 p. 214), com as redes formais e informais, identificando os porta-vozes dos grupos e escolhendo, então, os entrevistados. Optou-se por realizar entrevistas em municípios dos referidos Territórios de Identidade com um roteiro semiestruturado de perguntas (Apêndices 1a e 1b¹⁰), seguindo, além da amostragem intencional por cotas, o critério de saturação (GASKELL, 2002) para indicar o ponto de saturação das informações obtidas em entrevista.

Inicialmente tentamos nortear a escolha dos municípios a partir de dois critérios: representatividade cultural (a partir de dados referentes a projetos aprovados, da rede de pontos de cultura e pela análise da distribuição de equipamentos culturais, que poderiam indicar municípios onde as atividades culturais desenvolvidas seriam mais fortes) e populacional, numa tentativa de ter uma representatividade demográfica. No entanto, ao longo do processo de pesquisa consideramos que seria mais interessante trazer para as análises a maior diversidade possível de agentes culturais e de municípios. Deste modo, contemplando agentes de cultura que realizam manifestações culturais na zona rural e/ou na cidade, que foram contemplados ou não em editais, que mantêm ou não relações com o poder público, no intuito de termos acesso à maior variedade possível de agentes envolvidos com cultura. A partir de então, buscamos estabelecer contato com agentes de cultura de cada município tentando articular e organizar as entrevistas.

Para podermos conseguir contatos de agentes de cultura nos municípios, recorremos a pesquisas na internet de *sites*, eventos e instituições voltadas para a cultura e também à pesquisa em listas telefônicas nas quais procuramos por contato de associações voltadas para a cultura e também de escolas de dança, teatro, pintura etc. e movimentos culturais. No entanto, a forma mais efetiva para conseguir os contatos iniciais se deu a partir dos responsáveis pela pasta da cultura nos municípios que, por estarem envolvidos no fazer cultural de suas localidades, nos ajudaram a articular encontros com agentes de cultura. Como abordado no tópico anterior, intentamos também entrar em contato com os representantes de cultura para podermos entrevistá-

¹⁰ Ressaltamos que os roteiros de entrevista foram elaborados parcialmente com base nos roteiros desenvolvidos pelo grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação para as pesquisas realizadas durante o período 2010-2014.

los no intuito de saber como tem se dado o processo de implantação das políticas culturais do governo do estado nos municípios. O primeiro contato que estabelecemos nos Territórios de Identidade se deu com o representante territorial, cuja função é de articular os municípios, – sendo o representante territorial o interlocutor entre a SECULT e os agentes de cultura e representantes do poder público municipal, apto a auxiliá-los a resolver os possíveis problemas que apareçam. Esses, por sua vez, nos auxiliaram a contatar os representantes do poder público de alguns municípios e nos forneceram alguns contatos de agentes de cultura, nos dando pistas de como conseguir estes contatos mais facilmente. Para realizar o contato inicial com agentes de cultura de município quando o poder público não se mostrou disposto a ajudar, nos valem os dados do *Catálogo da Rede dos Pontos de Cultura da Bahia* (BAHIA, 2011a), dos *Microprojetos Semiáridos* (BRASIL, 2010) e dos resultados dos editais com municípios/grupos/agentes selecionados pela SECULT para o ano de 2014 disponibilizados na página virtual da secretaria. Ressaltamos mais uma vez a importância da metodologia de rede proposta por Serpa (2005), pois, invariavelmente, se conseguíamos um contato em um município, outros contatos de agentes de cultura do município e de municípios vizinhos se tornavam possíveis.

Uma vez que entrávamos em contato com os representantes da pasta da cultura dos municípios, solicitávamos entrevistas a eles e perguntávamos se eles tinham algum catálogo municipal de agentes de cultura, e, por vezes, eles se esforçaram para nos ajudar a realizar entrevistas em grupo focal. A entrevista em grupo focal tem a vantagem de ter o formato de conversa, auxiliando a discussão de um dado tema pelo grupo de interesse, permitindo que haja negociação da opinião entre os seus participantes e estimulando a criação de argumentação consistente a partir das discussões. Ela permite, pois, que os entrevistados complementem, aprofundem e debatam os temas propostos, enriquecendo a entrevista e se configurando em momentos de aprendizagem tanto para os entrevistados quanto para o entrevistador (GASKELL, 2002). Teoricamente, a entrevista em grupo focal também tem a vantagem de extinguir as diferenças entre os entrevistados colocando as opiniões de todos como de igual relevância. Inicialmente objetivávamos realizar as entrevistas seguindo esta metodologia, mas não conseguimos realizá-la inteiramente¹¹. Optamos, então por realizar as entrevistas individualmente quando não era possível realizar a entrevista em grupo focal com os agentes.

¹¹ Foram as dificuldades de realização da entrevista em grupo focal que nos instigaram a refletir sobre a utilização da entrevista enquanto ferramenta metodológica desta pesquisa no tópico seguinte.

Ainda sobre as dificuldades que encontramos para estabelecer o contato inicial nos municípios é importante destacar que: a) os dados que constavam no *catálogo da rede de pontos de cultura* não eram atualizados; b) agentes da zona rural foram particularmente mais difíceis de contatar sem a intermediação do poder público, haja vista que em muitas localidades não há serviço de telefonia; e c) indisponibilidade para a realização da entrevista por parte dos agentes no período de realização do campo. Por isto, priorizamos realizar entrevistas nos municípios onde o contato pode ser realizado com menor dificuldade, ou seja, naqueles que conseguimos algum contato antes da viagem.

Pretendíamos realizar mais de um trabalho de campo por Território de Identidade, mas o alto custo das viagens foi um fator inviabilizador. Ainda assim, com a otimização do tempo, os resultados do trabalho de campo foram satisfatórios. O primeiro trabalho de campo foi realizado no Território de Identidade Sertão do São Francisco e contemplou os municípios de Canudos, Uauá, Juazeiro, Casa Nova e Remanso.

Destacamos que foi possível realizar uma entrevista com uma agente de cultura de Curaçá que, em visita a Salvador, se disponibilizou a participar da pesquisa. Tentamos entrar em contato com agentes dos 10 municípios que compõem o Território de Identidade e descartamos os municípios cujas barreiras para realização do campo foram intransponíveis. Foi possível realizar entrevista em grupo focal nos municípios de Canudos, Juazeiro e Casa Nova. Em Casa Nova foram realizadas duas entrevistas em grupo focal uma com representantes do poder público e outra com agentes da sociedade civil; no município de Canudos foi realizada uma entrevista em grupo focal com três agentes de cultura, tendo sido os demais agentes entrevistados individualmente; em Juazeiro foi realizada uma entrevista em grupo focal com agentes de cultura. Foram entrevistados ao todo 10 representantes do poder público e 24 agentes de cultura deste Território de Identidade (quadros 1 e 2; figura 4).

Quadro 1. Representantes do Poder Público Entrevistados no Território de Identidade Sertão do São Francisco

Representantes do Poder Público – Território de Identidade Sertão do São Francisco		
Entrevistado	Cargo Ocupado	Município
Aismário Alves de Carvalho	Músico, professor de música, funcionário da Secretaria de Cultura de Casa Nova	Casa Nova
Alan Alves Pereira da Silva	Representante Territorial	Juazeiro
Aldo João Bernardes do Nascimento	Vereador, membro do conselho de cultura	Casa Nova

Continuação do Quadro 1. Representantes do Poder Público Entrevistados no Território de Identidade Sertão do São Francisco

Donizete Silva de Menezes	Secretário Municipal de Cultura e Juventude de Juazeiro	Juazeiro
Flávio Fausto Diniz	Gerente de Cultura da Secretaria Municipal de Esporte Cultura, Eventos, Turismo e Lazer de Remanso	Remanso
Luciano Lima Correia Leite	Coordenador de Cultura e Turismo	Casa Nova
Marismário Hipólito da Fonseca	Secretário de Cultura e Turismo de Casa Nova	Casa Nova
Pedro Argênio Peixinho Guimarães	Articulador cultural; Assessoria de Comunicação da Secretaria de Cultura e Meio Ambiente	Uauá
Rubensilson Macedo de Souza	Secretário de cultura, esporte e lazer	Canudos
Tiago Teixeira	Representante da Secretaria de Ação Social no Conselho Municipal de Cultura	Casa Nova

Organização: Caroline Bulhões Nunes Vaz.

Fonte: VAZ, 2015.

Quadro 2. Agentes de Cultura Entrevistados no Território de Identidade Sertão do São Francisco

Agentes de Cultura – Território de Identidade Sertão do São Francisco		
Entrevistado	Atividade Cultural	Município
Antônio Carvalho da Rocha	Organizador de Quadrilhas juninas em Casa Nova	Casa Nova
Antônio Sabino Marques (Cavachão)	Músico	Uauá
Carlos Carneiro de Jesus	Grupo de teatro Companhia Teatral Canudos	Canudos
Edinaira Martins Pereira	Grupo de Dança Educativa Caminho da Cidadania – G-DECC	Curaçá
Edvaldo Santos dos Santos (Nininho)	Banda de Pífanos	Canudos
Eulina de Araújo Ferreira	Artesã, produção de doces artesanais	Casa Nova
Gildemar Sena Oliveira	Artista Plástico, Cordelista	Uauá
Jânio Evangelista da Silva	Capoeira Brasil	Remanso
Jeová da Silva	Betel Capoeira	Juazeiro
José Alex da Silva Oliveira	Audiovisual	Canudos
José Américo Alves Amorim	Poeta	Canudos
José da Silva Rosa	Afoxé Filhos de Zaze, do terreiro Ilê Axé Ayráonyndanco	Juazeiro
José Lima Araújo	Artesão; artes visuais	Casa Nova
José Pereira Filho	Congos de Nossa Senhora do Rosário	Juazeiro
Josefa Maria Régis Irmã	Instituto Popular Memorial Canudos (IPMC)	Canudos
Marcos Antônio dos Santos	Audiovisual, teatro	Juazeiro
Maria Augusta Macedo	Artesanato	Canudos
Maria Helena Souza Silva	Artesã, membro da associação de produção de produtos naturais	Casa Nova
Marinalva Xavier de Souza	Radio Zabelê, Grupo de teatro Cabrini	Remanso
Nilas Rodrigues Souza	Hip Hop	Casa Nova
Nívia Braga dos Santos Wohlschlager	Reisado	Casa Nova
Ovídia Isabel de Sena	Samba de Vei do Rodeadouro	Juazeiro
Valdir Lemos de Freitas	Poeta, repentista, cordelista, cantador de viola, Grupo Lemos	Juazeiro
Zenaide dos Santos	Coordenadora da quadrilha Buscapé	Juazeiro

Organização: Caroline Bulhões Nunes Vaz.

Fonte: VAZ, 2015.

ENTREVISTADOS DO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE SERTÃO DO SÃO FRANCISCO - 2015

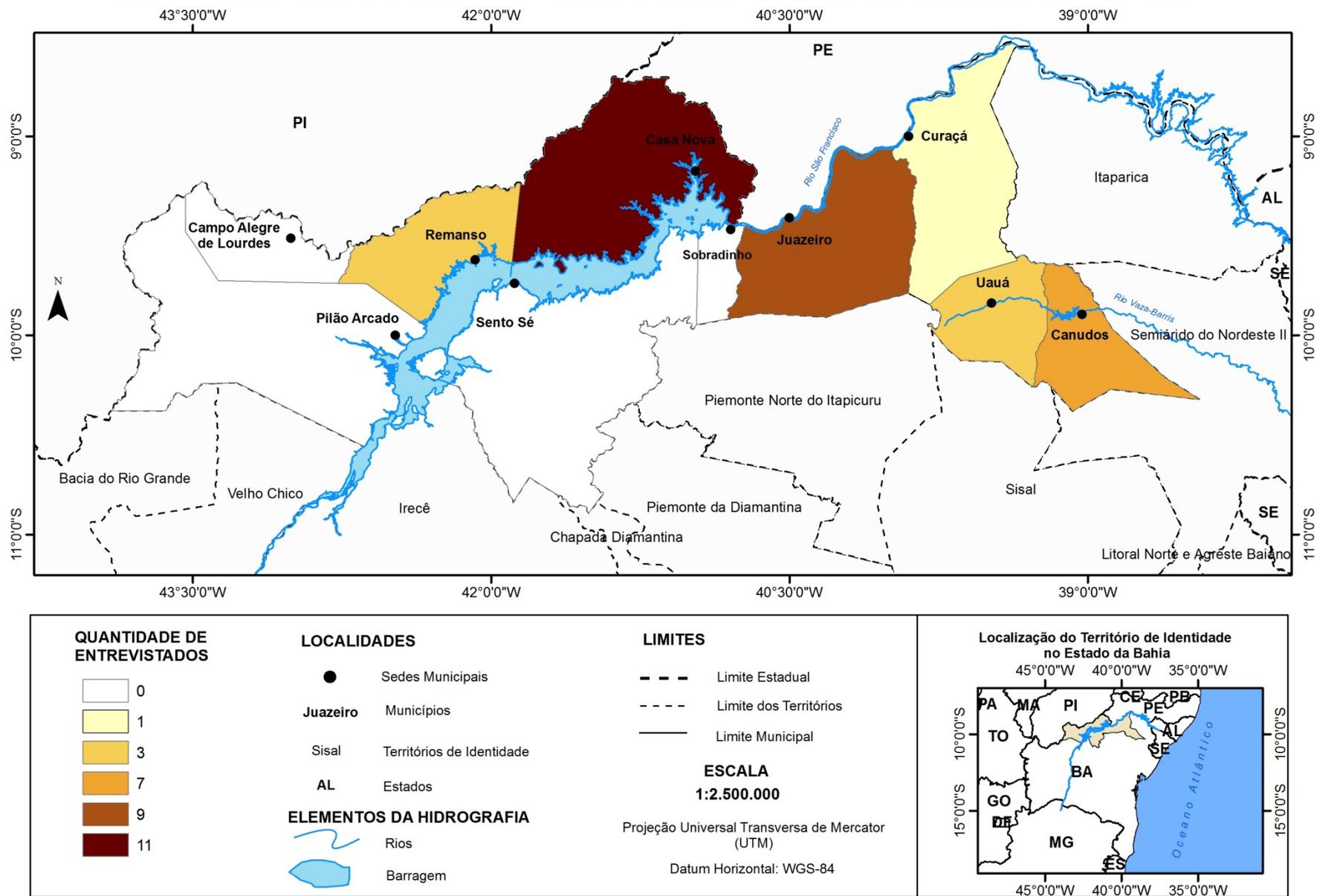


Figura 4. Mapa de quantidade de entrevistados por município do Território de Identidade Sertão do São Francisco
Elaboração: Caroline Bulhões Nunes Vaz.

O segundo trabalho de campo foi realizado no Território de Identidade Sertão Produtivo e contemplou os municípios de Guanambi, Brumado, Caetité, Ibiassucê, Livramento de Nossa Senhora e Caculé. Neste território foi muito difícil realizar entrevistas em grupo focal, e o máximo que pudemos foi realizar entrevistas em duplas em Brumado e Caetité e uma entrevista em trio em Ibiassucê. Foram entrevistados 7 representantes do poder público e 19 agentes de cultura (quadros 3 e 4; figura 5). Nos dois campos o tempo de permanência em cada município foi variável, pois uma vez realizadas as entrevistas e findos os compromissos estabelecidos para o município, seguíamos viagem. O detalhamento do processo de entrevistas e das viagens nos dois Territórios de Identidade podem ser encontrados no Apêndice 2.

Quadro 3. Representantes do Poder Público Entrevistados no Território de Identidade Sertão Produtivo

Representantes do Poder Público – Território de Identidade Sertão do São Francisco		
Entrevistado	Cargo Ocupado	Município
Adriana de Aguiar Pereira	Organizadora de eventos vinculada à Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Ibiassucê	Ibiassucê
Jardiel Alarcon Silva Santos	Representante territorial	Guanambi
Marlene da Conceição de Sousa	Diretora de cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Ibiassucê	Ibiassucê
Miguel Lima Dias	Secretário de Esporte e Cultura de Brumado	Brumado
Rafael Messias Tanajura Lessa	Secretário de Educação e Cultura	Livramento de Nossa Senhora
Sebastião dos Santos Carvalho	Secretário da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo de Caetité, músico, produtor cultural, professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)	Caetité
Yonélio Almeida Sayd	Diretor de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Livramento de Nossa Senhora.	Livramento de Nossa Senhora

Organização: Caroline Bulhões Nunes Vaz.
Fonte: VAZ, 2015

Quadro 4. Agentes de Cultura Entrevistados no Território de Identidade Sertão Produtivo

Agentes de Cultura - Território de Identidade Sertão Produtivo		
Entrevistado	Atividade Cultural	Município
Ana da Silva Santos	Figurista	Ibiassucê
Edinalva Rosa da Silva Queiroz	Artesã	Brumado
Fernando Dias	Ator	Caetité
Gilberto Lima Dias	Membro do Conselho de Cultura	Brumado
Helena Pereira do Amaral	Membro da Fundação Joaquim Dias Guimarães; articuladora cultural	Guanambi

Continuação do Quadro 4. Agentes de Cultura Entrevistados no Território de Identidade Sertão Produtivo

João Roberto Rocha Pina	Poeta, estudioso da cultura popular e articulador cultural	Guanambi
Joelton Pereira de Oliveira	Diretor de teatro, ator do grupo de teatro Grupo Oliveira de Teatro Amador (GOTA), jornalista e professor de português	Guanambi
José Walter Pires	Cordelista, membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), advogado, sociólogo.	Brumado
Josimar de Souza Almeida	Artesão	Brumado
Juvenice Amaral Baleeiro	Professora e membro do Comitê organizador da Fundação Joaquim Guimarães	Guanambi
Luiz Pereira Benevides	Radialista e organizador do Festival de Terno de Reis	Caetité
Maria Luiza Cardoso Nascimento	Terno da Cigana	Ibiassucê
Miguel Bartilotti	Professor de Artes, coordenador do Flora Atelier Artes	Livramento de Nossa Senhora
Nice Amaral Guimarães Baleeiro	Professora de Geografia e Fundadora da Fundação Joaquim Guimarães	Guanambi
Normalene Fernandes Teixeira	Capoeirista e coordenadora do Ponto de Cultura ¹² Adote um Capoeirista	Brumado
Paulo Esdras Oliveira da Silva Júnior	Ex-Representante Territorial de Cultura do Território de Identidade do Sertão Produtivo, membro do Movimento Cultural Abracadabra e da Academia de Letras e Artes de Brumado (ALAB)	Brumado
Rosângela de Oliveira	Diretora do Centro de Cultura de Guanambi e membro do Grupo Oliveira de Teatro Amador (GOTA)	Guanambi
Wilson Souza Mota	Terreiro de Axé Roxo Múcumbe de Hanzambi e Grupo e Banda Afro de Percussão Alodê (Filhos de Alodê), Grupo de Capoeira Ganga Zumba Motumbá, Espaço Guarani Eventos, Samba de Roda Muzenza de Viola, Tecelão, Responsável pelo Sopão social do terreiro, professor de reforço escolar e do Todos pela Alfabetização (TOPA)	Guanambi
Zenildo Freitas	poeta, compositor, membro da Academia de Letras e Artes de Brumado (ALAB) e funcionário da Prefeitura Municipal de Brumado	Brumado

Organização: Caroline Bulhões Nunes Vaz.

Fonte: VAZ, 2015

¹² Pontos de Cultura são projetos financiados e apoiados institucionalmente pelo Ministério da Cultura do Brasil (MINC) ou pelas Secretarias Estaduais de Cultura. Os Pontos de Cultura podem ser implementados tanto por entidades governamentais quanto por entidades não governamentais e sua principal finalidade é a realização de ações de impacto sociocultural nas comunidades em que se encontram. Os recursos cedidos pelo governo são temporários e visam auxiliar as entidades a modernizarem a sua infra-estrutura e a conseguirem autonomia de recursos.

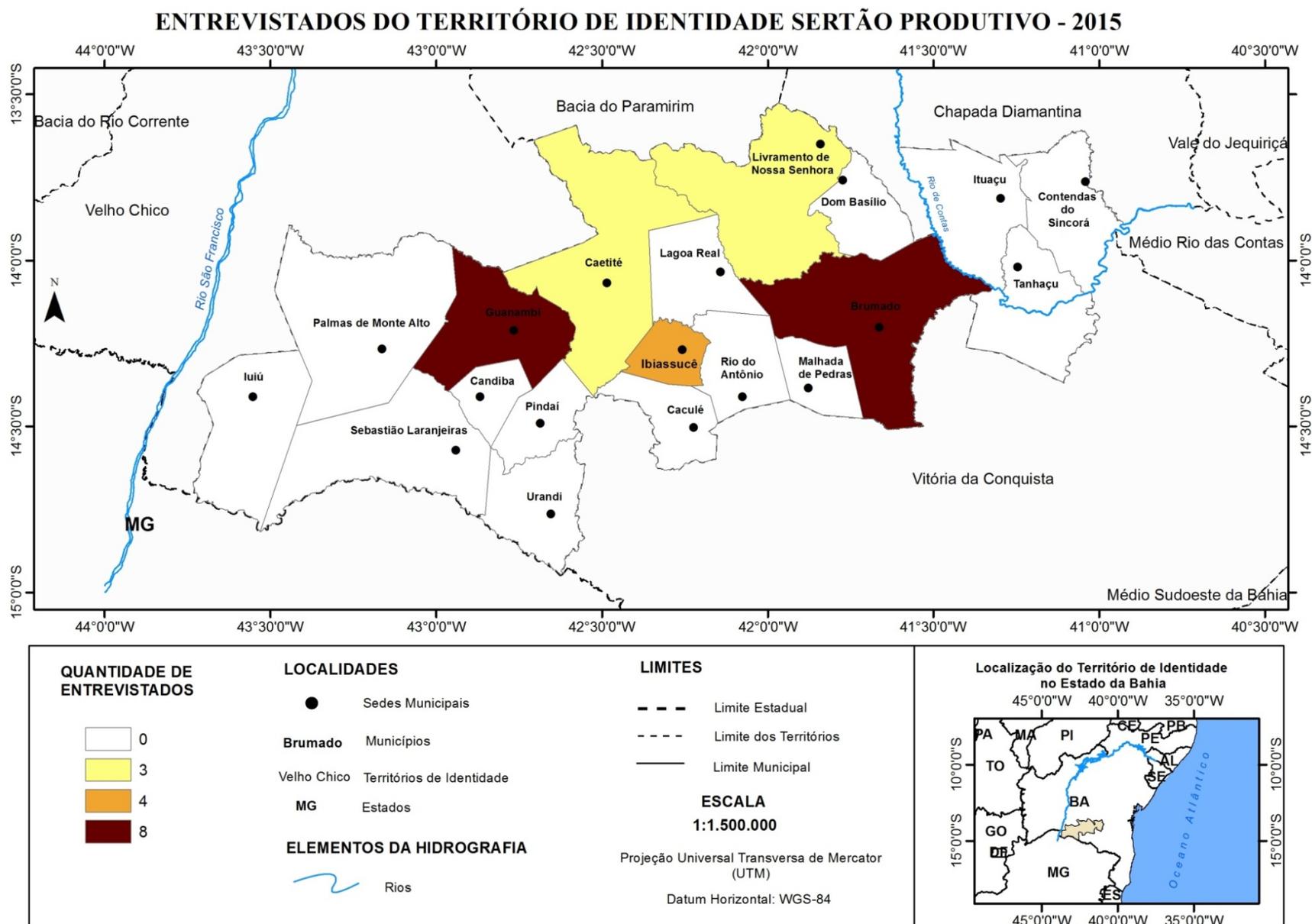


Figura 5. Mapa de quantidade de entrevistados por município do Território de Identidade Sertão Produtivo
Elaboração: Caroline Bulhões Nunes Vaz.

Em campo buscamos evidenciar a pluralidade de sertões e sertanejos, por isso visitamos o maior número possível de municípios e entrevistamos ampla variedade de agentes de cultura envolvidos com diferentes manifestações culturais. Ressaltamos que, apesar de considerarmos que em alguma medida as experiências com o espaço são individuais, elas também são fruto da sua convivência em sociedade, dos processos sociais que a permeiam e a constituem historicamente (CANCLINI, 2006).

É importante destacar que o momento que antecede a entrevista é considerado como tão importante como o próprio momento de sua realização por entender que é preciso que o pesquisador esteja preparado por inteiro no momento de sua ocorrência. O entrevistador não deve ter preocupações com as externalidades, mas embriagado por uma atmosfera que seja favorável à comunicação entre entrevistado e entrevistador: a ideia é estar na entrevista com a mente e o corpo na situação que se apresenta, permitindo a atuação da intuição e da imaginação durante sua realização.

Estar de corpo inteiro na entrevista é importante porque o momento de sua realização é “um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo em que as palavras são o meio principal de troca” (GASKELL, 2002, p.73). É um momento de encontro, de criação de um diálogo entre subjetividades que possibilita a criação de sistemas interpretativos do fenômeno pesquisado, relacionando o momento da entrevista e os temas tratados nela com outras situações e reflexões teóricas.

O momento de transcrição tampouco pode ser subestimado, na medida em que este se revela em uma tradução de falas que mostram sentimentos, silêncios, inquietações e o espírito do entrevistado no momento da entrevista (BOURDIEU, 2003). Estes aspectos fazem parte unicamente do momento da entrevista e se arrefecem com o tempo, por isso é imprescindível que a transcrição seja feita logo após a realização da entrevista, para que estes traços possam ser contemplados durante a transcrição. É a compreensão que o conteúdo da entrevista se transforma, mesmo que parcialmente, no momento de sua transcrição, pois é uma forma de transformação da entrevista, de recriação desta, sendo a cristalização em palavras de um momento, de cuja riqueza a transcrição limita as possibilidades de apreensão.

Inicialmente pretendíamos realizar durante o campo a sistematização e transcrição das entrevistas, mas devido à escassez de tempo, a sistematização das informações foi realizada em período posterior. Primeiro procedemos à transcrição das entrevistas, em cujos momentos nos

esforçamos ao máximo para reviver as situações em que ocorreram. E, ao passo que transcrevíamos, começamos a separar os resultados em eixos que originaram as discussões nas páginas que se seguem: a) questões concernentes à regionalização em Territórios de Identidade; b) questões concernentes a pertencimento/identidade regional;c) significações do sertão e representação.

1.5 REFLEXÕES SOBRE A ENTREVISTA ENQUANTO FERRAMENTA DESTA PESQUISA

A entrevista é utilizada por muitos pesquisadores como fonte irrefutável de dados primários sobre um tema. No entanto, para que a entrevista possa ser considerada como uma fonte de dados para a pesquisa é preciso que a entrevista seja preparada e pensada muito antes de sua realização. A escolha da ordem das perguntas é fundamental para criar um desencadeamento de temas que se pretende abordar durante a entrevista ou questionário (BORDIEU, 2007). No caso da pesquisa sobre sertão, começar a entrevista falando de política atrapalha e cria uma resistência para falar sobre sentimentos, valores e imagens emanados por este. Além da sequência, é preciso ter cuidado com a formulação das perguntas: uma vez a pergunta feita, o que foi dito não poderá ser desdito e pode influenciar nas respostas que se obtém. Por exemplo, se perguntamos sobre as imagens que vêm à cabeça quando pensamos no sertão e em seguida perguntamos sobre quais são os símbolos que representam o sertão, pode ser que estes sejam influenciados pela imagem que apareceu na consciência desses agentes quando instigados pela pergunta anterior.

Outro aspecto a considerar é a maneira como se pede por um aprofundamento em dado tema. Por exemplo, quando perguntados sobre como sabem que estão no sertão ou fora dele, muitos entrevistados responderam “mudança na paisagem”, mas o que mais interessava eram quais mudanças aconteciam e como eles percebiam essas mudanças. Às vezes uma única espécie vegetal pode ser responsável para que a mudança seja notada por eles. O conhecimento que muitos têm da caatinga faz com que essas experiências se tornem mais próximas para eles: a caatinga está lá fora e a caatinga está neles. Faz parte da vida deles, da experiência. A mudança não é apenas de bioma e nem sempre é gritante, mas aparece através das imagens gravadas nas memórias das experiências vividas nesses lugares.

Como saber se a entrevista foi um sucesso? É preciso ter coragem para admitir que

algumas entrevistas aconteceram em situações desfavoráveis, quando não houve comunicação sobre o tema e durante as quais as pessoas estavam em presenças virtuais: de corpo, mas não de alma, dando respostas mecânicas e por vezes ensaiadas. Isso foi mais frequente quando os entrevistados eram ligados ao poder público, pois por vezes não estavam, não podiam ou não queriam se colocar diante da situação como ela se apresentava: uma oportunidade de reflexão e construção de uma argumentação sobre situações de sua vida. Às vezes, o interesse era muito mais de exaltar seus feitos administrativos e queixar-se de situações cotidianas, do que de se entregar à situação. No entanto estas entrevistas serviram para o processo reflexivo da pesquisa, sobre a entrevista enquanto ferramenta metodológica e sobre a nossa postura enquanto pesquisadores. Neste sentido, sua transcrição auxiliou no aprofundamento das reflexões sobre o processo de realização das entrevistas, nos tornando cientes das nossas falhas e nos instigando a melhorar.

Ao longo da pesquisa, parece que a qualidade das informações das entrevistas aumentou. Isto talvez justamente pela possibilidade de reflexão ao longo do tempo e pelo aumento do traquejo em sua realização. No princípio, estávamos muito mais voltados para seguir as perguntas, para não deixar nada passar, preocupados com o número de entrevistas que pudessem validar a pesquisa, que dessem corpo ao trabalho. No entanto, quando as respostas se saturaram e mais nada de novo havia, a intenção mudou: a entrevista passou a ser mais uma fonte de encontro com o outro, de conhecimento da vida e do trabalho do outro e era cada vez menos uma ferramenta exclusiva de obtenção de dados. Parece que a entrevista encarada como momento de encontro, momento de descoberta (mesmo quando aparentemente não havia mais descoberta a fazer) frutificou mais e trouxe informações valiosas para a pesquisa, o que não desmerece as primeiras entrevistas, mas mostra um processo de amadurecimento. Como dissemos, no primeiro momento estávamos mais voltados para ver o que apareceria de diferente em cada entrevista. Buscávamos ver sempre novas possibilidades, contradições, havia uma preocupação com a necessidade de obter resultados, talvez aqui os prazos tenham sido fatores limitantes da pesquisa porque podaram a calma e a tranquilidade necessárias também no primeiro momento.

Questionamos aqui a eficácia da entrevista em grupo focal, para ser aplicada no mestrado em pesquisa regional porque é tarefa árdua e quase impossível, demandando muito esforço e tempo para sua concretização. Como articular entrevistas em 11 municípios diferentes sem ter nenhum contato direto no município? Em alguns municípios o poder público ajudou, mas em

outros era preciso bater nas portas e perguntar nas praças: tem alguém da capoeira? Tem algum reisado? Quem faz artesanato? Nesses municípios era impossível fazer entrevista em grupo, pois os contatos com os agentes eram feitos individualmente. Também não havia nenhum cadastro de artistas/agentes de cultura. Como articulá-los? É preciso reconhecer que, quando foi possível, a entrevista em grupo foi proveitosa: com debates e discussões sobre o tema que enriqueceram a entrevista, mas as dificuldades para sua realização foram muitas. A estrutura necessária para realizar a entrevista em grupo focal é difícil de ser aprontada nas viagens: é preciso que haja um ambiente confortável e familiar, que todos conheçam e estejam dispostos a ir. Quando é possível que isso aconteça novos problemas aparecem: como fazer jovens de 18 anos e senhores de 85 discutirem um tema? Como criar canais de comunicação entre eles? Para além da idade, como criar canais de comunicação entre pessoas de diferentes escolaridades? Gêneros? Religiões? Partidos?¹³ Por isso questionamos a entrevista em grupo focal como metodologia que possibilita igualar os entrevistados, pois, ainda que suas opiniões tenham o mesmo valor, em grupos muito heterogêneos é difícil convencê-los desta igualdade. Não raro, entrevistados de menor capital cultural pedem para que entrevistados mais cultos respondam as perguntas voltadas para políticas culturais; idosos não aceitam interrupções de jovens (e deveriam aceitar? Até onde vai o limite entre respeitoso debate e desrespeito entre pessoas de gerações distintas?).

A relutância algumas vezes de fazer entrevista em grupo focal aparece também pela necessidade de separar, num município, por vezes desconhecido, pessoas ligadas ao poder daquelas que não são. Nessas situações, há possibilidade de os que não recebem apoio se sentirem traídos para responder determinadas perguntas com medo de sofrer represálias. Ou seja, não é suficiente separar apenas quem é poder público de quem não é, é preciso separar agentes muito envolvidos com o poder daqueles que não estão. Nenhuma entrevista que seja realizada sob intimidação é fonte confiável de dados.

Ressaltamos, junto com Bourdieu (2003; 2007), que há ainda a possibilidade de criação de barreiras entre pesquisador e os agentes da pesquisa na entrevista devido ao “mito do especialista”. Uma vez que tratando-se de uma pesquisa em Geografia, as pessoas esperavam que déssemos as respostas sobre o que é sertão e eles estranhavam o meu interesse em saber a opinião deles sobre os temas levantados.

¹³ É importante lembrar que em muitas cidades pequenas da Bahia a disputa política nos municípios influencia quais grupos serão beneficiados e quais serão excluídos durante a gestão. Nesta disputa, muitas vezes é difícil haver colaboração entre pessoas adeptas de grupos diferentes.

Por fim, aparentemente, do mesmo modo que quando se muda o método e os paradigmas da pesquisa pode-se mudar os resultados alcançados (SERPA, 2014b), quando se modificam os nós articuladores das redes de entrevistados há também a possibilidade de modificações na construção da rede e também dos resultados obtidos. Nortear uma rede de entrevistados a partir de um contato inicial que seja representante do poder público pode nos levar a entrar em contato com os grupos mais bem articulados e fortes, enquanto que, se a articulação acontece estritamente via sociedade civil, a rede que estabelecemos passa a ser outra, modificando-se, assim, os agentes da pesquisa.

CAPÍTULO II – TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE: REGIONALIZANDO IDENTIDADE E CULTURA EM TERRITÓRIOS?

Neste capítulo pretendemos realizar um breve apanhado das regionalizações do estado da Bahia para refletir sobre a regionalização da Bahia em Territórios de Identidade, relacionando-a com as políticas culturais implantadas nacionalmente e que nortearam as políticas culturais estaduais que entraram em vigor no estado da Bahia desde então. Tentamos realizar um diálogo entre os conceitos de território e região enfatizando a primazia do primeiro sobre o segundo tanto nas ações do Estado quanto na academia. Em seguida buscamos refletir sobre o andamento das políticas de desenvolvimento territorial e cultural do governo da Bahia nos Territórios de Identidade Sertão do São Francisco e Sertão Produtivo.

2.1 REGIONALIZAÇÕES DA BAHIA: UM BREVE APANHADO

Entendemos que, para compreender o contexto de implantação da regionalização em Territórios de Identidade, é preciso considerar os aspectos norteadores das regionalizações que a antecederam. Apesar de termos como centro para as análises o Território de Identidade, ele traz em si traços das regionalizações antecedentes.

Souza (1993) indica que os processos de regionalização no Brasil estão historicamente e intrinsecamente relacionados com a ação do Estado, uma vez que quando as regionalizações não foram criadas pelo Estado, foram criadas a seu pedido. Podemos ressaltar, por exemplo, a consultoria prestada por técnicos do IBGE e professores de Universidades ao governo da Bahia em diferentes momentos.

A Bahia¹⁴ é considerada pioneira na criação de estruturas para o planejamento. Este pioneirismo já se verificava na década de 1930 com a criação dos institutos do cacau e do fumo, respectivamente em 1933 e 1955, quando do início da crise do plantio destas culturas, além da criação do Instituto de Economia e Finanças da Bahia em 1935. Este pioneirismo da Bahia pode ser verificado a partir das inúmeras mudanças de regionalização do estado com a finalidade de se aperfeiçoar o planejamento e suas funções por meio de projetos importantes. Ressaltamos que

¹⁴Para um aprofundamento das discussões sobre planejamento regional da Bahia ver Souza (2008).

estas regionalizações se baseavam nas teorias de planejamento mais fortes no momento (SOUZA, 2008).

Em 1966, a primeira regionalização efetiva da Bahia foi realizada com o estabelecimento de 21 Regiões Administrativas para o estado, entendidas como “[...] espaço contínuo definido em função da cobertura da atuação do governo sobre o território, tendo como centro uma sede urbana que concentraria as agências e órgãos de atendimento nas diversas áreas da atuação governamental” (SOUZA, 2008, p. 68-69). Com esta regionalização foram realizadas algumas atividades setoriais, no entanto, por não ter um modelo de descentralização, ela não conseguiu dar origem a um projeto integrado de planejamento regional, sendo modificada dois anos depois pela Comissão de Planejamento da Bahia (CPE) que dividiu o estado da Bahia em 16 micro-regiões programa.

É importante ressaltar que desde essa época a mudança de gestão (federal e estadual) influencia muito na forma como o planejamento regional da Bahia pode ser efetivado, pois muitas secretarias foram criadas, outras extintas e tiveram órgãos e funções modificadas ao longo do tempo. Na década de 1970, por exemplo, Souza (2008) aponta para a diminuição do espaço para o planejamento estadual quando da crescente centralização do poder, as políticas estaduais passaram, então, a estar subordinadas às diretrizes do governo federal. E, ao mesmo tempo em que isto implicou em um aumento de verbas para os estados, isto significou menor liberdade no planejamento, posto que as ações do governo estadual limitaram-se a adaptações dos programas lançados em âmbito federal. Foi neste período que as Assessorias Gerais de Planejamento (AGPO) deram lugar às Assessorias de Planejamento (ASPLAN). Destacamos que a mudança constante de atribuições de órgãos influenciou negativamente na consolidação das regionalizações, por não permitir ver os resultados de longo prazo das ações governamentais.

E no afã de se integrar/adequar às transformações ocasionadas pela globalização, a regionalização em regiões administrativas é modificada mais uma vez em 1973 pelo estado da Bahia. Ela estava, então, norteadas a partir de princípios físicos e quantitativos, por meio do projeto de Regionalização Administrativa para o estado com a participação da Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia (SEPLANTEC), CPE e UFBA. Havia, neste projeto a clara convicção de que as regiões administrativas propostas não coincidam com as regiões econômicas, devido aos diferentes critérios metodológicos utilizados em sua criação, sendo possível, portanto, agrupar as regiões administrativas do estado em nove regiões econômicas. Frisamos que, apesar

de seu caráter funcionalista, essa regionalização tratou apenas indiretamente e de forma incipiente da temática dos desequilíbrios regionais e do desenvolvimento socioeconômico do estado. Além disto, na área social, o planejamento se restringiu a adaptações dos projetos idealizados pelo governo federal. Outro sinal da transitoriedade das políticas do governo é que já na década de 1980 as ações de planejamento são alteradas novamente, tornando-se setORIZADAS.

Um relatório de avaliação solicitado pelo governo do estado indica que desde esse período múltiplas regionalizações eram adotadas simultaneamente pelo governo do estado por meio das secretarias do governo (BAHIA, 1991). Esta postura foi considerada pelos técnicos do estado como um elemento dificultador para a descentralização das ações, para a integração entre os setores e para o acesso da população aos serviços prestados. Mesmo depois de duas décadas da implementação das regiões administrativas, apenas os órgãos ligados aos serviços sociais e de fiscalização adotavam-na para o planejamento das suas ações.

A revisão da regionalização (BAHIA, 1991) em regiões administrativas aponta ainda que na década de 1990 as teorias e conceitos da Geografia Urbana e Regional passam a estar no centro da discussão. Em alguns momentos não se restringia às metodologias de cunho quantitativo que prevaleciam até então. Assim, neste período, o planejamento regional na Bahia se tornou mais dinâmico por considerar a influência urbana como um dos elementos norteadores para a regionalização, bem como pela possibilidade de alterações na regionalização pela transformação da dinâmica da rede urbana com o tempo (SOUZA, 2008). Neste sentido, esta regionalização não foi apenas uma adaptação das Regiões Administrativas, mas sim uma nova tentativa de regionalização que buscava corrigir a influência política que existia sobre a regionalização em regiões administrativas na década de 1970, no período de austeridade e centralização do poder no governo central¹⁵. Ainda sim, esta tentativa também teve pouco sucesso porque sua utilização foi restrita e precária, sendo rapidamente substituída pelas regiões econômicas.

Souza (2008) afirma que, para regionalizar o estado da Bahia em Regiões Econômicas, o estado levou em consideração o conceito proposto por Perroux nos anos 1990, que tinha a região econômica como uma área contínua polarizada por uma cidade de maior porte, que detivesse maior quantidade de serviços e que tivesse entre uma e duas atividades produtivas que

¹⁵ Souza (2008) afirma que muitas Regiões Administrativas foram criadas neste período para favorecer grupos políticos, sendo uma forma de demonstração de poder e influência dos grupos políticos locais.

caracterizassem o potencial econômico da região. O governo do estado optou então por aliar este conceito de regiões econômicas com o de área de influência urbana para que o planejamento governamental pudesse ter um caráter mais abrangente e pudesse privilegiar as diferentes realidades econômicas estabelecidas pelo aporte de investimentos, quer a investimentos públicos quer privados. Para tal, buscaram considerar as possíveis repercussões espaciais da modernização da base produtiva e das áreas de expansão da fronteira agropecuária. E, então, a concepção de Estado também se modifica:

Se, anteriormente, entendia-se o Estado como participante ativo do processo de desenvolvimento econômico, atuando, inclusive, como grande fomentador, agora se entende o Estado como mais um dos agentes do processo de desenvolvimento e como um indicador das áreas onde a iniciativa privada deve atuar. Essas ideias, bastante presentes na esfera federal e difundidas por diversos órgãos de financiamento internacional teriam sua validade ampliada a partir do momento em que se adota um discurso de que o estado [a Bahia] está economicamente falido o que o impossibilitaria de realizar investimentos (SOUZA, 2008, p.82).

Souza (2008) afirma que, com a implantação dessa regionalização, as ideias neoliberais passaram a substituir o ideário keynesianista, posto que as primeiras já estavam em voga no contexto nacional e internacional. Foi efetivada, então, uma diminuição das atividades do governo do estado em todos os setores, inclusive no planejamento, por meio do enxugamento da máquina pública. Neste ínterim, houve a complexificação do quadro regional da Bahia, pois com os diferentes incentivos dados às regiões pelo seu potencial econômico iniciou-se um processo de especialização e consolidação regional. Cita-se como exemplo Juazeiro-Petrolina, com a fruticultura irrigada, e o extremo sul, com a silvicultura e o turismo na “costa do descobrimento” (ROCHA; SILVA, 2003). É importante ressaltar que esta regionalização apresentava uma visão econômica e industrial cujos objetivos se limitavam a complementar a produção da indústria do centro-sul, que sobrepunha a Bahia no processo de acumulação de riquezas. Assim, esta regionalização serviu principalmente para estabelecer quais áreas receberiam maiores quantias de investimentos. Souza (2008) ressalta que:

[...] apesar da maioria das denominações regionais referirem-se a características naturais ou a formas de relevo, a verdadeira idéia era servir como um indicativo de áreas prioritárias para o investimento privado e para a atuação do grande capital nacional e estrangeiro, ao passo que as iniciativas governamentais se restringiriam a limitados investimentos sociais. Com tais investimentos o governo passava para a população a idéia de que atuava fortemente no combate à pobreza e às péssimas condições sociais, sem revelar os incentivos dados ao capital nacional e internacional. Por outro lado, o

desenvolvimento de algumas regiões aparenta ser algo meramente natural, que se deu sem nenhum tipo de atuação governamental (SOUZA, 2008 p. 86-87).

Conforme este autor o governo estadual escamoteava os processos históricos de transformação da sociedade e naturalizava o crescente investimento privado de caráter nacional e estrangeiro e a saída de recursos do estado por meio de um discurso de beneficiamento da sociedade pela geração de empregos que estes investimentos ocasionavam. Neste sentido, Souza (2008) destaca que a criação dessa regionalização foi um “capricho” político e pessoal de algumas lideranças que estavam no poder. No entanto, esta lógica de ação do Estado permanece vigente até a saída do grupo liderado por Antônio Carlos Magalhães do Palácio Rio Branco, tendo sofrido apenas algumas alterações de caráter estético – para entrar em concordância com projetos de caráter nacional, como é o caso da criação dos Eixos Estaduais de Desenvolvimento.

A criação dos Eixos de Desenvolvimento aprofunda o cenário anterior instituído e consolidado pelas Regiões Econômicas, não havendo modificações consistentes entre o período do Plano Plurianual (PPA) 2000/2003 e 2004/2007, exceto a criação de cinco novos Eixos de Desenvolvimento. Esse aprofundamento se dá pela priorização do governo do estado de tornar a Bahia competitiva frente à concorrência internacional, potencializando ao máximo os recursos técnicos e consolidando definitivamente o novo papel do estado como gerenciador e empreendedor. Os Eixos de Desenvolvimento se mostraram, por vezes, como junções de regiões Econômicas (SOUZA, 2008).

2.2 REGIONALIZAÇÃO EM TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE E SUA RELAÇÃO COM AS POLÍTICAS CULTURAIS DO BRASIL

Ao adentrarmos em uma necessária discussão sobre o processo de implantação dos Territórios de Identidade, como regionalização oficial do estado da Bahia em 2007, pensamos ser necessário discutir o contexto político que apontava para a priorização das questões territoriais em detrimento das questões regionais.

Conforme mencionado anteriormente, os processos de regionalização no Brasil têm intrínseca relação com o Estado, tanto federal, quanto estadual (SOUZA, 1993), com tentativas de associar os processos de regionalização a teorias que embasem a sua efetivação (SOUZA, 2008). Neste contexto, é importante ressaltar, juntamente com Vainer (1995), que, nas décadas que sucederam a redemocratização e durante todo o período militar, a região carregava o estigma

da divisão, da disparidade; de identidades que se conflitavam, mesmo que ligeiramente, à identidade nacional. O regional, neste período, aparece com sentido negativo, significando a impossibilidade da integração nacional em sentido amplo: “As políticas micro e mesorregionais, os famosos pólos e programas de desenvolvimento integrado instauraram no aparelho de estado uma geografia que, simultaneamente, refletia e sustentava os novos recortes que substituíam as antigas regiões” (VAINER, 1995, p. 166). Daí a necessidade de criar os inúmeros programas governamentais que não tivessem caráter regional explícito e específico como o Programa de Integração Nacional, o Programa Especial para o Vale do São Francisco, o Programa Especial de Desenvolvimento do Pantanal, entre outros. Objetivo nacional era reduzir a importância do regional frente à identidade nacional e transformar o discurso regionalista e os regionalismos em mecanismos ideológicos, diagnóstico corroborado pelos processos econômicos e políticos nas diferentes instâncias governamentais do país (VAINER, 1995).

Diante deste estigma enfrentado pelo regional no Brasil e o declínio dos estudos regionais em geografia¹⁶ e com o conceito de território ganhando força nas pesquisas em geografia e nas demais ciências sociais. As políticas lançadas pelo governo federal passaram a buscar uma abordagem de caráter territorial e não regional, justamente para superar o “problema” regional brasileiro. Atualmente, as discussões sobre o regional parecem rumar entre o Global e o Local (FONSECA, 1999; HAESBAERT, 2010), sendo o regional considerado como uma escala intermediária. No Brasil elas estão muito relacionado às cinco macro-regiões administrativas. Haesbaert (2010) considera que o conceito de região deve ser considerado em uma constelação de conceitos e não isoladamente, perspectiva que será aprofundada no item seguinte.

O governo da Bahia publicou em 2013 uma cartilha intitulada Território e Identidade, intentando divulgar as bases teóricas que nortearam a criação do Território de Identidade (BAHIA, 2013). Neste material, os autores focaram nos conceitos de território, territorialidade e identidade para mostrar a importância da atual política de desenvolvimento territorial e cultural desenvolvida pelo governo estadual¹⁷. É interessante ressaltar que os autores afirmam que o

¹⁶ Haesbaert (2010) expõe ao longo do livro “Regional-Global” a sucessão de fases pelas quais passou o de conceito Região na Geografia, mostrando como diversos autores – quando os paradigmas de leitura marxista ganharam força – decretaram a “morte” da região, e também quando verificou-se a intensificação do processo de globalização. A “ressurreição” da região ocorreu quando tornou-se claro que o capitalismo moderno tende a preservar peculiaridades culturais no intuito de, tornando a cultura mercadoria, fazer as diferenças espaciais fontes de reprodução do capital (HARVEY, 2006).

¹⁷ Destacamos que em nenhum documento são mencionados autores da Geografia na conceituação de território ou região.

território é visto pelas mais diversas secretarias como a instância de planejamento e gestão do governo, estando associado às perspectivas alternativas de compreensão deste (BAHIA, 2013, p. 9):

Desde 2007, o Governo da Bahia trabalha com a abordagem territorial e busca **“identificar prioridades temáticas definidas a partir da realidade local, possibilitando o desenvolvimento equilibrado e sustentável entre as regiões”**. Na Bahia existem, atualmente, 27 Territórios de Identidade, constituídos a partir da especificidade de cada **região**. Com base numa consulta popular as comunidades, a partir de seu sentimento de pertencimento e representações sociais, identificaram tais territórios, que são **unidades de planejamento das políticas públicas do Estado** (BAHIA, 2013, p. 17, grifos nossos).

No entanto, como podemos ver nos grifos acima, apesar de optarem conceitualmente pelo território, a busca é pela diminuição das disparidades regionais, intento almejado por todas as outras regionalizações, como exposto por Souza (2008). Ao mesmo tempo, no PPA 2008-2011 e no PPA 2012-2015 (BAHIA, 2007; 2011b), consta o Território de Identidade como a nova regionalização da Bahia. Neste são feitas menções às desigualdades regionais e indicadores referentes às “regiões da Bahia” que significam ao longo do texto os Territórios de Identidade, às vezes se remetendo à porções do território baiano e ainda como áreas próximas de um dado município. Ressaltamos que todas as metas, bem como todos os projetos e prazos se referem ao Território de Identidade enquanto regionalização vigente para o planejamento do estado da Bahia¹⁸. Eles visam tornar o planejamento novamente como algo central, trazendo à baila um conceito mais abrangente de desenvolvimento (SOUZA, 2008), fazendo com que todas as secretarias passassem a utilizar a mesma regionalização para evitar os problemas das regionalizações anteriores, nas quais as secretarias trabalhavam com diferentes divisões regionais dificultando a integração dos trabalhos. No entanto, Serpa e Vaz (2015) e Vaz (2013) mostram que, inicialmente, apenas a Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia (SEPLAN) e a SECULT utilizam os Territórios de Identidade como base para seus trabalhos¹⁹. Indicativo da

¹⁸ Alterações foram agregadas à base inicial através da Resolução CEDETER nº 05 de 19/05/2011, publicada no DOE de 25/05/2011 e pelo Plano Plurianual 2012-2015 - LEI 12.504 DE 29/12/2011, que configura o recorte atual, criando mais um Território de Identidade e modificando alguns municípios que solicitaram mudança de Território de Identidade.

¹⁹ A adoção de diferentes regionalizações por parte das Secretarias do governo do estado funciona como um limitador para a participação popular, pois a população precisa se questionar a quantas regiões faz parte e entender este processo. Nos perguntamos então: “como é possível nos integrar a diferentes mobilizações, promovidas dissociadamente por secretaria diferentes?” Um estudo mais aprofundado seria necessário para identificar se a organização e desorganização das ações do Estado são intencionais. Por que alguns setores e ações são organizados enquanto outros são desorganizados? Na área da informação, o Estado desinforma para dominar, pois o acesso à informação pode ocasionar estímulos para a organização e a mobilização social. Talvez, então, a plêiade de regionalizações funcione como uma tática, ainda que não intencional, para evitar questionamentos sobre o fazer

existência concomitante de diferentes regionalizações em uso pelo governo do estado é que a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) disponibiliza dados dos municípios baianos em 10 divisões diferentes para o estado da Bahia (www.sei.ba.gov.br/sim/informacoes_municipais.wsp).

Segundo a lei nº 10.705 de 14 de novembro de 2007, o Decreto nº 12.354, de 25 de agosto de 2010, o Território de Identidade pode ser definido como:

o agrupamento identitário municipal formado de acordo com critérios sociais, culturais, econômicos e geográficos, e reconhecido pela sua população como o espaço historicamente construído ao qual pertence, com identidade que amplia as possibilidades de coesão social e territorial (Decreto nº12.354. Art 1,parágrafo 1º).

Em argumentação exposta em Bahia (2007) podemos identificar os objetivos e a metodologia empregada para a implantação dos Territórios de Identidade com a finalidade de igualar em importância os aspectos sociais, culturais e econômicos na regionalização:

Com o objetivo de identificar oportunidades de investimento e prioridades temáticas definidas a partir da realidade local de cada Território possibilitando o desenvolvimento equilibrado e sustentável entre as **regiões**, o Governo da Bahia passou a reconhecer, em seu Planejamento Territorial, a existência de 26 Territórios de Identidade, constituídos a partir da especificidade dos arranjos sociais e locais de cada **região**. Sua metodologia foi desenvolvida com base no sentimento de pertencimento, onde as comunidades, através de suas representações, foram convidadas a opinar (BAHIA, 2007, p. 25, grifos nossos).

Esta adoção simultânea dos termos território e região pode ocasionar confusão e, ao verificar os trabalhos elaborados pelo próprio governo sobre os Territórios de Identidade, concluímos que, a despeito das considerações teóricas sobre território, apresentadas em Bahia (2013)²⁰, o Território de Identidade é considerado como região-base, um recorte espacial, para o planejamento das ações do estado. Souza (2008), quando trata das bases da regionalização em Territórios de Identidade, indica a confusão, pois num dado momento os dois termos passam a ser tratados como sinônimos em seu texto, pela própria imprecisão que existe nos documentos do

político e para ocasionar desinteresse da população. Assim, a forma como o Estado brasileiro se organiza e se desorganiza simultaneamente parece estar em-relação e sendo uma das formas de aparecer das contradições políticas, econômicas e sociais existentes.

²⁰ Em Bahia encontramos diversas menções sobre o conceito de território, achamos importante destacar: “é um espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, compreendendo a cidade e o campo, caracterizado por critérios multidimensionais – tais como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições – e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, donde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade e coesão social, cultural e territorial” (BAHIA, 2013, p. 15).

governo do estado.

Serpa *et al.* (2011) mostram que o Território de Identidade foi pensado como forma de adequação da Bahia às políticas culturais do Brasil. Tendo se originado inicialmente com o Território da Cidadania do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e passando a nortear as ações da Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia (SEPLAN) e da SECULT quando da sua implantação (ARAÚJO, 2012).

Segundo os elaboradores, tanto na regionalização do MDA quanto na regionalização da Bahia em Territórios de Identidade, esta última oficializada a partir de 2007, a regionalização se configurou em um processo de “revelação” dos Territórios de Identidade, através da sobreposição de mapas e de ajustes em consultas públicas (SERPA *et al.* 2011), revelando, pelo menos na teoria, as regiões vividas pelas pessoas a partir das possíveis relações estabelecidas entre os municípios.

Juntamente com a implantação da regionalização por Territórios de Identidade, o governo do estado iniciou um processo de adequação da pasta da cultura com a esfera federal, para que recursos da União pudessem ser transferidos para o estado e também para os municípios que também deveriam se adequar às políticas propostas em nível nacional. Há a criação do Sistema Estadual de Cultura (SEC) para se adequar e se integrar ao Sistema Nacional de Cultura (SNC), que foi criado no intuito de fortalecer institucionalmente as políticas culturais, com a participação da sociedade. Dentre os principais objetivos desta nova forma de fazer políticas culturais estão a descentralização e a democratização da cultura, tornando o Estado o principal articulador e estimulador da cultura, retirando das mãos dos empresários a definição de suas diretrizes e metas como ocorria nos governos anteriores, quando a principal fonte de fomento na área cultural era o FAZCULTURA, instrumento que concede a isenção de impostos para empresas por meio de incentivos concedidos aos agentes de cultura (MONTEIRO; SERPA, 2011). No entanto, as manifestações culturais e aos agentes considerados “desinteressantes”, são preteridos neste processo. Assim, o advento da política de desenvolvimento territorial e cultural tem como objetivo prestigiar as manifestações da cultura popular que não são consideradas como interessantes pela iniciativa privada, igualando as possibilidades de angariar recursos de todos os grupos a partir da política de editais. Além disso, percebe-se um discurso que busca consolidar políticas que sejam permanentes e mais próximas da sociedade civil, com abertura para o diálogo e para a participação popular nos processos de elaboração das políticas públicas (SERPA *et al.*,

2011; MONTEIRO; SERPA, 2011; ARAÚJO, 2012; SERPA; VAZ, 2015; BORGES, 2015; ARAÚJO, 2015; BARBOSA; SERPA 2015; SERPA 2015a; SERPA 2015b). Os rebatimentos da política territorial e cultural, implantada em 2007, nos dois Territórios de Identidade em análise, serão discutidos na seção 2.4.

Para compreender o contexto de instauração do Território de Identidade é preciso analisar o cenário nacional, transitando entre as diferentes escalas geográficas. Historicamente, o fazer políticas culturais na Bahia está intrinsecamente relacionado à forma como o Brasil lida com as questões culturais. A história das políticas culturais no Brasil, por sua vez, é sintetizada por Rubim (2007) em três palavras: ausência, autoritarismo e instabilidade. A ausência significa literalmente a ausência de políticas culturais no Brasil em diferentes momentos de sua história. Isto porque, do período colonial ao da República, as ações relacionadas à cultura foram pontuais, se restringindo a financiamentos estatais para alguns agentes e manifestações culturais.

Foi nos períodos autoritários que o Brasil conheceu políticas culturais mais sistemáticas, com a estruturação formal da cultura na esfera federal ocorrendo a partir de 1930. Esta estruturação emergiu da necessidade de unificar o país em torno do poder central e de construir na população um sentimento de pertencimento ao Brasil, de “brasilidade” (RUBIM, 2007), a partir da valorização da cultura popular que passou a ser considerada um símbolo nacional. O período da ditadura foi marcado pelo empenho no desenvolvimento das indústrias culturais, apesar da repressão e do rígido controle imposto pelo regime militar. A ausência de políticas culturais e o autoritarismo marcado pelo seu surgimento fazem emergir o terceiro aspecto: a instabilidade das políticas culturais brasileiras, marcadas principalmente pela descontinuidade administrativa, pois, majoritariamente, quando muda o gestor, muda a relação do Estado com a cultura.

No entanto, apesar de o Brasil, em alguns períodos, não ter realizado políticas efetivas para a cultura, a produção cultural brasileira se mostrou em todos os momentos rica e diversa. Schwarz (2009) mostra que todos os problemas e empecilhos colocados no intuito de controlar ou subjugar a produção cultural brasileira ao poder do Estado (se refere a este fenômeno em diferentes contextos, mas principalmente no período da ditadura militar) funcionaram como impulsos para seu avanço.

Schwarz ressalta ainda que a produção cultural e intelectual brasileira é de esquerda, apesar de, em alguns momentos, ter precisado se revestir de uma ideologia de direita como forma de

sobrevivência. Na ditadura, por exemplo, a produção era de esquerda, mas os relatórios e papéis oficiais eram de direita. Com a derrocada deste período e com a liberdade de expressão daí advindas, os intelectuais e artistas puderam expressar livremente sua posição política; mas, mesmo com a efervescência das demandas sociais, nenhuma política cultural foi efetivada. A instabilidade nas políticas culturais brasileiras é tamanha que, num curto espaço de tempo, diversas medidas diferentes foram adotadas na esfera nacional com relação à cultura. O caso do MINC é emblemático, já que foi criado em 1985, pelo governo Sarney, e o governo seguinte, de Collor, já em 1990, o extinguiu, transformando-o em Secretaria da Cultura. Em 1992, o governo Itamar Franco recriou o ministério que, desde então, já passou por outras reestruturações no governo Fernando Henrique Cardoso e no Governo Luís Inácio Lula da Silva. Para Canedo (2008), a entrada de Lula na presidência da república significou o aparecimento de “[...] sinais de uma política voltada para a cidadania cultural” (CANEDO, 2008, p. 155), com a criação do Plano Nacional de Cultura (PNC) e o SNC²¹. Aparece então uma tentativa de romper com as políticas anteriores, com uma tentativa de alargar o conceito de cultura, tendo então como foco a população em geral e não mais artistas ou grupos artísticos seletos. Esta pode ser considerada uma tentativa de instaurar políticas culturais de Estado e não de governo para superar a tríade que norteou as questões culturais no Brasil desde o período colonial.

Assim como na escala nacional, a Bahia também tem suas políticas culturais baseadas na ausência, no autoritarismo e na instabilidade. As primeiras políticas culturais para a Bahia datam de 1947, quando foi criado o Departamento de Cultura na estrutura da Secretaria de Educação e Saúde que estava sob os cuidados de Anísio Teixeira. Nos anos seguintes, deve-se dar destaque à criação do Teatro Castro Alves (TCA) e do Museu de Arte Moderna (MAM). Neste período, foram criadas também a Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB) e a Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural (que posteriormente se transformou em autarquia, denominando-se Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural – IPAC). A primeira foi criada no intuito de “preservar o acervo cultural constituído; promover a dinamização e criação da cultura; difundir e possibilitar a participação da comunidade no processo de produção cultural” (CANEDO, 2008,

²¹ Foram criados diversos documentos do governo federal no intuito de auxiliar os gestores estaduais e municipais na adequação dos estados e municípios ao SNC e na criação das instâncias governamentais necessárias ao seu bom funcionamento. Nestas se incluem: o Fundo Municipal de Cultura (FMC) que pode receber verbas do Fundo Estadual e Nacional de Cultura; o Conselho Municipal de Cultura; o plano Municipal de Cultura (PMC); a Conferência Municipal de Cultura e o órgão gestor da cultura (sendo estes cinco últimos chamados de “CPF” dos municípios); na esfera estadual existem ainda o Conselho Estadual de Cultura, o Conselho Estadual de Desenvolvimento Territorial, o órgão gestor e o Fundo Estadual de Cultura.

p.63) e a segunda com a finalidade de preservar o patrimônio cultural com foco no turismo. É importante ressaltar que todas as ações do Estado para a cultura tinham um alcance restrito a Salvador e, em alguns casos, ao Recôncavo baiano.

A primeira medida de descentralização dos equipamentos culturais para o interior do estado se deu no governo de João Durval Carneiro (1983-1986), com a construção de centros de cultura em sete cidades do interior: Valença, Feira de Santana, Itabuna, Vitória da Conquista, Juazeiro, Porto Seguro e Alagoinhas. Neste período, foram criadas ainda a Fundação Pedro Calmon (FPC) e o Arquivo Público do Estado. A criação de um órgão específico para a cultura, no entanto, só acontece em 1986, no governo Waldir Pires, com a criação da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, com os seguintes objetivos: preservar a cultura e a tradição bem como fomentar as ações culturais de diferentes segmentos da sociedade.

Com a entrada de Antônio Carlos Magalhães na governadoria do estado em 1991, iniciou-se um período de hegemonia que perdurou até 2006, conhecido como período carlista. Neste período, a política cultural realizada foi feita no intuito de subjugar a cultura ao turismo, visando a fomentar o desenvolvimento econômico e diminuir as ações de regulação do governo do estado, haja vista sua visão neoliberal. Aqui, é possível perceber a relação entre as escalas federal e estadual na medida em que Antônio Carlos Magalhães extinguiu a Secretaria de Cultura no mesmo período em que Collor extinguiu o MINC. Esta visão de cultura como instrumento para o desenvolvimento turístico permaneceu no mandato seguinte e foi ratificada com a criação da Secretaria de Cultura e Turismo (SCT). Os governos de Paulo Souto e César Borges não alteraram a política que estava sendo aplicada nas gestões anteriores, que permanece ideologicamente e administrativamente a mesma. Segundo Vieira (2004) *apud* Canedo (2008), os “[...] 16 anos de liderança carlista pode ser classificada no tripé: equipamentos e infraestrutura; preservação e dinamização [...]” (p.70). Assim, a prioridade era a criação de infraestrutura e manutenção dos equipamentos culturais já existentes, a preservação do patrimônio material por meio da restauração de monumentos históricos e as ações de dinamização da cultura.

A entrada de Jaques Wagner no governo da Bahia, em 2006, rompeu com a forma que as políticas culturais estavam acontecendo nas gestões anteriores e criou um órgão específico para a cultura, a Secretaria de Cultura – SECULT, separando-a da pasta de turismo e reestruturando a administração da cultura no estado. Neste íterim, a ação da SECULT tentou valorizar a diversidade cultural da Bahia (CANEDO 2008), simultaneamente idealizando o Território de

Identidade como base de realização das políticas culturais.

Serpa *et al.* (2011) e Souza (2008) identificaram proximidades entre o discurso de alguns técnicos do governo e a região-personagem de La Blache. É importante salientar ainda que Lacoste (1993) evidencia que a região-personagem, idealizada por Vidal de La Blache, se tornou um conceito-obstáculo na geografia, impedindo avanços nesta ciência pela impossibilidade de considerar e relacionar o recorte regional com outras representações do espaço. Neste sentido, Arrais (2003) afirma que a região-personagem tem origem na naturalização do conceito de região, pois

era como se a região fosse a única e isolada escala de análise, contendo, nos seus limites (mesmo sendo o limite uma idéia humana) toda a sua história, capaz de auto-explicar-se. Para compreender a região era preciso apenas o talento da fina descrição da relação entre homens e a comunidade (ARRAIS, 2003, p. 127).

Temos, então, que a região-personagem lablacheana foi naturalizada a partir de um discurso da “pureza regional” e da classificação, da valorização do singular que não consentia qualquer interação, nem as mais ordinárias. A busca era por um conhecimento profundo e total da síntese regional, sempre primando pelas permanências e subestimando os possíveis elementos que poderiam modificar a região, como por exemplo, o advento da industrialização na França. Assim, a região-personagem de La Blache estava subordinada tanto às técnicas de manipulação de dados e a arte de descrever quanto à ideia da região como uma forma homogênea, quer fosse uma paisagem natural ou cultural, sempre imutável, circunscrita a um Estado-Nação. Nestes termos, a região proposta por La Blache era a representação fundamental da síntese harmoniosa dos fenômenos numa dada área, bem como das heranças históricas. Deste modo, a região se tornou um conceito-obstáculo pela desconsideração de outras representações espaciais, em outras escalas, e das relações que por ventura se estabeleciam entre os fenômenos visíveis nestes diferentes recortes escalares do espaço.

O esforço teórico realizado para evidenciar a importância da região, foi o de romper com esta naturalização e de entender que a compreensão os processos constituintes do mundo atual, as transformações espaciais, ocasionadas pela maior influência da técnica no espaço, com o advento do meio técnico científico informacional, só é possível por meio da consideração de diferentes escalas geográficas (LACOSTE, 1993). É o entendimento de que fenômeno apresenta significados e características diferentes de acordo com a escala em que está sendo pensado e representado. Assim, os fenômenos podem ser compreendidos de forma diferente a depender da

ordem ou nível escalar em que são analisados.

Neste contexto, destacamos as principais características da geografia de La Blache. Para este autor, cuja obra teve influência direta de Darwin, a primeira questão que se coloca à geografia humana é a delimitação do ecúmeno, a partir da identificação e estudo das áreas onde o homem deixou sua marca, observando as áreas de grande e pouca ocupação. Ele desenvolveu o conceito de gêneros de vida, a partir dos hábitos e técnicas de cada civilização, identificando o grau de desenvolvimento civilizatório por meio da relação de dependência entre o homem e a natureza. A partir de então, seria possível delimitar uma região e estudá-la a fundo a partir dos seus gêneros de vida, posto que “[...] todo o gênero de vida tem um local de nascimento” (LA BLACHE, 2012, p. 159). Temos então, uma geografia que baseia seus estudos no que é permanente, no que é duradouro, focando nas homogeneidades encontradas no espaço. A região proposta por La Blache não aceita contradições e se baseia num mundo rural, antes da revolução industrial dos séculos XIX e XX, que não abarcava as cidades e os modos de vida urbanos (SERPA *et al.* 2011). Serpa *et al.* afirmam ainda que:

O que interessava a Vidal eram as permanências e continuidades e, no campo, as mudanças eram bem mais lentas que nas cidades, permitindo a “revelação” de regiões de caráter essencialmente agrário, a partir da identificação de paisagens culturais e de gêneros de vida “típicos” para cada unidade regional. Uma situação similar parece ocorrer na regionalização institucional aqui analisada, já que o processo de “revelação de territórios” vai ser aplicado, em um primeiro momento, naquelas regiões onde predomina a agricultura familiar. (SERPA *et al.*, 2011, p. 6)

Souza (2008), por sua vez, identifica outro ponto de aproximação entre as ideias de La Blache e a Regionalização em Territórios de Identidade: os nomes dados à cada Território de Identidade, pois em linhas gerais os Territórios de Identidade foram nomeados a partir de características físicas e/ou de localização (SOUZA, 2008, p. 128). Os autores acima mostram então uma aproximação do Território de Identidade com a região-personagem de La Blache, posto que os Territórios de Identidade foram montados a partir do que era “igual” entre os municípios, valorizando as permanências no espaço. Ainda numa discussão sobre a confluência de teorias e práticas regionais, Serpa (2015b) identifica algumas proximidades entre o discurso de regionalização do governo do estado da Bahia e a região espaço-vivido de Frémont (1980), justamente pela argumentação da valorização das relações entre os agentes e o espaço, no entanto, o mesmo autor desconstrói este paralelo, justamente por perceber que a aproximação se dá apenas No discurso.

Vaz (2013) e Serpa e Vaz (2015) em estudo sobre o Território de Identidade Portal do Sertão mostram que o Estado, ao invés de revelar identidades regionais pela regionalização, tem se esforçado para criá-las, consolidando estes laços por meio de eventos e festivais criados entre os municípios componentes dos Territórios de Identidade.

No tocante à aproximação do Estado da sociedade civil, uma das diretrizes da nova política de desenvolvimento territorial e cultural, Araújo (2012; 2015), Borges (2012; 2015), Vaz (2013) Barbosa e Serpa (2015) identificam o papel do representante territorial como central para a consolidação das políticas públicas, notadamente por meio do papel de articulador regional e sendo o interlocutor da SECULT, do governo estadual, apto a lidar com os problemas que ocorrem nos diversos municípios que compõem o Território de Identidade. No tocante a consolidação das políticas culturais, Borges, Araújo e Vaz apontam para um maior sucesso na sua implantação quando os representantes culturais têm a aprovação dos dirigentes municipais de cultura. É importante salientar que o representante territorial não é o único, mas é o contato de acesso mais fácil para as instâncias municipais, podendo, assim, se configurar em um indicativo de personificação da relação entre a SECULT e os dirigentes de cultura municipais, na figura da representante territorial. Vaz (2013) ressalta que a personificação do estado na pessoa do representante ocasiona um distanciamento efetivo e relativo da sociedade em relação ao Estado, na medida em que a relação fica aprisionada no mundo das representações, sendo uma relação sempre mediada por uma pessoa. Esta mediação dentro da mediação, da relação entre o Estado e a sociedade, limita a criação do novo no cotidiano porque restringe os momentos de criação aos momentos de participação nos fóruns e conferências, enfatizando diariamente a implantação e a efetivação das ideias gestadas nestes encontros, que podem ter projetos e ideias pensados a partir das práticas cotidianas.

Um bom exemplo seria o de um representante que não consegue alcançar os dirigentes e os grupos, que não faz visitas frequentes aos municípios, na medida em que, para estes últimos, o Estado se mostrará mais ausente (aqui teríamos uma ausência “virtual”). Portanto, a proximidade do representante indica, para alguns, a presença do estado (mesmo que aqui seja uma presença “virtual”). É a visualização da vontade do Estado de fazer melhorias e de ouvir a população e, por isso, o representante territorial se constitui numa peça chave para o bom funcionamento das políticas (VAZ, 2013, p. 36).

Neste sentido, Barbosa e Serpa (2015) concordam com Vaz (2013) e lembram que o representante territorial, apesar da sua importante função de articulador e interlocutor da

SECULT, não tem poder de decisão, por isso, sua função se restringe a encaminhar as demandas para a Superintendência de Desenvolvimento Territorial de Cultura (SUDECULT). Configurando-se assim, numa aproximação relativa e pouco efetiva do Estado com os dirigentes da pasta da cultura dos municípios e também do Estado com os agentes de cultura. Essa aproximação pode ser vista também na esfera municipal, onde muitas vezes o diretor de cultura acaba tendo a pasta da cultura personificada em sua imagem. Esta situação pode ser percebida nas falas abaixo.

Para mim é um elo entre o Estado e o município, então é muito importante que esteja sempre em contato conversando, tirando as dúvidas e propondo novos projetos, novos objetivos pra nossa comunidade, nossa região (CARVALHO, Aismário, 2015).^{22 23}

Os grupos culturais daqui são praticamente independentes, como bem falou o Mazola [Marismário] e devido a essa independência, eles não tem uma referência aonde procurar um apoio e justamente a Casa da Cultura com esse Conselho Municipal de Cultura, o nosso amigo Luciano vai servir de referência para que todos os grupos possam ter apoio pra não haver necessidade de precisar de alguma... uma manifestação precisar de fazer uma apresentação ter esse apoio (NASCIMENTO, Aldo, 2015).

Falta de recursos, falta de incentivo. Então a gente está nessa luta, para ver se a gente através desse trabalho que a gente está desenvolvendo aí através de Luciano, através de Helena e todos nós aqui pra ver se a gente, pra ser enxergado né, com mais atenção pra gente poder desenvolver bem (ARAÚJO, José, 2015).

Percebe-se, então, que os progressos e avanços são considerados como que realizados pelo esforço de uma pessoa que, pelo seu trabalho, passa a ter sua identidade misturada com a da pasta que coordena. Ainda sobre esta regionalização, segundo argumentação encontrada em Bahia (2008, 2012, 2013), ela teve como um dos seus principais elementos norteadores a descentralização de recursos e projetos para o interior do estado, sanando os problemas da regionalização e da política de planejamento anteriores. No entanto, ao compararmos os mapas das duas últimas regionalizações do governo do estado (figuras 6 , 7 e 8), vemos que há poucas alterações entre as regionalizações. No caso do Território de Identidade Sertão do São Francisco,

²² Optamos por deixar ao longo de todo o texto as citações das entrevistas da forma como foram transcritas. As reticências marcam tanto momentos elaboração da fala quanto momentos de hesitação por parte dos entrevistados. Decidimos manter esta postura porque tentamos ser o mais fidedignos possíveis as entrevistas. Mas, como já discutimos anteriormente no Capítulo 1, a transcrição, por si só, já é uma forma de tradução do momento da entrevista (BOURDIEU, 2003)

²³ Optamos também por manter além do sobrenome, o primeiro nome dos entrevistados, pois apesar de termos solicitado que eles preenchessem uma autorização para a realização da entrevista, alguns entrevistados não preencheram este termo com o nome completo. Assim, ficou difícil diferenciar as citações de entrevistados diferentes que tenham o último nome igual.

a mudança de Região Econômica do Baixo Médio São Francisco para Território de Identidade Sertão do São Francisco, significou a entrada de Canudos e Uauá na região. No Território de Identidade Sertão Produtivo, antiga região Serra Geral, foi acrescentado o município de Iuiu, mas da nova região foram subtraídos onze municípios, sendo eles: Condeúba, Jacaraci, Mortugaba, Guajeru, Cordeiros, Piripá, Presidente Jânio Quadros, Maetinga, Aracatu, Igaorã e Licínio de Almeida

É importante ressaltar que, apesar do discurso de descentralização, há uma concentração dos recursos em alguns municípios dos territórios de identidade, como afirmam Barbosa e Serpa (2015). Ressaltamos ainda que há uma grande dificuldade de consolidar estas políticas como políticas de Estado e não de governo devido às fragilidades técnicas e institucionais dos municípios baianos (SERPA, 2011; 2015a; 2015b) e pelas frequentes mudanças de gestão nas pastas da cultura tanto estadual quanto municipal (SERPA, 2015a; SERPA, 2015b;; SERPA; VAZ, 2015; VAZ, 2013).

Regiões Econômicas da Bahia



Territórios de Identidade da Bahia



Figura 6. Imagem comparativa entre a Regionalização em Regiões Econômicas e em Territórios de Identidade
Fonte:SEI, 2015

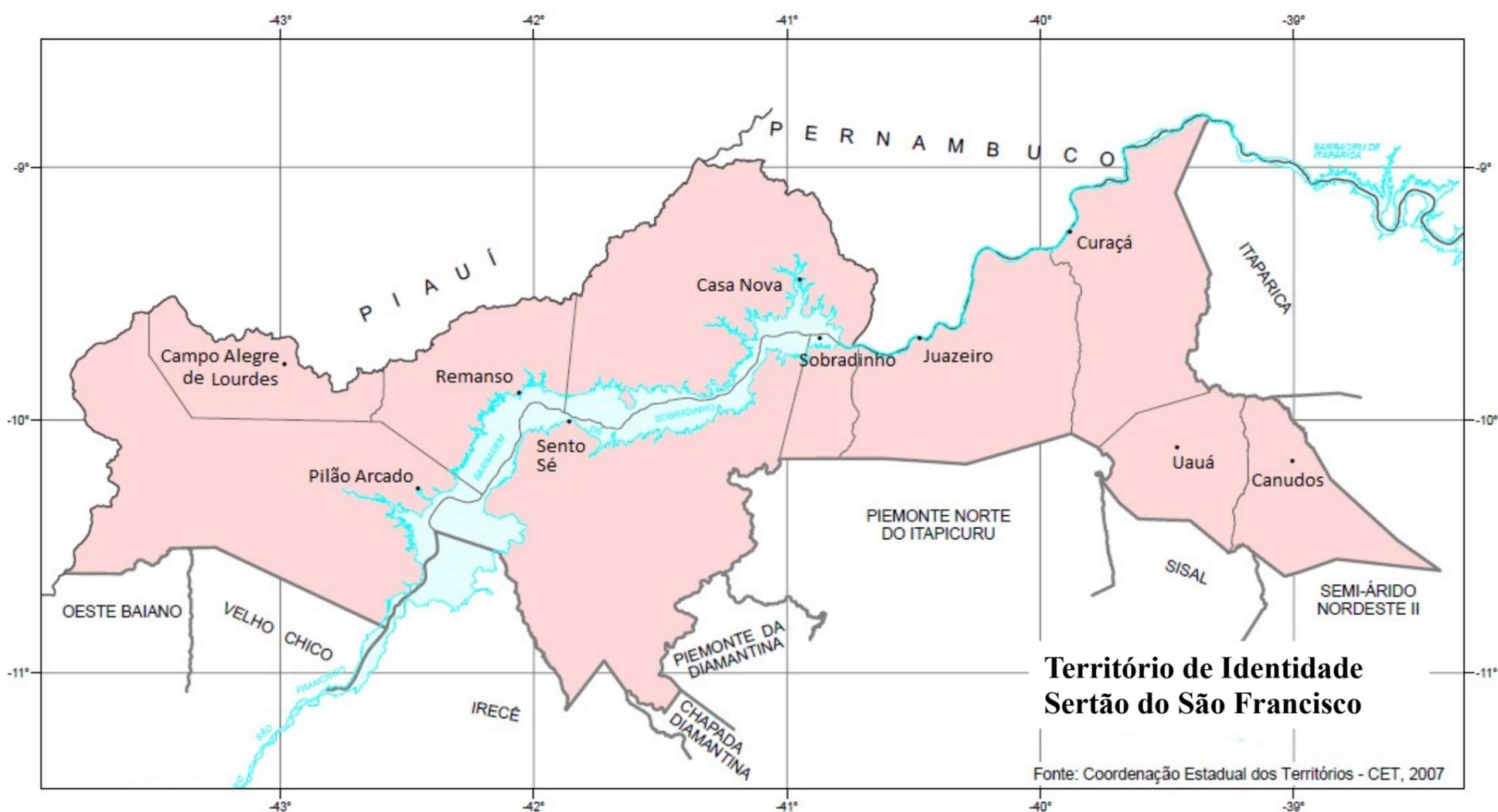
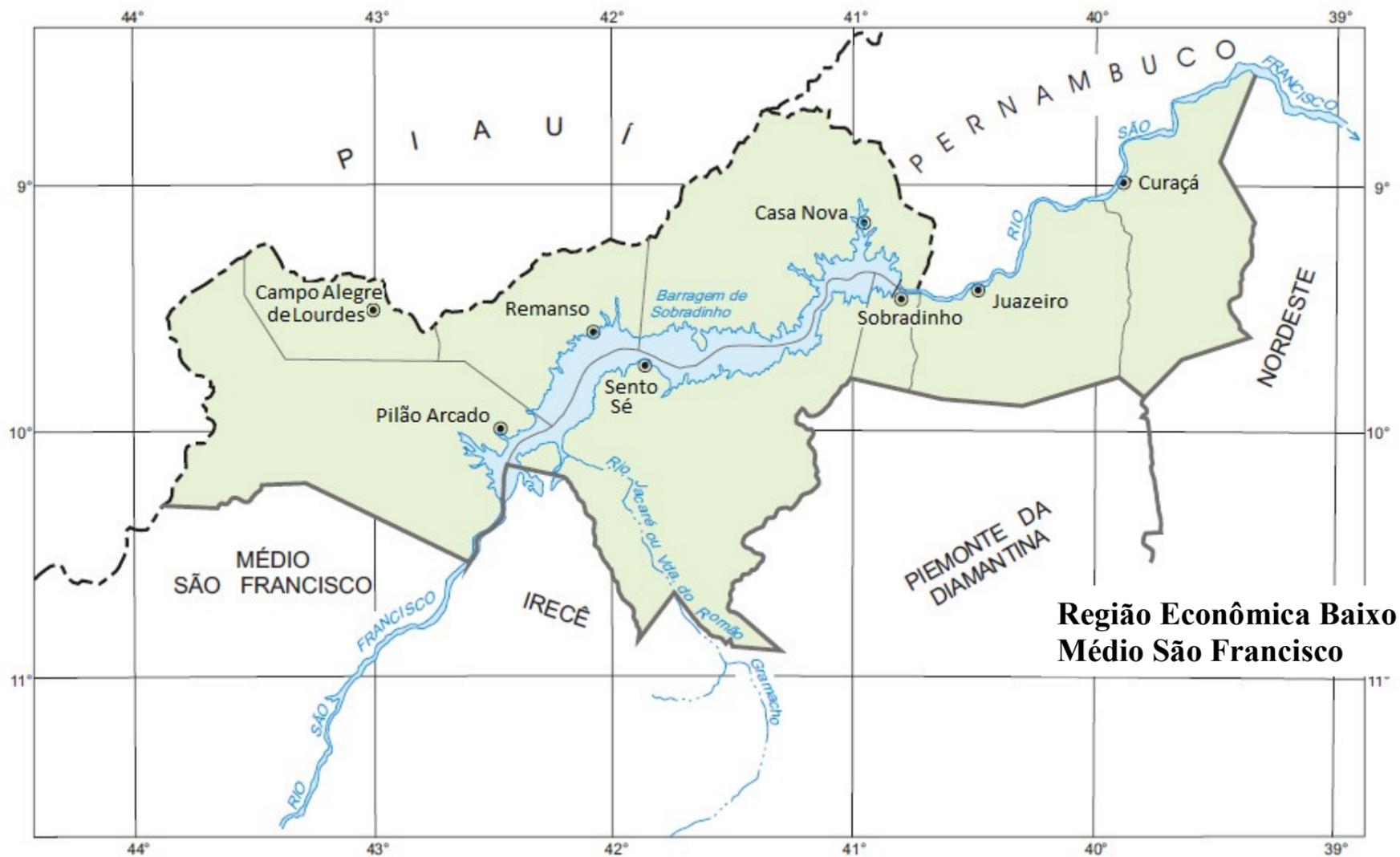


Figura 7. Imagem comparativa dos municípios pertencentes ao Território de Identidade Sertão do São Francisco e dos municípios pertencentes à Região Econômica Baixo Médio São Francisco
 Fonte: SEI, 2015

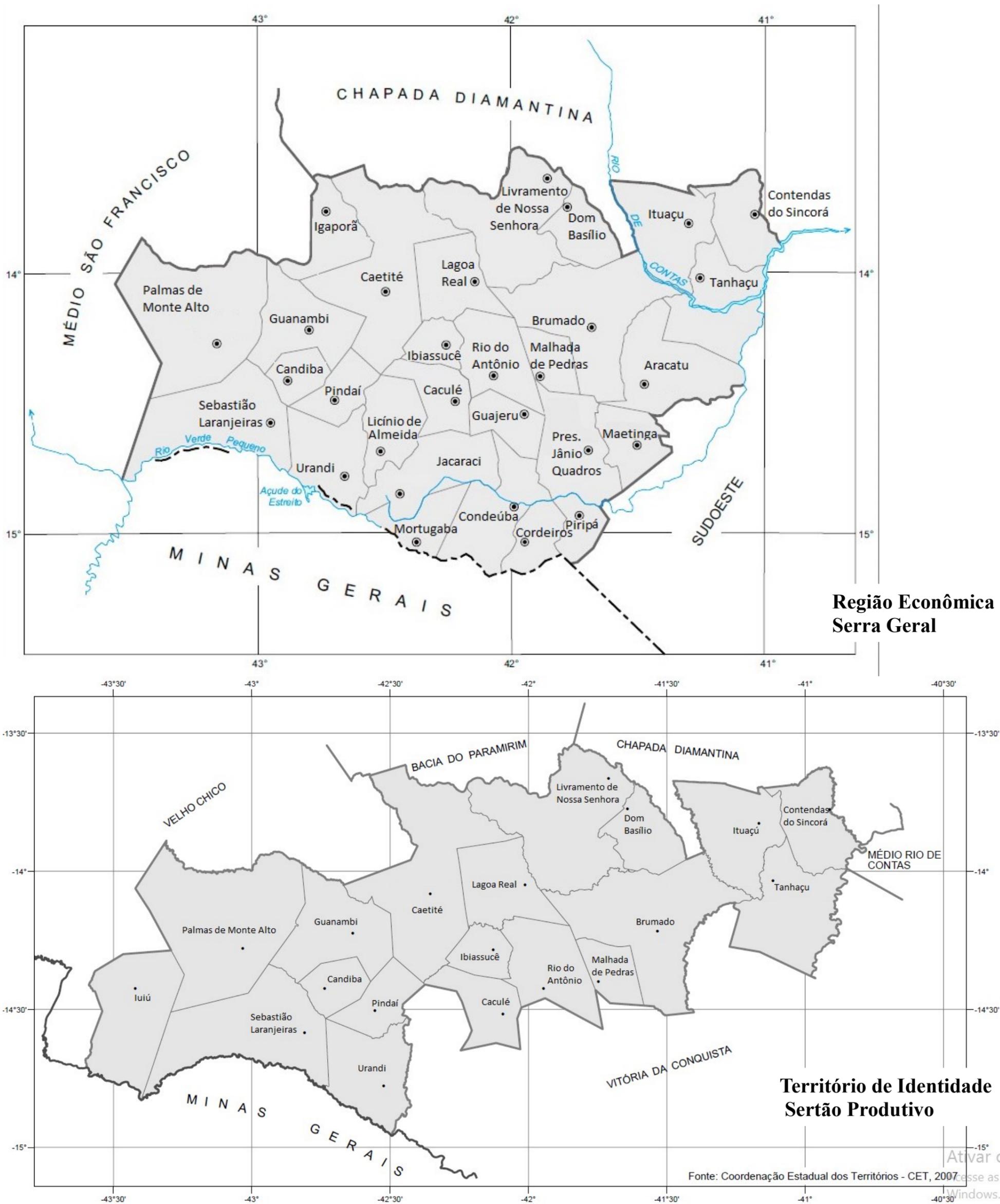


Figura 8. Imagem comparativa dos municípios pertencentes ao Território de Identidade Sertão Produtivo dos municípios pertencentes à Região Econômica Serra Geral
 Fonte: SEI, 2015

2.3 REGIÃO E TERRITÓRIO: DIÁLOGO ENTRE OS DOIS CONCEITOS

Serpa (2015b) aponta para a necessidade de diferenciar as regionalizações e regionalismos construídos e consolidados no cotidiano das regionalizações estatais criadas com base no planejamento regional. As primeiras, relacionadas à ação da sociedade, a sua organização histórica e cultural, instituem uma “consciência regional” e são “[...] reflexo e condição de uma apropriação simbólica e material do território” (SERPA, 2015b, p. 306). As segundas são fruto da ação do estado e visam a atender aos seus interesses. Segundo o autor, o desafio é justamente colocar em convergência essas perspectivas que influem, de formas distintas, no planejamento territorial e que tem rebatimento no cotidiano da população dos Territórios de Identidade. No item anterior, buscamos apresentar as bases e o contexto de implantação do Território de Identidade na Bahia como regionalização oficial. Segundo o discurso oficial, esta regionalização foi pensada como uma forma de valorizar a vida social como um todo, e não apenas os aspectos econômicos. No entanto, verificamos que muitos dos problemas enfrentados, para a consolidação e a efetivação do Território de Identidade enquanto regionalização oficial, persistiram a despeito dos esforços do governo do estado de tornar o Território de Identidade a única regionalização em uso nas secretarias. Buscamos enfatizar que um cenário nacional de depreciação do regional se estabeleceu na década de 1970, culminando na criação de diversos projetos de caráter territorial, para dar um sentido de coesão nacional. Consideramos, porém, necessário destacar a possibilidade e a necessidade de considerar a região em meio a uma constelação de conceitos²⁴ (HAESBAERT, 2010), priorizando, aqui, o conceito de território, justamente por nos encontramos num contexto de regionalização que cria territórios ao invés de regiões.

Santos (2006) ressalta a crescente importância da escala regional para que haja uma compreensão mais ampla e completa dos fenômenos. O autor argumenta que, no mundo atual, que tem o modo capitalista de produção como predominante, a tendência é de aumento das fragmentações espaciais fazendo pulular regiões num contexto de complexificação sem precedentes das questões regionais. Mas, apesar da importância dada ao regional por este autor, as pesquisas em geografia regional sofreram declínio, dando espaço às pesquisas de caráter territorial, dado o cenário de depreciação do regional (VAINER, 1995). O regional ganha importância também se considerarmos a necessária articulação entre escalas geográficas (o local,

²⁴ Haesbaert (2010) para construir sua argumentação baseia suas ideias em Deleuze e Guattari (1992).

o regional e o global) proposta por Castro (1995), isto por compreender que o regional, enquanto recorte do espaço, torna visíveis fenômenos que não são possíveis de serem identificados em outros recortes. Além disto, a questão regional ainda hoje tem reverberado em si os impactos causados pela região-personagem de La Blache, que tornou a região um conceito-obstáculo na geografia, o que implicou na perda de sua primazia.

Haesbaert (2010) traça o panorama do conceito de região em geografia, enfatizando as possibilidades de relação entre os conceitos de região, território e espaço. O autor argumenta que “a ‘identidade’ de um conceito, um pouco como a própria construção de uma identidade social, não se define simplesmente pela concepção clara de um ‘outro’ frente ao qual ele se impõe, mas pela própria definição que este outro lhe concede – portanto, por sua imbricação” (HAESBAERT, 2010, p. 158). Neste sentido, para o autor, os conceitos devem ser considerados dentro das suas delimitações, mas, sobretudo, através das fronteiras entre eles “[...] nos limiares, nas interfaces, nas interseções, sem os às vezes obsessivo estabelecimento de um recorte de delimitação estanque e bem definido” (HAESBAERT, 2010, p. 158). Ressaltamos que com esta afirmação o autor sinaliza para a necessidade de atentarmos para os conceitos superando as possíveis dicotomias entre eles, mas, certamente, respeitando os contextos históricos e epistemológicos do conceito em diferentes momentos do pensamento geográfico. O autor afirma que muitas vezes as distinções entre os conceitos são feitas por questões de foco das análises, que permitem destacar alguns aspectos dos fenômenos em detrimento de outros, pois a base de análise na Geografia é sempre a dimensão espacial da sociedade.

No tocante às associações e às relações possíveis entre os conceitos de região e território, o autor afirma que a distinção mais frequente dada aos dois conceitos é uma conotação mais analítica e instrumental no caso da região e, para o território, uma ênfase realista e que envolve “[...] mais diretamente fenômenos ou manifestações concretas [...]” (HAESBAERT, 2010, p. 169). Haesbaert argumenta ainda que o conceito de território está vinculado à dimensão política, às relações entre espaço e poder, mesmo com a amplitude que o conceito de território possa ter. A região, diferentemente do território, responde principalmente a questões de ordem epistemológica e como uma “[...] composição entre categoria de análise e categoria de prática [...]” (HAESBAERT, 2010, p. 170). Seu foco conceitual estaria, então, intimamente relacionado com a diferenciação do espaço a partir da regionalização, no caso do Território de Identidade teoricamente regionalizando a partir das identidades regionais preexistentes. Nestas relações, no

entanto, a região também pode ser vinculada a questões políticas, se considerarmos, por exemplo, a etimologia do termo região que procede “[...] de *regere*, que significa [...] ‘dominar, comandar, reger’ [...]” (HAESBAERT, 2010, p. 170, grifos do autor).

Na sua análise das possibilidades de relação entre os dois conceitos, o autor aponta para duas perspectivas: dissociativa e associativa. Na primeira há uma separação entre os dois conceitos e, em alguns momentos, um pode substituir o outro. Na segunda, os dois conceitos são trabalhados circunscrevendo-os um no outro, colocando-os em-relação, mas o autor ressalta que é o foco do pesquisador que torna visível os limites e relações entre eles. Lembra ainda que o percurso histórico em que o pesquisador está inserido não pode ser desconsiderado, pois, se assim fosse, os conceitos permaneceriam congelados no tempo, o que não ocorre.

Serpa (2013b, 2015b), baseado nas discussões realizadas por Haesbaert (1997) afirma que a região é um tipo de território, mas não em sentido amplo, sendo então “[...] um recorte do espaço geográfico que manifesta sua diferenciação enquanto um território que é apropriado/controlado de uma maneira a um só tempo concreta e simbólica através da consolidação da identidade territorial.” (SERPA, 2015b, p. 307) Aqui, há a identidade regional como “[...] manifestações específicas de certo tipo de identidades territoriais [...]” (SERPA, 2015b, p. 307). A compreensão da região, passa pela sua compreensão enquanto *artefato* (HAESBAERT, 2010), estando sempre no movimento entre a teoria e a prática.

2.4 POLÍTICAS CULTURAIS NOS TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE SERTÃO DO SÃO FRANCISCO E SERTÃO PRODUTIVO

Serpa (2015a; 2015b; 2011), Barbosa e Serpa (2015), Araújo (2012; 2015), Borges (2012;2015), Monteiro e Serpa (2011), Vaz (2013), Serpa e Vaz (2015), Araújo e Serpa (2015), afirmam que há uma descentralização embrionária, que ocorre de forma concentrada em alguns municípios do interior, dos projetos e recursos, que teve início com a tentativa do governo de territorialização da cultura do governo de estado. A principal ferramenta institucional para a descentralização de recursos para o interior é a política de editais, que visa permitir que os mais diversos agentes de cultura tenham as mesmas chances de conseguir recursos para financiar seus projetos. No entanto, participar dos editais exige conhecimento técnico para vencer a burocracia que permeia todo o processo. Neste sentido, é importante ressaltar que grupos que detenham

agentes culturais com maior capital escolar e social têm maiores chances de serem contemplados em editais do que os grupos com menor capital escolar que têm ficado à parte do processo.

Um dos elementos considerados necessários para a efetivação satisfatória das políticas culturais é a criação de um órgão gestor exclusivo para a pasta da cultura. Mas, dentre os municípios dos dois Territórios de Identidade em estudo apenas um, Pilão Arcado, tem Secretaria exclusiva de Cultura (quadros 5 e 6). No entanto, segundo informações do representante territorial Alan Silva (2015), os trabalhos desenvolvidos pela gestão municipal têm sido lentos. Os demais municípios têm seus órgãos gestores da cultura municipal relacionados a uma ampla variedade de pastas, dentre elas: educação, esporte, lazer, juventude, eventos, administração, meio ambiente e turismo. As secretarias de cultura precisam ser atuantes e dinâmicas e o seu gestor precisa ser politizado pensando a cultura em sentido amplo, antropológico, para que seus pré-juízos não influenciem negativamente as ações propostas, permitindo que os mais diversos agentes possam ser contemplados pelas atividades da secretaria.

Quadro 5 Situação dos Órgãos Gestores da Cultura nos Municípios do Território de Identidade Sertão do São Francisco

Município	Órgão Gestor da Cultura
Campo Alegre de Lourdes	Secretaria Municipal de Cultura e Turismo
Canudos	Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Lazer.
Casa Nova	Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte
Curaçá	Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto
Juazeiro	Secretaria Municipal de Cultura e Juventude
Pilão Arcado	Secretaria Municipal de Cultura
Remanso	Secretaria Municipal de Esporte, Cultura, Eventos, Turismo e Lazer
Sento Sé	Secretaria Municipal de Administração e Cultura
Sobradinho	Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Esporte
Uauá	Secretaria Municipal de Cultura e Meio Ambiente

Elaboração: Caroline Bulhões Nunes Vaz

Fonte: VAZ, 2015

Quadro 6. Situação dos Órgãos Gestores da Cultura nos Municípios do Território de Identidade Sertão Produtivo

Município	Órgão Gestor da Cultura
Brumado	Secretaria Municipal de Esporte e Cultura de Brumado
Caculé	Secretaria Municipal da Educação e Cultura
Caetité	Secretaria Municipal de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo
Candiba	Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esportes e Lazer
Contendas do Sincorá	Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Lazer
Dom Basílio	Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte, Lazer e Turismo
Guanambi	Secretaria Municipal de Esporte, Cultura e Lazer
Ibiassucê	Secretaria Municipal de Educação e Cultura
Ituaçu	Secretaria Municipal de Educação e Cultura

Continuação do Quadro 6. Situação dos Órgãos Gestores da Cultura nos Municípios do Território de Identidade Sertão Produtivo

Iuiu	Secretaria Municipal de Educação, Esportes, Cultura e Lazer
Lagoa real	Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer
Livramento de Nossa Senhora	Secretaria Municipal de Educação e Cultura
Malhada de Pedras	Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer
Pindaí	Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte, Lazer
Rio do Antônio	Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Lazer
Sebastião Laranjeiras	Secretaria Municipal da Educação, Cultura e Desportos
Tanhaçu	Secretária Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer
Urandi	Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer

Elaboração: Caroline Bulhões Nunes Vaz

Fonte: VAZ, 2015

Cabe ressaltar que uma das principais reclamações dos gestores de cultura é a associação da cultura com a educação, pois eles entendem que a pasta de educação é muito ampla e diversa, diminuindo a importância das atividades desenvolvidas pela pasta da cultura. Ao mesmo tempo, encontramos nas falas dos agentes uma grande necessidade de trabalhar com produção cultural nas escolas, justamente por entenderem que são as gerações futuras que poderão perpetuar as manifestações culturais. Entendemos que num processo social de formação nenhum aspecto da vida pode ser considerado em separado e a cultura, a arte, a brincadeira, estão no centro de uma aprendizagem efetiva. Nas falas abaixo podemos identificar as opiniões tanto de gestores quanto de agentes de cultura no tocante as relações entre as pastas de educação e cultura.

Mas a única coisa que tem de cultura mesmo em Curaçá é o departamento que é vinculado à Secretaria de Educação. Mas que a gente sabe que, por exemplo, para você ter uma Secretaria de Educação, você também precisaria ter uma Secretaria de Cultura. Por quê? Porque querendo ou não, sempre um gestor que vai para exercer o cargo de Secretária de Educação, pouco ele vai dar ênfase à cultura, pouco ele vai dar ênfase ao esporte... onde é que ele vai focar? Na educação e os demais setores que se virem e é isso que acontece. E aí os pobres dos diretores chegam lá para assumir seus cargos com as cabecinhas tudo a floradas, querendo fazer isso, querendo fazer aquilo, porque é o que está acontecendo, por exemplo, lá em Curaçá (MARTINS, Edinaira, 2015).

É o caso, por exemplo, normalmente, o teatro, ele envolve a questão da educação, o público, da educação, que normalmente é do fundamental 1, e, às vezes, nem sempre, mas também do ensino médio e do ESO, jovens e adultos, mas, normalmente, é fundamental 1 e/ou fundamental 2, então, há um envolvimento da questão do teatro com a questão da educação (MENEZES, Donizete, 2015).

Se você tem uma Secretaria de Cultura, voltada para a cultura, a Secretaria de Cultura do Estado é realmente voltada para a cultura, sem estar atrelada a turismo, à educação, nada contra a esses... é importante, mas para nossa atualidade, isso, em termos de gestão, isso funciona melhor. Está mais adequado para a realidade do estado da Bahia. Então tem municípios que têm, todos os nossos municípios têm Secretarias Municipais de Cultura. (ALVES, Alan, 2015).

É porque a gente trabalha com a Secretaria de Educação, né? aí a gente acaba voltando

para todos os projetos das escolas, inclusive esse da gincana, que é um projeto da escola também, e, mas o que motiva mesmo a gente é porque a gente gosta mesmo porque financeiramente não temos, não temos ainda autonomia para a gente mesmo fazer... a gente não tem ainda uma autonomia para desenvolver o trabalho do jeito que a gente quer. A questão mesmo é mais de vontade e gosto mesmo e... para tentar conservar o que a gente já tem (SOUZA, Marlene, 2015).

Pelo menos a parte folclórica eu não deixava passar em branco. Celebrava. Dia do Folclore, que é 22 de agosto, fazia aquelas alegorias folclóricas, aqueles cantos do Uirapuru, aquelas coisas assim. O quê que significa folclore, né? Aquele Saci-Pererê, a gente comemorava. Toda festa junina, que a gente, quando era folclore, comemorava. Esse Reisado de Cigana, comemorava. Todos esses eventos assim, e eu como diretora que fui, dos anos 70, até... fiquei 30 anos, até 90? Eu fui, durante esses 30 anos. Eu incentivei, tudo eu comemorava. O 7 de setembro saía desfilando aí, não tinha negócio de trio elétrico, coisa assim de comemoração, aqueles desfiles suntuosos, mas a gente pegava os tamborezinhos, feitos por aqui mesmo, saía desfilando aí com as bandeiras, cantando, e hasteando a bandeira, cantando o hino nacional, estimulava sim a escola, eu como diretora, né? Sempre, nunca deixava passar despercebidos esses eventos considerados folclóricos (NASCIMENTO, Maria Luiza, 2015).

A escola nossa era uma escola vibrante, era uma escola assim onde tudo o que tinha em relação à cultura era através da escola. E elas traziam isso para a escola, eu lembro quando falou aí da dança do coco, eu me lembro aprendendo a dançar aquela música do coco Peneruê, e era na escola (BALEEIRO, Juvenice, 2015).

E olha o coco peneruê/ E olha o coco peneruá/ Oi, pisa o mio, peneiro de xerém/ Oi, pisa o mio, peneiro de xerém/ Eu não vou criar galinha pra dar pinto pra ninguém/ Eu não vou criar galinha pra dar pinto pra ninguém (AMARAL, Helena, 2015).

Então assim, a escola tinha um peso muito forte nessas atividades culturais, apresentação de... Eu me lembro (BALEEIRO, Juvenice, 2015).

Ainda sobre a importância da escola na manutenção e na transformação da cultura, destacamos que a construção do significado de sertão pode ser influenciado pela maneira como isso é trabalhado na escola, pois, para crianças e adolescentes, em formação, é o professor que é o exemplo de sabedoria e conhecimento. Além disto, muitos entrevistados afirmam que em seus municípios são as escolas quem mais solicitam apresentações dos seus grupos: “Quanto a isso aí a gente tem acesso, um livre acesso, entendeu? E também as escolas públicas quando... Sempre que eles precisam pedem apresentação pra gente e a gente faz também” (TEIXEIRA, Normalene, 2015). Nota-se então, que há um processo de folclorização persistente de algumas manifestações culturais.

Além da escola, é importante destacar também que os gestores municipais podem influenciar nos significados de cultura e de sertão que se perpetuam, justamente porque eles podem escolher incentivar grupos que são mais próximos a representantes do poder público e que se adéquam mais a sua visão de mundo, de cultura, de arte, em detrimento dos outros agentes. Neste sentido, Mendes (2009) ressalta, a partir das ideias de Chartier (1990), que as

representações estão relacionadas à uma perspectiva de concorrência e competição entre si, sendo determinadas pelos grupos que as criam, estratégias de manutenção de interesses e de relações de poder. Deste modo, nenhum discurso pode ser dissociado da posição de quem o utiliza, pois é fundamental saber “[...] *o quê, como e de onde* se fala sobre alguma coisa ou fato” (MENDES, 2009, p. 58, grifos da autora) para compreender justamente como diferentes agentes tentam impor sua concepção de mundo, seus valores e seu domínio sobre outros agentes. Um exemplo de ações neste sentido pode ser visto na fala de Yonélio Sayd, gestor da pasta de cultura de Livramento de Nossa Senhora:

Eu estou propondo a realização de shows de calouros pra descobrir talentos, a criação e manutenção de uma casa para música erudita (...) clássicas, também com, claro, com o frevo, samba, essas coisas, menos o funk, porque acho que o funk, eu considero lixo cultural, é diferente. Eu prefiro estimular que a garotada toque um bom samba, um samba-canção, do que fazer apologias como o funk faz. Então esse é o trabalho que começou a ser construído (SAYD, Yonélio, 2015).

Em Brumado, por exemplo, Normalene, a professora de Capoeira Gingadinha, frisar a importância da capoeira para o município, ressaltando o trabalho do Ponto de Cultura Adote um Capoeirista, que trabalha com mais de cem crianças no município, em nenhum momento os representantes do poder público incluem a capoeira dentre as principais manifestações culturais de Brumado. Quando perguntado sobre as principais manifestações culturais do município o secretário de cultura não menciona em nenhum momento a capoeira:

Nós temos o carnaval que é uma das festas maiores do interior aqui do sudoeste, o nosso carnaval é muito bom, infelizmente o ano passado nós não podemos fazer em função de alguns perigos que as chuvas causaram nas ruas e o município não teve condição de arcar com as suas despesas. Nós temos, nós comemoramos o aniversário da cidade, comemoramos o São Pedro no bairro Olhos D'água e as instituições como Abracadabra, ALAB que quando nos procura eles têm contribuído nesse sentido. Nós temos também aqui em Brumado a "dança do pilão" que é uma coisa muito bonita. Temos grupo de "terno de reis (DIAS, Miguel Lima, 2015)

Além disto, nem sempre os incentivos vão para a cultura popular, mas sim para a cultura de massa, para desviar a atenção dos problemas sociais por meio das distrações e criar grupos de consumidores culturais de baixa formação, ao invés de formar e educar o público para tomar parte no fazer cultural, na cultura repleta dos sentidos e tradições agregados a ela com o tempo (HABERMAS, 1984). Serpa (2007b) afirma, a partir das ideias de Arendt (2002), que: “[...] a

expressão ‘cultura de massa’ origina-se de outra, não muito mais antiga, ‘sociedade de massa’, e evidencia o relacionamento altamente problemático entre sociedade e cultura” (p. 80) e que, neste processo, no qual a massa da população sobrepuja a sociedade, as instâncias mediadoras são eliminadas. O autor afirma ainda que é então que o mercado começa a penetrar e fazer parte dos objetos culturais, fazendo com que sejam pensados a partir de estratégias de venda destas manifestações e transformando-as em mercadorias “[...] tornando-se lazer, diversão e espetáculo para consumo imediato” (SERPA 2007b, p. 83), fazendo com que as manifestações populares saiam do campo da tradição, para a esfera do consumo, ocasionando a perda de sua aura e de sua autenticidade (SERPA, 2007b; BENJAMIN, 2012b). Surge então o processo de “espetacularização” e de “retradicionalização” das festas e outras manifestações da cultura popular (SERPA 2007b; CASTRO, 2012)²⁵.

Cabe aqui, ainda fazer uma diferenciação entre cultura e entretenimento, haja vista que a cultura está relacionada a transmissão, a reivenção das tradições ao longo do tempo, sendo um fenômeno duradouro, enquanto entretenimento está relacionado ao divertimento instantâneo. Castro (2015) discute a partir das ideias de Arendt (2002) evidencia que um objeto é cultural na medida em que pode durar. Assim, eventos organizados como shows, são entretenimentos, pois não tem como pilares a durabilidade e transmissibilidade entre gerações. Sobre a durabilidade da cultura Castro (2015) indica que esta pode ser percebida através tanto do plano material – por meio dos elementos da paisagem que apresentem alguma relevância cultural – e no plano imaterial a partir da oralidade, da transmissão de geração em geração das práticas e manifestações culturais. O autor ressalta ainda que a partir de festas da cultura popular de “[...] relevância histórico-cultural, surgiram eventos como desdobramentos mercadológicos ou de entretenimento, cuja espetacularização é visível e explícita:

Dessa forma, pode-se afirmar que há festas populares de densidade cultural relevante, outras em franco declínio no calendário e no cotidiano urbano e aquelas são usadas como álibi para a promoção de eventos mercadológicos e de entretenimento. Para os participantes dessas últimas, pouco interessa a memória, a transmissão e a oralidade; o importante mesmo é a explosão lúdica efêmera, a diversão (CASTRO, 2015, p. 44)

²⁵ Serpa (2007b) traz como exemplos em seu artigo O Bumba-meu-Boi e a Festa de Reis em São Tomé de Paripe, Berimbalada no Curuzu e o Ilê Aiyê, mostrando como o processo de retradicionalização e modernização tem transformado a relação do público com as manifestações. Castro (2012), por sua vez, traz um estudo sobre as festas juninas do Recôncavo da Bahia, focando, principalmente, nas cidades de Cachoeira, Amargosa e Cruz das Almas e na sua transformação em espetáculos-mercadoria para aumentar o turismo e dinamizar as economias locais.

O autor afirma ainda que há uma confusão entre eventos e festas populares, sendo os primeiros “[...] verticais, formais, programados e espacialmente delimitados” (CASTRO, 2015, p. 43) enquanto os segundos, apesar de seguirem um calendário e acontecerem numa porção determinada do espaço geográfico são “[...]espontâneas, horizontais e apresentam determinadas peculiaridades lúdicas, estéticas e culturais” (CASTRO, 2015, p. 43). Enquanto nas festas populares os sujeitos são ativos e protagonizam a festa, e de modo algum são “[...] apenas números estatísticos ou formam uma massa festiva em um espaço arquitetonicamente delimitado e controlado” (CASTRO, 2015, p. 44), nos eventos, quer em espaço fechado ou locais públicos, “[...] o festeiro se transforma em um cliente ou em um consumidor do entretenimento que está sendo vendido a um morador da cidade ou a um turista de eventos” (CASTRO, 2015, p. 44). Na fala abaixo podemos identificar esse processo de valorização do entretenimento efêmero, em Remanso, os gestores tem buscado criar grandes eventos para entreter o público

Na parte da cultura, o município, ele tem investido muito na cultura, se tiver esporte, a gente dá um jeito sempre de encaixar a cultura. Tem o aniversário da cidade, que é um evento grande, chega a 100mil reais aqui que é feito em agosto e a gente dá um jeitinho de colocar cultura pelo meio (...) olha, a gente trabalha muito por eventos aqui. A gente desenvolve os eventos do município, que são os grandes eventos do município, a gente faz o que? A gente faz, já começa, já pode considerar que é o Réveillon que é uma festa que aglomera quase metade da cidade num local, na Prainha, a gente faz o Réveillon que começa, a gente chama de a primeira atividade do ano porque encerra e começa outra. Dia 31 e dia 1º. Então a gente tem o Réveillon e depois do Réveillon a gente tem a semana santa, que é em parceria com a igreja católica, que a gente faz aí e a gente tem na área de, que a gente chama, esse evento ele engloba turismo, engloba lazer, engloba cultura, a gente faz também o micareta, que é um dos maiores aqui da região (DINIZ, Flávio 2015).

Como vemos, há clareza em uma tentativa de trazer investimentos e recursos para os municípios por meio da sua cultura, transformando as manifestações culturais tradicionais em espetáculos para turistas. Neste ínterim, a atuação das gestões da cultura municipal é contraditória, pois eles se esforçaram na entrevista para mostrar o maior número possível de manifestações culturais, dando voz à diversidade existente, mas priorizam nos eventos que realizam artistas famosos que possam atrair mais público para os festejos, ao invés de priorizar nestes eventos as manifestações da cultura popular local. Nos foram apresentados os mais diversos agentes, dos institucionalizados aos não-institucionalizados, com pouca ou ampla produção, independentemente de terem ou não sido contemplados em algum edital. É importante ressaltar que, devido a esta tendência de transformação da cultura em mercadoria, da vontade de

atender à massa ávida por distração e lazer, muitos gestores municipais optam, nas festas juninas, por trazer grupos musicais renomados de fora, ao invés de prestigiar os artistas locais. Estes, por sua vez, consideram tal atitude como um desrespeito às tradições locais e uma forma de retirar dinheiro do município para outros locais, pois o recurso investido nos cachês das bandas não retorna para o município. Esta situação pode ser vista nas falas abaixo, de José Oliveira e José Amorim, ambos de Canudos:

Agora que Canudos merecia, merecia não, merece uma visão a... nesse sentido, como eu tinha feito, como eu conversei com vocês ainda lá fora... porque o artista... aqui é uma cidade que vive da cultura, do artista. Só que o artista aqui, o poeta tem que ser pintor, de parede; o músico tem que ser carpinteiro também; o cantor tem que ser pescador para sobreviver e, no entanto, sobreviveria da cultura aqui porque você vê artistas de fora para vir para cá, uma banda grande, por exemplo, como sei lá, diversas bandas, vou citar uma Aviões, Calcinha Preta, paga 200.000 reais. 15.000 reais pagaria esses menininhos que estão começando a fazer [música] (OLIVEIRA, José Alex, 2015).

A bandinha véia que eu falei que fez um cabaré lá em cima do palco, no mês de junho, um cabaré, um cabaré mesmo, bebida, mulher pelada que é o que eles mostram... porque na verdade, ver palco, cheio de banda que enche o palco de coisa, primeiro: ninguém presta. Ali é para tirar o foco, porque não tem ninguém que presta: não tem cantor que preste, bailarinas gordas, é um diabo a quatro. Aí bota lá um negocio de luz, para ninguém ver ninguém, um diabo daquele negócio assim, você fica entediado parecendo o cão. Então, aí o cara faz uma esculhambação daquela, as famílias vão para ali ver os caras bebendo, com as mulheres e aí o que acontece? Os caras pagam 60mil. Os caras enrolam lá 1 hora e meia e vão embora. Agora, um Bião de Canudos vai cantar maravilhosamente, musicalidade, falar da identidade de um povo, falar tudo direitinho, 'somos isso aqui', vamos dançar ouvindo uma bela poesia e dançar conhecendo cada vez mais a você e o cara dá 2mil para o cara. Minha Nossa Senhora, cara! (AMORIM, José Américo, 2015)

Vemos, então, que apesar do esforço dos municípios no sentido da valorização e da institucionalização da cultura, a realidade dos agentes é contraditória e diversa. Contradiz a institucionalização em muitos aspectos, pois há agentes que não conhecem a regionalização, há aqueles que não conhecem a política de editais ou os cinco elementos constitutivos básicos do Sistema Municipal de Cultura (SMC). Como afirmamos anteriormente, a maior parte dos agentes não recebeu apoio de editais. Este fenômeno justifica o trabalho de campo mesmo em municípios que já estão avançados no processo de institucionalização da cultura ou que tenham agentes já contemplados em editais, uma vez que poucos são os agentes de alto capital escolar e social e, mesmo nos grupos que tenham agentes de alto capital escolar e social, nem todos os participantes do grupo estão necessariamente a par do processo. As contradições reveladas nestes grupos e entre grupos (que possuem agentes com maior e menor capital escolar) favorece o revelar de

processos contraditórios de territorialização da cultura, nos quais alguns agentes têm mais facilidade de se adequar e conseguir recursos que outros (SERPA *et al.*, 2011; MONTEIRO; SERPA, 2011; ARAÚJO, 2012; SERPA; VAZ, 2015; BORGES, 2015; ARAÚJO, 2015; BARBOSA; SERPA 2015; SERPA 2015a; SERPA 2015b; ARAÚJO; SERPA, 2015).

Como já foi mencionado anteriormente, um dos principais objetivos desta política é a descentralização de equipamentos e recursos para o interior do estado. Barbosa e Serpa (2015) fazem uma análise mostrando quais são os territórios que receberam mais recursos, por meio de editais, no período entre 2012 e 2014, estando em 2012 o Sertão do São Francisco na 17ª posição e o Sertão produtivo na 12ª posição. Em 2014, o Sertão do São Francisco e o Sertão Produtivo se encontram respectivamente na 8ª e 17ª posição, mostrando o avanço do Sertão do São Francisco e um retrocesso da distribuição de recursos no Sertão Produtivo²⁶. Mas sabemos, no entanto, que a distribuição dos recursos é concentrada nos municípios que possuem melhor estruturação do SMC e participação popular (SERPA *et al.*, 2011; MONTEIRO; SERPA, 2011; ARAÚJO, 2012; SERPA; VAZ, 2015; BORGES, 2015; ARAÚJO, 2015; BARBOSA; SERPA 2015; SERPA 2015a; SERPA 2015b; ARAÚJO; SERPA, 2015).

No tocante aos equipamentos culturais (BRASIL, 2007)²⁷, a distribuição é bem diversa entre os dois Territórios de Identidade. O Território de Identidade Sertão do São Francisco apresenta disparidades menores entre os municípios, não havendo nenhum sem algum tipo de equipamento cultural (Apêndice 3.1). O Território de Identidade Sertão Produtivo, por sua vez, apresenta uma maior concentração de equipamentos culturais nos municípios mais populosos e um município (Sebastião Laranjeiras) não detém nenhum equipamento cultural (Apêndice 3.2).

É preciso ressaltar ainda que as informações disponibilizadas pelo MUNIC são desatualizadas e alguns municípios tiveram diminuição na quantidade de equipamentos culturais pelo fechamento de alguns deles. Uauá, por exemplo, que consta como tendo um cinema no município, segundo informações de Pedro Guimarães (2015) não tem mais cinema. Ressaltamos que o equipamento cultural mais frequentemente encontrado nos municípios é Biblioteca e, como podemos ver nas falas abaixo, alguns entrevistados ressaltam o despreparo dos funcionários dos equipamentos para trabalhar neles.

²⁶ Intentávamos agrupar os municípios dos dois Territórios de Identidade com projetos aprovados, mas a SECULT não divulgou nos editais setoriais de 2012 e 2013 informações discriminadas por municípios, passando a fazê-lo para alguns editais setoriais a partir de 2014.

²⁷ O Pesquisa de Informações Básicas Municipais (MUNIC) não disponibiliza para acesso a metodologia utilizada para a definição e a identificação dos equipamentos culturais.

Terminaram uma quadra aqui agora, né? Um ginásio, e estão fazendo outro. Aí vem... a bola furou, a porta da biblioteca quebrou, roubaram os livros, e isso é aqui... então, assim, o que está faltando não é o apoio que eles dão, é o assessoramento, é a disposição de manter (OLIVEIRA, José Alex 2015).

É como, por exemplo, uma biblioteca, uma escola, para uma pessoa, para tomar conta, de uma biblioteca que não tem assim, a mínima noção, é entregar às traças (...) a mulher fica dormindo, rapaz, na biblioteca. Outro dia eu não entrei lá e ela estava dormindo? (AMORIM, José Américo, 2015)

A política de territorialização da cultura pode servir também para a materialização do discurso do governo sobre o sertão, emergindo a partir da criação de órgãos como o CERES (Centro de Referência do Sertão da Bahia) e dos ECUS (Espaços Culturais Universitários do Sertão), haja vista que esses centros podem funcionar como instituições que possibilitem a emergência de novos significados e novas representações sobre o sertão (que superam o estereótipo), bem como dando força a representações alternativas, que tenham menos visibilidade, mas que já existem. Estes centros podem servir também para legitimar intencionalmente representações que o governo do estado almeja serem passadas adiante.

Por fim, é importante ressaltar que o discurso para a implantação da regionalização em Territórios de Identidade afirma ter considerado diversos aspectos da vida social, no intuito de criar o interesse de participação nas decisões por parte da população na vontade de exaltar suas identidades. No entanto, nos dois Territórios de Identidade pesquisados, não existe rebatimento das identidades sertanejas na forma como os grupos lidam com a política cultural, pois há desconhecimento, de parcela dos agentes, dos municípios que compõem o Território de Identidade ao qual pertencem e também das diretrizes que norteiam as políticas de desenvolvimento territorial e cultural do estado. Quando os agentes se envolvem com as atividades, muitas vezes eles não o fazem por se identificarem com a região institucional estabelecida, mas pela necessidade de se enquadrar nela para ter acesso aos recursos²⁸, mas ainda que aceitem a regionalização imposta a eles, isto não é garantia de ter financiamento para suas atividades como ressalta Carlos de Jesus

Aqui tem diversos artistas, nenhum, eu nunca vi falar que conseguiu um edital e, nós da Companhia Teatral de Canudos estamos insistentes, somos insistentes, persistentes nesses editais e nunca, nem sequer ficamos em uma suplência. Talvez nós não estejamos

²⁸ Esta falta de identificação com o recorte já foi anunciada por Serpa *et al* (2011), Vaz (2013) e Serpa (2015a; 2015b), quando os autores mostram que há municípios que desejam mudar de Território de Identidade por não se identificarem com os Territórios aos quais pertencem

preparados para fazer, para concorrer, com o estado, com os editais, talvez nos falte essas ferramentas, mas eu ainda acho que falta uma... um olhar mais sensível para o sertão e rever essas questões de territórios (JESUS, Carlos de, 2015).

Destarte, temos, então, que, apesar dos discursos que apregoam modificações paradigmáticas nas diversas regionalizações da Bahia desde a década de sessenta, é possível verificar que os principais problemas identificados ao longo das décadas não foram sanados. Isso sinaliza que a Bahia ainda está sujeita a mais de uma regionalização em vigor. Ressaltamos as dificuldades encontradas nos municípios para se adequarem à política nacional e o receio dos agentes de cultura das frequentes mudanças de gestão das pastas municipais, que tornam o trabalho ainda mais lento.

Em âmbito estadual, a entrada de Jorge Portugal na SECULT²⁹ marca o ressurgimento de um discurso que coloca em íntima relação, mais uma vez, a cultura e a iniciativa privada, pela diminuição dos recursos estatais voltados para a pasta (A TARDE, 2015). Serpa (2015b) mostra as limitações enfrentadas na atualidade pelas políticas de desenvolvimento territorial e cultural na Bahia, enfatizando o contingenciamento de recursos, a pequena descentralização de equipamentos e recursos e a fragilidade institucional dos municípios.

²⁹ Jorge Portugal é letrista, compositor, poeta e professor universitário. Atuou como professor de Língua Portuguesa em cursos pré-vestibulares e escolas soteropolitanos. Além disto é apresentador de programas educativos ligados à língua portuguesa, em rádios e TV de Salvador (<http://www.dicionariompb.com.br/jorge-portugal/biografia>). Assumiu o cargo de Secretário de Cultura do Estado da Bahia em 06/01/2015, no lugar de Albino Canelas Rubim que comandou a pasta de 2011 à 2014. Segundo discurso proferido na posse, o principal desafio de sua gestão é conseguir mais recursos para ampliar as iniciativas de descentralização de recurso, como os editais (G1 NOTÍCIAS, 2015).

CAPÍTULO III – LIMITES DO SERTÃO: QUANDO ENTRAMOS E SAÍMOS UM DO OUTRO

Com base nas discussões realizadas anteriormente, buscamos neste capítulo evidenciar se há existência ou inexistência de ligações diretas entre as identidades sertanejas dos agentes de cultura entrevistados e os Territórios de Identidade ao qual pertencem. Em seguida, pretendemos mostrar o sertão enquanto região, circunscrito e delimitado pelos entrevistados por meio do clima, da caatinga e da cultura, que se tornam elementos que auxiliam na criação dos significados de sertão (Capítulo 4). Por fim, buscamos realizar uma breve análise do transporte intermunicipal dos dois Territórios de Identidade para ressaltar a importância dos meios de transporte para o surgimento de uma região espaço-vivido. Isto por entender, que a região espaço-vivido só pode existir quando há conhecimento dos espaços-vividos na escala local que a constituem. Frémont (1980) ao construir suas argumentações sobre a região espaço-vivido traz como exemplo a região dos personagens do livro *Madame Bovary*, que só plausível pela possibilidade de transitar entre as diferentes localidades que a constituem.

3.1 IDENTIDADES SERTANEJAS E OS TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE DA BAHIA

Conforme discutido anteriormente, as identidades podem tanto emergir de processos de identificação espontâneos, nos quais os agentes escolhem defender e assumir uma identidade, vendo esta assimilação como algo positivo, quanto também podem ser fruto de imposições de outros agentes. Hall (2011) afirma que por muito tempo as identidades estiveram consolidadas a partir da relação das pessoas com seu local de nascimento, justamente pelo caráter de permanência das relações sociais no longo prazo. O autor traça um percurso da transformação das relações sociais e consequente transformação da identidade, o questionamento desta e as crises das identidades nacionais. Bauman (2005) faz o mesmo percurso. Porém, ele, ressalta que a identidade desejada só pode surgir quando o pertencimento – inquestionado a uma dada comunidade – ao local de nascimento ceder lugar a uma reflexão sobre a posição da pessoa no mundo, tornando-a então um agente de construção da sua própria identidade. Isto significa que

um agente que se identifique como sertanejo participou ativamente de um processo de decisão ou adequação de um conjunto de significações e símbolos que criam e representam esta identidade. Doutra sorte, a identidade se configura em uma imposição ou em pertencimento inquestionado, posto que “[...] perguntar ‘quem você é’ só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você mesmo; só se você tem uma escolha e só se o que você escolhe depende de você; ou seja, só se você tem de fazer alguma coisa para que a escolha seja ‘real’ e se sustente” (BAUMAN, 2005, p. 25), é a transposição conflitiva entre “o que se espera que eu seja” e o que “eu quero e posso ser”.

O autor evidencia que antes da Segunda Grande Guerra uma pesquisa foi feita na Polônia pelo governo para saber como os diferentes grupos étnicos viam sua nacionalidade, mas, para sua surpresa, muitos afirmavam não saber responder ou respondiam “somos daqui”, “pertencemos a este lugar”. Neste contexto, no qual a possibilidade de viajar e conhecer outros locais era restrita, há pequenas possibilidades de questionar e confrontar as experiências espaciais e sociais vividas com outras realidades. Este cenário modificou-se na Europa com a modernização dos transportes e com o fluxo constante de pessoas, possibilitado pelos acordos internacionais formados entre os diversos países do continente europeu. Contudo esta realidade ainda se faz presente em alguns locais da Bahia, onde muitas pessoas não tem a possibilidade de questionar sua identidade e se encontram na esfera do pertencimento a um dado município, identificando a sua identidade no local de nascimento. A ampla maioria dos entrevistados assumem como seu espaço-vivido primeiro o município, depois o sertão, nordestino, como região e somente então a Bahia enquanto estado.

A construção da identidade regional está muito relacionada à experiência dos lugares que compõem/comporão a região-vivência. A partir dessa consideração inicial é preciso ter em mente o processo de urbanização da Bahia³⁰. Em linhas gerais, a urbanização da Bahia aconteceu/acontece muito ligada ao desenvolvimento das linhas de transporte (SILVA; SILVA; LEÃO, 1989): as cidades que mais cresceram na Bahia, depois de Salvador, foram as cidades denominadas de “Boca do Sertão”, Feira de Santana, principalmente. Estas têm seu surgimento muito ligado aos caminhos feitos pelo gado e tiveram, em sua origem, grande importância agropecuária. Em seguida, passou a ocorrer um processo de concentração de serviços nestas

³⁰ Aqui não diríamos nem metropolização, pois há muita controvérsia se há ou não processos de metropolização em curso no estado da Bahia para além da Região Metropolitana de Salvador.

idades que, desde cedo, se tornaram centros comerciais de um amplo número de municípios/vilas menores e circunvizinhos. Neste contexto, a igreja também teve um papel fundamental, pois algumas cidades, como Vitória da Conquista, surgiram com finalidade religiosa (SILVA; SILVA; LEÃO, 1989). O importante é que, com a instalação das linhas férreas (que chegam apenas até a porção central do estado), aumenta a possibilidade de deslocamento das pessoas. Ora, para que haja criação de identidades coletivas, é preciso que haja principalmente a criação de uma história em comum; como se cria isso? Criando-se laços de dependência e de vizinhança. Cidades como Vitória da Conquista, Juazeiro, Ilhéus e Salvador passam a ser centros de visitação pelas mais diferentes razões. Com as visitas, surgem as histórias que se dão entre municípios, entre pessoas e lugares e pessoas e pessoas.

As histórias vão sendo contadas e com elas as relações sociais/espaciais vão tomando forma:

Eu nasci em Juazeiro, eu nasci em Juazeiro, eu tenho afinidades com... [pausa para pensar por 15 segundos] tenho afinidades com Juazeiro. Eu nasci aqui. A minha família é... então eu tenho essa... já viajei... meu pai viajava muito então eu já conhecia Uauá, Sento Sé, Campo Alegre de Lourdes, que é longe Campo Alegre de Lourdes, já está perto da fronteira do Piauí, já está perto do Parque da Serra da Capivara, já conhecia Remanso também, então... Pilão Arcado também... então eu te digo uma coisa, tenho afinidade com esses municípios já porque meu pai que é de Casa Nova, então vamos sempre em Casa Nova (SILVA, Alan, 2015).

Um lugar que eu tenho muita curiosidade de conhecer são os Andes, a Itália, por conta de meu avô ter saído de lá e tudo mais, mas sem antes conhecer o nordeste não. (BARTILOTTI, Miguel, 2015).

Um exemplo possível para a construção destas relações espaciais seria o de uma pessoa que ouve as histórias sendo contadas em casa sobre um dado município, despertando a vontade de visitá-lo: “meu pai era de Jequié e me contava histórias fantásticas sobre as brigas entre grupos políticos, mas hoje moramos em Salvador e sentimos vontade de conhecer, então fomos fazer uma visita”. Ai Jequié não é mais uma cidade qualquer, Jequié se tornou parte do meu mapa mental, cheio de lembranças e significados. Se as visitas são frequentes e relações começam a se estabelecer Jequié se torna parte do meu espaço-vivido, está na memória e pode ser lembrada tanto positiva quanto negativamente. Se positivamente, pode fazer parte da minha região espaço-vivido (claro, se houver ainda algum tipo de relação, se se tornar uma área de visitação constante). Caso contrário, Jequié é um limite para o estabelecimento da minha região, pois lá não me sinto bem. Surge, assim, a região de Jequié que é diferente da minha região, que exclui Jequié. Então, na alteridade se constituem as diferenças entre uma região e outra.

Como discutido anteriormente, a atual regionalização da Bahia tentou revelar identidades pré-existentes como uma forma de dar nexos cultural e histórico às ações do governo. Mas, as conversas com os agentes de cultura mostram que suas identidades não estão relacionadas aos Territórios de Identidade e, quando isto ocorre, as relações estabelecidas são mais de adaptação à normativa do estado do que fruto de sua participação e seus anseios. Hall (2011) afirma que há uma necessidade de haver uma história em comum para que as identidades possam ser construídas. Porém, o que os agentes de cultura ressaltam é justamente a desconsideração da história dos municípios na regionalização. Isto pode ser visto na fala abaixo que evidencia a desconsideração da Guerra de Canudos como um evento importante que funciona como um marcador identitário para as pessoas que moram nos municípios que estiveram no centro da guerra:

Eu acho que tinha que ter alguma coisa sobre Canudos. Sobre a Guerra de Canudos. Então envolver sei lá... os municípios mais próximos ou aqueles municípios que tiveram uma influência, uma participação na guerra de Canudos, como Euclides, Uauá, Monte Santo, Jeremoabo, o próprio Juazeiro, essas cidades que a gente chama aqui de co-irmãs. Então, poderiam formar destas cidades, um território de Canudos (da guerra), por que não? Eu acho que sim. Então, seria mais representativo para a gente, nos sentiríamos melhor, eu acredito nisso. Agora eu acho que se fosse para ser formado outro território, no qual nós de Canudos nos veríamos de fato nele, seria alguma coisa sobre Canudos: Território Canudos, Território da Guerra de Canudos, Os caminhos da trilha de Canudos, alguma coisa assim. Nesse sentido que fale de Canudos. Então, aí poderia pegar essas cidades que tiveram participação com a guerra (JESUS, Carlos de, 2015).

Por pertencer ao Território de Identidade Sertão do São Francisco Canudos e Uauá foram separados de Euclides da Cunha, Jeremoabo e outros municípios com os quais os vínculos são fortes. Outro elemento importante é que os entrevistados tanto de Uauá quanto de Canudos questionam “por que Canudos está no Território de Identidade Sertão do São Francisco, se estamos às margens do Rio Vaza Barris?”. Dentre os dez municípios que compõem o Território de Identidade, Canudos e Uauá são os únicos que não estão às margens do Rio São Francisco. Deste modo, eles afirmam que, se a regionalização é cultural, o Território do Sertão de Canudos seria um Território de Identidade importante para o estado, pois a guerra permitiu que muitos laços fossem construídos entre seus habitantes. Assim, nas falas abaixo duas perspectivas diferentes: a primeira evidencia o desconhecimento da realidade do Território de Identidade por parte do gestor da pasta da cultura de Casa Nova que afirma estarem os 10 municípios as margens

do rio São Francisco, enquanto as duas outras falas, de Maria Augusta Macedo e Josefa Irmã questionam o pertencimento de Canudos ao Território de Identidade Sertão do São Francisco.

Eu acho que faz jus ao nome Sertão do São Francisco, uma vez que os dez municípios que compõem o território estão às margens do rio São Francisco, então eu acho que está dentro do contexto (CORREIA, Luciano, 2015).

Mas a questão do território eu acho complicada... Por exemplo: Já Jeremoabo não faz parte do Território de Identidade do Sertão do São Francisco, só vai... Euclides da Cunha já fica fora, já não estava dentro... Essa questão do território eu tenho até vontade de entender melhor, porque tem essa divisão assim... não sei se já vem lá da base, não sei se a questão é as vezes até meio que interna que fica assim, porque fica meio que distante... Não era mais fácil, no caso, Jeremoabo, Euclides, Uauá, aí vai salta Euclides, salta Jeremoabo e pega Curaçá. Remanso, essas cidades todas aí... Sei lá, tem umas coisas assim que a gente se questiona, até onde é certo e errado... Mas tem resultado, né? (MACEDO, Maria Augusta, 2015).

Eu participei da reunião na qual fui informada que Canudos pertence ao território do São Francisco, agora não foi consultada, assim, a população, não... Já veio assim o pacote pronto. Inclusive veio uma representação lá do município de Juazeiro para informar que Canudos pertenceria. Agora acho também pela questão das representações sindicais daqui de pesca e de colônia de pescadores que tem uma ONG, o IRPAA, que é sediado em Juazeiro, que trabalha muito por aqui, aí acharam que talvez realmente tivesse essa identificação, nesse sentido, na área de agricultura, possa até se identificar mais, ter mais afinidade, pela represa, pela água, pela questão do São Francisco e o rio Vaza Barris, mas em se tratando de outras áreas, outros valores, nós não nos identificamos tanto não (IRMÃ, Josefa 2015).

Parece então que, para a delimitação do Território de Identidade Sertão do São Francisco, a história da criação do lago de Sobradinho e da barragem são mais fortes do que a história da Guerra de Canudos que foi completamente desconsiderada pelos idealizadores da regionalização. É compreensível que nem todas as cidades pudessem ser colocadas no mesmo Território de Identidade, haja vista que a Guerra de Canudos impactou muitos municípios. Ressaltamos que, para os entrevistados dos municípios que tiveram sua sede municipal inundada para a construção do lago de Sobradinho, este evento marca sua história e aproxima os municípios, mesmo que muitos deles estejam geograficamente distantes uns dos outros. Para os entrevistados destes municípios, o Território de Identidade praticamente corresponde a sua região, justamente pelas histórias e relações construídas com o tempo. Mas, esta região não se configura na lida cotidiana, e sim na relação da construção das identidades a partir de representações da realidade. Para entender essa proximidade, as distâncias não podem ser compreendidas segundo a lógica cartesiana, mas, como aponta Heidegger (2014), num processo de reconhecimento do ser-no-

mundo, fazendo descobrir as distâncias a partir do distanciamento, do intervalo medido e constatado no distanciar, tendo este distanciar sempre outros entes como referência. A proximidade neste Território de Identidade se dá pelo fluxo dos eventos na história e não pela interação entre as pessoas no presente. Isto pode ser visto nas falas abaixo que evidenciam uma proximidade cultural e histórica, mesmo com as consideráveis distâncias entre os municípios, devido à criação da barragem de Sobradinho.

Aqui pra mim é o rio São Francisco que nos dá essa identidade, mais precisamente do Vale do São Francisco, porque é aqui que nós temos as maiores áreas irrigadas, talvez seja do Norte/Nordeste. Então, esse é o meu ponto de vista, não sei os colegas (HIPÓLITO, Marismário, 2015).

O rio não subiu de uma vez, ele subiu quando começou [alguém chega e interrompe] aí dá para ver ainda a ideia do que era a cidade e tudo, caixas d'água da clínica e do SAAB que ali tudo fica debaixo d'água, se você olhar aqui ali, você não sente... O pessoal que sente mais, o pessoal mais velho que sente muito, que já morou ali e tal e tudo. Você olha assim, você vê um espelho d'água tão bonito que se maravilha tanto com a beleza daquela água ali, quando ele está cheio que você até... Mas quando baixo mesmo eu vou para lá, fico observando assim... É um sentimento diferenciado, não sei explicar não (DINIZ, Flávio, 2015).

A força das representações como instituintes do real (LEFEBVRE, 2006) bem como a ressalva de Haesbaert (2010) – que uma regionalização não é apenas um reconhecimento de uma realidade, mas também a instituição de realidades – podem ser identificadas aqui, pois é possível ver a força do Estado na institucionalização da regionalização por Territórios de Identidade, na medida em que a história levada em consideração para sua efetivação é escolhida pelas pessoas que estão no poder. Walter Benjamin (2012d) ressalta que usualmente a história oficial opta por favorecer os vencedores. Mendes (2009), por exemplo, mostra a importância da mídia para a consolidação de Vitória da Conquista como sertão, mas aqui ressaltamos que a mídia, muitas vezes, utiliza as informações disponibilizadas pelo governo ou por instituições de pesquisa, como o IBGE que, majoritariamente, adéquam suas pesquisas às diretrizes do governo. No tocante ao Território de Identidade Sertão Produtivo, não apareceram nas entrevistas nenhum conflito desta natureza, de confrontar a regionalização a partir de eventos históricos. Mas, ainda assim, os agentes do Sertão Produtivo evidenciam que sua região não corresponde ao Território de Identidade. É interessante mencionar que, apesar de alguns terem conhecimento da regionalização Território de Identidade, há, no meio destes, aqueles que relacionam a sua região às micro-regiões do estado da Bahia e não ao Território de Identidade. Este é o caso de José

Américo Amorim, poeta de Canudos:

É o seguinte. Porque é o seguinte: vamos aqui, vamos aqui... Somos o seguinte... Pega a Bahia aí... Eu gosto de ir na geografia da onda... Nós temos uma micro-região do estado, com 26 regiões do estado da Bahia... Canudos se localiza no sertão de Canudos, pode procurar, que engloba: Canudos, Pombal, Cícero Dantas, Uauá, Queimadas, Jeremoabo, Pombal, Coité, não sei o quê... Um bocado. Então, são uma faixa aí de mais de 20 cidades. Canudos é própria, as outras é que às vezes querem parecer um pouco, nós temos uma identidade própria, na formação, desde a sua origem, certo? Nós fomos aqui formados a base de Tapuias, índios Tapuias, com essa influencia grande, a mais bonita do país, na fertilidade das terras que margeiam o Rio Vaza Barris. E outra: outras identidades assim, bem próprias: é uma característica a nossa riqueza que é o vale do Vaza Barris, a nossa arara azul que é nossa riqueza, a nossa história. E se eu falasse para você assim que eu já me identifiquei com algum lugar dessas cidades que eu já visitei de todas elas assim, que eu entendo bem qual é o teor da pergunta, eu não me identifiquei com nenhuma semelhança... (AMORIM, José Américo, 2015).

No sentido das discussões de Bauman (2005), ao longo da análise das entrevistas, notamos que nos dois Territórios de Identidade o processo de identificação dos entrevistados ainda se encontra muito baseado na sua área de nascimento, não gerando oportunidade para a construção de identidades a partir do processo de reflexão. Alguns entrevistados, ao assumir sua identidade sertaneja, buscaram defendê-la e ressignificá-la, mas sempre frente a um outro não-baiano, não-nordestino ou, quando o são, não-litorâneos. Muitos vêem a “defesa” do sertão e do sertanejo como uma defesa contra o Sul e o Sudeste, colocando o sertão como sinônimo de Nordeste (HAESBAERT, 1997; ALBUQUERQUE JR., 2001). Nesta dimensão simbólica, Haesbaert (1997) afirma que as identidades territoriais e regionais atribuídas por determinados agentes sociais a outros pode servir como uma forma de controle simbólico sobre o espaço em que vivem. Esta incorporação de uma identidade sertaneja não refletida pode ser vista na fala abaixo de Ednaira Martins, agente cultural de Curaçá

É... Curaçá é o município. É a minha cidade, é a minha localização. Curaçá, que está dentro da Bahia, que está dentro do Sertão, do semiárido, que está dentro do Nordeste. Eu até... A gente veio assistir uma aula de uma professora e era tão engraçado como ela colocava a questão de como você se localiza... Ela pegou uma caixa maior que era o mundo, outra caixa menor que era seu país, outra caixa menor que era seu estado... A sua região, depois seu estado, depois sua cidade e assim você vai se localizando. Mas... Onde eu me localizo? No Brasil, no Nordeste, no estado da Bahia...(...) quer dizer, assim, perto de Curaçá eu viajo muito pouco... é Juazeiro, Petrolina, não tem nada a ver com Curaçá, principalmente em desenvolvimento econômico, e Curaçá é ainda uma cidade de não sei quantos anos, mais velha que Juazeiro, por exemplo, mas é um oco, pouco comércio, pouco desenvolvida... É assim muito pouco desenvolvida, para lhe dizer que eu chego num lugar e ‘isso me pertence...’, não consegui fazer essa relação não (risos), eu já viajei muito com os meninos do G-DECC nesse mundo afora, mas eu ainda não

tenho chegado em um lugar que diga ‘ah isso aqui é muito parecido com a nossa cidade’, não... a não ser o interior, que vai e diga que assim, no interior você se sente parte, porque ali no interior, Curaçá por mais que tenha a sede desenvolvida, assim, tenha todo o aparato de comércio, de bancos, de não sei o quê, mas ainda é uma cidade rural. Entendeu? Ainda é uma cidade rural, uma cidade subdesenvolvida. Ali quando você chega vizinho aqui... Juazeiro é vizinho a Curaçá, Juazeiro já tem uma expansão maior em população, de economia, tudo é muito, pelo menos é o que eu percebo, que tudo é bem mais fácil (MARTINS, Edinaira, 2015).

Diante disto, é compreensível a inexistência de um rebatimento político das identidades sertanejas dos agentes. O sertão enquanto região, para eles, extrapola os limites do Território de Identidade, assim como as suas identidades não correspondem ao Território de Identidade, sendo muitas vezes restritas a poucos municípios e localidades. Esta identidade sertaneja, apesar de estar em constante processo de transformação, tendo partes de si instituídas sempre no tempo presente, não pode ser considerada fora dos seus outros momentos constituintes – o passado – que faz parte do presente e o vir-a-ser destas identidades no futuro. Este caráter permanente de transformação da identidade regional é resultante das identidades sociais movimentadas pelos indivíduos (PENNA, 1992).

É importante ressaltar, ainda de acordo com as ideias de Bachelard (1998), sobre o caráter sempre aberto e fechado da linguagem. O autor argumenta que a linguagem se fecha pelo sentido que implica a algo, se abrindo através da sua transfiguração em expressão poética. Entendendo que o sentido não apenas chega como algo externo, mas como algo que se comunica profundamente com o homem que se apropria deste sentido e, então, o detém. Ora, o sentido, como discutido por Bachelard, não está presente apenas nas metáforas, mas também nos nomes e nas expressões literárias, mesmo que nestas não haja sempre a mesma possibilidade de abertura dada pela expressão poética. Neste sentido, como pode então uma região o sê-lo se o seu nome não comunica e não se abre para a imaginação, para as infinitas possibilidades do homem no espaço? As respostas dos agentes ao perguntarmos se eles concordam com o nome dos seus Territórios de Identidade, muitos revelaram não conhecer o porquê do nome e deparados com a pergunta pela primeira vez tentaram refletir e discorrer sobre as possíveis intencionalidades de sua escolha. Este foi o caso de Carlos de Jesus cuja fala lemos abaixo:

Quando se fala de São Francisco eu vejo mais voltado para aquelas comunidades, cidades mais... Ribeirinhas, digamos assim, que têm o rio São Francisco. Eu acredito que Canudos estaria mais para o Território de Identidade do Semiárido Nordeste II, até por estar mais próximo de Euclides, claro é divisão assim, mas eu acho que poderia estar incluso no território Nordeste II, eu não vejo muito voltado para o São Francisco, não

sei. Eu não sei como se divide isso, como é que se procede essa separação, mas eu acredito que está mais vinculado a Euclides, ao território Nordeste II (JESUS, Carlos de, 2015).

Pensamos que a não reflexão sobre o nome evidencia que o Território de Identidade não aparece em-relação com as pessoas e com a região. O nome aparece então dissociado, não sendo o Território de Identidade uma região repleta da ação da imaginação dos agentes de cultura. Esta região cheia de sentimentos, fonte de inspirações é o sertão. Região plena de expressão poética que por si só evoca imagens poéticas, lembranças e vontade de pensar o futuro. O sertão aparece então como espaço vivido dos agentes e em-relação com eles.

Assim, para muitos entrevistados a identidade sertaneja está relacionada às culturas sertanejas enquanto manifestação da vida cotidiana, do fazer cultural, historicamente construído por diferentes agentes, posto que as pessoas cotidianamente constroem suas trajetórias de vida. Deste modo, o ser/pertencer ao sertão está relacionado a viver-com o sertão.

3.2 O SERTÃO COMO REGIÃO

Claval (2004) alerta para a necessidade de o geógrafo ter um olhar treinado para revelar uma plêiade de perspectivas que a paisagem apresenta. O autor afirma que as análises dos geógrafos devem ser feitas ressaltando tanto o olhar vertical quanto os olhares oblíquos e horizontais de campo, de quando estamos na paisagem. Pensamos aqui que, independentemente da categoria geográfica priorizada num estudo, é sempre importante para o pesquisador trazer à baila a maior multiplicidade de olhares possíveis, justamente para que uma compreensão dos fenômenos que se dão no espaço possa ser feita revelando tantas aparições quanto forem possíveis do fenômeno.

Ao fazer aproximações entre a literatura e a geografia, Marandola Jr. (2010) traça uma conexão entre a narrativa literária e a experiência. Argumenta que a arte é uma das potências criadoras de mundo, constituindo-o e revelando-o simultaneamente. Nesta sua busca pela aproximação entre a arte de escrever e a geografia, o autor faz uma reflexão sobre a região e traz que esta é “[...] uma parte da experiência do mundo, e não apenas uma palavra com conteúdo científico. É necessário entendê-la enquanto essência: elemento que permite ao geográfico manifestar-se, revelando traços específicos da geograficidade, ou seja, da própria experiência do

mundo” (MARANDOLA JR, 2010, p. 26). Para tal, é preciso então conhecer a região a partir de dentro – o que Claval denominaria de olhar horizontal ou oblíquo – e de fora (a partir do distanciamento da região, de um olhar vertical sobre ela). Assim, se queremos ver o sertão como ele se constitui de um só golpe, precisamos nos voltar para os homens que o significam, o criam no cotidiano em suas obras, imaginações, para vê-lo por inteiro.

A região, então, para Marandola Jr., se revela para nós, não enquanto algo dado à espera da descoberta, mas como algo em-relação com o que somos, como parte da nossa geograficidade, no mostrar-se cheia de contradições e ambivalências. A região entra em-relação com aquele que busca conhecê-la e se revela num movimento dialético entre a amplidão e o confinamento; entre a compreensão e a apreensão da região em sua extensão; podendo ser moldada e permeada; sendo neste processo onipresente e finita, ou seja, limitada por características próprias que a tornam o que é; sendo região, é também constituída na relação terra-homem (MARANDOLA JR., 2010).

Então a região compreendida como parte de nós mesmos está relacionada a uma compreensão das relações entre exterior e interior e da imensidão íntima propostas por Bachelard (1998), podendo ser apreendida neste entreaberto humano para o qual as oposições entre o vasto e o concreto não são claras, pois “o exterior e o interior são ambos íntimos; estão sempre prontos a inverter-se a trocar sua hostilidade. Se há uma superfície-limite entre tal interior e tal exterior, essa superfície é dolorosa dos dois lados” (BACHELARD, 1998, p. 221). Assim, a região e o homem se tornam um, mesmo sendo dois.

Temos, então, a confirmação do que já foi comentado anteriormente, de que o Território de Identidade enquanto regionalização institucional não consegue abarcar as identidades regionais dos agentes, justamente por não considerar relações históricas no processo de regionalização, bem como por se tratar de uma regionalização institucional para o planejamento das ações do estado. Compreendemos então que o sertão não pode ser restrito ao Território de Identidade, mas o ultrapassa e amplia, sendo constituído e significado a todo tempo, tendo em vista que ele não respeita e valoriza o sertão da experiência das pessoas. No entanto, é preciso considerar que esse processo não pode ser visto de maneira ingênua, pois as compreensões sobre o sertão não se dão apenas pela experiência direta, por sua compreensão refletida por cada agente, mas está também relacionado às representações legitimadas e aceitas sobre o sertão. Isto, no entanto, não exclui a experiência direta, mas complexifica a compreensão do todo do sertão que se manifesta em sertões, tão distintos quanto aqueles que o habitam.

O sertão para se constituir enquanto região se encontra num movimento entre o material e o imaterial, a imaginação, as reflexões, as criações, as representações sobre o sertão. Então, na constituição dos limites do sertão são levantados pelos agentes os elementos da natureza – notadamente o clima e a vegetação de caatinga – e a cultura, a hospitalidade, a cordialidade, a força, a criatividade e as dificuldades enfrentadas pelos sertanejos. Combinação esta que constitui a criação da imagem regional (FRÉMONT, 1980). Mas, este sertão-região dos entrevistados não aparece com limites específicos, sendo gerado não apenas pela experiência direta, pela confrontação entre os olhares verticais, oblíquos e horizontais como deve ser o olhar treinado do geógrafo, havendo, pois, a substituição do olhar vertical por representações e imaginações sobre o sertão. Apesar do sertão se realizar no espaço vivido, ele se abre para a vastidão. Esta abertura do sertão para a vastidão pode ser identificada nas falas abaixo:

Sertão, nessa questão territorial, eu não sei dizer para você, onde termina e onde começa porque... Eu acho que é uma questão mais de... Talvez seja dos topônimos, eu não sei... É uma questão assim mais para quem está mais voltada para a geografia, essas questões territoriais todas... É uma questão de território. Então eu não sei dizer exatamente onde começa e onde termina. Onde é sertão e onde não é (...) eu sou sertanejo. Eu moro no sertão, então a minha região é essa. Eu digo com todo orgulho, sou sertanejo, resido no sertão, sou parte do sertão. Então... E as minhas manifestações artísticas e pessoais também representam bastante isso, então me identificam (JESUS, Carlos de, 2015).

Ah, isso aí é fácil! Isso é fácil da gota porque repare: se você se deslocar daqui para Salvador, quando você chegar ali próximo de Feira de Santana, você sente a mudança. A mudança em que: na temperatura nem tanto, mas você vê a vegetação, o solo. As características mudam e até certo ponto pela proximidade que tem com o litoral, Feira de Santana é o portão de entrada do sertão, na verdade, é tanto que é chamada de a Princesa do Sertão, mas você pode ver que o clima de Feira de Santana não é um clima totalmente sertanejo, ela tem um clima úmido, um pouco de umidade, ela ainda absorve um pouco da umidade marinha, quando você desce, desce não, ao contrário, quando você sobe, depois de Santa Bárbara, aí é que você começa a ver as características radicalmente mudando: você está subindo, você vê o clima seco, sem umidade e você vê a vegetação e você vê solo mudando, as características são bem próprias. É, tanto para nós aqui, que somos nativos, que vivemos aqui e tal e tal, quando vamos nos deslocando para o litoral, o ponto que vai saindo do sertão, você vai pegando outro clima, você percebe, é bem nítido, como vocês também que moram no litoral, quando vocês sobem para o sertão, vocês percebem uma mudança de clima. Primeiro, quando você vai respirar, já muda. Primeiro passo é a respiração. Então, tem todo esse sistema. A diferença está a partir do momento que você vai se deslocando, você vai sentindo aquela... Solo, vegetação... (AMORIM, José Américo, 2015).

O sentimento de resistência, até de brasilidade, mesmo, porque aqui é onde você encontra a pureza das pessoas, você chega numa casa, pode nunca ter visto a pessoa, nunca bateu no batente, bateu na porta dele, de repente, você chega e ele abre a porta, lhe dá cama, essa coisa da hospitalidade sertaneja, que é uma coisa forte, que cativa todos nós (SENA, Gildemar, 2015).

É interessante ressaltar que muitos entrevistados quando questionados sobre “qual a sua região?”, sobre os municípios com quem eles mantêm relações culturais, apresentam respostas que muitas vezes apontam para o local de nascimento ou de moradia – quando o entrevistado não nasce no local, mas se apropria deste – evidenciando pouco conhecimento do entorno e do país, confirmando que muitas destas pessoas não têm contato, e quando o têm, é pouco, com pessoas que vivem realidades sócio-espaciais distintas³¹. A região aparece, então, para alguns, como o Nordeste e como a área próxima do município de origem, ressaltando mais uma vez o caráter de identidades não questionadas e fortemente ligadas ao local de nascimento (BAUMAN, 2005), revelando que os processos de aprofundamento da modernidade, da fluidificação das identidades a partir dos interesses individuais, do fim da experiência coletiva – que norteia a narração e que baseia as tradições da oralidade (BENJAMIN, 2006; 2012a; 2012b; 2012c; 2012d) – ainda não se efetivaram por inteiro.

Para compreender este sertão que se revela enquanto região é preciso que sejam considerados tanto os aspectos materiais apropriados pelos agentes para significação, bem como os aspectos imateriais concernentes ao simbólico, ao cultural. Isto significa que, mesmo discordando da abordagem fisiográfica para o sertão, compreendendo que o sertão em suas múltiplas significações a supera, a base material do espaço destes sertanejos não pode ser esquecida, mas abordada em sua complexidade, pois o homem enquanto ser espacial por natureza não pode ser desprovido de sua espacialidade. No caso do sertão, os entrevistados veem de dentro, mas não se distanciam para ver de fora. Este conhecimento de dentro e de fora demanda um grande esforço porque é preciso de tempo e dedicação para alcançá-lo. “[...] é preciso envolver-se. Assim, a amplidão do deserto está ligada a um forte enraizamento, uma identidade que o torna ele mesmo” (MARANDOLA JR, 2010, p. 29).

Assim, apesar de o referencial de construção das imagens regionais dos agentes entrevistados se dar na escala local, os sentidos que o sertão assume extrapolam o local para criar o regional (a partir da abstração, de identificação com obras de outros artistas) que não tem limites bem delineados dentro da Bahia, se amplificando às áreas semiáridas de outros estados nordestinos. Imaginar sertões fora do Nordeste só é possível se essas áreas encontram similaridades com a realidade vivida pelos agentes, no compartilhar dos mesmos problemas

³¹ Mesmo considerando que, num dado local, diferentes pessoas vivem diferentes realidades sociais, estamos nos referindo aqui à possibilidade de encontro e confronto das realidades cotidianas destas pessoas com realidades distintas.

sociais e de aspectos do clima. Então, se o sertão se mostra sem uma espacialidade específica, ele se torna um construto teórico/social dissociado da realidade, imerso no mundo das representações. Tudo e nada se transforma em sertão, que se torna um ente mitológico e que abre espaço para a permanência dos mitos. O sertão enquanto região se constitui assim no momento de sua reflexão em-relação com ele, sendo reconstruído a todo tempo, aparecendo à consciência como num relampejar e se consolidando na memória.

O interessante da fala de Wilson Mota, abaixo, é que apesar de sua compreensão do sertão estar calcada no estereótipo, caracterizando-o como área subdesenvolvida, o seu sertão extrapola qualquer recorte específico e transborda para sua compreensão do Brasil. Deste modo, seu entendimento do sertão não está calcado no clima, mas em aspectos sociais.

Eu acho que sim. Eu acho que pode sim, pode ter sertão fora do nordeste porque eu me sinto um sertanejo, eu me sinto sertanejo trabalhador, com vontade de trabalhar, com vontade de demonstrar a minha sabedoria, o meu conhecimento, e eu sei que meu povo, quando eu digo meu povo são as pessoas que eu convivo, que eu, né, no dia a dia, entendeu? Acho que sente isso também, como eu, com a vontade, com aquela vontade de fazer, de demonstrar, sem apoio, sem a oportunidade. Então eu acho que não só aqui na nossa cidade, não só aqui no nosso município é sertão. Eu acho sim que existe sertão fora do nordeste, eu acho que a Bahia é um sertão, e eu acho que o Brasil é um sertão também, porque o Brasil ainda falta muita coisa para se desenvolver, e as pessoas agem lá em cima com pessoas sertanejas, pessoas sem capacidade, pessoas que querem acabar com o Brasil, pessoas que querem destruir o Brasil, pessoas que não têm conhecimento. E eu acho assim, que essa pergunta poderia ser feita de forma... Se existe sertão fora do Brasil, porque eu acho que o Brasil ainda tá bem lá em baixo, ainda precisa se desenvolver bastante porque as pessoas não conseguiram ainda escolher uma pessoa que não seria... A pessoa certa, pra poder ajudar o sertanejo e tirar o Brasil de ser sertanejo. Eu acho que o Brasil é sertanejo mas não sabe cultivar aquilo, e não sabe preservar e não sabe desenvolver o trabalho do seu próprio sertão (MOTA, Wilson, 2015).

Principalmente a vegetação. Principalmente a vegetação, não é? Engraçado que a nossa, que essa vegetação parece assim, a gente diz sempre assim que a chuva, quando a chuva cai a chuva lava porque ontem, o que tava seco ontem está verde, então a gente conhece, pelo menos eu conheço, principalmente pela vegetação, é uma coisa pra mim que é muito marcante. É o tipo de árvore, é o tipo de, de altura dessas árvores, como elas nascem, como elas se ajuntam, como elas se espalham. Acho que é basicamente isso, a gente... Eu consigo perceber isso. (CARVALHO, Sebastião, 2015).

Se consideramos o sertão, os sertões, em sua grande diversidade, assumimos que ele é espaciais e como tal, devem ser capazes de ser localizados, ainda que não com a acurácia da cartografia. Se o sertão se desloca da realidade espacial, ele se torna um mito ou uma invenção que não tenha nenhum rebatimento na realidade. O sertão enquanto região deve ser permanentemente revelado, evidenciando como ele aparece e para quais agentes ele aparece e por

meio de quais aspectos se torna sertão e é identificado como tal, pois o sertão se transforma com a passagem do tempo, não existindo separadamente dos agentes que o significam (ARRUDA, 2000).

3.3 POSSIBILIDADES DO ENCONTRO: TRANSPORTE E VIAGEM NOS TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE SERTÃO DO SÃO FRANCISCO E SERTÃO PRODUTIVO

Frémont (1980) evidencia que uma região é uma estrutura constituída na combinação de relações, entre os elementos da sociedade e da natureza, que caracterizam uma parcela do espaço, configurando-se em uma combinação regional específica. Estas inter-relações se transformam com o tempo, conseqüentemente modificando o conjunto das relações que operam na combinação regional. Ressaltamos que essas inter-relações estão presentes em todas as escalas geográficas e o que torna a região particular é o seu caráter imagético. A região como espaço vivido proposta por Frémont aparece como uma imagem regional, por ser o resultado da experiência cotidiana das pessoas com o espaço, apresentando uma coerência simbólica e material que é apropriada pelos seus habitantes, aceita ou rejeitada, prenhe de conflitos e que se torna o “[...] o elo psicológico do homem com o espaço, sem o qual a região seria apenas a adaptação de um grupo a um meio, ou um encontro de interesses num espaço dado” (FRÉMONT, 1980, p. 109). Longe da ingenuidade, o autor mostra que estas imagens regionais não são isentas dos processos de alienação e aculturação que influem na configuração desta imagem que se forja da/na região, pois o homem tem uma posição ativa, de agente no espaço.

A região proposta por Frémont é uma região que se forma na própria construção de um espaço vivido e social que estão intrinsecamente relacionados à imagem regional. Ressaltamos que, apesar desta intrínseca relação, eles não são equivalentes. O espaço social não contempla o espaço vivido em sua inteireza, pois, como apontam Carvalho e Serpa (2015)

O espaço social se transmuta em vivido quando ele não for apenas local destinado ao trabalho ou a simples funções de qualquer outro tipo. É a alma que promove essa transcendência do (espaço) social ao (espaço) vivido: a alma seria a particularidade do conteúdo espacial (no Recôncavo, por exemplo, o samba de roda) e o sentimento que transforma o espaço em lugar [...] (CARVALHO; SERPA, 2015, p. 238-239).

Deste modo, as regiões não são mais tratadas como objetos empiricamente ou idealmente

determinados, mas como realidades constituídas e reconstituídas pela percepção dos que habitam o espaço, em-relação com ele, significando-o e sendo significado por ele, num processo de constante transformação. O fenômeno regional, então, enquanto articulação entre o mundo com suas objetividades e subjetividades, se revela a partir da percepção do regional. É interessante afirmar que o regional aqui também aparece como espaço intermediário, sendo o ponto de equilíbrio entre a ordem dos “grandes espaços” (nações e civilizações) e o “lugar” (FRÉMONT, 1980).

Mas, Frémont lembra que a região tem um alcance espacial específico, sendo configurada como “o conjunto dos lugares aonde o homem pode ir e vir em menos de um dia, quer dizer, sem dormir fora de casa, quer dizer ainda sem fazer reservas, portanto planos com antecedência... a região existe na medida em que não há controle legal da sua passagem” (FRÉMONT, 1980, p. 31), pois a região “[...] conduz para lá do cotidiano e do familiar, mas sem controle exterior nem sentimento de insegurança; detém-se nos limites do excepcional, da aventura” (FRÉMONT, 1980, p. 31). Assim, a possibilidade de existência da região está intrinsecamente relacionada com a possibilidade de locomoção facilitada entre localidades permitindo ao mesmo tempo a troca de experiências e a construção de laços de familiaridade. Isso decorre dos processos de identificação, bem como de reconhecimento dos limites regionais a partir do estranhamento e do reconhecimento do outro nas suas diferenças.

Não podemos, no entanto, proceder a uma discussão sobre as possibilidades de locomoção entre os municípios componentes dos dois Territórios de Identidade sem destacarmos a importância das ideias de Heidegger (2014) para a compreensão do fenômeno regional a partir da relativização da distância e da proximidade. Saramago (2012) evidencia que “o sentido de *proximidade* – ou o desejo de suprimir distâncias – é, para Heidegger, o traço mais fundamental da espacialidade humana” (SARAMAGO, 2012, p. 198, grifo da autora), pois com ela emerge o direcionamento, a orientação das nossas ações e das nossas locomoções no espaço. Mas, para Heidegger, o aproximar-se de algo só se torna possível no processo de distanciamento intencional, em-se-distanciando de algo. Consideramos, então, que os agentes de cultura habitam o espaço e que, no próprio processo de reconhecimento de sua humanidade, reconhecem sua realidade espacial, a necessidade de “ser-junto” com o mundo. O distanciamento proposto por Heidegger é existencial, posto que só há a possibilidade de reconhecer as diferenças entre “eu” e o “outro” a partir de um processo consciente de diferenciação entre nós e os mundos que

instituímos em nossa jornada existencial. Considerando, então, a existencialidade do distanciar e, conseqüentemente, do aproximar – posto que a aproximação se dá no distanciar – fica nítido que essa relação aproximar/distanciar não se limita a critérios geométricos mensuráveis, mas sim a possibilidades de direcionamento das ações e locomoções humanas.

A presença, este estado de ser-no-mundo, se norteia pelo uso e pela ocupação. O mundo se abre para a presença por meio dos entes intramundanos, da lida cotidiana. A presença é mundana, pois ela é no mundo e constitui um mundo circundante ao mesmo tempo em que se constitui. Assim, a referencialidade e os sinais à mão são instrumentos de direcionamento da existência. A compreensão das distâncias é possível apenas em-relação a distanciamentos em que a presença cotidiana se mantém. Além disto, a proximidade a algo só existe se houver possibilidade de acesso àquilo que nos aproximamos, pois a proximidade, para Heidegger, e assimilado por Saramago (2012), é sempre direcionada e definida pelo

[...] *distanciamento* (o distanciar, o compreendido como a possibilidade de aproximação ou de anulação de distâncias pelo ser-no-mundo), *região* (definida por Heidegger como a ‘constelação dentro da qual uma coisa particular, de um certo ambiente, pode mover-se’) e *orientação* (ou o ‘para onde’ que norteia toda atividade humana) – geram um sentido de *proximidade direcionada*, que irá determinar tanto o sentido de lugar relativo aos objetos quanto ao próprio homem (SARAMAGO, 2012, p. 199, grifos da autora).

Para Heidegger (2014) é a orientação regional que constitui o circundante e “[...] todos os onde são descobertos e interpretados na circunvisão, através das passagens e caminhos do modo de lidar cotidiano” (HEIDEGGER, 2014, p. 156). O autor ressalta que as regiões não são formadas por elementos dados em conjunto, mas pelo fato de estarem à mão numa ampla gama de lugares específicos, podendo ser encontrados. Ainda sobre sua compreensão de região, o autor mostra que “a região do lugar, muitas vezes, torna-se explicitamente acessível como tal pela primeira vez quando alguma coisa não se encontra no seu lugar” (HEIDEGGER, 2014, p. 157). Saramago (2012), sobre estas ideias de Heidegger (2014), afirma que as

Regiões se revelam em seus diversos lugares, mas, em termos mais amplos, se articulam entre si, determinando-se também por outras regiões já pré-existentes que, por sua vez, podem sofrer modificações em suas determinações originais em função da ocupação. A ocupação humana no trabalho leva, portanto, às configurações de regiões e lugares do entorno do mundo, bem como à sua rede de encontro, basicamente ao tornar presentes para nós aquilo que está ao alcance direto das mãos: as coisas, instrumentos e utensílios que nos cercam cotidianamente (SARAMAGO, 2012, p. 200-201).

Assim, temos que a espacialidade das coisas é dada pelo distanciamento existencial, que permite que nos posicionemos reflexivamente sobre nossa existência e sobre nossas posições no mundo circundante. É o ocupar-se do mundo que baliza as noções de distância entre lugares.

Heidegger (2014) subverte as ideias de distância e proximidade cartesianas quando afirma que tudo o que é próximo precisa estar à mão, pois mesmo que algo esteja ao meu lado, se não me for acessível, não me é próximo; ao mesmo tempo em que algo que está longe, desde que o acesso seja facilitado, me é mais próxima do que aquilo a que não tive acesso. O autor evidencia que há uma tendência de considerar este processo como subjetivo (num sentido negativo), mas ressalta que esta subjetividade pode permitir compreender mais da realidade do mundo que não está relacionada a arbitrariedades subjetivas ou apreensões subjetivistas das coisas, pois “o que se pretende ‘mais próximo’ não é, de forma alguma, o que tem menor ‘intervalo de nós’” (HEIDEGGER, 2014, p. 160). Isso supõe que este “intervalo de nós” é considerado desde a ocupação e do acesso possíveis. A compreensão desta diferença por parte dos entrevistados pode ser apreendida nas falas abaixo:

A carência de informações do que se passa, talvez até próximo, são um próximo que se torna distante por não ter aquela acessibilidade, como ir, como estar, como participar (SILVA, Jeová, 2015).

E existem essas dificuldades de comunicação, que se fosse no território aqui, onde é sediado em Feira, fosse melhor para nós. Por várias... Porque tudo... Juazeiro é uma dificuldade, aqui já seria em linha direta para Feira de Santana. É mais distante, mas facilita mais (IRMÃ, Josefa, 2015).

Você sabe quanto é o transporte aqui pra você ir pra Livramento? R\$ 5,00. Van: cinco reais pra ir. Se eu for em Livramento eu gasto 10 reais. Nós temos uma estradinha maravilhosa chamada Estrada Real, que é calçada. Eu, por exemplo, só vou pela Estrada Real quando tô sem carro. Chega lá no meio do caminho eu pego uma moto, pego uma carona, às vezes pego carona aqui também descendo, mas é muito caro! Imagina uma pessoa que vai trabalhar? Ela gasta 200 reais só em transportes, só em transportes, então assim, elas são cidades próximas, mas não se avizinham não, elas não são tão amigas não. Quando eu cheguei aqui as pessoas disseram assim: olha, não compre lá em Livramento não. Isso é muito ruim porque são muito próximas, e se houvesse essa política de proximidade eu tenho impressão que a gente ia ganhar muito com isso, mas... (BARTIOTTI, Miguel, 2015).

Está bem melhor... Pra você ir pra Juazeiro, agora vai ter asfalto, daqui a seis meses ou mais total, já fica melhor, daqui para Euclides da Cunha são uns 100 km, você vai em hora e daqui para Juazeiro é um pouco mais e Canudos fica muito mais longe. (...) Você ir desmembrando... porque tem... esses territórios aí do São Francisco são muito grandes, a distância de um pro outro. Daqui para... Se você pegar de Canudos pra Campo

Alegre de Lourdes, são quantos quilômetros? Aí fica muito pesado para o coordenador disso, para andar... (...) Não, não tem ligação nenhuma. Justamente porque é muito longe, não é? (GUIMARÃES, Pedro, 2015).

Então, poderiam ver essas cidades que sim, talvez uma seja um pouco mais distante que a outra, mas tudo bem, mas tem cidades dentro do território que fica a seis ou oito horas de deslocamento de uma para outra “e isso não é distante?” É. (JESUS, Carlos de, 2015).

Curaçá é meio distante, assim, não geograficamente, distante porque quase não tem essa ligação, essa ligação e tal, mas Curaçá também tem um movimento cultural bastante significativo, tem pessoas envolvidas que também tira dinheiro do bolso, não espera o Poder Público, os cara bota dinheiro do bolso para promover cultura, você está entendendo? (SENA, Gildemar, 2015).

Até a própria história, das cidades vizinhas a Juazeiro... Porque o Juazeiro em si, aquela região de Juazeiro, eu... eu acho ela muito pernambucana ainda. Sabe aquela divisão dela com Petrolina, e aquelas cidades que fica entre... para você ter uma ideia, está numa cidade que é Pernambuco... você sai de Cabrobó você passa pela Bahia duas vezes para chegar em Pernambuco de novo. Então assim, lá a ligação com aqui é muito distante, é muito pior mesmo (OLIVEIRA, José Alex, 2015).

José Américo: e ao mesmo tempo, é mais perto né... (AMORIM, José Américo, 2015)

A partir desta compreensão veremos agora quais as possibilidades de locomoção entre os municípios dos dois Territórios de Identidade e com municípios dos Territórios de Identidade vizinhos no intuito de visualizar se o Território de Identidade pode ser considerado uma região conforme as ideias de Frémont (1980) e Heidegger (2014). Isto porque entendemos que a facilidade de locomoção permite criar a vivência regional nos termos de Frémont e permite também o distaciamento e a possibilidade de reflexão sobre as nossas posições no mundo.

Inicialmente, discutiremos sobre os modais para acesso às sedes municipais e distritos dos municípios. Conforme a figura 9, podemos identificar as principais rodovias que atravessam o Território de Identidade Sertão do São Francisco (BR 235, BR 407 e BR 116 – todas pavimentadas) bem como a condição das demais rodovias, que evidenciam as limitações de locomoção entre os municípios. Há trechos de rodovias não pavimentadas e em leito natural nas áreas limítrofes, ao oeste do Território de Identidade e nas conexões entre Campo Alegre de Lourdes e Pilão Arcado, assim como nas conexões a Leste entre os municípios de Uauá-Juazeiro; Uauá-Canudos e no trecho Uauá-Curaçá.

As principais ligações possíveis via transporte terrestre se encontram às margens do Rio São Francisco, da barragem de Sobradinho e nas proximidades de Juazeiro, o que reforça a centralidade exercida pelo município. Em campo, averiguamos a possibilidade do transporte fluvial no rio São Francisco, porém, não conseguimos informações sobre todos os municípios,

apenas nos confirmaram dos trajetos realizados por barcos entre Remanso e Sento Sé (DINIZ, 2015): o trajeto é realizado em aproximadamente três horas e os horários são restritos devido a possíveis acidentes ocasionados pela mudanças na correnteza do rio, por isso os responsáveis pelo transporte só realizam as viagens em horários específicos. Esta relativa proximidade entre os municípios, cujo rio é o próprio limite entre eles, se transforma em uma viagem de 4 horas e 43 min aproximadamente de carro (Apêndice 4.1) e na impossibilidade de locomoção de ônibus pela inexistência de linhas que realizem o trajeto (figura 10).

Conforme visto nos mapas distribuídos ao longo desta dissertação, o Lago de Sobradinho ganha um grande destaque visual no Território de Identidade e, como discutido no tópico 3.1, a construção da barragem de Sobradinho marcou a história dos municípios afetados por sua criação, conformando laços entre os municípios. O município de Sobradinho, por exemplo, foi criado como um acampamento de trabalhadores envolvidos na construção da barragem. Este evento ganhou tamanha importância que é mencionado na música³² e na cultura popular em geral. Os laços criados são tão fortes que, apesar da dificuldade de acesso causada por um transporte ineficiente e escasso, com uma infraestrutura que precisa ser aprimorada para possibilitar o fácil acesso e a locomoção entre os diversos municípios, não houve o enfraquecimento dos vínculos criados naquele momento, havendo proximidade entre as manifestações culturais dos municípios envolvidos.

Viagens que poderiam ser realizadas em curto período de tempo, com a existência de estruturas como pontes, embarcações rápidas e ferrovias se tornam longas e exaustivas de carro e mesmo impossível por outros meios pela ausência de linhas de ônibus entre os municípios. Assim, se um agente de cultura tem um evento para realizar em um município que não tem transporte coletivo e ele não possui carro, ele fica impedido de comparecer ao evento a não ser que consiga um patrocínio ou uma carona.

O caso de Campo Alegre de Lourdes é emblemático: o município possui apenas uma ligação composta por uma rodovia em parte não pavimentada e em parte leito natural; o município não tem linhas de ônibus para nenhum município do Território de Identidade (Figura 10), nem para os municípios de outros Territórios de Identidade vizinhos; a única ligação possível é com o município de Feira de Santana, com a existências de 6 linhas semanais, o que implica em

³² A música “Sobradinho” gravada por Sá e Guarabyra (1977), e composta por Luiz Carlos Sá e Guarabyra, descreve os sentimentos dos habitantes dos municípios afetados pela construção da barragem.

um ônibus por dia e na ausência de ônibus em um dia da semana (quadro 7). Para municípios próximos geograficamente, como Sento Sé, a viagem de carro implica em percorrer 445Km em 6 horas e 18 minutos de viagem e, para Canudos (que geograficamente deveria estar muito mais distante), a viagem dura 7h e 34min, num percurso de 556km. Olhando a quilometragem temos a ilusão de que a disparidade entre as distâncias dos municípios não é tão grande, mas, ao olhar o mapa, percebemos que, cartesianamente, Sento Sé é um município “vizinho” enquanto Canudos se encontra no outro oposto do Território de Identidade.

Dos 48 trechos possíveis³³ entre os municípios do Território de Identidade Sertão do São Francisco 15 apresentam tempo de viagem superior a 4 horas e apenas 9 trechos estão com a estimativa de tempo inferior a 2 horas. Os demais têm entre 2 horas e 4 horas de viagem. O tempo de viagem corresponde, muitas vezes, à duração de viagens internacionais em países menos extensos, no continente europeu, e também a viagens interestaduais, no Brasil, bem como entre municípios em diferentes Territórios de Identidade na Bahia.

Quadro 7. Frequência Semanal de Ônibus dos Municípios do Território de Identidade Sertão do São Francisco destinados a Feira de Santana e Salvador

Frequência Semanal de Ônibus		
Municípios	Feira de Santana	Salvador
Campo Alegre de Lourdes	6	0
Curaçá	1	1
Juazeiro	84	83
Pilao Arcado	14	14
Sobradinho	7	7
Uauá	6	6

Fonte: BAHIA, 2015
Elaboração própria

Na figura 10 visualiza-se a distribuição das linhas de ônibus entre os municípios do Território de Identidade Sertão do São Francisco: há poucas linhas de ônibus e que não operam

³³ Para estabelecer os trechos entre os municípios foi utilizada a fórmula de Arranjo sem repetição para calcular a quantidade de ligações possíveis entre os municípios do Território de Identidade. A mesma fórmula foi utilizada para o Território de Identidade Sertão Produtivo, resultando em 172 possibilidades de combinação entre os municípios. Os quadros completos discriminando os trechos, a distância em km, o tempo estimado de viagem de carro e a rota utilizada estão disponíveis no Apêndice 4.1 e 4.2. Ressaltamos que o tempo estimado de viagem se baseou em informações de campo e no cálculo realizado pelo Google Maps que considera o tipo de rodovia, o limite de velocidade da via, as experiências de usuários do Google Maps e informações em tempo real quando disponíveis (FRAGA, 2014; RUSSEL; 2013).

entre todos os municípios, quando muito 2 por dia, à exceção do trecho Juazeiro-Sobradinho, que apresenta 180 linhas semanais, num total diário de aproximadamente 26 horários de ônibus para percorrer 48km. Juazeiro é o município que concentra a maior quantidade de ligações intermunicipais, seis no total (Sobradinho, Canudos, Sento Sé, Pilão Arcado, Curaçá e Uauá). Há linhas também nos trechos Canudos-Uauá, Remanso-Casa Nova e Pilão Arcado-Remanso. Sete empresas fazem o transporte entre os municípios, com o predomínio da Falcão Real, duas outras empresas possuem apenas uma linha (Marte e Joafra). Das trinta linhas disponíveis, apenas quatro não são comerciais e podem oferecer maior conforto para os passageiros (BAHIA, 2015)³⁴. Durante a semana, algumas linhas realizam apenas um trecho, impossibilitando a ida e volta no mesmo dia.

Semelhante situação foi identificada por Silva (2015) para o Território de Identidade de Vitória da Conquista, pois lá há também municípios geograficamente próximos que não possuem linhas de ônibus para Vitória da Conquista, a exemplo de Ribeirão do Largo, Encruzilhada, Caraíbas e Licínio de Almeida. Outros municípios não apresentam frequência diária de ônibus ou transporte alternativo.

Em razão das poucas linhas existentes, os ônibus que fazem os percursos são impelidos a parar em distritos, povoados e até em fazendas para atender a esta população e possibilitar alguma mobilidade a estas pessoas, aumentando em muito o tempo de viagem e tornando o trajeto deveras cansativo. Apesar de não termos utilizado o transporte coletivo neste campo, temos experiência de viagens em ônibus popularmente conhecidos como “Pinga-pinga” ou “Parador”, ônibus comerciais sem ar-condicionado e que permitem uma experiência peculiar do trajeto. No caso do Portal do Sertão, Vaz (2013) descreve as dificuldades enfrentadas para a realização de trabalhos de campo:

a) existem poucas linhas e poucas empresas que fazem o transporte, de caráter regular entre os municípios; b) devido às inúmeras paradas, a viagem se torna longa e cansativa, atingindo até 5 horas de duração; c) questiona-se ainda a inexistência de uma empresa que faça o transporte por todas as cidades do Território de Identidade, recorte desta pesquisa. A análise destas três características evidencia uma dificuldade de articulação entre os diversos grupos culturais do Território de Identidade do Portal do Sertão, uma vez que se tornam dependentes de meios de transporte próprios ou não regulamentados, o que é o caso dos “ligeirinhos”, carros pequenos que cobram o preço de uma passagem

³⁴ Os dados referentes às empresas de ônibus que realizam os trajetos entre os municípios bem como as informações sobre cada linha que atende a uma dada localidade estão disponíveis na página da Agência Estadual de Regulação de Serviços Públicos de Energia, Transportes e Comunicações da Bahia (AGERBA) através da Consulta ao Sistema de Transporte Intermunicipal de Passageiros.

de ônibus por passageiro, mas que podem não ser seguros, tampouco disponíveis, não há a “certeza” das linhas como no transporte regular (VAZ, 2013, p. 31).

Silva (2015) evidencia os mesmos problemas para o Território de identidade de Vitória da Conquista, pois muitos trajetos que deveriam ser rápidos são muito demorados, inclusive com pausas de 20 minutos na sede de um distrito. Isso ocorre, inclusive, com a escolha de trajetos mais longos, mas com melhores condições de rodagem, mais uma vez mostrando a relevância das ideias de Heidegger (2014) para a compreensão das distâncias. Além disto, ressaltamos que a própria AGERBA, em sua página da internet, alerta para os possíveis problemas do transporte irregular de passageiros, solicitando a denúncia deste tipo de atividade.

Sobre a articulação dos municípios do Território de Identidade Sertão do São Francisco com municípios de Territórios vizinhos (figura 11) identificamos conexões com dois Territórios de Identidade: o Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru e o Território Semiárido Nordeste II. Uauá e Canudos apresentam linhas de ônibus para Euclides da Cunha e Jeremoabo, o que reforça os laços históricos entre essas cidades, como mencionado pelos entrevistados (JESUS, 2015; IRMÃ, OLIVEIRA, AMORIM, 2015; MACEDO, 2015) e há também linhas de ônibus entre Canudos e Uauá e Jaguarari. Sento Sé, Casa Nova, Remanso e Campo Alegre de Lourdes não têm conexões com municípios de Territórios de Identidades vizinhos. Juazeiro, Sobradinho e Curaçá têm linhas de ônibus para Senhor do Bonfim, Campo Formoso e Jaguarari. Entre Juazeiro e Senhor do Bonfim há 124 linhas de ônibus por semana o que se configura em aproximadamente 18 horários por dia.

Neste contexto, não pode haver região, porque não há distanciamento, infraestrutura para criar distanciamento, para criar o “para onde”, a orientação do deslocamento. Se eu não vivo, me contam qual é a minha região: a região é encontrada quando nos distanciamos dos locais de proximidade.

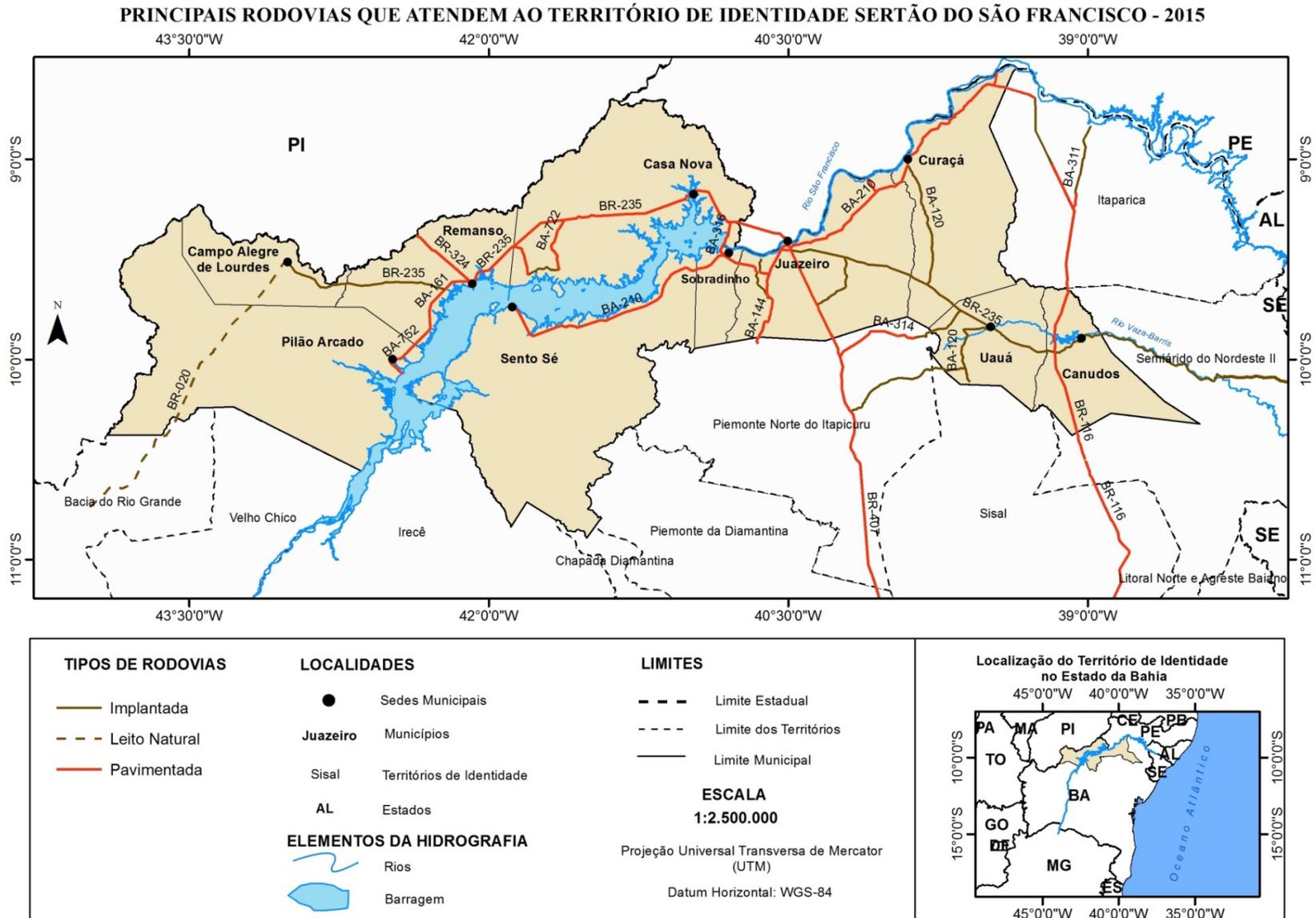


Figura 9. Mapa das principais rodovias que no Território de Identidade Sertão do São Francisco
Elaboração: Caroline Bulhões Nunes Vaz

TRANSPORTE INTERMUNICIPAL DO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE SERTÃO DO SÃO FRANCISCO - 2015

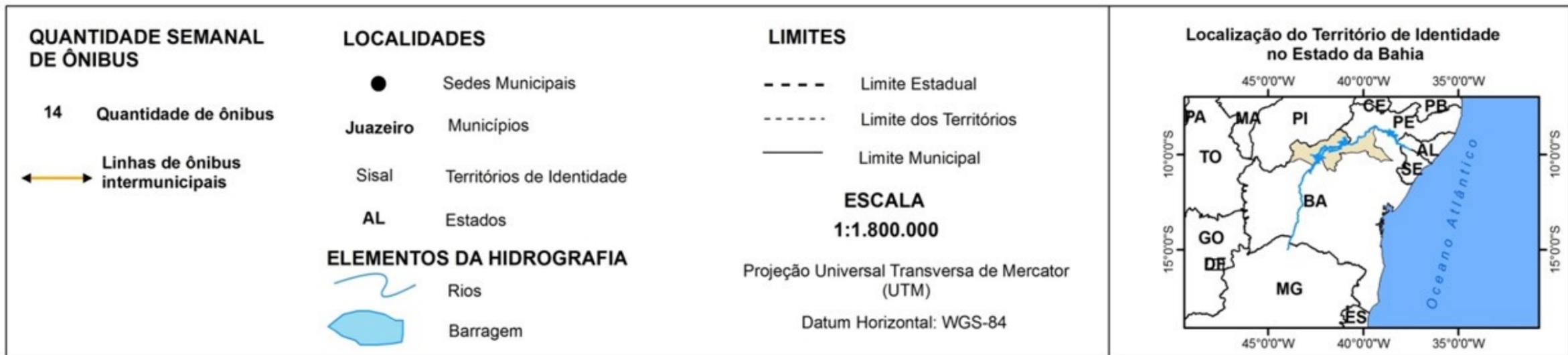
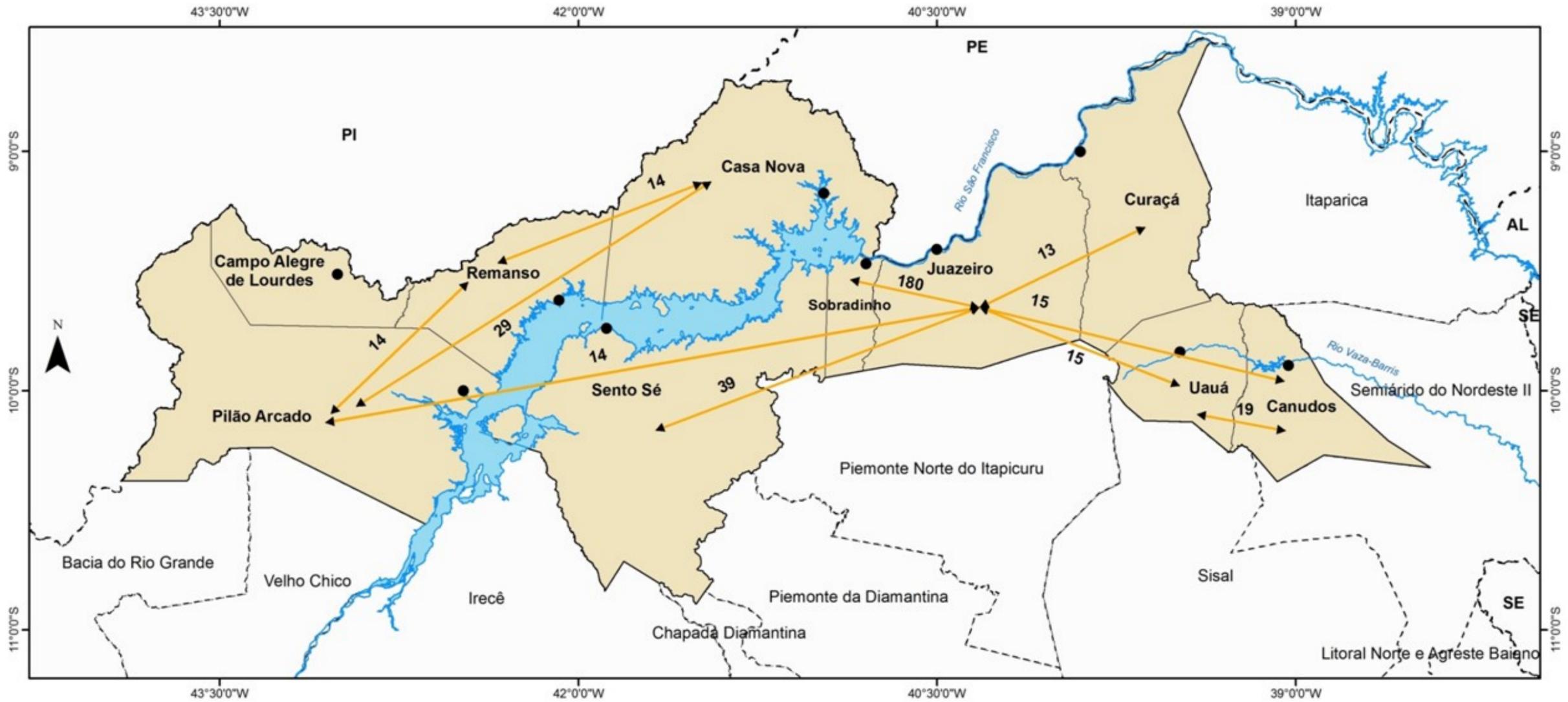


Figura 10. Mapa do transporte intermunicipal do Território de Identidade Sertão do São Francisco
 Elaboração: Caroline Bulhões Nunes Vaz e Mateus Barbosa Santos da Silva

TRANSPORTE INTERMUNICIPAL ENTRE O TERRITÓRIO DE IDENTIDADE SERTÃO DO SÃO FRANCISCO E OS MUNICÍPIOS ADJACENTES - 2015

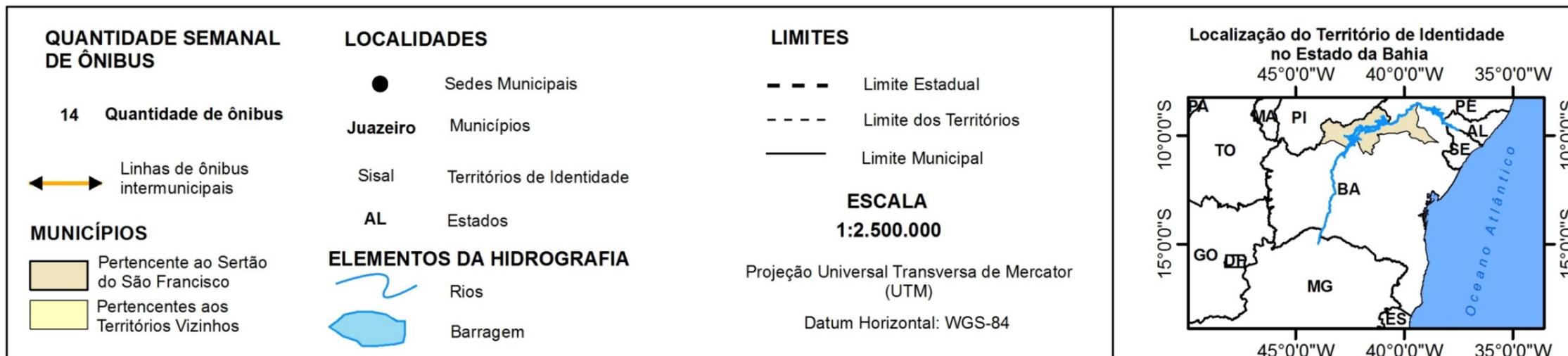
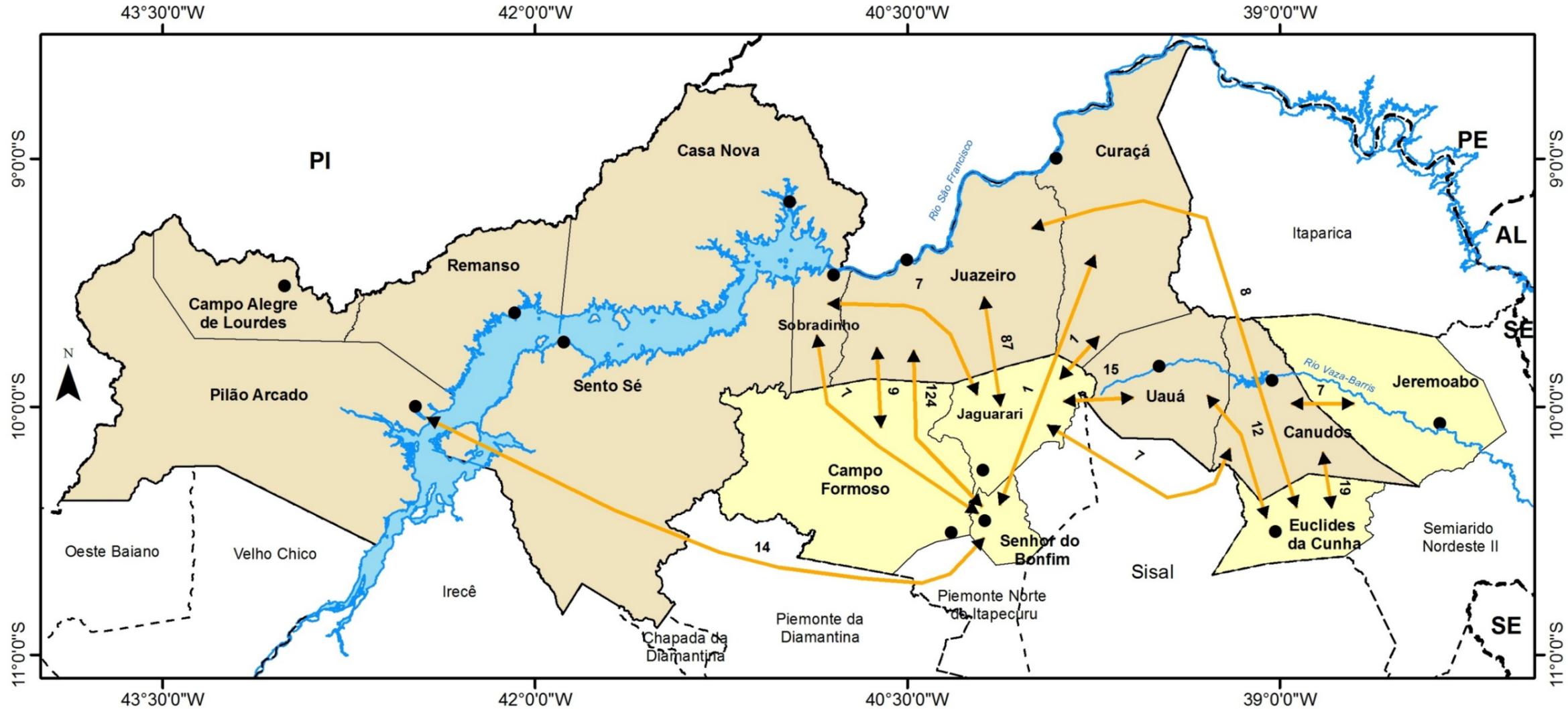


Figura 11. Mapa do transporte intermunicipal dos municípios que compõe o Território de Identidade Sertão do São Francisco com municípios de Territórios de Identidade vizinhos
 Elaboração: Caroline Bulhões Nunes Vaz e Mateus Barbosa Santos da Silva

No tocante ao Território de Identidade Sertão Produtivo, a malha rodoviária é mais bem distribuída do que a do Território de Identidade Sertão do São Francisco e não há uma barreira, natural ou artificial, que dificulte o trânsito deste Território de Identidade (Figura 12). As principais vias de ligação são a BR-030 que corta latitudinalmente o Território, e a BR430, que se conecta longitudinalmente à BR-030 em Caetité. Parece, então, que esta BR exerce uma função maior de articulação do Território de Identidade Sertão Produtivo com os Territórios de Identidade localizados ao Norte, notadamente o Território de Identidade Velho Chico. Ressaltamos que esta rodovia serve também como base para a distribuição de rodovias estaduais que permitem a conexão com o Território de Identidade Bacia do Rio Paramirim. Esta melhor distribuição é também evidenciada no tempo de viagem estimado entre os municípios do Território de Identidade Sertão Produtivo, posto que, dos 172 trechos, 80 têm duração de viagem estimada inferior a 1h e 50min em trajetos que não atingem 150km. Além disto, 33 trechos ultrapassam 3h de viagem, em distâncias que variam entre 200km e pouco mais de 300km. O maior tempo estimado de viagem se dá entre Iuiu e Livramento de Nossa Senhora, com 4h e 15min de duração para percorrer 306km, o menor tempo de viagem é entre Ituaçu e Tanhaçu, com estimados 23min numa distância de 26km.

Neste Território de Identidade são poucos os trechos em leito natural e de rodovias implantadas, estando as principais cidades, especialmente Caetité, Guanambi e Brumado, bem servidas de rodovias pavimentadas que lhes confere a centralidade do transporte coletivo tanto entre os municípios do Território de Identidade Sertão Produtivo como para Vitória da Conquista (principal cidade do Sudoeste da Bahia).

As linhas de ônibus estão mais bem distribuídas que no Território de Identidade Sertão do São Francisco, sendo os centros de convergência Brumado, Guanambi e Caetité com respectivamente 11, 9 e 7 ligações com outros municípios do Território de Identidade (Figura 13). Apesar das menores distâncias, isto não significa mais integração, pois os entrevistados ressaltaram a pouca conexão entre os municípios, uma vez que há localidades que não são atendidas por linhas de ônibus. Há linhas com menos de um ônibus por dia (Caculé-Contendas do Sincorá e Guanambi-Iuiu) e até há ônibus entre localidades que trafegam apenas uma vez na semana; São exemplos: Guanambi-Lagoa Real, Caetite-Livramento de Nossa Senhora e Ibiassucê-Lagoa Real. As linhas de ônibus que trafegam em Lagoa Real e Rio do Antônio o fazem nas sedes dos distritos, havendo poucas ou mesmo nenhuma linha que se conectam à sede

municipal. Os municípios com maior número de linhas entre eles são: Guanambi-Caetité (11 horários por dia e 81 por semana); Palmas de Monte Alto-Guanambi (6 horários por dia ou 45 por semana); Brumado-Livramento de Nossa Senhora (97 linhas semanais e 14 horários por dia) e Guanambi-Brumado (com 69 linhas de ônibus por semana e 10 horários por dia).

No tocante a Feira de Santana e Salvador, Guanambi e Brumado reafirmam a sua centralidade enquanto Caetité perde a centralidade de linhas de transporte para Contendas do Sincorá, haja vista que esta última tem ônibus duas vezes por dia para Feira de Santana e Salvador, enquanto Caetité apresenta três horários semanais. Considerando a centralidade de Brumado, Caetité e Guanambi... em três dias na semana, enquanto Contendas do Sincorá possui dois ônibus por dia para estes mesmos municípios. (Figura 14; quadro 8).

Quadro 8. Frequência Semanal de Ônibus dos Municípios do Território de Identidade Sertão Produtivo destinados à Vitória da Conquista, Feira de Santana e Salvador

Frequência Semanal de Ônibus			
Municípios	Vitória da Conquista	Feira de Santana	Salvador
Brumado	125	15	24
Caculé	6	7	7
Caetité	39	3	3
Contendas do Sincorá	1	14	14
Guanambi	63	27	27
Tanhaçu	39	0	0
Urandi	7	7	7

Fonte: BAHIA, 2015

Elaboração: Caroline Bulhões Nunes Vaz

No tocante às ligações entre o Território de Identidade Sertão Produtivo e os Territórios de Identidades vizinhos, identificamos ligações com os Territórios de Identidade Bacia do Rio Paramirim, Velho Chico, Chapada Diamantina e Vitória da Conquista, sendo a ligação mais intensa com o Território de Identidade Bacia do Rio Paramirim (Figura 12). Confirmando a centralidade de Brumado, Guanambi e Caetité, estes são os municípios com maior quantidade de linhas para municípios de outros Territórios de Identidade. Brumado faz ligação com três Territórios de Identidade, com 12 municípios, Guanambi se conecta a 2 Territórios de Identidade e 8 municípios e Caetité, assim como Brumado, se conecta com 3 Territórios de Identidade, mas apenas a 8 municípios como Guanambi.

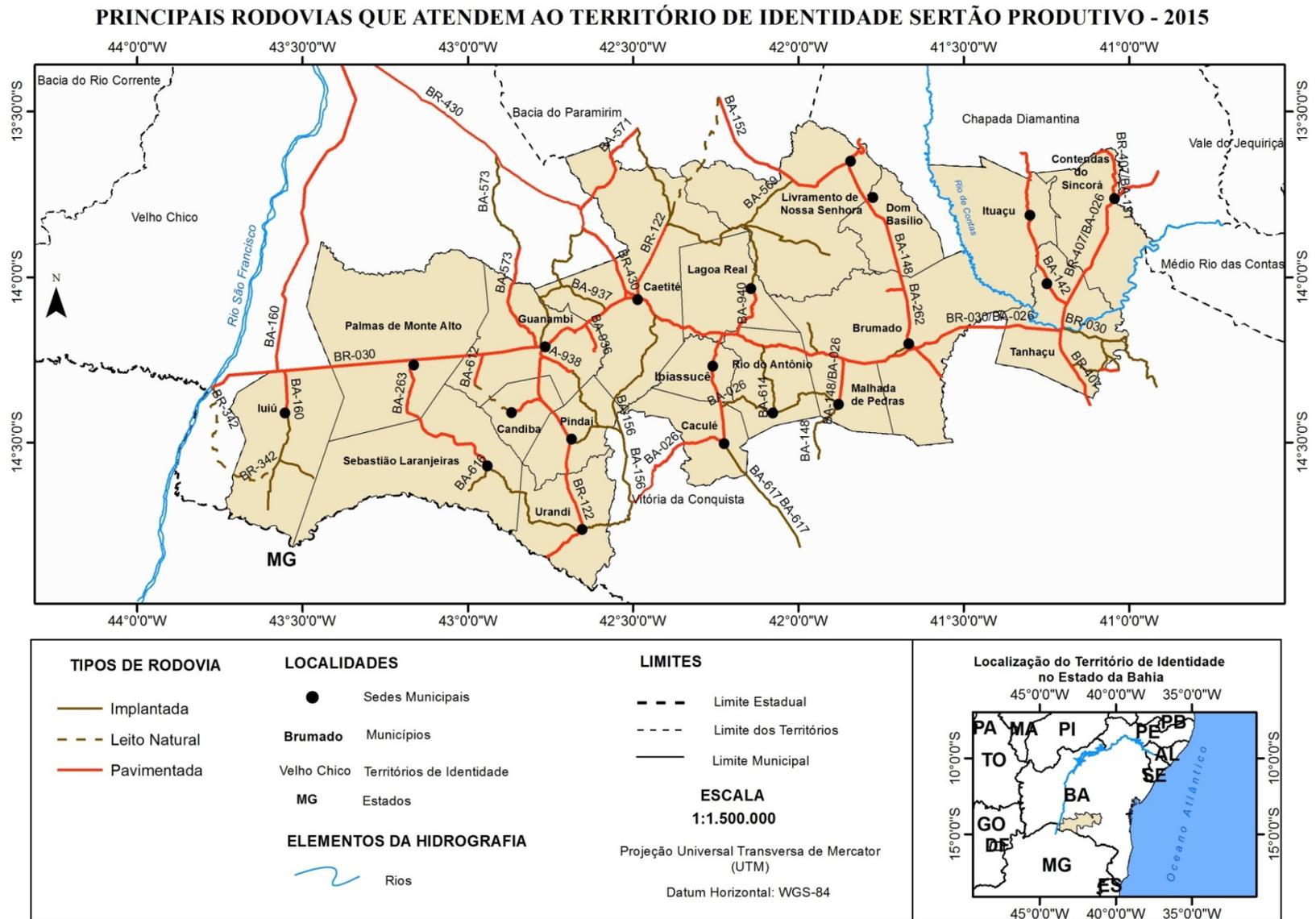
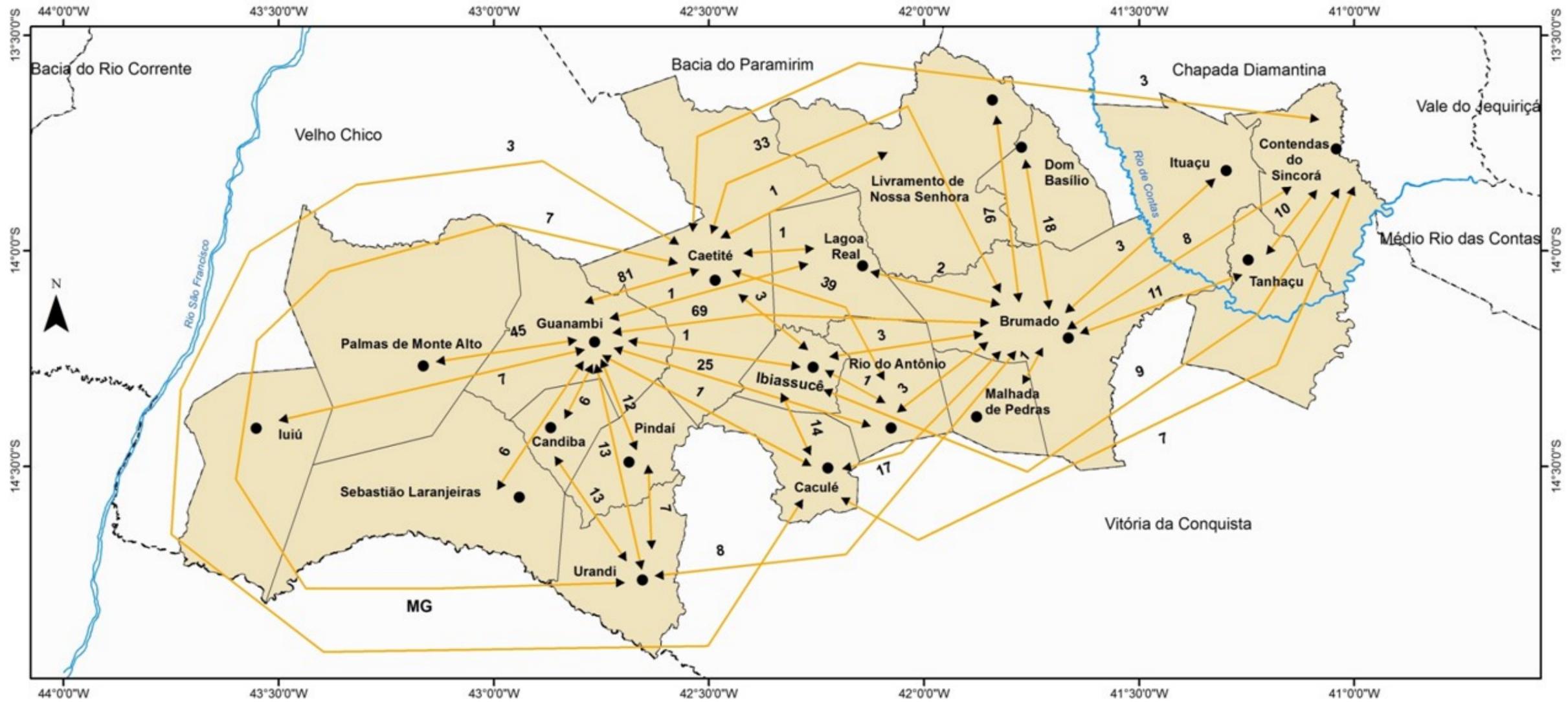


Figura 12. Mapa das principais rodovias n Território de Identidade Sertão Produtivo
Elaboração: Caroline Bulhões Nunes Vaz

TRANSPORTE INTERMUNICIPAL DO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE SERTÃO PRODUTIVO - 2015



QUANTIDADE SEMANAL DE ÔNIBUS	LOCALIDADES	LIMITES	Localização do Território de Identidade no Estado da Bahia
14 Quantidade de ônibus	<ul style="list-style-type: none"> ● Sedes Municipais ● Brumado Municípios ● Velho Chico Territórios de Identidade ● MG Estados 	<ul style="list-style-type: none"> - - - - Limite Estadual - - - - Limite dos Territórios — Limite Municipal 	
↔ Linhas de ônibus intermunicipais	ELEMENTOS DA HIDROGRAFIA	<p>ESCALA 1:1.000.000</p> <p>Projeção Universal Transversa de Mercator (UTM) Datum Horizontal: WGS-84</p>	
	Rios		

Figura 13. Mapa do transporte intermunicipal do Território de Identidade Sertão Produtivo
Elaboração: Caroline Bulhões Nunes Vaz e Mateus Barbosa Santos da Silva

TRANSPORTE INTERMUNICIPAL ENTRE O TERRITÓRIO DE IDENTIDADE SERTÃO PRODUTIVO E OS MUNICÍPIOS ADJACENTES - 2015

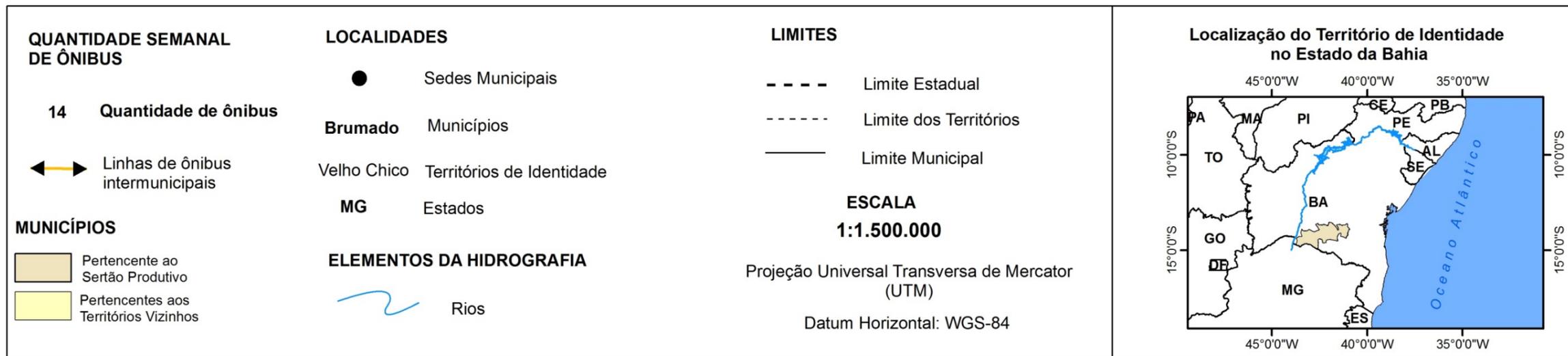
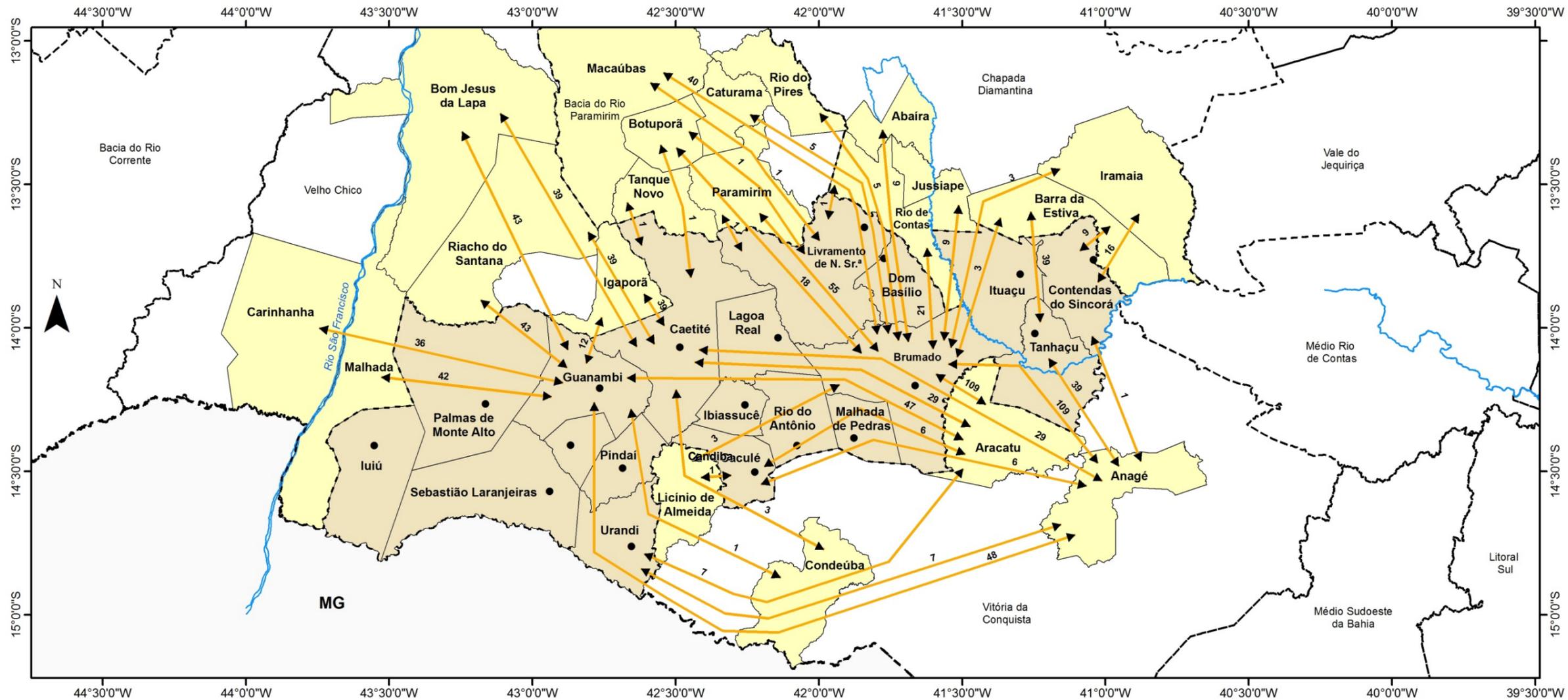


Figura 14. Mapa do transporte intermunicipal dos municípios que compõe o Território de Identidade Sertão Produtivo com municípios de Territórios de Identidade vizinhos
Elaboração: Caroline Bulhões Nunes Vaz e Mateus Barbosa Santos da Silva

Os trechos que apresentam o maior número de linhas são Brumado-Aracatu, Brumado-Anagé e Brumado-Paramirim com os dois primeiros tendo respectivamente 109 linhas semanais e o terceiro 55 linhas semanais. As principais empresas de ônibus que atuam neste Território de Identidade são a Novo Horizonte, com o maior número de linhas, a Emtram, a Transbrásilia, a Viação Salutaris e a Camurujipe, estas três últimas com apenas uma linha cada. Das 91 linhas, apenas cinco são providas de maior conforto para os passageiros (BAHIA, 2015).

Se o território de identidade pudesse ser dividido desde a experiência e da articulação entre os municípios, teríamos Territórios de Identidade mais numerosos e fragmentados, pois a maior parte dos entrevistados vive apenas a sua realidade municipal e a de alguns municípios vizinhos, com os quais compartilham vínculos e com o contato com o diferente, também me conheço e fortaleceu ou modifiquei minha identidade. Conforme aponta Vaz (2013) a possibilidade de construção de uma identidade regional, passa necessariamente pela possibilidade de se deslocar entre diferentes municípios e vivenciar diferentes realidades.

A construção da identidade, nos dois Territórios, ocorre muito mais na escala local. Talvez pela pouca possibilidade de viajar e de entrar em contato com o diferente. Talvez não haja uma delimitação clara do que são os sertões da Bahia por não haver experiência de outros espaços, de confronto com outras realidades que não as suas, posto que o processo de criação de qualquer identidade só acontece diante da alteridade, do reconhecimento de que “eu” não sou o “outro”, mesmo que hajam características comuns entre “eu” e o “outro”. O contato se faz, principalmente, com o acesso às representações elaboradas sobre outros recortes espaciais. Estas conclusões lançam por terra a argumentação exposta em Bahia (2013), quando é afirmado que:

Esses territórios baianos, chamados de Territórios de Identidade, representam os lugares de convivência a partir de onde é possível pensar, inovar, planejar e executar ações para melhorar as condições de vida de seus cidadãos. Para isso, é necessário que sociedade civil, governantes e os representantes dos setores produtivos e empresariais se articulem com o propósito de identificar e potencializar os atributos e capacidades dos territórios, e destes no conjunto do Estado. O aproveitamento dessas capacidades e atributos contribuirá para diminuir as desigualdades entre os territórios da Bahia e entre eles e outras regiões (BAHIA, 2013).

Considerando, então, que o sertão é essa região em permanente construção, que tem se consolidado na vida dos entrevistados, procederemos nas páginas que se seguem a uma discussão sobre os significados e representações do sertão para os agentes culturais. Buscamos assim, apresentar a diversidade de possibilidades que se abrem para a compreensão dos diversos sertões.

CAPÍTULO IV – SERTÃO: SIGNIFICADOS E REPRESENTAÇÕES

Conforme mencionado anteriormente, é preciso que nos afastemos dos nossos preconceitos e pré-juízos para que possamos ver o mundo para além daquilo que é óbvio. Este é o chamado da fenomenologia proposta por Husserl (2000) e também da proposta de Lefebvre (1991) para o que ele denomina redução dialética. Ainda que as propostas dadas pelos autores tomem rumos diferentes, ambos ressaltam a importância de tentarmos nos afastar, estranhar as coisas que nos parecem óbvias. Porém, ainda que possamos nos afastar do objeto que pretendemos estudar, esse afastamento dura apenas um instante e deve servir para nos auxiliar a reconstruir os nexos do pensamento, afastando-nos das respostas prontas encontradas pelo caminho e aproximando-nos dos fenômenos que pretendemos estudar. Neste sentido, ressaltamos que as compreensões das experiências espaciais, das conjunturas espaço/tempo específicas, somente podem ser compreendidas dentro de uma perspectiva plural e não monolítica. Em relação ao tema desta dissertação, isto implica em sertões distintos para agentes distintos (ALMEIDA, 2008).

Esta pluralidade de significações, de interpretações, de representações sobre o espaço se expressa também numa pluralidade condensada pelo termo sertão que passa a ser então “[...] simultaneamente, singular e plural, é um e é muitos, é geral e específico, é um lugar e um tempo, um modo de ser e um modo de viver, é o passado sempre presente, o fora do tempo, o que não está nunca onde está” (SENA, 1998, p.23). A autora resalta ainda que esta pluralidade de significações está feita a partir de “[...] imagens fugidias e de associações que podem ser apenas entrevistas [...] trata-se menos de uma coisa sobre a qual o nativo pensa do que uma coisa através da qual ele pensa” (SENA, 1998, p.22). Por isso, na compreensão da autora, o sertão só pode ser definido se apresentado nesta plêiade de possibilidades, para aqueles que estão dispostos a se estranhar diante dele, tendo em vista que apesar dos seus múltiplos significados “[...] o sertão é algo que os brasileiros habitam” (SENA, 1998, p.22). Neste sentido, mesmo existindo nas consciências das pessoas, e ser considerado por diversos autores como um dos marcos da existência de uma identidade brasileira³⁵, o sertão só pode ser compreendido no fluxo de transformação do presente-presente e no fluxo da história compreendido em seus presentes-

³⁵ Amplas discussões já foram realizadas na academia sobre a importância do sertão na constituição da identidade nacional, para leituras sobre o tema ver Ortiz (1994), Lima (1999), Arruda (2000), Albuquerque (2001), Vasconcelos (2007;2014).

passados que lhe dão sentido (SANTOS, 2006). Aqui discutido, o sertão é trazido com base nas experiências dos entrevistados com ele, sendo a base para a criação de uma identificação espacial e para o emergir de identidades regionais sertanejas.

Ao longo da história brasileira o sertão tem tido um papel fundamental na construção da identidade nacional. Mas isso não ocorre para a Bahia, haja vista que, dentre as representações construídas sobre o estado, o sertão passa a se configurar em um desconhecido, pois as representações mais fortes, vinculadas ao turismo, à modernidade e à cultura enfatizam muito mais Salvador e o Recôncavo do que o sertão (VASCONCELOS, 2007). Queiroz (2014) critica veementemente estas representações e ressalta que dentro das instituições do estado, aqueles que deveriam reconhecer e valorizar o papel-chave da cultura sertaneja, a tratam de forma desrespeitosa, preconceituosa, como se não existisse “como se não fosse, a cultura sertaneja, baiana” (QUEIROZ, 2014, p. 246).

Nas linhas que se seguem buscamos apresentar as principais formas como o sertão é significado e significa a vida dos sertanejos nos dois Territórios de Identidade escolhidos como recorte desta dissertação ao passo que tentamos relacionar estas formas de aparecer com uma discussão sobre representação.

4.1 O SERTÃO E AS REPRESENTAÇÕES: CRIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DE REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES

Em primeira instância, é preciso concordar com Sartre (2005) e admitir que é impossível esgotar todas as possibilidades de aparição do sertão para os entrevistados. As abordagens indutivista e dedutivista ingênuas (CHALMERS, 1993) levam a crer que a extensão da amostra é importante, no entanto, Sartre nos ajuda a compreender que toda amostra é parcial, independentemente de seu tamanho. A amostra nada mais é que uma série de aparições que se torna válida porque sempre é possível apreender o ser total/parcialmente em cada aparição.

É também impossível esgotar todas as configurações de aparição do sertão em geral, por isso sempre há novas possibilidades de aparições do sertão para as pessoas às quais ele de algum modo já apareceu, bem como para pessoas a quem o sertão ainda não apareceu. Isto porque o fenômeno do ser sertão não é estático, mas dinâmico e se transforma todo o tempo em-relação com as pessoas para quem ele aparece. O aparecer do ser já é uma forma de sê-lo e não há possibilidade de repetição das aparições, pois ainda que as semelhanças de diferentes aparições

sejam inúmeras, o ser quando aparece já se modifica e transforma-se noutra aparição. É importante considerar que Sartre mostra que dialeticamente ser e aparência estão em-relação, não podendo compreendê-los em separado. Do mesmo modo, numa única aparição, o ser se apresenta por inteiro, ainda que não contemple nesta aparição todas as suas características conhecidas até o momento desta para o agente, e ainda que esta aparição revele características outras que não se repitam em outra aparição, estas fazem parte do ser.

Apesar da inesgotabilidade de possibilidades de aparição do ser, Sartre também aponta que há elementos transversais das/nas aparições que configuram uma razão de série das aparições, que transcende as aparições individuais. No entanto, tão importante quanto o que aparece – nas aparições para a possibilidade de conhecimento do ser fenomenal – é o que não aparece, pois coisas que não aparecem num dado momento podem aparecer noutra momento ou até nunca aparecer na série de aparições que foi possível criar, configurando-se assim a ausência de uma característica como um marcador de sua existência, ou seja, o ser é simultaneamente presença e ausência (SARTRE, 2005).

Assim, cada aparecer do sertão é uma parte do ser do sertão e a totalidade do sertão aparecendo ao mesmo tempo. Neste sentido, o que é considerado como uma visão estereotipada³⁶ do sertão é conservada, nalguma medida, por ser parte do aparecer do sertão numa dada situação tempo/espaço específica. No entanto, cabe a ressalva de que estas representações dadas são, em parte, alteradas pelas pessoas. Isto seria uma das possibilidades de compreensão do porquê das representações estereotipadas ainda persistirem no imaginário de algumas pessoas, porque, de algum modo, a imagem estereotipada de sertão é confirmada pelas suas experiências de vida; há um processo de identificação entre os agentes e essas representações. Tais representações nas falas de diversos entrevistados como, por exemplo, nas falas abaixo

O sertão pra mim, como diria Teodoro Sampaio, é aquele lugar que está distante da corte, né, há quase 200 anos isso, sertão é aquele lugar que está distante da civilização, da corte. Ele tem né, não sei qual o conceito que ele coloca como civilização, mas a corte é onde está ali o, a metrópole, né, e sim, pra onde ele vai aprender mais, entendeu? Ele é um cara letrado, mas ele vai aprender mais, ele sair da corte, sair das beiras das barras das madames e vai para preparar, lá no sertão vai para aprender mais, por isso que

³⁶ Aqui, entendemos estereótipo a partir das ideias de Bhabha (1998) que discorre sobre a construção do estereótipo no discurso colonial. Para o autor, o estereótipo se consolida a partir da repetição de uma representação fixa, que marca uma diferença hierárquica, do outro, em contextos sociais dinâmicos. A necessidade desta representação se dá para que o agente de mais poder (o colonizador) tenha a impressão de ter apreendido a essência do colonizado para poder torná-lo submisso e governá-lo. Ademais, o estereótipo é visto de forma ambivalente, num constante conflito entre a recusa e o reconhecimento do diferente.

aí que Euclides da Cunha diz: “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”, não é, porque é aquele que resiste, é o símbolo do sertão: é o mandacaru. (...)Eu vou pra esse lado aí também, sabe por quê? Eu vejo o sertão assim: aquele tipo de gente sofredora, mas que ao mesmo tempo são pessoas felizes. Você vai por aí pela zona rural, tem lugar que só tem um banquinho lá. (BENEVIDES, Luiz, 2015).

Acho que sertão é um lugar onde eu existo. É simples, e existir vai muito além da sobrevivência, né, então eu não um sobrevivente porque eu aproveito e troco muito com o espaço onde eu estou né, e agora eu tenho filhos e tudo. Então a... Tenho filhos não, tenho filho, inclusive. Então sertão pra mim é isso, e o que diferencia o sertão dos outros lugares? Talvez as dificuldades naturais que ele apresente e a gente aprender a conviver com isso, e ser feliz, multiplicar em cima disso é o segredo que é fantástico, então esse lugar aqui de Caetité mesmo, que é caatinga e cerrado ao mesmo tempo, essas particularidades e de modo de vida, que muitas vezes a gente não está... Pessoal de Salvador chega aqui e fica “mas isso aqui não é Bahia, não parece que é Bahia, aqui tá mais pra Minas”, e por aí vai, são muitas particularidades que a gente tem aqui. Eu acho que o homem sertanejo ele é mais resistente ele consegue não apenas sobreviver como viver com dignidade, principalmente hoje. Assim, eu acho que o sertão pra mim representa isso: viver além de sobreviver. (DIAS, Fernando, 2015).

O estereótipo é incorporado, ainda que parcialmente, aos discursos dos entrevistados, principalmente a partir do relato de situações de crise que eles experienciaram. Estas situações estão relacionadas à seca e ao descaso do poder público, devido à ausência alegada por eles de políticas voltadas para o sertão e para o sertanejo. A incorporação do estereótipo aparece também a partir da identificação de alguns entrevistados com o discurso artístico-literário de alguns ícones, tais como: Graciliano Ramos, Euclides da Cunha, Luiz Gonzaga, Guimarães Rosa, que reiteram as afirmações de Albuquerque Jr (2001)– de uma criação do Nordeste, e porque não, do sertão, a partir da obra de artistas – e de Vasconcelos (2007), para a qual o estereótipo permanece incorporado, na capital e no recôncavo baianos, pela incorporação destes discursos pela população. Vale ressaltar a importância de Euclides da Cunha, que é um dos autores mais mencionados pelos entrevistados, influenciando sobremaneira a criação da imagem de sertanejo evocada por eles. Mesmo que alguns entrevistados discordem parcialmente do autor, muitos afirmam que o “sertanejo é antes de tudo um forte”. É perceptível, então, a pertinência das ideias de Lefebvre (2006), pois uma representação (parcial da realidade), repetida muitas vezes, passa, então, a ter caráter ideológico, podendo ser utilizada com fins de manutenção da ordem social. Esta concepção se aproxima muito das ideias de Vasconcelos (2007), baseadas em Bhabha (1998), que afirma que, com a repetibilidade e a visibilidade de um traço ou uma marca de um dado povo/agente, há a validação do estereótipo que produz uma representação destes agentes, com efeito de verdade para outros agentes e grupos sociais.

Cabe ressaltar que estas aparições têm uma configuração específica para cada pessoa que

entra em relação com o sertão. Então, além de implicar nas infinitas possibilidades de compreensão e significação do sertão, há possibilidades de algumas aparições, que são imediatas para um determinado agente, se tornarem as representações de sertão para outras pessoas, através da arte, da mídia, de documentos históricos etc. As representações, conforme Lefebvre (2006), passam a funcionar como mediações entre o agente e aquilo que ele intenta conhecer, mas que por vezes pode não estar a seu alcance imediato. Serpa (2014), discutindo as ideias de Lefebvre (2006), aponta que a vida sem representação é impossível, uma vez que estas são formas de comunicar e reelaborar o mundo, possibilitando aproximações com a realidade³⁷. O autor alerta que, apesar da inevitabilidade das representações, o mundo vivido não pode ser substituído pelo concebido, pois, então, a representação ganha caráter ideológico.

Quando se fala em representação sobre o sertão se fala de discursos sendo validados ou negados sobre ele, neste sentido, ganha importância a ideia de indivíduos na esfera pública, proposta por Habermas (1984), pois tudo que é lançado à esfera pública é lançado ao crivo da população que julga e que explicita os julgamentos que realiza. Assim, o sertão é visto, julgado e apropriado por seus moradores, seus agentes de cultura, seus artistas, que criam a partir de sua experiência com o espaço etc. Assim, uma vez que essas obras são criadas, estão lançadas ao público e poderão ser validadas ou não.

Cabe a ressalva de que nem todas as pessoas refletem sobre os caminhos do pensamento, de sua construção e efetivação, não construindo uma reflexão crítica sobre as representações do ser que se dão através dos diferentes veículos de informação e tampouco das experiências diretas. Neste sentido, é importante ressaltar que as representações, enquanto fenômenos sociais, não se estabelecem pacificamente, mas sim por meio de conflitos e contradições, podendo influenciar nas formas como as pessoas interpretam e refletem aquilo que lhes aparece diretamente. É importante ressaltar que as representações podem aumentar sua influência também pela possibilidade de identificação do agente, com representações do sertão, elaboradas por outras pessoas, a partir de experiências que marcaram suas vidas.

Essa apropriação, por parte das pessoas, de representações sobre o sertão, pode ser intencional ou não. Se há apenas uma identificação irrefletida com a imagem de sertão que está representada, esta apropriação não é intencional. No entanto, se se faz uso consciente de uma

³⁷ Neste sentido, Mendes (2009) afirma que “[...] Chartier (1990) explicita a necessidade de acabar com os falsos debates que estabelecem uma oposição entre a objetividade das estruturas e a subjetividade das representações, uma vez que, para ele, não há oposição entre o mundo real e o mundo das representações” (MENDES, 2009, p. 58)

dada representação com finalidades específicas, então há uma intencionalidade que precisa ser revelada, para que se possa desvelar as possíveis razões políticas e ideológicas no seu uso. Os entrevistados do poder público, por exemplo, principalmente aqueles que não estavam relacionados de forma direta com a arte, reproduzem a visão estereotipada de sertão e muitos o fazem com fins de efetivar políticas assistencialistas voltadas para a manutenção do poder. Conforme discutido anteriormente, sobre a influência do poder público na compreensão do que é cultura, é possível identificar o mesmo para o sertão, pois muitos eventos e manifestações são dependentes do apoio financeiro e político dos governantes. Na fala abaixo Normalene Teixeira, de Brumado evidencia o preconceito e as dificuldades de conseguir apoio financeiro para a capoeira no seu município

É, é um... é um projeto do estado, que a Prefeitura coloca, nas escolas. Você pode estar dando aula de capoeira pelo Mais Educação, que é uma verba de 400, ou é 500 reais, uma coisa assim, pra três dias da semana. Mas infelizmente só coloca capoeira no último do último caso. São sempre outras atividades, capoeira não bota. E a capoeira é uma atividade que se você perguntar nas escolas públicas, 50% de cada escola as crianças querem capoeira, mas infelizmente tem esse preconceito muito grande. (TEIXEIRA, Normalene, 2015).

São eles que, muitas vezes, escolhem quais artistas aparecerão nos eventos organizados pelo poder público e também na mídia, conforme previamente discutido no Capítulo 2. Neste sentido, Serpa *et al* (2015a) mostram que os grupos que são mais próximos do poder público conseguem maior visibilidade nos municípios onde atuam, se beneficiando também de maior acesso às políticas culturais.

Eu piso a mesma tecla de falta de apoio. Primeiro porque o seguinte: capoeirista já sofre o preconceito, muito grande. O capoeirista ele, pelo menos no meu município, sempre encontra as portas fechadas, quando é capoeira. E assim, ainda mais por ser mulher. Mulher capoeirista sofre muito mais. Hoje, graças a Deus, eu conquistei o meu espaço como capoeirista, mulher, eu tenho a credibilidade dos pais dos alunos, que pra mim é o mais importante, dos pais dos alunos, e assim... até mesmo os comerciantes. A capoeira hoje em Brumado é a minha, ela é mantida, além do Ponto de Cultura, pelos comerciantes da cidade, e é muito importante isso aí. Mas pra mim falta apoio, tanto que eu não desfilei mais no 7 de setembro da cidade, tem... esse já é o segundo ano, que eu não desfilei, porque a prefeitura negou transporte, pra levar as minhas baianas, que tavam vestidas de baianas, e as minhas meninas do *Samba de Roda* da praça, porque era, dez e meia da manhã, o sol tava assim 'pedindo Deus nos acuda', as meninas estavam de baiana 7 saias, bambolê, turbante... Eu coloco, colocava, todo 7 de setembro, uma ala, só com meninas negras representando a África, as africanas, tu viu a foto, era África, cada uma com um jarro de barro um peso terrível, aí elas tinham... ia a pé

Caroline Vaz: Daqui da escola pro centro.

Normalene Teixeira: Daqui da escola pro centro. Ia a pé. Ai quando voltava era uma e

meia da tarde, que é quando terminava o desfile da cidade. Os meninos que desciam fazendo floreio, que é salto de capoeira, a maioria não tinha tênis. Teve um ano que um aluno meu ficou uma semana sem treinar, de calo. Criou tanto calo nos pés, queimou tanto os pés que ele ficou uma semana sem treinar. Então assim, eu vi que eu tava botando os meus meninos pra tá em sofrimento, fazendo uma tortura, pra apresentar para a comunidade que gosta de ver, eles gostavam de ver o 7 de setembro, a gente, o desfile da ala de roda de capoeirista, e, os vereadores, o prefeito lá na sombra, bonito para que eles pudessem estar assistindo isso aí, e a prefeitura negou um ônibus, do próprio município, pra levar os meus meninos pra lá. Eu tenho banner aqui que pesa, peso enorme... atabaque é pesado. Como é que eu vou levar três atabaques pra rua, já tenho que desfilar com ele nas costas, imagine caminhando daqui até lá. Eu coloco uma ala, colocava uma ala, com 30 crianças no *Maculelê*³⁸, dançando *Maculelê*. Crianças de 5, 6 anos de idade. Como é que eu descia a pé com esse tanto de menino? Quase duzentas crianças e adolescentes, a pé, não tinha condições. Então já é o segundo ano que eu não desfilo. Então assim, falta esse apoio, a gente faz o que a gente pode pra trabalhar com isso aí. Mas, o gestor que tem... a situação financeira que pode ajudar, não ajuda (TEIXEIRA, Normalene, 2015).

No entanto, não é possível fazer generalizações neste sentido, pois há também aqueles que são envolvidos com o poder público e que defendem significados alternativos para o sertão. Percebemos que, nos municípios onde isto ocorre, as políticas voltadas para a cultura são também, ainda que não idealmente, mais efetivas (DIAS; BENEVIDES, 2015; SOUZA, Marinalva, 2015). Temos, nesse caso, como exemplo, Remanso e Caetité.

Na concepção de muitos entrevistados, sobre o que é o sertão, parece haver uma intrínseca relação entre a imagem poética do sertão e o estereótipo, principalmente calcado na visão fisiográfica de sertão. Para alguns entrevistados, o sertão belo, cantado em poesias, tem outra face, uma face triste, que mostra os problemas sociais enfrentados por uma parcela da população. Parece então que, na visão dessas pessoas, um depende do outro para existir, pois se transformam um no outro a depender das experiências gravadas na memória. Ao mesmo tempo em que o sertão é para os entrevistados fonte de inspiração, é também fonte de sofrimento. A flor do mandacaru que desabrocha e traz alegria é a mesma que quando murcha traz tristeza e a certeza de tempos difíceis de estiagem. Neste sentido, sem a árvore que seca e perde suas folhas não há caatinga que esverdeia e ressuscita, bela³⁹.

³⁸ É uma manifestação cultural originária de Santo Amaro da Purificação na Bahia. Esta manifestação conta, por meio de dança e cânticos, a lenda de um jovem guerreiro que defendeu sua tribo usando somente dois pedaços de madeira e se tornou o herói da tribo.

³⁹ Este caráter contraditório e dialético do sertão foi apontado por Vasconcelos (2014, p:215): “As imagens que constrói [Euclides da Cunha] daquele lugar e do homem que nele habita são marcadamente ambíguas e contraditórias. Assim, a paisagem desoladora e desértica é ao mesmo tempo paradisíaca, uma terra que vai ‘da extrema aridez à exuberância extrema’. O mesmo sertão que se apresenta como o resultado de um ‘martírio secular da terra’ é uma ‘região privilegiada, onde a natureza armou a sua mais poderosa oficina’”.

Para mim o sertão é como uma fênix, que muita gente dá como morta e ela renasce, revive. É uma vegetação que como o povo sertanejo é sobrevivente, guerreiro e lutador (CARVALHO, Aismário, 2015).

Tanto no sentimento quanto na natureza. Porque aí vem a época bonita que eu te falei, porque aqui nós ficamos esse período todo, até oito meses sem chuva, quando a chuva bate no chão, a primeira chuva, a terra vira um tapete verde. Duas semanas após, está parecendo assim a floresta amazônica. Tudo verde. De uma árvore que você podia pegar e botar no fogo. Dai 30 dias, a paisagem muda completamente: de amarelo. Os ipês, as flores, os cactos, flora tudo de amarelo. Aí vai transformando. Até que um dia eu estava indo para Caculé, eu fui observando daqui até um trecho na estrada como nosso sertão é bonito. Aquelas margens da estrada... tem uma planta chamada Jetirana⁴⁰ daqui até um certo momento, um meio de Caculé, as laterais todas roxas, lilases, a coisa mais linda de você fotografar. Tinha alguém no carro comigo eu comentei e ele falou assim: aqui vai passar por três situações: na primavera foi só vermelho, olha para você ver, agora está assim, não, está só amarelo, era flor de [24min: 06seg ?], mas você precisava registrar. Tudo aquilo ali, deixar registrado. Aí, na época que eu fui, já estava aproximando da semana santa, que é época das flores roxas, tava assim, ó, tudo lilás. De uma planta chamada Jetirana. Então, isso é maravilhoso para nós, nós temos uma paisagem que deixa os olhos assim [sinal de olhos arregalados] (SILVA, Ana, 2015).

Primeira coisa? A natureza né? A gente já pensa no sertão já pensa na mata fechada seca de gravetos semimortos, às vezes a gente acha... Recentemente eu escrevi sobre um pé de umbuzeiro que tem aqui na cidade, na avenida, a gente passa na época da seca a gente vê aquele umbuzeiro cinzento, morto, e vê assim de longe “nossa, aquilo tá morto”. A primeira chuva que bate em três dias ele tá verde, né, a primeira imagem que eu tenho do sertão é a questão da natureza e do renascimento. A gente passa na estrada, vê aquilo tudo cinza, tudo feio “nossa, que coisa triste. Se cair uma brasa de cigarro aqui pega fogo em tudo”. Dá uma chuva, com três dias você passa tá tudo verdinho. É mais que eu entendo desse sertão é de resistência, resistência e força de renascimento, assim como esse umbuzeiro que eu escrevi sobre ele, que passei ele tava seco aí seis meses depois eu passei ele tava verde, aí eu fui tirar foto. Aí eu escrevi e botei as duas fotos, e ficou interessante, os jornais publicaram porque essa resistência né, essa resistência, persistir num ambiente extremamente insalubre como o nosso sertão, de extrema intempérie, vemos, a mesma hora que vem essa questão da natureza e da resistência (PINA, João Roberto, 2015).

Aqui, então, mais uma vez, as representações ganham força. Sennett (2006) aponta que as representações se consolidaram, no período do império romano, principalmente a partir da repetição de formas arquitetônicas e ritos: “esse gosto pela repetição gravava a imagem com muito mais força na mente do espectador” (SENNETT, 2006, p.93). Da mesma forma uma representação se torna hegemônica, repleta de ideologias quanto mais vezes ela é repetida intencionalmente por agentes políticos que podem se beneficiar disso. Oliveira (1981) aponta que muitas das ações efetivadas no Nordeste contra a seca – principal aspecto negativo relacionado ao sertão para muitos entrevistados – tinham como principal finalidade a manutenção de agentes oligárquicos decadentes no poder, uma vez que o Estado tinha sido capturado por estas

⁴⁰ *Ipomoea cairica*

oligarquias. O que ocorre hoje não é tão diferente do que ocorreu no passado, na medida em que, apesar de alguns agentes políticos mudarem eventualmente, é recorrente encontrar no interior da Bahia grupos políticos que se revezam no poder por décadas. Além disto, é recorrente também encontrar sucessões familiares na política brasileira, já que filhos e netos de políticos se aventuram pela política para “continuar o legado” de seus pais e avós.

A força dessa imagem na construção do significado de sertão pode se dar também pela existência de olhos “viciados” que muitas vezes validam nalguma medida o estereótipo. É com o uso pleno do corpo, com todos os sentidos, que o sertão estereotipado é refletido, incorporado e superado. Se só é possível ver com os olhos, e não ouvir, tocar, degustar o sertão, ficamos presos às imagens visuais que se apresentam a nós. Para superar os vícios da visão, é preciso ver por inteiro como aponta Merleau-Ponty (2004b), se abrindo para a percepção que se dá de um só golpe no/do fenômeno (SERPA, 2015b). É então, aqui, possível fazer aproximações entre as ideias de Lefebvre e Merleau-Ponty, para os quais, apenas com a arte, a obra de arte, com o deslumbrar-se para o mundo que se abre, saindo da reprodução do cotidiano para a produção do cotidiano (Serpa 2015b), que se permite aparecer novas formas do ser do sertão, possibilitando a criação de outras representações que mostram suas outras facetas. Segundo Serpa (2014), para Lefebvre (2006), o poder dos grandes artistas foi o de manter as duas faces da obra, a presença e a ausência, através do ato criador, que “perpassa o mundo das representações e as supera” (p.492). Perceber o espaço e experienciá-lo, focando apenas nos estímulos que emanam de um único sentido, ou majoritariamente dele, acarreta em compreensões sempre parciais e capazes apenas de revelar traços que aparecem com mais força neste sentido específico. Desse modo, a compreensão do todo do ser fica prejudicada.

É interessante que, na obra de arte, mesmo que haja vontade por parte do autor de evocar todos os sentidos de uma única vez, no primeiro momento um sentido se destaca entre os demais. Merleau-Ponty (2004b) aponta que na tela o pintor coloca elementos que não estão visíveis, numa tentativa de transcrever para a tela a percepção em ato. Mas, ao apreciar uma tela, os outros sentidos (daquele que aprecia) são evocados a partir da memória e da imaginação, pois quando essa age retoma memórias e sentidos evocados em outro momento e que podem a todo tempo ser ressignificados⁴¹. A visão para Merleau-Ponty não é apenas enxergar com os olhos, é o conjunto

⁴¹Bachelard (1998) mostra como a poesia evoca sentimentos e faz ressoar e repercutir em nós imagens que lhes são próprias. Acreditamos que a arte em todas as suas expressões artísticas, dentre elas a poesia, tem o mesmo potencial evocativo.

das experiências que geram uma imagem que não é restrita ao sentido da visão. O ver se dá por inteiro e utiliza todos os sentidos, culminando numa imagem mental sobre algo, se dá em ato, de um só golpe, constituído com base nos sentidos e na forma como o corpo percebe as coisas no mundo. Assim, como o pintor não deve querer traspasar o universo, mas deve ser traspassado por ele num fluxo de conhecimento mútuo entre dois seres em-relação, há influência mútua um no/com o outro.

O pintor, do qual fala Merleau-Ponty, pinta para estimular não apenas a visão, mas sim todos os sentidos. O que ocorre é que, às vezes, o vício da visão está na pessoa que admira, que olha o quadro, que não reflete sobre sua experiência corpórea no mundo. O autor ressalta ainda que, no ato de pintura de uma tela, o pintor conta apenas com o seu corpo, os instrumentos à mão e com a coisa que ele quer pintar (seja ela constituída inteiramente na consciência, abstração, surrealismo; de referencia memorial, algo que vi e vou pintar depois; ou diante dele em ato) em sua colocação em ato diante do mundo, do ser, em-relação com ele, para pintá-lo. É claro que Merleau-Ponty reconhece que não é qualquer pintura que é capaz de revelar o outro. É preciso que seja um exercício, num processo de se colocar diante do mundo de forma consciente. Ele ressalta que os modernistas são os que mais se aproximam deste caminho, justamente por tentarem colocar na tela aquilo que veem, da forma que veem. A tela é uma reconstituição parcial do que o pintor vê e também do momento da pintura, que se revela na tela. O sentido interpretativo da imagem só é posterior ao ato perceptivo, a imagem só ganha sentido significativo depois da reflexão.

Se não há a reflexão sobre o espaço, que é o que ocorre com alguns entrevistados, essas representações reiteradamente repetidas se consolidam com força nas consciências. Uma vez que uma representação é tida como verdadeira, ela afasta as pessoas da realidade e da possibilidade de reflexão sobre a representação, estreitando as possibilidades de entrar em-relação com o ser, pois assume um viés marcadamente ideológico. O processo de reflexão sobre a experiência pode ser uma forma de possibilitar (re)encontros e (re)descobertas do que se apresenta e se constitui diante da consciência enquanto sertão, uma vez que pode possibilitar a abertura, principalmente através da arte, de um ver não objetivo, de um estado contemplativo das coisas, afastando os ranços da educação formal que podam a criatividade e o uso aberto dos sentidos, que aprecia sobremaneira a razão. Ainda sobre as possibilidades de relação entre ciência e arte, Cristóvão (1993-1994), Sena (1998) e Mendes (2009) apontam para a grande importância que o discurso

artístico literário tem para a constituição imagética do sertão. Os autores afirmam que muito do discurso literário sobre o sertão permanece até hoje como referência para sua significação e para seu florescimento nos debates a nível nacional. Mendes afirma que este tem até o efeito de discurso fundador, haja vista que estes enunciados, que ecoaram e reverberaram, influenciam na criação de muitos outros discursos. Cristóvão (1993-1994) argumenta que as três vertentes da literatura que trataram do sertão – a fase romântica (mítica), a realista (voltada para a denúncia dos problemas sociais) e uma terceira que surge para superar as duas anteriores – são embasadas na realidade

[...] que lhes empresta a legitimidade de transfigurações-simbolizações do referente é uma só, e importa defini-la desde já: há um só sertão, concretizado em muitos sertões. Porque o sertão, tal como outras referências geográficas, tem, nos escritos de criação literária, uma amplitude que não se compadece com os dados da geografia nem com os da antropologia cultural. É diferente [...] porque projeta o homem através da simbolização estética (CRISTÓVÃO, 1993-1994, p. 44-45)

Neste sentido, Moreira (2007) evidencia que “[...] o viver humano é a junção do simbólico e do real, unidade de um mundo impregnado de imagens e sua pletora de significados.” (MOREIRA, 2007, p.145). Trazer à baila essa perspectiva é importante para marcar a tenuidade dos limites entre ciência e arte e a necessidade de que elas se atravessem mutuamente em direção a compreensões mais amplas e completas dos fenômenos, pois “é no fenômeno da arte que deciframos o mundo” (NIETZCHE, 1998, p. v *apud* SAJA, 2010, p. 15). No entanto, diversas dificuldades podem ser encontradas neste caminho, pois ele incorre no risco apontado por Castro (1980) para Euclides da Cunha, que por vezes cometia excessos em suas descrições. Excessos de quem se “absurdava” diante do novo e buscava formas de apresentá-lo para quem o veria por suas palavras⁴².

No entanto, ainda que o processo reflexivo sobre as experiências espaciais aconteça para alguns, se não houver possibilidade de encontro, de discussão, de debates sobre o ato perceptivo e o processo de reflexão, as mudanças que podem acontecer no ver e que podem acontecer nas representações são apenas pontuais na forma como o sertão é representado. Mas, no jogo de forças das representações, muito provavelmente, se o que cria a nova representação não tiver força para se projetar através da mídia para que essas ideias sejam divulgadas, as representações

⁴²Almeida (1998) mostra que o discurso sobre o sertão foi construído a partir de duas perspectivas: os de “fora” e os de “dentro”, tendo os primeiros como objetivo “[...] saciar a curiosidade de outros e a ensinar o que havia no Brasil; o segundo quadro resgata os sertões enquanto lugar, espaço de experiência e vivência dos sertanejos” (p. 33).

mais fortes continuarão sendo perpetuadas. Isto porque, para além da presença e da ausência física – que podem influenciar na qualidade da representação dada pela maior proximidade, dos agentes com o fenômeno, por meio da experiência direta, salva da na memória, de forma involuntária⁴³ – há a possibilidade de influência de outras representações no processo de criação de representações emergentes. Essas representações, consolidadas através da arte e da mídia, acabam sendo presenças “virtuais”, porque, apesar de o original estar muitas vezes ausente fisicamente, suas cópias estão presentes graças à possibilidade de sua reprodução técnica (BENJAMIN, 2012b)⁴⁴.

Neste sentido, cabe ressaltar as contribuições de Jodelet (1991) *apud* Mendes (2009), pois as autoras ressaltam que os discursos, as práticas sociais, os diversos documentos nos quais os discursos se institucionalizam, ou se “oficializam”, bem como a ação dos meios de comunicação e a reinterpretação desses registros funcionam como suporte para as representações, porque agiriam, ao mesmo tempo, como produtores de sentido.

Não podemos considerar o sertão como algo dado, que prescinde da relação do homem com o espaço, pois é essa relação entre homem e espaço que o constrói, que o legitima (ALMEIDA, 1998). O desafio que aparece é, então, o de conhecê-lo para além das suas representações midiáticas, nas suas imagens poéticas e perceptivas que o criam e o constituem enquanto ser.

É preciso então que nos voltemos para a tomada de consciência da qual fala Sartre (2005), pois o sertão é constituído no imaginário individual e coletivo. É preciso que haja uma consciência de que o sertão é produto social, cultural, espacial do homem e da sociedade que se produz dele e em-relação com ele instituindo múltiplas realidades sertanejas (ALMEIDA, 1998; 2008).

⁴³ Benjamin (2006) aponta que aquilo que é realmente importante e que marca a vida das pessoas fica gravado de forma inconsciente na memória, tendo caráter ordenativo.

Para uma discussão mais aprofundada sobre a importância da memória no processo de construção de significações e representações sobre o espaço ver Arruda (2000) e Mendes (2009).

⁴⁴ Ressaltamos, respaldados em Benjamin (2012), que no período atual a obra de arte perdeu a aura juntamente com o fim do exclusivismo. Vale questionar: qual a diferença de ouvir um CD de Luiz Gonzaga e de ouvi-lo cantando? Ver uma foto de um quadro de Di Cavalcanti me faz ter a experiência do quadro original? Qual a diferença e importância da primeira edição de uma obra literária? Em que um impresso difere do manuscrito? Em que diferem no prazer de contemplação de um trabalho artístico? Como pequenas mudanças (erros, mudança leve de cor etc.) na obra de arte influenciam na experiência da leitura e na forma como ela será significada/apropriada pelas pessoas no momento de sua apreensão?

4.2 SERTÃO DE CORPO E ALMA

É importante destacar, juntamente com Merleau-Ponty (2006), que todo aquele que entra em relação com outro ser é um agente que tem uma consciência, que tem um corpo, que está localizado, situado, é no mundo. Neste sentido, os sertanejos com seus corpos se apropriam do espaço ao seu redor e dos demais seres para significar o sertão e se significar, transformando-os e se transformando neste processo. Não há, como aponta Merleau-Ponty, consciência sem corpo e todo homem, para ser no mundo, tem sua consciência corporificada. Conforme aponta Miranda (2015), o corpo é a própria interface do ser no mundo, da relação do ser com o mundo e também para a criação/construção do conhecimento.

Como destaca Dardel (2011), o homem é espacial por essência, haja vista que há uma ligação material e psicológica do homem com o espaço, a geograficidade. Esta é a própria relação do ser no mundo, do ser no espaço, e engloba as possibilidades de significação do espaço pelo homem, criando e remodelando, a todo tempo, as marcas do homem no espaço e do espaço no homem, fazendo parte de formas específicas de ser no mundo.

As considerações de Merleau-Ponty se fazem pertinentes também devido a utilização dos sentidos pelos entrevistados para significar o sertão. Nas entrevistas aparecem sertões dos sabores, de cheiros, de sons. Aparecem também as cores da vegetação e a capacidade dos entrevistados de diferenciar as espécies que fazem parte do seu cotidiano. Isto pode ser identificado nas falas que seguem:

Olha, eu tenho formação em artes plásticas também, eu gosto de pensar, em tudo o que eu faço, quando eu tô criando cenário eu começo pensando também em cor. Então as cores que me vêm são os tons pastéis, marrom, o mostarda, creme, o azul também do céu muito intenso, vem o verde do mandacaru, das plantas, vem o marrom do ressequido dos galhos das árvores, então vem essas coisas. O vermelho, vermelho que tá presente de alguma forma no pano mais barato de xita na feira, então de criança eu tenho essa imagem. O roxo, do velório, das mulheres que se vestem dessa maneira, são as coisas que principalmente vem. E em relação às formas, vem as formas das plantas características do sertão que é o mandacaru, o juazeiro, o pé de umbu... Vem a forma das frutas, mas aí tem uma riqueza de frutas porque o sertão, ele tem uma riqueza em termos de agricultura muito grande, só que ela não é observada, não é respeitada (BARTILOTTI, Miguel, 2015).

E uma fronda⁴⁵ maior, uma fronda, uma sombra, e dá uma resistência da seca. Eu sempre quando acordo eu ouço os pardais nas mangueiras aí no fundo do quintal, eu acordo como som dos pardais né? Eu sempre gosto de dizer, certa vez eu descobri que são os

⁴⁵ Referência a árvores frondosas, de copa arborea ampla, que criam uma área significativa de sombra.

pardais que acordam a cidade, né? Embora sejam aves rejeitadas por nós, mas são eles que fazem esse trabalho de acordar e de adormecer a cidade, entre aspas. Se você... Eu vejo o sertão no início do dia assim, e no final da tarde os pardais se recolhendo em seus galhos, quando os seres humanos, as pessoas que estão labutando no comércio pela cidade estão voltando pras suas casas, estão se recolhendo para seus habitats, o João Rocha-de-barro está voltando para sua casa, os pardais estão se recolhendo para os seus galhos. Naquelas, naquelas amendoeiras do centro da cidade, aquela coisa e tal, nós estamos voltando para a nossa, nossa casa de, o nosso ninho de cimento né? A nossa casa, a nossa morada. Então são duas imagens distintas que eu tenho como sertão: quando eu acordo, essa da natureza, e quando eu volto no final da tarde é inevitável ver. As crianças voltando da escola, os pardais se recolhendo pelos seus galhos e a gente pros nossos ninhos de cimento. É uma visão um pouco sentimentalista da coisa, que eu sou um pouco sentimental em ver esses detalhes pequenos que ninguém vê, mas uma das coisas mais belas que eu vejo do sertão é isso: a questão do sertanejo conviver muito bem com a natureza, né, em harmonia, de cantar a natureza, de cantar o luto, de cantar as alegrias, e o sertão eu vejo assim dessa forma (PINA, João Roberto, 2015).

Neste sentido, apesar da abordagem fisiográfica do sertão ser superada na academia – uma vez que os autores que criaram as principais representações sobre o Nordeste e o sertão escreveram sobre o sertão muito na perspectiva de um naturalismo e determinismo espacial (ALBUQUERQUE JR., 2001) – a base material é considerada, significada, absorvida pelas pessoas quando da construção do significado de sertão, pela geograficidade essencial do homem⁴⁶. Isto não quer dizer que o significado de sertão para estas pessoas se restrinja a isso, mas que considera também a base material no seu processo de elaboração: A construção da identidade sertaneja se apropria dela para auxiliar na construção do objeto de experiência espacial na consciência do agente. A experiência do espaço gera um reconhecimento que ocasiona processos de identificação que podem ser negativos ou positivos. Se a experiência é positiva, há topofilia, e a ocorrência de experiências semelhantes associam o espaço à positividade, mas quando as experiências são negativas há a topofobia, que, com a correlação de outras experiências negativas, pode gerar traços de negatividade relacionados com um dado recorte espacial (RELPH, 1979). No entanto, é preciso atentar, juntamente com Le Bossé (2004), que ideologias identitárias podem estar baseadas no espaço geográfico, uma vez que os signos geográficos atuam como elementos coerentes e eficazes na construção e manutenção de discursos identitários.

Na reflexão de muitos entrevistados, o sertão se configura num espaço de felicidade, a despeito dos problemas da vida cotidiana. Isto porque, para muitas pessoas, o sertão está repleto de relações sociais verdadeiras, de pessoas que se importam com os outros e que são acolhedoras.

⁴⁶ Para uma reflexão mais aprofundada sobre os percursos de transformação dos significados de sertão ler Mendes (2009) e Vasconcelos (2007).

Para muitos entrevistados, os sertanejos têm grande apreço pela fé e pela tradição que podem ser identificado nas principais manifestações culturais descritas por eles. Isto pode ser visto na fala de João Roberto Pina, abaixo:

As características culturais nossas, sertanejas, como bem diz, até pelas características do nosso povo, elas são mais carregadas de sentimentalismo. Por exemplo: as trezenas que existem no sertão, a trezena de Santo Antônio, as rezas de São José pra chover, elas são carregadas de uma religiosidade ferrenha. Mulheres que estão ali que aprenderam com a bisavó, que passou para a avó, que ela aprendeu com a mãe e que tá ali, tá com uma criancinha de braço ali e participando daquela trezena ali. As questões das manifestações nossas aqui são carregadas de três pontos cruciais: da tradição, existe muito essa questão de tradição “não, eu toco reis porque meu avô tocava, e eu aprendi com meu pai e tô ensinando meu priminho”.

Mateus Barbosa: É hereditário, né?

João Rocha: Hereditário. A questão da tradição. “Ah, eu toco viola porque foi meu avô que fez essa viola e eu tô aprendendo, “ah, eu escrevo...”. Semelhante a mim, eu escrevo cordel porque eu aprendi com meu tio Zé Roberto. Eu gosto de cultura porque desde pequenininho, com cinco anos de idade minha mãe me colocava no pescoço e me levava para os eventos que meu tio participava, produzia. A questão da tradição, a questão da religiosidade, é muito forte, você vê a própria, a capoeira em si, embora ela não esteja muito ligada à questão da religião, mas se você for ver tem um viés religioso ali. É, a questão, por exemplo, dos Ternos de Reis, existe também uma religiosidade muito forte, então são católicos mais ávidos ali, tal, tal, tal. A questão da, do São João. Geralmente o São João aí na cidade do interior elas são feitas em parceria com a questão religiosa. Como? Existe a festa da igreja, como Paramirim, como Guanambi e muitas outras. Existe a festa da igreja, igual mesmo Guanambi, o São João de Guanambi começa no dia 14, depois da trezena de Santo Antônio, o município não faz nada durante a trezena de Santo Antônio para não interferir na programação religiosa da igreja, aí depois do dia 14 já começa. Inclusive, esse ano depois da trezena de Santo Antônio, dia 14 vai ser o Pe. Fábio de Mello, quer dizer, uma manifestação está entrelaçada à outra, né? E, algumas cidades no interior existe a questão dessa ligação muito forte religiosa: a festa de Santo Antônio, São José, na questão do São Francisco, então a cultura nossa está permeada sobre a questão da tradição, da religiosidade e do sentimentalismo que é muito enraizado, muito forte. Essas são as características básicas das manifestações daqui. Em todas as regiões: seja no Recôncavo, na Chapada ou aqui no sertão, eu vejo essas três características, eu acho que sumárias, que estão presentes em todas as manifestações: a religiosidade, a tradição e a questão do sentimentalismo (PINA, João Rocha, 2015).

Nas falas é possível identificar, também, um discurso repleto de sentimento, de emoção, de apreço pelos valores e tradições sertanejos cultivados pelos agentes de cultura que se esforçam para manter manifestações cujo início eles não conseguem remontar. Nestas é possível identificar também o apreço ao rural, e também que, para eles, o sertão e o ser sertanejo estão relacionados a ter experiências no campo, a ter vivido próximo da natureza e da terra. Essa relação com o rural é identificada também na construção do discurso fundador do Nordeste, nos escritos dos intelectuais do Norte/Sul e Nordeste/Sudeste (ALBUQUERQUE JR.,2001; VASCONCELOS, 2007;2014). Esta associação do sertão com o rural pode ser visto na fala de Ednalva Queiroz,

artesã de Brumado:

A diferença que marca é que o sertão é bem mais calmo né? Quando você viaja, em termos de população, em outra cidade você encontra muito diferente, principalmente eu vejo o sertão quando eu chego aqui na minha terra natal. Eu vejo assim que há uma roça, um lugar onde é bem calmo, não tem nada... você tá lá naquele mundo cheio de gente, cheio de coisa bonita, viaja, olha todo dia as coisas e, você chega assim parece que você tá em um lugar tão tranquilo, entre aspas né, que você não... você se sente que... Por isso que às vezes alguém que mora em cidades assim, movimentada, não consegue... e aí quando você viaja você consegue entender o porquê que ele fala da cidade assim pacata, sertão (risos) (QUEIROZ, Ednalva, 2015).

Vale a pena ressaltar que, no geral, as repostas dos entrevistados dos dois Territórios de Identidade foram muito próximas em conteúdo, ainda que também claramente diferentes. A principal diferença nas respostas dos entrevistados dos dois territórios a presença/ausência da caatinga. Para os entrevistados do Sertão do São Francisco, a caatinga aparece na construção dos seus significados de sertão com muita força e isto não ocorre para os entrevistados do Sertão Produtivo. No entanto, em ambos a seca aparece nos discursos com igual relevância. Na fala abaixo, Maria Helena diferencia o sertão de Guanambi dos demais sertões da Bahia, enfatizando que muitas espécies populares da caatinga não são encontradas nas proximidades de Guanambi.

Nosso sertão aqui é bem diferente de alguns outros lugares, você fala é caatinga nossa região aqui, a caatinga não marca muita presença muito aqui, você não vê Mandacaru, é um ou outro espaçosamente, Mandacaru⁴⁷, Xique-Xique⁴⁸, Caixaieiro⁴⁹, Alastrado⁵⁰, como eu conheço no nordeste, no sertão do nordeste. Não, aqui nós é mais um tipo de, de campo né? Mais um tipo de campo. Há presença marcante do Juazeiro⁵¹, olhe que Luiz Gonzaga tem uma música lindíssima sobre Juazeiro né? O Juazeiro, a Quixabeira⁵², presente, o Quebra-Serra⁵³ com suas flores amarelas, lindo, tão grandinho, a Jurema⁵⁴, a Unha-de-Gato⁵⁵, não é muito as plantas, as cactáceas que são próprias da caatinga. O nosso aqui é menos, nós temos mais um tipo de campo, com essa vegetação: juazeiro, Quixabeira, Unha-de-Gato, Jurema, Quebra-Serra, São Roque⁵⁶... E o que tem mais dona Nice? Essas outras coisas, Tangirana⁵⁷, tem uma infinidade de outras coisas... (AMARAL, Maria Helena, 2015).

⁴⁷ *Cereus jamacaru*.

⁴⁸ *Pilosocereus gounellei*.

⁴⁹ Nome científico não encontrado.

⁵⁰ Nome científico não encontrado.

⁵¹ *Ziziphus joazeiro*.

⁵² *Sideroxylon obtusifolium*.

⁵³ *Peltophorum dubium*.

⁵⁴ *Mimosa tenuiflora*.

⁵⁵ *Uncaria tomentosa*.

⁵⁶ Nome científico não encontrado.

⁵⁷ Nome científico não encontrado.

Esta importância dada à vegetação também é identificada por Almeida (1998), que aponta os diferentes usos possíveis para os espécimes da caatinga por seus habitantes, tanto para sua sobrevivência quanto para a criação de significação do sertão, extrapolando o sentido denotativo da realidade e assumindo caráter metafórico, regulador do mundo, e se tornando um misto de conhecimento popular sobre a natureza e dos próprios mitos criados para explicar o funcionamento do mundo. Assim, uma geografia mítica é criada por trazer para a academia as explicações populares para a compreensão do mundo. Esses mitos criados para explicar o mundo estão evidenciados na fala abaixo:

Esses mitos, essas lendas tiveram a finalidade, sobretudo essa finalidade, não só, não era propriamente uma diversão, mas era uma forma de manter uma ordem, de manter uma disciplina dentro do grupo para que ele não se dispusesse... Tem alguma coisa que “não vá menino não entre da floresta que lá tem não sei o que lá!”. Não tinha outro jeito de dizer, então criou-se um ente totalmente fictício que passou a ser uma forma de conduzir a disciplina, vamos dizer assim, a ordem dentro do clã familiar ou dentro das casas que o mito teve essa função, e as lendas e o folclore tiveram também. O que é o bode berrador senão criar na caatinga um mito de um poder que o próprio catingueiro deseja? Eu quero ser poderoso, eu quero impor minha força como o Bode Berrador. Então conta-se a história como ele caiu no rio, no rio ninguém achou o corpo porque ele se transformou na caatinga num bode. O que era esse bode que ninguém via, ninguém sabia qual era o jeito dele? Um bode que berrava, que sapateava, que acendia, não sei o que lá, e que incutia medo no vilarejo. Qual é a consequência disso no vilarejo? É que todos deviam entender que na caatinga tinha algo de misterioso e que todos tinham de respeitar. Quem sabe até de proteção? Quem sabe... diziam “não entre na caatinga, não queime, não faça nada” porque então o Bode podia ser essa figura. A lenda, a lenda, a gente não pode destruir a lenda. Quando eu falo do lobisomem eu não escrevo no sentido de dizer, eu digo que o lobisomem existe porque eu não posso ser um poeta que tenha por objetivo destruir a lenda, pelo contrário, eu tenho que fortalecer a lenda, eu não pude matar, nesse meu Bode Berrador, nesse livro aqui, todo mundo às vezes quer, tem medo, mas ninguém soluciona. (PIRES, José, 2015).

A associação do semiárido com o sertão e com o Nordeste é controversa, mas diversos autores, dentre eles Vasconcelos (2007; 2014) e Albuquerque Jr. (2001), registram uma intrínseca relação entre o discurso modernista e regionalista para a criação desta associação. Na perspectiva dos entrevistados, não poderia ser diferente, e também em suas falas não há consenso. Para muitos entrevistados o sertão e o semiárido estão em-relação, sendo, portanto, muito difícil diferenciar um do outro. Para os entrevistados que fazem diferenciação entre eles, o sertão está mais relacionado aos aspectos culturais, enquanto o semiárido está mais voltado para as questões da dinâmica da natureza. No entanto, quando perguntados sobre quais seriam as principais diferenças culturais, muitos não se aventuraram a responder, dentre aqueles que responderam, optamos por citar a fala de Joelton, ator de Guanambi:

Se você for olhar de forma geográfica sim, todo, todo... Rapaz tem um sertão, né, que é a parte, no meu ponto de vista, a parte de dentro, a parte que fica nas costas, escondida... Eu acho que sim, não há como não ter...(...) Eu acho que um outro sertão fora do nordeste acabaria tendo outras tradições totalmente diferentes das nossas aqui, sem esse sotaque nordestino, sem essa cultura nordestina, acabaria sendo totalmente diferente mas não deixaria de ser sertão, mas com outras tradições. Eu acho que a partir do momento que você se aproxima do litoral, então tem uma certa proximidade do litoral, ou de uma região de uma mata atlântica, de uma região muito rica em chuva, é uma região... Aí eu acho que perde um pouco uma característica de sertão, porque sertão no meu ponto de vista sertão casa com o semiárido, com a dificuldade da falta de chuva, a longa estiagem. Tem no meu ponto de vista tem um casamento entre o sertão e a falta de chuva, porque a partir do momento que você vai para uma região que chove bastante, mesmo que ela esteja no interior, ela acaba deixando de ser sertão, no meu ponto de vista. (OLIVEIRA, Joelton, 2015).

Nesta empreitada, os entrevistados foram convidados a falar sobre quais os aspectos consideravam como os mais marcantes do sertão. Quais seriam, em sua opinião, os símbolos e significados que marcam o sertão? Para esta pergunta, diversas foram as respostas: como é possível ver nos quadros 9 e 10, foram contemplados aspectos da natureza, da culinária e da arte. É importante ressaltar que o vaqueiro assume um papel-chave na construção do imagético do sertão para os entrevistados. O sertão faz parte da vida dos entrevistados nas suas mais diferentes nuances. Há, por exemplo, um vocabulário popular sobre o sertão que vai se consolidando com o passar dos anos que nomeiam as regiões sertanejas. Este é o caso, por exemplo, do Sertão da Ressaca, estudado por Mendes (2009). Um pouco desta variedade de sertões pode ser vista nas falas abaixo:

O que vem em minha cabeça quando eu penso em sertão? Olha, eu penso, aí vem aquela coisa né? Desde o imaginário, como eu falei dos autores que escrevem, até aquela coisa... A gente pensa logo, por exemplo, quando fala em sertão a primeira coisa que a gente vê é um bocado de cabra correndo, talvez não sei se por causa da capa de Vidas Secas né (risos)? Mas, eu me lembro quando a gente viaja ali, que a gente vem do litoral que passa por Itororó, aí tem uma carne do sertão em Itororó, de Arruda... e se você for rodar aqui por Caetité, por exemplo, você não vai achar cabra: você não acha cabra, você não acha jumento, você não acha, o jumento e o jegue são a mesma coisa, você não acha essas coisas que no imaginário das pessoas caracterizam o sertão. Você não vai encontrar. Raramente. Então o sertão pra nós é muito... Saber que em janeiro você vai chupar umbu⁵⁸, entendeu? Saber que agora é época da siriguela⁵⁹, não é (risos)? Eu acho que o sertão é muito isso...

Caroline Vaz: Que da siriguela a gente come até a folha.

Sebastião Carvalho: Não é?! Exatamente! É você saber que se você sair daqui hoje e for na roça você tem que tomar um café, que se você não tomar o café é uma desfeita pra

⁵⁸ Fruto da *Spondias tuberosa*.

⁵⁹ Fruto da *Spondias purpúrea*.

uma pessoa, não é? E ela vai entrar na cozinha pra fazer um bolo frito e vai lhe dar. É chamar chiringa⁶⁰ de chiringa, e não de avoador (risos), entendeu? Então eu acho que o sertão é muito, é muito, é muito isso. Né? E eu acho inclusive que a gente precisa trabalhar mais essa identidade do sertão, porque como eu disse: vai desde eu imaginar essas cabras correndo, que aqui não existe cabra, mas é algo que implicitamente foi embutido em mim através dessa, da própria mídia que fabrica isso né, até saber das coisas boas que tem aqui, e saber que aqui, por exemplo, ninguém passa fome porque planta Palma⁶¹, corta Palma e faz uma palminha que é uma delícia (risos) (CARVALHO, Sebastião, 2015).

Fernando Dias: Feijão verde⁶², feijão verde é o maior símbolo de, sei lá, você chegar na feira e encontrar feijão verde você sabe que as coisas estão bem, né? Hoje tu vai comprar é cinco, sete reais o litro de feijão verde (DIAS, Fernando, 2015).

Luiz Benevides: Uma galinha caipira (BENEVIDES, Luiz, 2015).

Fernando Dias: Sendo que feijão verde antes dava pra comprar um saco, né, você comprar um saco de feijão, você comprar um saco de pequi⁶³, você comprar um saco de manga⁶⁴, hoje você não compra mais, hoje tá mais difícil, mas pra mim são sinais. Milho⁶⁵, comprar muito milho para a mãe fazer pamonha, isso é fartura. Então, o meu sertão é esse, “fartureto”, se tem pamonha tá tudo bem no mundo (DIAS, Fernando, 2015).

(...)

Fernando Dias: Olha, rapadura, eu acho que a culinária representaria muito bem assim, que eu penso no requeijão quente, feito na hora... Ó, tô salivando. Eu vejo (risos)... (DIAS, Fernando, 2015, Caetité).

Luiz Benevides: No pequi, na farinha, na rapadura... (BENEVIDES, Luiz, 2015, Caetité).

Fernando Dias: No pequi, no queijo coalho, no queijo. Mas esse não é o sertão, tudo isso que a gente tá falando aqui é o momento da fartura quando tem água e tem leite e você vai comer numa sentada (risos), entendeu? Então é o tempo do pequi, do umbu, é tempo de fartura. Pra mim é isso, ó: pequi, umbu, jabuticaba⁶⁶, queijo, rapadura... Você já viu que eu sou guloso (risos). O umbuzeiro... O umbuzeiro é um retrato lindo do sertão, pra mim, o umbuzeiro... (DIAS, Fernando, 2015).

⁶⁰ Biscoito de polvilho alcinhado de diferentes formas na Bahia. Também conhecido como Avoador ou Peta.

⁶¹ *Opuntia ficus-indica*.

⁶² *Vigna unguiculata*.

⁶³ *Caryocar brasiliense*.

⁶⁴ *Mangifera indica*.

⁶⁵ *Zea mays*.

⁶⁶ *Plinia cauliflora*.

Quadro 9. Quadro Síntese dos significados e símbolos que representam o sertão na perspectiva dos entrevistados do Território de Identidade Sertão do São Francisco

Significados e símbolos do sertão	Município	Entrevistado	Função
O que representa o sertão é o ser humano. É sertanejo é homem, é normal, é um ser humano. Então, eu acho que o símbolo deve ser ele. O sertão é... significa fé alegria, arte, sobrevivência	Canudos	Carlos Carneiro	Agente Cultural
Eu acho que para mim, onde eu chego é sertão. [Sertão] é alegria [...] é uma rebulição.	Canudos	Edvaldo Santos	Agente Cultural
Nosso escudo, talvez como nosso campo de força	Canudos	José Alex	Agente Cultural
O sertão é o mundo todo. O sertão está na mulher que a amamenta, o sertão está no vaqueiro que rompe as caatingas, sertão está na essência, nos rostos marcados pelo sol, castigados, o sertão está na flor do mandacaru que desponta, está na aurora. O sertão, resumindo, é a vida. [...]o vaqueiro, o vaqueiro é nosso, o vaqueiro é origem sertaneja	Canudos	José Américo	Agente Cultural
Sertão, acrescentando, é realmente tudo isso que já foi dito e na geografia e também na antropologia, sertão significa lugar distante, no sentido, distante quer dizer assim dos grandes centros urbanos e isso é muito forte porque quem lá mora, como aqui, vivemos distante. E hoje até Lutamos para, através da conscientização de movimentos populares, esse trabalho de valores, para a preservação de valores do nosso povo, na luta do vaqueiro como o colega falou, do sertanejo em geral.	Canudos	Josefa Irmã	Agente Cultural
Eu vejo a caatinga em si, a mata nativa, porque quando você olha para o lado geográfico, você vai para o sertão é uma mata totalmente diferente da mata. É... tem uma identidade que eu acho que é sertaneja, que para mim é singular, é o chapéu de couro, para mim é a identidade fundamental do sertanejo é o chapéu de couro. Eu vejo assim sabe, como uma identidade muito forte. Para mim, quando se refere a um símbolo, eu sempre penso em um chapéu de couro, não estou assim... tipo simbologia, entendeu? Sabe, para mim é o chapéu de couro, eu acho assim, que retrata toda a história do vaqueiro, do sertanejo mesmo, para mim, no meu conceito, eu. Porque se você pelo lado histórico você vai olhar cada cidade, cada coisa que cada uma tem. Eu estou falando numa simbologia geral, para mim é o chapéu de couro. Eu vejo ele assim como uma representação forte.	Canudos	Maria Augusta	Agente Cultural
Sertão para mim é a figura do vaqueiro. Sertão para mim é esse sol que brilha todos os dias, mas que orgulha o nordestino. Porque isso é... para o sertanejo principalmente o que vive no semiárido, o sol não é problema ele é sinônimo de alegria, você pode ter certeza disso. Quem vive no sertão não se incomoda com o sol, com o semiárido, porque ele já aprendeu a viver, a lidar com a terra, com o semiárido. Então, sertão o que eu vejo, para mim é isso. É o homem, o vaqueiro, que tem sempre a alegria. Você... se você presenciar uma festa de... uma cavalgada de vaqueiro você vê a diferença. O que contagia eles... as modas de vaqueiros que eles cantam, o zaboio. Então, me identifico muito com isso. Não sou vaqueiro, mas eu me identifico muito com ele, com o homem nordestino, o vaqueiro do sertão. Então sertão para mim... a maior figura que representa o sertão é o vaqueiro.	Canudos	Rubenilson Souza	Secretário de Cultura
rapaz... o que é que marca sertão para mim... a geografia. O que mais marca para gente é a geografia, as tradições culturais que o sertão tem...[...] Mas eu acho que a questão da geografia em si, a questão das tradições, da cultura que o sertão apresenta, eu acho que é uma cultura rica e que a gente pode aproveitar o máximo disso ai.	Canudos	Ednaíra Martins	Agente Cultural
O vaqueiro; A carranca. A carranca ela simboliza isso; O nego d'água, também	Juazeiro	Alan Silva	Representante Territorial
A música, com a questão do forró, Luiz Gonzaga, nosso grande ídolo cultural, musical, do sertão. Os vaqueiros, as festas juninas, também as festas religiosas, como é o caso das vias sacras e outras mais, o sertanejo é essencialmente religioso, a culinária também, a questão da buchada, do bode, as comidas típicas do sertão, farofa, milho.	Juazeiro	Donizete Menezes	Secretário de Cultura e Juventude
é a carranca... no caso, barcos artesanais, que eu vivenciei isso, meu pai fazia barcos... a carranca porque já representa realmente o sertão. [...]	Juazeiro	Jeová da Silva	Agente Cultural
Essa simbologia, é que a gente tem uma riqueza tão grande, tão grande assim, uma variedade... que eu vou na minha tradição cultural, nas minhas raízes, o meu São João, o meu São João, feito na Zabumba, no Triângulo, eu vou na minha alimentação, que é colhida direto da terra, meu alimento ainda é macaxeira, gosto da batata, cuscuz, que o meu milho ainda é produzido por aqui... saber que a gente tem muito disso... a galinha caipira que a gente consegue ainda fazer um pirãozinho da galinha caipira, e eu acho que tem tudo a ver, e eu acho que isso tem tudo a ver mesmo com a gente aqui do sertão. Eu que o maior, o maior que eu tenho de nós é a minha cultura, minha história de vida, minha, como é que chama? A minha brutalidade natural, acho que é isso, né? ser descendente de cabra que lidava com a terra, que tinha um princípio só: 'temente a Deus e ser digno diante dos homens' que eu acho que era isso que meu avô falava para meu pai e que meu pai passou para a gente: você tomar sua cachacinha, tomar seu cigarro, não ofenda ninguém.	Remanso	Flávio Diniz	Diretor de Cultura
Eu acho que a seca, a seca, deixa eu ver mais, a seca, o sertanejo, o pessoal que vive no bioma caatinga, sertão, eu acho que isso é o sertão; ? eu acho que o Reis de Boi, como é o nome meu Deus... a vaquejada também é uma importante manifestação, tem muito aqui no sertão, São Gonçalo, eu não sei se você já viu o São Gonçalo, a capoeira também	Remanso	Jânio Silva	Agente Cultural
Tem a questão do vaqueiro que é uma coisa muito forte aqui, nós procuramos também trabalhar bastante essa parte do folclore, são o Reis de Boi, o São Gonçalo, que são muito fortes no interior também; o Terno de reis; O Reis de Bois; a Marujada.	Remanso	Marinalva Souza	Agente Cultural
É a fortaleza. Esse povo sofredor. Sertão é forte, não é? Como dizia Euclides da Cunha: "O sertanejo é antes de tudo um forte!" É forte e é uma pessoa que tem muita esperança. Eu acho que essa esperança é que ainda é nossa principal característica. O sertão com toda essa intempérie, da seca, da falta de água, dos problemas e da terra, a politicagem pelo meio é que é muito forte aqui também. Sertão pra mim é tudo, é belo, mas às vezes fica feio com certas coisas.	Uauá	Pedro Peixinho	Representante do Poder Público

Continuação do Quadro 9. Quadro Síntese dos significados e símbolos que representam o sertão na perspectiva dos entrevistados do Território de Identidade Sertão do São Francisco

<p>É você ver um vaqueiro, você ver na estrada aquele vaqueiro todo encourado, ele, no seu cavalo, sendo seguido por um cachorrinho, aquele cachorro amigo que vai, é você ver um cara vindo com os jegues com os caçuás, com algum produto da sua produção agrícola, você está entendendo? é você ver, numa casinha qualquer no sertão, aquela pessoa sentada na janela observando o movimento externo do lugar, é o violeiro cantando, é uma noite de luar, é um pôr-do-sol, é uma sabiá cantando, é uma asa branca cantando, em cima, no pé de uma serra, para você ouvir aquele som, você está entendendo? as imagens do sertão são essas aí, é o mandacaru vistoso cheio de flores numa noite de luar, que você sabe que a flor do mandacaru só abre a noite, é uma flor noturna, ela abre na boca da noite, depois, quando o dia vai chegando, ela vai fechando e aí pronto, só abre uma vez só e depois já prepara o fruto. Então, são essas imagens que me chamam muito a atenção no sertão, porque, também, acima de tudo, eu fotografo, trabalho com fotografia, então, são essas imagens que eu busco no sertão, uma flor desabrochando, seja ela qual for, uma flor de caraibeira, uma flor do pau d'arco, uma flor do pinhão, são essas imagens, sabe? Você passar por um lugar, num fim de tarde, e você ver uma Seriema cantando, ela tem um canto alto e chama a atenção, então, são essas imagens que me chama muito a atenção.</p>	Uauá	Gildemar Sena	Agente Cultural
<p>"Passarinho cantou, no pé da jurema,/bem-te-vi sentou em cima da ema/veio o beija-flor deu um beliscão/ tudo isso eu vi, aqui no sertão/no meu sertão é assim, tem tudo para gente vê/estas paisagens tão lindas, tem água na cacimba para o gado beber/ no meu sertão é assim, bem linda a tradição/o povo faz alvorada, na festa de São João/tem carneiro gordo, peru e pavão/tem melancia, milho assado e melão/tem o zabumbeiro, forró e sambão/e depois da novena começa o leilão/tem o zabumbeiro, forró e sambão/e depois da novena começa o leilão".</p>	Uauá	Antônio Sabino (Cavachão)	Agente Cultural
<p>Sou sertanejo, sou catingueiro, tomei água de poço artesiano, mas era cacimba mesmo, cavada à picareta, aprendi meu ABC dentro do sertão, na caatinga, e, assim, as primeiras palavras do meu ABC, a gente ia para escola, a escola era distante, mas aqueles que eram maiores, a gente ia trocando palavras no caminho e eles dizendo assim que árvore é aquela dali? Que pau é aquele ali? Ali é um pé de embiruçu, ali é um pé de umburana, então, para mim, foram as primeiras frases que eu fui aprendendo, para mim, foi o primeiro ditado [...] Mas, o sertão, para mim, é tudo, ser sertanejo para mim é uma honra, ser catingueiro para mim é uma honra, eu amo a caatinga, inclusive, minha esposa está aqui, mas o nosso primeiro sms que a gente escrevia era no umbuzeiro mesmo, riscar com uma faquinha lá, acho que, até hoje, ainda, tem lá, no doron, lá onde eu morava, ainda tem uns pés de umburana (risos).</p>	Juazeiro	José Rosa	Agente Cultural
<p>Meu avô era do sertão, vaqueiro, lá, na fazenda, eu acho que o sertão começa por aí, pela caatinga, pelo interior, dos vaqueiros, que vai com os gados, o sertanejo, de ter aquelas músicas, porque vaqueiro canta, também, vaqueiro inventa aquelas coisas, então, o sertão faz parte dos interiores...</p>	Juazeiro	José Filho	Agente Cultural
<p>Uma das maiores riquezas, nós temos aqui na frente, na nossa região, é o Rio São Francisco, que é o criador de todos nós, que na região existem muitos projetos e é de onde tira a sobrevivência das pessoas, então, tudo isso, a gente tem que dizer, que, aqui, é um sertão muito forte, muito rico.</p>	Juazeiro	Ovidia Sena	Agente Cultural
<p>Tá certo. Sertão, no meu ponto de vista, como sou sertanejo, nascido no sertão da Bahia, tenho orgulho de ser sertanejo, então, vejo de duas formas, de uma forma natural e de uma forma poética [...], nós temos a riqueza natural da sobrevivência das pessoas, que são sertanejas, nasceram no sertão, onde produzem seus alimentos, com as dificuldades, mas o sertão é rico, tem sua riqueza natural, meu avô sempre dizia: "Meu filho, o sertão é o melhor lugar do mundo."[...] E, de forma poética, porque a poesia é inteiramente sertaneja, porque a poesia é uma forma natural, um fenômeno natural, tudo é poesia, é oculta, ao mesmo tempo, porque quem não tem o dom, não nasce predestinado com esse dom, às vezes, não enxerga, porque, até para gostar, você tem que ter essa tendência poética, assim, a poesia está em todas as pessoas, basta você despertar, entender e valorizar.</p>	Juazeiro	Valdir Lemos	Agente Cultural
<p>É uma região de poucas chuvas? É. É um lugar em que dá para se viver? Claro que dá, dá para se sustentar, desde que você saiba trabalhar com aquilo que você tem. Na visão do pessoal do Sul, nós somos povos miseráveis, que passamos necessidades, que a caatinga, que a região semiárida, é o pior lugar que tem para sobreviver, embora mande água para São Paulo (risos), mas, nós, que vivemos aqui, sabemos que isso não é verdade, muitos dos nossos tem aquela ilusão de sair daqui para ir sobreviver, viver, na cidade grande, mas, na realidade, eles tem mesmo é que correr, para sobreviver, mesmo, ao contrário de nós, aqui, nós vivemos bem sempre, sabemos dos períodos que requerem um pouco mais de cautela nas coisas que a gente e tem aquele período, mesmo, de abundância, aquele período de fartura, o período que chove, que a gente planta, que a gente colhe</p>	Juazeiro	Zenaide dos Santos	Agente Cultural
<p>Primeiro, esse calor infeliz (risos). É ser um cidadão deste lugar, aqui, tão quente, tão árido, mas tão bom, sabe? Tão longe daquele ideal que é vendido pela mídia, que, aqui, é miserável, é seco, é pobre. [...] não é antes de tudo um forte, mas, realmente, somos fortes, nós resistimos as intempéries de tudo, as intempéries políticas, as intempéries culturais, sociais, e este é um lugar que se produz, aqui, nós podemos dizer que nós não tiramos leite de pedra não, nós fazemos leite e fazemos pedras.</p>	Juazeiro	Marcos Santos	Agente Cultural
<p>Aí a gente percebe que mesmo com a seca a gente tem uma vegetação né que proporcionam, algumas árvores, proporciona mesmo no período de seca, estiagem, consegue sobreviver e dessa forma a comunidade vai sobrevivendo, com a... vai extraindo né, da própria natureza, o que o próprio sertão se adaptou se acostumou a viver com isso vem dando a volta por cima com tudo isso que a seca representa pra gente. Mas graças a Deus está dando certo o povo está se superando.</p>	Casa Nova	Antônio da Rocha	Agente Cultural
<p>Sertão faz parte do Nordeste, é área de sequeiro, que chove só de 3 em 3 meses, nem sempre uma chuva aqui e acolá, é um povo que sobrevive a essa seca, essa resistência, sobrevive aqui como que, lá no Sul até admira como que sobrevive, com 3 meses de seca lá já estavam morrendo né? e a gente passa seis meses, 8 meses sem chuva, com a água pouca, caatinga sem folha e aqui estamos vivendo.</p>	Casa Nova	Eulina Ferreira	Agente Cultural
<p>Eu acho que tem tudo de bom né Mateus, só falta ser mais visto, mais ajuda dos poderes públicos, do Estado, porque o nosso sertão é muito sofrido, mas apesar de tudo tem muita cultura, tem artesanato, tem capoeira, tem hip hop, tem música, tem muito artesanato, muito, Casa Nova tem muito artesanato, precisa ser divulgado precisa ter apoio, recursos financeiros, para poder a gente trabalhar tem lugares que é difícil de se viver, de trabalhar. Falta de recursos, falta de incentivo. Então a gente está nessa luta, para ver se a gente através desse trabalho que a gente está desenvolvendo aí através de Luciano, através de Helena e todos nós aqui pra ver se a gente, pra ser enxergado né, com mais atenção pra gente poder desenvolver bem porque artesanato é cultura, artesano é cultura, dança é cultura, música é cultura entendeu. [...] A gente sabe que investimento tem, agora falta chegar realmente nas mãos das pessoas que precisam. Né isso?</p>	Casa Nova	José Araújo	Agente Cultural

Continuação do Quadro 9. Quadro Síntese dos significados e símbolos que representam o sertão na perspectiva dos entrevistados do Território de Identidade Sertão do São Francisco

Sertão o sertão pra gente aqui é uma fonte cheia de cultura que muita gente não volta atrás pra trazer Casa Nova pra frente, mas é um lugar bom de se viver tenho problema da seca, problema de chuva né, tem muita cultura para se resgatar, trazer pra frente.	Casa Nova	Nilas Souza	Agente Cultural
Na verdade o sertão simboliza a vida difícil da caatinga, do povo da roça, que é simbolizada hoje no país todo aos laços de Luiz Gonzaga, de Lampião, da própria que acontecia aqui no nosso município, do conflito de Pau de colher, então isso simboliza o sertão sofrido do nosso território. Eu acredito que seja dessa forma a grande imagem do sertão brasileiro, é esse sofrimento que leva o nordestino.	Casa Nova	Marismário Fonseca	Representante do Poder Público
Sertão é esse canto de mundo que a gente aprende a viver com as dificuldades, com as disparidades de clima. E a gente escuta muito por ai quando a gente estuda [...] “fim de mundo”, eu costume dizer que pode ser o início do mundo aqui também. Pode ser fim e pode ser o início [risos]. Então é esse canto de mundo que a gente aprende a viver com as dificuldades e que a gente aprendeu a amar o sertão. Que está impregnado na nossa cultura, nas nossas vidas e nos nossos afazeres.	Casa Nova	Luciano Leite	Representante do Poder Público
É sinônimo de... sei lá, de guerreiro, de força, porque mesmo com pouco as pessoas conseguem ser felizes, conseguem ser alegres, conseguem ser hospitaleiras, então é sinônimo de esperança, sinônimo de... que haja um futuro melhor. Ou seja, que moram ali, mas que confiam, tem a sua fé de que um dia os seus filhos, os seus netos terão um futuro melhor.	Casa Nova	Tiago Teixeira	Representante do Poder Público
Para mim o sertão é como uma fênix, que muita gente dá como morta e ela renasce, revive. É uma vegetação que como o povo sertanejo é sobrevivente, guerreiro e lutador. Então o sertão para mim significa isso: vida, força, luta e trabalho. Entendeu? De um povo que nunca desiste.	Casa Nova	Aismário Carvalho	Representante do Poder Público
[...] é um povo alegre, é um povo que gosta de dançar forró, que gosta de fazer o seu São Gonçalo, gosta de fazer o seu Reisado, é um povo que está sempre presente no, no... faz suas novenas também, nos seus cantos, faz as suas manifestações culturais, seus aboios, né? [...] Então a gente vê o sertão também como, como essa força de criatividade do nosso povo, eles estão ai atentos a tudo o que acontecem e conseguem fazer uma poesia, uma arte em cima dessa necessidade que nós passamos, que nós sertanejos temos conhecimento, nós conhecemos.	Casa Nova	Aldo Nascimento	Representante do Poder Público
São as quadrilhas juninas que existe; são os Forró, os grupos dos sanfoneiros, que já está organizada na cidade, São Gonçalo, tem o terno de Reis, o Reisado que é a cultura que nunca deixou de existir, sempre desde a outra cidade, carnaval, o Natal que já desapareceu, muito mais... Mas tem muitas outras culturas tem o novenário dos padroeiros na sede que é um dos festejos muito importante atrai muita gente, festa do interior e por aí vai. São muitas manifestações, Tem uma manifestação do sertão que eu nasci e já vem de longas datas que a festa que havia no sertão era o forrozinho “rala bucho” lá, (é o rala bucho mesmo) o pé de serra, isso está se acabando. As bandas chegaram com suas guitarras... está se acabando. Hoje nós temos aqui, faz parte até do conselho um colega que ele vem de Salvador e ele tá resgatando o sanfoneiro, acho que já está com 40 sanfoneiros aí cadastrados no município e ele ta fazendo, está indo pra praça, pra ele voltar e apresentar. Está difícil, você sabe que precisa de muita coisa, mas ele está resgatando uma tradição do mato, do sertão mesmo.	Casa Nova	Nívea Wohlschlager	Agente Cultural
Em minha opinião o sertão é a cereja do bolo. Povo sofrido, mas não perde a alegria, povo inteligente, guerreiro, batalhador. É seca para o lado, tem fé em Deus que a chuva um dia vem que a fé não pode perder. [...] Pra mim sertão é um pedacinho da capital, você encontra gente inteligente, bonita e alegre, você não vê ninguém triste aqui não. Tá com a barriga seca, mas tá sorrindo. Tá com fome? O vizinho ali lhe cede alguma coisa. Aqui é assim, tudo agregado uns dos outros e a gente vence na vida.	Casa Nova	Maria Helena Silva	Agente Cultural

Elaboração: Caroline Bulhões Nunes Vaz

Fonte: VAZ, 2015.

Quadro 10. Quadro Síntese dos significados e símbolos que representam o sertão na perspectiva dos entrevistados do Território de Identidade Sertão Produtivo

Significados e símbolos do sertão	Município	Entrevistado	Função
É uma emoção, é uma... É uma felicidade.	Ibiassucê	Adriana Pereira	Agente Cultural
O que é sertão? São as nossas raízes. Muito, assim, no meu ponto de vista, tá acima de tudo, assim. Para desenvolver qualquer trabalho, o sertão é o foco principal. Por quê? Porque primeiro a gente tem que valorizar nossas raízes e conservar, porque devido a, devido a tecnologia, devido às várias outras formas de manifestação que vem acontecendo, sempre é deixado um pouquinho para trás. Então, nosso objetivo é procurar é deixar vivo, todos, qualquer característica referente à sertão.	Ibiassucê	Marlene Sousa	Agente Cultural
Sertão para mim é um berço onde a gente nunca pode abandonar. É a alegria de viver aqui nessa região, nordestina, sofrida, mas alegre e bonita. É o que eu vejo do sertão. E não deixar morrer essa cultura que nós temos. Nós, sertanejos, temos um, um gosto assim, de falar assim 'eu sou do sertão', porque lá fora a gente pode ser discriminado, mas para nós, o nosso meio aqui, a gente tem orgulho de ser sertanejo!	Ibiassucê	Ana Santos	Agente Cultural
Sertão, eu considero assim, por exemplo, Paraíba. Eu já acho que Paraíba é sertão, acho que Recife é sertão, acho que Pernambuco é sertão e eu sou baianona, da gema, daqui de Ibiassucê. Tá um pouco longe de ser sertão.	Ibiassucê	Maria Luiza Nascimento	Agente Cultural
Eu acho que sertão é isso aí que a gente está observando né? Essa dificuldade por causa da seca, que aqui as chuvas são muito escassas mesmo... É a dificuldade da água, no caso, por causa da seca [...] É o convívio com a comunidade né, é o convívio que você vê os dialetos das pessoas, comportamento, o comportamento da pessoa dos outros lugares é diferente. Ainda você sente isso. E o comportamento das pessoas aqui do município assim, da sede às vezes e de todos os outros locais, sempre tem alguns que tem aquele comportamento mais de insegurança, mais arredio, assim principalmente por causa da questão de insegurança da cidade, esses níveis de segurança e violência né? Mas no sertão não, as pessoas são mais assim, mais amorosas, mas carinhosas e assim, mesmo quando não são, eles mostram uma simplicidade nos gestos, nas formas da gente falar, da gente escrever, no jeito, principalmente no jeito de falar.	Guanambi	Jardiel Alarcon	Representante Territorial de Cultura
<i>Em agosto o umbuzeiro é pau, Em setembro ele fulora, Em outubro ele dá, E vem a chuva e o chão móia.</i>	Guanambi	Helena do Amaral	Agente Cultural
É da sabedoria popular né? Porque realmente em agosto ele só tá a madeira né? Mas depois ele fulora, floresce né, mas em cá nós fulora, fulora, dá as flores, não sei, ou é folha, daí em setembro, daí vem a chuva e o chão móia, é coisa da sabedoria popular. Eu acho que esses dois são dois símbolos, no caso, a vegetação. A cabra também. Nós temos poucas, mas já teve muita cabra andando pelos lajedos. Na parte geográfica o lajedo também marca muito o sertão.	Guanambi	João Roberto Pina	Agente Cultural
Eu vejo o sertão como um sertão... A maior característica do sertão chama-se sentimento. O sertanejo é um povo sentimental. Um povo eu tô vendo assim, nos quartéis, nas feiras, nas rodas de viola caipira sempre há um forte sentimento carregado. Eu vejo o sertão assim. Em resumo, um sertão como a região mais carregada de sentimento. Todos eles, todos os sentimentos carregados: de amor, de alegria, de tristeza, de fome. Sertanejo é um povo, como se diz, muito instintivo, muito instinto. Não é? Eu vejo assim, dessa forma.	Guanambi	João Roberto Pina	Agente Cultural
Ó, o sertão ele tá presente, como a gente vive aqui ele tá presente em tudo: é numa poesia, numa música que você ouve, na convivência com as pessoas daqui, quando você vai na feira e que você vê o, os produtos que são produzidos pelas pessoas do interior e que fazem tanto sucesso lá fora. E vejo a força do sertão quando pra cá vem, quando vem visitar aqui Guanambi, pessoas do sul, do sudeste e que querem levar comidas típicas daqui pra lá, ou que passam alguns dias aqui e que ficam assim maravilhados com o que veem, e até dizem que tinham uma imagem diferente do sertão. Então eu sou um amante do sertão e acho que isso é o desejo maior que desperta na gente, amor à terra.	Guanambi	Joelton Oliveira	Agente Cultural
<i>O carro de boi já vai/ Gemendo lá no estradão/ Suas grandes rodas fazendo/ Profundas marcas no chão/ Vai levantando poeira/ Poeira Vermelha/ Poeira, poeira do meu sertão...</i>	Guanambi	Juvenice Baleeiro	Agente Cultural
É aquilo: é o cantar dos passarinhos, são as plantas, os lajedos. Gente! A pessoa que não pisa num lajedo para sentir o cascudo da pedra no pé não é sertanejo. É o grito do boi, tudo na minha vida é sertão. Melhor descrição: é um símbolo de Brasil.	Guanambi	Nice Baleeiro	Agente Cultural
Sertão eu acredito que é um espaço assim que é um pouco distante, né? Que fica distante da capital, distante da civilização, na verdade, e sempre desde criança quando eu ouvia a palavra sertão, imaginava aquele local também onde não existe muita água, onde é mais difícil, né, o acesso à todas as informações [...] os lavradores lidando com a agricultura, mexendo muito com a terra, lutando muito assim... Porque antes quando não tinha água nas casas, então a gente via muito aqui as mulheres carregando água na lata, a lata de água na cabeça, então isso aí é muito típico, era muito típico da nossa região você ver isso, as pessoas lutando pra poder levar água para suas casas.	Guanambi	Rosângela Oliveira	Agente Cultural
[...] eu acho que a força do sertanejo, eu acho que a boa vontade, a humildade, das pessoas, eu acho que já é um símbolo, a simplicidade do homem do campo, a simplicidade das pessoas ao receber alguém, a simplicidade do comportamento humano do sertanejo eu acho que é o maior símbolo pra poder significar o sertão.	Guanambi	Wilson Mota	Agente Cultural
<i>As festas juninas, né, São João... Santo Antônio, São João e São Pedro.</i> Nós temos aqui, que eu não sei se pode considerar uma tradição, a <i>feira de Nossa Senhora do Livramento</i> , que é 15 de agosto. Nós temos o <i>Bom Jesus do Taquari</i> , e as comunidades tem as suas padroeiras, e o <i>Reisado</i> , que tem as comunidades que prevalecem, o <i>Reisado</i> , as <i>Cavalgadas</i> , as... essa dança do <i>Bendegó</i> , que é da região de Itaguaçu e Rocinha, que são, tradições que já vem de muito tempo.	Livramento de Nossa Senhora	Rafael Lessa	Representante do Poder Público
O sertão, eu acho que o sertão é o próprio Nordeste representado [...] Seca, sofrimento falta de investimento do governo, uso eleitoral da população, massificação para manter esses programas assistencialistas, essas coisas.	Livramento de Nossa Senhora	Yonélio Sayd	Representante do Poder Público

Quadro 10. Quadro Síntese dos significados e símbolos que representam o sertão na perspectiva dos entrevistados do Território de Identidade Sertão Produtivo

Mas eu, quando vejo o sertão eu ainda vejo seca, eu ainda vejo burro, muito burro, ainda vejo a planta estorricada, vejo também o verde dos lugares próximos ao rio, vejo, mas ainda vejo assim esse sertão, como a gente diz, né? Estereotipado. Tento fugir dele na medida em que... Não é só isso que eu quero, num trabalho artístico, eu quero também o símbolo junto com o significado dele, às vezes eu falo mais do significado dele do que, por exemplo, a dor profunda, quando você tem uma necessidade de sair de um lugar onde você morou sempre, levando seus animais, então, essa dor profunda eu também coloco ela no meu trabalho, não deixa de ser um símbolo também, mas em termos de formas o que eu... Por exemplo: o carcará. O carcará é uma música, aquela música “carcará, pega, mata e come”; o carcará é uma música construída num tom menor, que ela tem características do jazz. A escala menor que se usa pra acompanhar essa música é uma escala que vem do jazz também, ela é mais dramática. Então esse é um símbolo que tá lá inserido quando você tá construindo uma música e que às vezes você não se dá conta. E essa música fala de um símbolo fortíssimo, que é o “carcará pega, mata e come”. Essa figura do carcará é aquela figura que tá no ar, pairando, pairando, ali, tal, olhando, olhando, olhando, e aí quando tem uma queimada, que o bicho tenta de alguma forma escapar, ou quando tá seco demais ele vem num voo rasante e pega esse animal e como diz a letra: pega, mata e come. Mas essa não é a figura do coronel? É a figura do coronel. A gente ainda tem o coronel do mesmo jeito que tinha, com roupas diferentes, com uma gravata, indo para a capital como deputado federal, capital federal ou pra capital estadual, mas é um carcará, os políticos ainda tem essa mentalidade de carcará, de, na hora certa, no momento certo chega...	Livramento de Nossa Senhora	Miguel Bartilotti	Agente Cultural
Sertão é a região que sempre foi esquecida, infelizmente em todos os sentidos. O sertanejo, como disse Euclides da Cunha, antes de mais nada é um forte. Ele muitas vezes (...) seus próprios esforços, sua própria identidade de homem forte, de homem do campo, mas realmente não tem tido, eu repito, o incentivo que merecia.	Brumado	Miguel Dias	Representante do Poder Público
Sertão é... assim... a vida de viver em um lugar meio... no campo principalmente, onde você encontra várias opções de vida. E aí você vai vendo a pessoa que é pessoa, mesmo que ele não tenha um conhecimento científico, ele está sempre ali a ensinar, você tem muito que aprender com essas pessoas. Para mim, isso aí é o sertão, né.	Brumado	Edinalva Queiroz	Agente Cultural
Mas o sertão é isso aí, é sofrimento, angústia e muito prazer em morar aqui. É como diria Euclides da Cunha "o sertanejo é antes de tudo um forte" né. Ele entrega tudo a Deus; o sofrimento foi Deus que mandou né [...] o símbolo mais característico da caatinga que é um bioma que não é reconhecido, não é reconhecido como bioma, é o único no mundo, então não tem outro bioma com o a caatinga em nenhum país do mundo. O símbolo característico da caatinga é o cacto. O mandacaru. Tanto é assim que tem uma piada que se diz: "você é igual a Mandacaru, não dá sombra porque não dá folhas; nem dá encosto porque é cheio de espinhos".	Brumado	Gilberto Dias	Agente Cultural
O mandacaru, o umbuzeiro, a baraúna, o jequitibá, então árvores, o símbolo do sertão são esses símbolos que resistiram e que tem uma relação profunda com o sertão [...] esses são os verdadeiros símbolos, são aqueles que estão na natureza, ou no vegetal, no caso desses vegetais que simbolizam realmente o sertão e a resistência que é preciso, e que transfigurou e se transformou na grande imitação do sertanejo. Ser resistente, forte como o umbuzeiro, ser verde apesar de solitário, como o mandacaru, entendeu? Ser resistente como a baraúna, ser resistente como as outras árvores. Para mim não são as armas, não são as bandeiras, não é o brasão, não é nada. Se a gente pudesse, nas bandeiras dos municípios, esquecer tudo o que se coloca nelas e colocar lá no centro, flamulando e tremulando, o mandacaru, ficaria muito mais autêntico, muito mais a realidade, certo?	Brumado	José Walter Pires	Agente Cultural
Olha, sertão é um lugar assim que tem a dificuldade de se estar, mas que possa se sobreviver. Eu acho que eu estou no sertão.	Brumado	Josimar de Souza Almeida	Agente Cultural
O que eu entendo por sertão? Acho que é a seca... eu acho que pra mim é o ponto principal, de sertão pra mim é esse ponto. A seca. Porque assim, eu não posso comparar, por exemplo, Brumado, Itabuna, sertão? não tem como. Então eu vejo isso, dessa maneira assim, assim. A seca. A necessidade.	Brumado	Normalene Teixeira	Agente Cultural
O que é o sertanejo, é o forte, né, é aquele que sobrevive à seca, aquele que vive ali na caatinga e que consegue sobreviver ai a duras penas, mas ao mesmo tempo demonstra, que tem essa, essa vitalidade, né, apesar do terreno ser árido, consegue sobreviver à essas intempéries. [...] e, também, além desses [mencionados por Zenildo Freitas], o sol. O sol, o sol a pino né?	Brumado	Paulo Esdras Júnior	Agente Cultural
Sertão? Para mim, acima de tudo, eu me sinto orgulhoso de ser sertanejo, de ser um forte e sobreviver, principalmente aqui no nosso agreste, onde temos dificuldades, principalmente relacionadas à questão de água, né, agora, vivemos um período bem melhor, devido à construção de uma barragem ai no Rio das Contas, mas a gente já sofreu muito por aqui com relação a questão de água, de abastecimento. [...] olha, eu vejo assim, que, representa além dos aspectos da nossa caatinga, da mata, o cacto, cabeça de frade, aquele pequeno, o mandacaru, né, são esses que... o umbuzeiro, que aqui na nossa região é muito forte também, então são esses, são essas que eu acho assim que representa a nossa... além do vaqueiro, de outras manifestações, mas esses eu acho que são os mais fortes.	Brumado	Zenildo Freitas	Agente Cultural
Então assim, eu acho que é muito isso: é o cheiro da cidade, o jeito, a forma como as pessoas... Aqui todo mundo se conhece, né, se a gente sair aqui na rua você vai ver, é dando oi, dando bom dia pra todo mundo, então... Você vai à feira, eu me lembro quando era menino que eu ia à feira com minha mãe, que acabava minha paciência porque minha mãe saía de uma conversa entrava em outra, saía de uma conversa entrava em outra (risos), entendeu? Então é uma coisa que a gente vê no sertão que a gente não encontra no supermercado.	Caetité	Sebastião Carvalho	Representante do Poder Público
Eu acho que sertão é um lugar onde eu existo. É simples, e existir vai muito além da sobrevivência, né, então eu não um sobrevivente porque eu aproveito e troco muito com o espaço onde eu estou né, e agora eu tenho filhos e tudo. [...] Eu acho que o homem sertanejo ele é mais resistente ele consegue não apenas sobreviver como viver com dignidade, principalmente hoje. Assim, eu acho que o sertão pra mim representa isso: viver além de sobreviver.	Caetité	Fernando Dias	Agente Cultural
O sertão pra mim eu acho o que é sertão? É a resistência, né, sertão é luta, sertão é perseverança, isso que eu acho que é sertão.	Caetité	Luiz Benevides	Agente Cultural

Nas falas apresentadas nos quadros 9 e 10, há uma intrínseca relação do sertão com o vaqueiro, profissão que data do século XVI e cuja aparência é de guerreiro medieval (QUEIROZ, 2014, p. 252). Cristóvão (1993-1994) afirma que o sertão vive entre diferentes temporalidades, marcado por contradições. Neste sentido e segundo Albuquerque Jr. (2001), o discurso regionalista é baseado numa tentativa de manutenção de relações sociais que emergiram no passado, e também de preservação dessa cultura.

Esse caráter voltado para o passado pode ser verificado ainda hoje, nas falas dos entrevistados sobre o tema e muitos artesãos ainda se valem dessa inspiração para confeccionar suas peças. Assim, aparentemente a ideia de sertão está relacionada com uma percepção diferente de tempo, por sua vez relacionada com o discurso de aversão à modernidade, um dos sustentáculos da fundação do Nordeste (ALBUQUERQUE JR., 2001). Mas é importante ressaltar que o sertão continua sendo espaço de encontro com o mítico, o sobrenatural, repleto de mistérios.

Benjamin (2012b; 2012c) discorre sobre a transformação das relações sociais do período clássico à modernidade. Ele mostra a importância da experiência coletiva dos grupos sociais para a manutenção e transmissão da tradição calcada em três bases, sintetizadas nas palavras de Gagnebin (1985):

A experiência transmitida pelo relato deve ser comum ao narrador e ao ouvinte[...] o caráter de comunidade entre a vida e a palavra apoia-se ele próprio na organização pré-capitalista do trabalho, em especial na atividade artesanal [...]; a comunidade da experiência funda uma dimensão prática da narrativa tradicional. Aquele que conta transmite um saber, uma sapiência, que seus ouvintes podem receber com proveito (GAGNEBIN, 1985, p10-11).

Assim, Benjamin mostra que a arte de narrar e de deixar as obras abertas entra em declínio com o perecimento da tradição e das memórias comuns, que garantem a existência da experiência coletiva. Elas são intrinsecamente relacionadas com a existência de um tempo e trabalho partilhados dentro de um mesmo universo de prática social e de linguagem, de anseio por aprender com os anciãos detentores de conhecimentos inestimáveis. Neste sentido, as entrevistas mostram a dificuldade enfrentada para manutenção das tradições, principalmente, pelo crescente desinteresse dos jovens de participar, de se envolver nas atividades culturais desenvolvidas pelos mais velhos. Isto mostra, por exemplo, porque o reisado tem perdido força em muitos municípios.

Com o fim do ritual coletivo, as tradições vão sendo deixadas de lado e novas formas de se relacionar em sociedade vão surgindo (BENJAMIN, 2012b; 2012c). Este deixar de lado das tradições pode ser visto nas falas abaixo:

É. As ladainhas que tinha antigamente, que eu até tenho um vídeo, para nós colocarmos nos registros da nossa cultura. As ladainhas, eu falei delas, que era onde a gente ia, convidado para rezar. O presépio que tinha nas casas antigamente, hoje nós estamos voltando de novo com essa cultura, mas tinha parado. O nosso padre esse ano, ele pediu encarecidamente que voltasse com os presépios representando a família no presépio. Antigamente tinha as cantigas de rodas, onde a gente conseguia conquistar os namorados, através dos versos [todas riem], nas cantigas de rodas, nas festas, viu? Porque não tinha, nessa época... hoje acabou por causa do celular, essas coisas. Nós vamos para uma reunião agora está todo mundo calado. Antigamente não. Fazer igual aveinha [Adriana ri], mas antigamente não, a gente, que as meninas aqui são mais novas, não pegaram essa época, tinha assim, grupo de moças, então a gente começava a se interessar por alguém daquela festa,
 -‘vamos cantar roda?’
 -‘vamos’
 Ai a gente começava a cantar roda, lá nos versos a gente começava a falar sobre aquilo (SILVA, Ana, 2015).

Brumado já foi muito sertanejo, hoje não tem mais esse foco assim. Porque muitas tradições aqui estão fugindo, então, estão, como é que se diz assim, tentando virar uma metrópole, metropolezinha. Então não é mais assim, mas as cidadezinhas circunvizinhas aqui tem ainda esse estilo, sertanejo. (ALMEIDA, Josimar, 2015).

Moreira (2014, p. 231) expõe que os jovens são hoje peça fundamental na reprodução do capitalismo no sertão por terem se tornado um “[...] segmento privilegiado à ação da publicidade e do consumo” e “[...] por se situarem na fronteira entre a reprodução cultural e a constituição de novos padrões [...]”. A autora mostra que grupos de jovens buscam trazer uma nova roupagem à identidade sertaneja, pela “[...] falta de vínculos com a propriedade rural e o modelo de vida de seus pais e avós é o elemento por trás da recusa do chapéu de vaqueiro e das tradições culturais; [...] a perda de importância das referências folclóricas provoca a rejeição de costumes e tradições” (MOREIRA, 2014, p. 236); em parte para negar os aspectos negativos e criar um sentido de positividade, numa tentativa de incorporar à sua realidade os comportamentos do mundo que eles têm como modelo, mas do qual não se sentem incluídos. Um exemplo surpreendente dado pela autora desta tentativa de se integrar ao mundo moderno apresentado a eles é que “[...] a falta de acesso à energia elétrica e/ou à internet está no topo das reclamações dos mais moços, superando a falta de água e de acesso à terra” (MOREIRA, 2014, p.237). Ainda discorrendo sobre as transformações, Moreira ressalta que quando havia eventos voltados para a cultura popular, como o São Gonçalo, poucos eram os jovens que buscaram se envolver na festa,

poisa maior parte dos jovens optou por ficar no bar admirando à distância, ou alheios à festa – como que em festejos à parte. Evidencia-se, assim, uma crise de identidade

[...] que reflete um processo de crise de toda uma sociedade, presa a memórias e estruturas do passado, e ao mesmo tempo pressionada pelas transformações aceleradas dos novos tempos. [...]diante desses jovens sertanejos estão dois grandes desafios culturais. De um lado, o de manter vivas as tradições e as manifestações artísticas seculares da região, em um mundo em que as figuras do vaqueiro, das benzedadeiras e das lavadeiras já não são mais o retrato das relações socioeconômicas que lhes deram origem. De outro, a juventude regional é responsável por reconfigurar a identidade sertaneja e afirmar novas possibilidades de permanência e convivência com o semiárido na era das novas tecnologias da informação e produção rural mecanizada (MOREIRA, 2014, p.239).

Percebe-se que há, então, uma diferença palpável entre os entrevistados desta pesquisa, que são em sua maior parte adultos e idosos, daqueles da pesquisa de Moreira (2014), mostrando que há uma diferença de percepção da cultura e do sertão por parte destas gerações distintas. Assim, como afirma Mendes (2009), as ambiguidades sobre ser ou não sertão também aparecem para os agentes de cultura dos dois Territórios de Identidade, trazendo o sertão como espaço vivido, intrinsecamente relacionado à forma como as pessoas se relacionam com o meio ambiente (ALMEIDA, 1998). Bauman (2005) e Hall (2011) evidenciam que é a modernidade que abre as possibilidades para o questionamento da identidade, mas para a maior parte de nossos entrevistados ela está majoritariamente voltada para o seu local de nascimento. Não há, portanto, na maior parte das vezes, um questionamento de sua identidade sertaneja, configurando-se então em pertencimento, que, conforme apresentado em discussões dos capítulos 2 e 3, não tem rebatimentos políticos. O fato de haver um pertencimento não questionado pode estar relacionado também com a infraestrutura para ocorrência de deslocamentos e viagens, para o confronto com o outro, haja vista que a alteridade é fundamental no processo de construção e consolidação de identidades (capítulo 3).

Acreditamos ser oportuno enfatizar a importância da aproximação entre os artistas e o público, o que pode criar uma identificação entre eles. Conforme mencionado anteriormente, alguns artistas conseguem romper com as barreiras que os separam do público, criando um processo de aproximação. Consideramos salutar, neste contexto, ressaltar que pode haver diferentes formas de aproximação entre o artista e o público. A primeira seria relacionada a uma catarse que cria uma identificação emocional, e uma segunda que visa a instigar as pessoas a refletir sobre a sociedade e a vida, no intuito de transformá-las (FURTADO, 1995). Para muitos

entrevistados esse fenômeno ocorre também com artistas como Luiz Gonzaga, que em seus shows criava uma atmosfera de unicidade entre o artista e o público. No entanto, ressaltamos que nem todos os artistas fazem de sua arte uma possibilidade de crítica social e de transformação da sociedade, pois há aqueles que, por diversas razões, desenvolvem suas atividades culturais sem integrar seu trabalho à realidade social de sua época. Miguel Bartilotti, na fala abaixo, evidencia a importância de artistas como Luiz Gonzaga para a criação da identidade sertaneja:

Ele [Luiz Gonzaga] é genial, porque a hora que ele coloca assim... Ele começa, ele começa como se ele estivesse num lugar né, tocando sanfona, aí ele diz assim: o sertão é cheio de cabra macho. Aí os caras fazem: ê! De cabra frouxo também! Aí você ouve o grito: já não tô nessa! Então, o diálogo com o público que tá assistindo ele é tão intenso, que eu não consigo ouvir essa música sem imaginar eles todos lá, eu vejo a mulher de vestido de chita, vejo o cara de chapéu de vaqueiro, eu vejo todos eles lá. Aí sai cantando a música, e o coronel chama ele e diz: “Ó, vá chamar Samarica parteira que Dona Judica já tá com dor de menino. Eu vou cuspir no chão, antes do cuspe chegar... antes do cuspe secar você tem que chegar”. Eu vejo, eu vejo o coronel cuspidando no chão, e outro dia a gente contando essa história para uma amiga querida de [? – 1:05:37], ela disse: “Minha mãe fazia isso!”. É muito interessante esse símbolo, como símbolo, você cospe e aí ele sai disparado, sai disparado. E aí agora vem o instante talvez mais mágico de tudo isso: ele sai disparado e encontra uma cancela. E eu quando menino me lembro disso e meu pai também fazia essa referência. Abre-se a cancela... eeeeeeiinnn, e quando você larga, inteligentemente, não dá pra você ficar: para, desce do cavalo, você, do cavalo mesmo você empurra ela, passa com o cavalo, ela fala... eeeeeein. Como ela é posta de uma maneira inclinada, ela volta e faz “pá!”, aí ele faz: eeeeeeeinn... pá! Esse grito, todas as pessoas que estão presentes cantam junto com ele, então ele sai de um formato onde ele tá narrando e transforma o espectador em narrador junto com ele. Isso é genial! E ele sai contando a história toda assim, eu... Olhe, eu já escutei essa música centenas de vezes, e não consigo escutar a música sem lembrar de meu pai, porque meu pai falava: eeeeeeiinnn, esse eecin próprio, e nem deixar de me ver na estradinha de barro, puxou uma cancela, outra cancela: “pá!”. Aí tem horas que ele fala, diz que encontra o cachorro, e aí ele diz assim: cachorro de rico, só tem nome de bebida: uísque... Aí vai saindo o nome das bebidas. “Cachorro de pobre não, cachorro de pobre é nome de peixe”. Aí ele fala assim: sai pra lá Corvina! É Corvina mesmo, balançou o rabo (risos). Tá, vamos procurar como Luiz Gonzaga aqui. Conte disso, como, porque... Você falou em símbolo lá no início, a estradinha de barro pra mim é um símbolo fantástico, aquela cor própria, as cancelas que você tem que passar, então, Luiz Gonzaga é o grande gênio, o grande contador de histórias, o contador do que é o sertão (BARTILOTTI, Miguel, 2015).

Portanto, como afirma Merleau-Ponty (2004a p.50): “[...] cada um só pode acreditar no que reconhece interiormente como verdade e, ao mesmo tempo, cada um só pensa e decide depois de já estar preso em certas relações com o outro, que orientam preferencialmente para determinado tipo de opinião”. As representações do sertão (de algo) são cantadas, entoadas e ressoam nas pessoas. É no contato com as pessoas que, quando do processo de identificação, elas se consolidam. Mesmo com seus vícios ideológicos, toda representação – ainda que distante da

presença – pode criar uma identificação articulando procedimentos de constituição de uma verdade, ainda que provisória, sobre algo, sobre o sertão, podendo instituir novas realidades.

Assim, os principais resultados indicam que há permanências e rupturas nos discursos que podem trazer, a partir do novo, significados alternativos e representações emergentes sobre o sertão. Essas novas representações são possíveis apenas com a abertura para o mundo, para o estranhamento com o mundo. As representações sociais criadas com base na arte podem ser incorporadas por outros agentes com fins de manutenção do poder assim como podem ser utilizadas de formas subversivas para o combate de situações-problema encontradas. Neste contexto, a arte funciona, então, como possibilidade de crítica do mundo, de transformação da realidade a partir da criação de representações alternativas e pela possibilidade de mexer de modo irônico com estruturas enraizadas.

Podemos, então, verificar também que as diferentes representações do sertão trazem em si associações com diferentes recortes temporais: no *horizonte de antes* podemos identificar aspectos – considerados por Benjamin (2006) – antecedentes à modernidade como presentes-passados do sertão na vida de alguns entrevistados: com a valorização do artesanal e da transmissão oral de conhecimentos, muito vinculada à terra e ao rural. Do mesmo modo é possível vislumbrar possibilidades do sertão e da identidade sertaneja, em seus processos de encaixe, a partir da mudança de interesses dos jovens e do saudosismo dos entrevistados mais velhos que vêm com pesar as transformações culturais pelas quais o sertão tem atravessado.

Por fim, ressaltamos que não intentamos apresentar verdades sobre o sertão, mas apresentar formas de ver o sertão por parte da experiência dos agentes de cultura. Buscamos com as discussões realizadas neste capítulo sugerir reflexões e instigar novos debates sobre o sertão a partir da arte, por reconhecer, junto com Merleau-Ponty e Lefebvre, sua importância para a abertura de novos caminhos, de possibilidades alternativas de ser no mundo, sem esquecer que, mesmo com a abertura proporcionada pela arte, a discussão sobre representações é fundamental para evitar romantizar e idealizar o sertão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como em inúmeras ocasiões ouvimos o professor Angelo Serpa falar: “o trabalho final é um retrato da pesquisa enquanto ela ocorre”, uma pesquisa não pode jamais ser considerada como acabada, como definitiva. É neste sentido que gostaríamos de conduzir as considerações finais desta dissertação: apontando nossos limites para a realização desta pesquisa, bem como os principais resultados alcançados. Findo o prazo para sua realização, reconhecemos que este é um trabalho que deixa alguns raciocínios sem o devido aprofundamento e que é apenas capaz de arranhar a superfície de muitas coisas que apareceram ao longo do processo de pesquisa, sendo fruto da forma como lidamos com o tema proposto ao longo dos dois anos que tivemos para desenvolvê-la.

A metodologia empregada ao longo desta pesquisa se baseou nas pesquisas desenvolvidas pelo Grupo Espaço Livres de Pesquisa-Ação no período de 2010-2014, buscando dar voz aos mais diferentes agentes de cultura dos Territórios de Identidade escolhidos para análise e numa tentativa de aproximação da Fenomenologia e da Dialética. Tentamos dar a mesma importância para o trabalho de campo e para o referencial teórico, buscando voltar durante todo o tempo da pesquisa às leituras que fizemos no início, para pensar o campo e para pensar a teoria. Ressaltamos as dificuldades de realizar mais de um campo em cada Território de Identidade, bem como a realização das entrevistas em grupo focal. Apesar de termos tentado avançar na temática das identidades regionais compreendemos que esta temática ainda carece de estudos mais profundos e que possam contar com um trabalho de campo mais extenso, com possibilidade de retorno aos municípios.

Esta pesquisa buscou discutir o sertão, sertões plurais da Bahia, e suas possíveis expressões identitárias a partir da ótica daqueles que o habitam, considerando que a perspectiva clássica de compreensão do sertão, a fisiográfica, já foi superada na academia. Buscamos evidenciar quais os símbolos e significados são atribuídos ao sertão pelos entrevistados, entendendo, a todo tempo, que há sempre a possibilidade de (re)criação de (re)significações sobre o sertão por parte dos agentes de cultura. Neste sentido, o sertão é ressignificado a todo o tempo pela memória afetiva dos seus habitantes que está vinculada tanto a aspectos culturais quanto a elementos da natureza. Consideramos que a arte é uma potência criadora do mundo, ora instituindo-o, ora revelando-o. E, em suas diversas expressões artísticas sobre o sertão, é ela que garante a possibilidade de

encontrar o novo sobre o sertão, superando as representações já existentes, servindo também como instrumento de análise crítica. O sertão, é então, uma construção que tem imbricada em si tanto os aspectos materiais quanto imateriais, culminando em sertões tão diversos quanto os sertanejos que com ele/nele vivem. É fruto, pois, tanto da experiência direta, pela geograficidade existencial do ser-no-mundo, quanto das influências de inúmeras representações, consolidadas ou não, sobre o sertão. Assim os sertões da Bahia se consolidam na memória coletiva e fazem parte da sua história.

Uma discussão sobre a questão da identidade, passa necessariamente pelas modificações nas formas como as pessoas se relacionam em sociedade. Assim, as identidades não podem mais ser consideradas como fixas, imutáveis, mas num constante processo de reflexão sobre o ser-no-mundo. Assim, as identidades se referem a um pertencimento inquestionado, ou seja, a uma imposição de uma identidade criada por um grupo a outro ou se referem a um processo consciente de reflexão sobre “quem eu sou” e “quem eu quero ser” com escolhas constantes.

O processo de criação de uma identidade coletiva, por sua vez, se dá mediante a criação de uma história comum, por meio da criação de laços de dependência e vizinhança. Para a criação de uma identidade coletiva é preciso também que haja vontade de continuar criando esta história através de mobilizações sociais. Assim, as identidades regionais são fruto de negociação das identidades individuais criadas por cada agente. Num processo de transformação constante das identidades, os jovens assumem papel central na atribuição de novos significados à identidade sertaneja, pois são eles que tem refletido sobre “o que é ser sertanejo” e que tem escolhido se apropriar ou não de aspectos conformadores das identidades sertanejas dos mais velhos. A influência dos estereótipos sobre o sertão na construção da sua identidade sertaneja é confrontada pelos entrevistados que ao mesmo tempo em que assumem e adaptam as partes com as quais eles se identificam rejeitam aquelas que são fruto de preconceitos sobre o sertão.

As representações são peças chave para compreender a realidade em que vivemos, pois elas são a mediação entre nós e o mundo, formas de comunicar e reelaborar o mundo. Assim, seria impossível viver em um mundo sem representações, mas é preciso ter o cuidado para que não nos fiquemos perdido em meio as representações, substituindo o mundo vivido pelo concebido. Deste modo, se não houver um cuidado ao lidar com as representações estas ganharão caráter ideológico e servirão como instrumentos de afastamento da presença. Consideramos, então, que uma representação repetida muitas vezes, passa a ser ideológica e a ter efeito de verdade,

podendo ser utilizada para a conservação da ordem social.

Ressaltamos que as representações não se referem a cópias da realidade, mas em parte dela, possuindo, assim, caráter instituinte. As representações são marcadas, simultaneamente, pela constância e pela mudança, posto que estão intrinsecamente relacionadas com a dinâmica do cotidiano e, nesta dinâmica possibilitando releituras das tradições.

Segundo o discurso oficial do governo, a regionalização em Territórios de Identidade buscou revelar as identidades territoriais, regionais, já existentes no estado da Bahia, por meio de processos participativos que dessem voz aos anseios dos habitantes de cada Território de Identidade. Identificamos, no entanto, que há dissonâncias entre a regionalização oficial e o sentimento de pertencimento dos agentes de cultura, que em ampla maioria, não reconhece o Território de Identidade como sua região. Os moradores de Canudos, por exemplo, criticam a regionalização e mostram a desconsideração da sua história por parte dos governantes, ao passo que há uma ênfase na história da criação do lago de Sobradinho para a delimitação do Território de Identidade Sertão do São Francisco. Esta regionalização buscou também descentralizar os recursos e equipamentos culturais para o interior do estado, além de ser uma tentativa de unificar as ações das diversas secretárias do estado da Bahia em torno de uma única regionalização que não se concretizou, havendo ainda hoje, dados para o estado da Bahia disponibilizados em mais de 10 regionalizações diferentes. Neste sentido, pensamos que a permanência de uma discussão, por parte de alguns entrevistados sobre o sertão como distante do centro ou do litoral é uma prova do fracasso dessas políticas culturais que ou reiteram as representações historicamente consolidadas ou não são efetivas em seu combate.

No primeiro capítulo tentamos evidenciar os procedimentos metodológicos da pesquisa apresentando como se deu a escolha dos municípios e dos agentes de cultura como público alvo para as entrevistas. Além disto, buscamos refletir sobre a entrevista enquanto ferramenta desta pesquisa, refletindo sobre as dificuldades de sua realização em grupo focal e sobre a necessidade de estar por inteiro no momento da entrevista. A tentativa, aqui, foi de intervir o mínimo possível, dando liberdade para que as pessoas pudessem expressar-se à vontade e espontaneamente, sem restrição de tempo. A todo o tempo foi ressaltado que não havia respostas certas e erradas e que o que importava eram os sentimentos e opiniões das pessoas sobre os mais diversos temas tratados.

No segundo capítulo buscamos fazer um breve apanhado das regionalizações que antecederam ao Território de Identidade, bem como tentamos evidenciar as bases que nortearam o

novo processo de regionalização, relacionando-o com as políticas culturais que, em escala nacional, favoreceram seu surgimento. Evidenciamos que as políticas culturais do governo do estado da Bahia apesar de implantadas há oito anos, ainda não alcançaram seus principais objetivos não dando a mesma oportunidade de acesso a recursos aos mais diferentes agentes de cultura e com uma descentralização embrionária de recursos e equipamentos.

No terceiro capítulo buscamos evidenciar que as identidades sertanejas dos entrevistados não têm rebatimento direto nas políticas culturais do governo do estado da Bahia, enfatizando a relação das identidades sertanejas existentes com o local de nascimento, ou seja, o predomínio do pertencimento sobre a identidade refletida e escolhida. A partir de então, buscamos mostrar que o sertão enquanto região não se limita aos Territórios de Identidade, sendo amplificado para demais localidades da Bahia e do Nordeste, não assumindo limites bem definidos, estando estes balizados pela presença da caatinga e pela pouca densidade de chuvas. Evidenciamos que o transporte intermunicipal entre os municípios do Território de Identidade Sertão do São Francisco é bastante dificultado, diminuindo a possibilidade de dinamização das identidades e de encontro com o diferente. Cenário um pouco diferente do Território de Identidade Sertão Produtivo que apesar de possuir melhor infraestrutura de transporte, mais rodovias e linhas de ônibus, não apresenta integração entre todos os municípios, tendo os agentes de cultura integração apenas com os municípios de mais fácil acesso.

No último capítulo evidenciamos os diferentes significados possíveis de sertão e como as diferentes representações influenciam na criação e consolidação destes significados. Mostramos que os sertanejos estão em intrínseca relação com os sertões e que eles lhes atribuem significados os mais diversos, incorporando ou não as principais representações sobre o sertão. Buscamos relatar também as principais modificações nas identidades sertanejas relatadas pelos entrevistados, notadamente através da falta de interesse dos mais jovens de participar e se envolver nas manifestações culturais tradicionais perpetuadas pelos mais antigos.

Pensamos que as análises aqui empreendidas podem abrir novas perspectivas de estudo para questões regionais, ampliando o debate sobre a necessidade de infraestrutura de transporte para que haja o encontro com o diferente e o conseqüente questionamento das identidades territoriais. Entendemos ainda que um novo olhar sobre a região, baseado na sua compreensão como espaço-vivido, repleto de significações e em constante transformação, pode permitir que este conceito volte a estar no centro dos debates geográficos. Consideramos que a discussão e o

aprofundamento do diálogo entre os conceitos de região e território pode ser um caminho frutífero nesta empreitada, posto que permita analisar os fenômenos espaciais com maior complexidade. É importante ressaltar também a necessidade de reflexão sobre o trabalho de campo em geografia regional num país de dimensões continentais como o Brasil, tendo em vista a necessidade de superarmos as dificuldades impostas pelas grandes distâncias, a infraestrutura deficitária e o alto custo do campo. Estas questões permaneceram pouco exploradas no âmbito desta pesquisa. Para podermos aprofundar as questões que se puseram ao longo desta pesquisa precisaríamos de um maior amadurecimento e aprofundamento teórico que apenas novas leituras, juntamente com a continuidade de reflexão, poderiam nos proporcionar. Esperamos que este trabalho possa instigar novas pesquisas sobre os sertões da Bahia, bem como contribuir para as reflexões acerca da problemática das identidades regionais.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os Sertões – A originalidade da terra**. Ciência Hoje, v. 3, n. 18, p. 43-52, 1985.

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**, 2ª Ed, Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001

ALMEIDA, Maria Geralda de . Em busca do poético do sertão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.6, p. 35-46, 1998.

_____. Uma Leitura Etnogeográfica do Brasil Sertanejo. In: SERPA, Angelo (Org.). **Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: Edufba, 2008. p. 313-336.

ALVES, Pedro Manuel Santos. Tempo objectivo e experiência do tempo: A fenomenologia husserliana do tempo perante a relatividade restrita de A. Einstein. **Investigaciones fenomenológicas**. nº6, p. 145-180, 2008.

ANDRADE, Manoel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 8. ed. São Paulo, 2011. p. 35-70.

ANTONIO FILHO, Fadel David. Sobre a Palavra “Sertão”: origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da ciência geográfica). **Ciência Geográfica**, Bauru, v. XV, n. 1,

ARAÚJO, Henrique. Do nacional ao territorial, uma articulação em rede: A rede dos Pontos de Cultura do território de identidade do Recôncavo. In: **Anais do I Seminário Internacional Estado, Território e Desenvolvimento: Contradições, Desafios e Perspectivas**, Salvador, 2012.

_____. Pontos de Cultura: as interseções de uma rede de articulação de políticas de desenvolvimento cultural e territorial nos territórios do Rêconcavo e Metropolitano. In: Angelo Serpa. (Org.). **Territórios da Bahia: regionalização, cultura e identidade** EDUFBA, 2015

ARAÚJO, Henrique Barros Neves. de ; SERPA, Angelo. Serpa . O Território Metropolitano de Salvador. In: Angelo Serpa. (Org.). **Territórios da Bahia: regionalização, cultura e identidade**. 1ed.Salvador: EDUFBA , 2015.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**, 5ª Edição, Coleção Debates/Política. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

ARRAIS, Tadeu Alencar. Regiões Puras e Impuras: Uma Breve Reflexão sobre as Naturalizações da Região na Geografia. **GEographia**. Ano V, n.10, p. 125-133, 2003.

ARRUDA, Gilmar. Cidades e Sertões: o historiador entre a história e a memória. **Projeto História**, São Paulo, n 19, 1999. p 121-143

_____. **Cidades e Sertões: entre a história e a memória**. 1. ed. Bauru-Sp: Edusc, 2000. v. 01.

255p.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BAHIA, **Revisão da divisão do Estado em regiões administrativas**. Salvador: Secretaria do Planejamento, 1991.

_____. Governo do Estado. **Plano Plurianual – PPA 2008-2011**. Secretaria do Planejamento, Salvador, Bahia, 2007.

_____. **Catálogo de Pontos de Cultura**. Salvador: Secretaria de Cultura, 2011a.

_____. Governo do Estado. **Plano Plurianual – PPA 2012-2015**. Secretaria do Planejamento, Salvador, Bahia, 2011b.

_____. Governo do Estado. **Território e Identidade** (Cartilha). Coleção Política e Gestão Culturais. Salvador: Secretaria de Cultura, 2013

_____. Agência Estadual de Regulação de Serviços Públicos de Energia, Transportes e Comunicações da Bahia. **Linhas, Horários e Tarifas: Consulta ao Sistema de Transporte Intermunicipal de Passageiros**. Disponível em: <<http://www.agerba.ba.gov.br/transporte/index.asp>>. Acesso em julho de 2015.

BARBOSA, Mateus; SERPA, Angelo O Território do Sisal. In: SERPA, Angelo. (Org.). **Territórios da Bahia - regionalização, cultura e identidade**. 1ed. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 127-155.

BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2006.

_____. O que é o teatro épico? In: **Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política**, v.1, 8. ed. revista. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012a. p.83-96.

_____. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política**, v.1, 8. ed. revista. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012b. p.179-212.

_____. O Narrador. In: **Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política**, v.1, 8. ed. revista. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012c. p.213-240

_____. Sobre o Conceito da História. In: **Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política**, v.1, 8. ed. revista. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012d. p. 241-253.

BHABHA, K. Homi. **O local da Cultura**. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 1998

BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 747 p.

_____. **A Distinção: A crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern; Guilherme F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007. 560p

BORGES, Sérgio Silva. Sistemas de Cultura: Uma Articulação de Políticas Culturais para o Desenvolvimento Territorial do Estado da Bahia? In: **Anais do I Seminário Internacional Estado, Território e Desenvolvimento: Contradições, Desafios e Perspectivas**, Salvador, 2012.

_____. Sistemas de Cultura: uma articulação de políticas para o desenvolvimento territorial do Estado da Bahia? Estudos de caso nos território do Recôncavo e Metropolitano de Salvador. In: SERPA, Angelo (Org.). **Territórios da Bahia: regionalização, cultura e identidade**. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2015, v. 1, p. 181-229.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa de Informações Básicas Municipais: Cultura**, 2006. Rio de Janeiro, 2007.268p.

BRASIL, Ministério da cultura do. **Microprojetos mais cultura: semiárido: a cultura nas mãos**, 2010

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CANEDO, Daniele Pereira. **Cultura, Democracia e Participação Social: Um estudo da II Conferência Estadual de Cultura da Bahia**. Dissertação de Mestrado, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, 2008.

CARVALHO, Caê Garcia. **A identidade do Recôncavo: o samba de roda como símbolo Regional**. Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. 78 p.

CARVALHO, Caê Garcia. Serpa, Angelo. O Samba de Roda como articulador de identidades territoriais e culturais no Recôncavo Baiano. In: Angelo Serpa. (Org.). **Territórios da Bahia: regionalização, cultura e identidade**. 1ed.Salvador: EDUFBA , 2015, p. 231-257.

CASTRO, Iná Elias de. O Problema da Escala. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 117-140.

_____. *Seca versus Seca*. In: **Brasil**. Questões atuais da reorganização do território CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. Imaginário político e território. Natureza, regionalismo e representação. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 155-196.

CASTRO, Jânio Roque Barros de. A proposição do conceito de centralidade cultural e a promoção de eventos festivos como estratégia de turistificação de pequenas cidades: reflexões a partir de alguns estudos de caso. In: Diva Ferlin Lopes; Wendel Henrique. (Org.). **Cidades Médias e Pequenas: Teorias, Conceitos e Estudos de Caso**. Salvador: SEI, 2010, v. 1, p. 109-123.

_____. **Da casa à Praça Pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2012

_____. A questão cultural no espaço urbano de pequenas cidades na contemporaneidade: reflexões a partir de alguns conceitos. In: Patrícia Chame Dias; Paulo Roberto Baqueiro Brandão. (Org.). **Cidades Médias e Pequenas: dinâmicas espaciais, contradições e perspectivas na relação campo-cidade**. 99ed. Salvador: SEI - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2015, v. , p. 33-49.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome** (o dilema brasileiro: pão ou aço). 10ª Ed. Rio de Janeiro: Antares Achiamé; 1980.

CHALMERS, Alan. **O que é ciência afinal?**. Editora Brasiliense, 1993. 210p.

CHARTIER, R. **A História cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

CLAVAL, Paul. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Explorações Geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 89-117

_____. A paisagem dos geógrafos. In: Corrêa, R. L.; Rosendahl, Z. (Org.). **Paisagens, Textos e Identidades**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p. 13-74.

_____. **Terra dos Homens: a geografia**. São Paulo: Contexto, 2010

COSGROVE, Denis E. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 103-134.

CRISTÓVÃO, F. A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito. **Revista USP: Dossiê Canudos**. São Paulo, n. 20, p. 43-53. dez./jan./fev. 1993/1994.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 1-45.

DUARTE, José Carlos Silveira. Territórios de Identidade e Multiterritorialidade, Paradigmas para a Formulação de uma Nova Regionalização da Bahia, 2009, Salvador. Anais **do V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura** Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBa, 14p.

DUNCAN, James. O supra-orgânico na geografia cultural americana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 63-102.

FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**. 2. ed. São Paulo: EDUNESP, 2011. 376 p.

FONSECA, Ângelo Martins da. Em torno do conceito de região. Feira de Santana: BA; **Revista Sitientibus**, n.21, 1999, pp. 89-100.

FRAGA, René. Como o Google Maps calcula o tempo para o destino? **Google Discovery**. Jan, 2014. Disponível em <<http://googlediscovery.com/2014/01/01/como-o-google-maps-calcula-o-tempo-para-o-destino/>> Acesso em 18 de setembro de 2015.

FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Alameda, 1980.

FURTADO, Marli Terezinha. Bertolt Brecht e o teatro épico. In: **Revista Fragmentos, Revista de Língua e Literatura Estrangeira**. UFSC. Versão 5, n.1, Florianópolis, 1995.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Prefácio: Walter Benjamin ou a história aberta. In: **Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política**, v.1, 8. ed. revista. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012. p. 7-19.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e de grupos. In: M.W. BAUER; G. GASKELL (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

G1 NOTÍCIAS. **Jorge Portugal toma posse na Secretaria Estadual de Cultura**. Disponível em: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/01/jorge-portugal-toma-posse-da-secretaria-estadual-de-cultura.html>

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HAESBAERT, Rogério. **Des-Territorialização e Identidade: A Rede Gaucha no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997. 320p.

_____. **Regional-Global: Dilemas da Região e da Regionalização na Geografia Contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed., 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HARVEY, David. A Arte da Renda: A globalização e a transformação da Cultura em Commodities. In: **A produção Capitalista do Espaço**. p. 221-239. São Paulo: Anablume editora, 2ª ed, 2006, 252p.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 9. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. São Paulo: Ideia & Letras, 2006

JORNAL A TARDE. [Entrevista de Jorge Portugal à Verena Paranhos]. **Jorge Portugal: "Espero que o 2º semestre não seja igual"** 06/jul/2015. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/cultura/noticias/1694324-jorge-portugal-espero-que-o-2o-semester-nao-seja-igual>

JOVCHELOVITH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LA BLACHE, Vidal de. Os gêneros de vida na Geografia Humana – PARTE II. In: HAESBAERT, Rogério *et al.* (Org.). **Vidal, Vidais**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2012, p. 159-171.

LACOSTE, Yves. **A Geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 3ª edição. Campinas: Papirus, 1993.

_____. A pesquisa e o trabalho de campo: Um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 84, p. 77-92, 2006.

LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade em Geografia Cultural: algumas concepções contemporâneas. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA. R. L. (Org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p.157-179.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal e lógica dialética**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.

_____. **La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones**. México: FCE, 2006.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil, intelectuais e representação geográfica da identidade nacional**. Rio de Janeiro, Revan: IUPERJ. UCAM. 1999

MARANDOLA JR. Eduardo. Geograficidades vigentes pela literatura. In: **Geografia, literatura e arte: reflexões**. SILVA, Maria Auxiliadora da Silva; SILVA, Harlan Rodrigo Ferreira da Silva (Orgs). Salvador, Edufba, 2010. P.21-32

MENDES, Geisa Flores. **Sertão Se Traz Na Alma?** Território/Lugar, Memória e Representações Sociais. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2009, 249 p.

MERLEAU-PONTY, **Conversas - 1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

_____. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naif, 2004b.

_____. Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MIRANDA, Thalita Xavier Garrido. **O poeta, a cidade e o desassossego: percepção espacial e paisagem na prosa poética de Fernando Pessoa**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, 2015

MONTEIRO, Júlia; SERPA, Angelo. Políticas de desenvolvimento territorial e cultural no Território de Identidade de Vitória da Conquista: Uma análise geográfica da lógica de localização de projetos e recursos. **Ateliê geográfico (UFG)**, Goiânia, v. 5, p. 150-171, 2011.

MORAES, Antônio Carlos Robert. Sertão: um “outro geográfico” In: **Geografia Histórica do Brasil: capitalismo, território e periferia**. São Paulo: Anablume, 2011. p. 99-109 de 157p.

MOREIRA, Gislene. A nova cara do sertão: provocações sobre juventude. In: Freire, Alberto. (Org.). **Culturas dos Sertões**. 1ªed. Salvador: Edufba, 2014, v. 01, p. 227-243.

MOREIRA, Rui. Ser-tões: o universal no regionalismo de Graciliano Ramos, Mario de Andrade e Guimarães Rosa. In: **Pensar e Ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2007

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)gião: Sudene e Nordeste. Planejamento e conflito de classes**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina**. São Paulo: Cortez, 1992.

QUEIROZ, Washington. Ofício de vaqueiro, patrimônio cultural da Bahia: breve histórico In: Alberto Freire. (Org.). **Culturas dos Sertões**. 1ª ed. Salvador: EDUFBA, 2014, v. 16, p. 245-256

RELPH, Edward. As Bases Fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 4, p. 1-25, abril de 1979.

ROCHA, Aline Pereira; SILVA, Barbara-Christine Nentwig. Análise da dinâmica de urbanização no estado da Bahia – 1940/2000. In: **Estudos sobre globalização território e Bahia**. Sylvio bandeira de Mello e Silva, Barbara-Christine Nentwig Silva (Orgs). Salvador: UFBA. Mestrado em Geografia, Departamento de Geografia, 2003, p. 85-107

RUBIM, Antônio Albino Canelas. Políticas Públicas de Cultura no Brasil e na Bahia. **I Encontro de Dirigentes Municipais de Cultura do Estado da Bahia**, 2007.

RUSSEL, Richard. Google Maps: How does Google Maps calculate your ETA? Is it based on speed limits or actual travel time by previous users? **Quora**. Jul, 2013. Disponível em: <<https://www.quora.com/Google-Maps/How-does-Google-Maps-calculate-your-ETA>> Acesso em 18 de setembro de 2015.

SAJA, José Antonio. Fazer-o-real: arte enquanto documento. In: **Geografia, literatura e arte: reflexões**. SILVA, Maria Auxiliadora da Silva; SILVA, Harlan Rodrigo Ferreira da Silva (Orgs). Salvador, Edufba, 2010. p. 15-20

SANTOS, Milton. Da paisagem ao espaço: uma discussão. **Anais do II ENEPEA**. São Paulo: Universidade de São Marcos/FAUUSP, 1996, p. 33-42.

_____. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2006.

SARAMAGO, Ligia ; Como ponta de lança: o pensamento do lugar em Heidegger. In: Eduardo Marandola Jr; Werther Holzer; Livia de Oliveira. (Org.). **Qual o espaço do lugar?**. 1ed. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2012, v. 1, p. 193-225.

SARTRE, J-P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005

SCHWARZ, Roberto. **Cultura e Política**. 3. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2009. 187p.

SENA, C. S. A categoria sertão: um exercício de imaginação antropológica. **Sociedade e Cultura**. Goiânia, v.10, n.1, p.19-28. jan/jun, 1998.

SENNET, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro/São Paulo:Record, 2006.

_____. **A Corrosão do Caráter**. Rio de Janeiro/São Paulo:Record, 2007.

SERPA, Angelo; BORGES, Sérgio; ARAUJO, Henrique; MONTEIRO, Júlia. Políticas de desenvolvimento territorial e cultural: Articulação de escalas geográficas e regionalização institucional no Estado da Bahia. In: XIV Encontro Nacional da ANPUR - Quem planeja o território? Atores, arenas e estratégias, 2011, Rio de Janeiro. **Anais XIV Encontro Nacional da ANPUR**. Rio de Janeiro: ANPUR/UFRJ/UFF, 2011. p. 1-20.

SERPA, Angelo. Mergulhando num mar de relações: redes sociais como agentes de transformação em bairros populares. **Geografia**, Rio Claro, v. 30, p. 211-222, 2005.

_____. O trabalho de campo em Geografia: Uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 84, p. 7-24, 2006

_____. Parâmetros para a Construção de uma Crítica Dialético-Fenomenológica da Paisagem Contemporânea. **Revista Formação**, Presidente Prudente, n.14, p. 14-22, 2007a.

_____. Cultura de massa versus cultura popular na cidade do espetáculo e da retraditionalização. **Espaço e Cultura (UERJ)**, v. 22, p. 79-96, 2007b.

_____. Geografia cultural e social: teoria e método. Como prever sem imaginar? O papel da imaginação na produção do conhecimento geográfico. In: SERPA, Angelo (Org.). **Espaços**

Culturais: vivências, imaginações e representações. Salvador: Edufba, 2008. p. 58-68

SERPA, Angelo. Políticas Públicas e o Papel da Geografia. **Revista da Anpege**, v. 7, n.1, p. 37-47, outubro de 2011.

_____. O conceito de atuação e sua operacionalização: o falar investido no agir, o agir enunciando o lugar. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (Org.). **Maneiras de ler Geografia e Cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre; Compasso Lugar Cultura, 2013a.p.75-82.

_____. Paisagem, Lugar e Região: Perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços-vividos. **GEOUSP: espaço e tempo**, São Paulo, n. 33, p. 168-185, 2013b.

_____. Teoria das representações em Henri Lefebvre: por uma abordagem cultural e multidimensional da geografia. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 18,n. 3, p. 487-495, 2014a.

_____. [Teoria e Método]. Salvador: UFBA, 2014b. **Anotações de aulas**. Não paginado, não publicado. Notas de aula.

_____. Territórios de identidade da Bahia: regionalização institucional e políticas de desenvolvimento cultural e territorial. In: Angelo Serpa. (Org.). 1In: **Territórios da Bahia: regionalização, cultura e identidade**. Angelo Serpa (Org.). Salvador: EDUFBA, 2015a. p. 19-37

_____. Cidadania, regionalização e políticas culturais nos territórios da Bahia - uma síntese. In: **Territórios da Bahia: regionalização, cultura e identidade**. Angelo Serpa (Org.). Salvador: EDUFBA, 2015b. P.299-332.

_____. [Fenomenologia da Paisagem]. Salvador: UFBA, 2015c. **Anotações de aulas**. Não paginado, não publicado. Notas de aula.

SERPA; Angelo; VAZ, Caroline Bulhões Nunes. O Território do Portal do Sertão. In: Angelo Serpa. (Org.). **Territórios da Bahia: regionalização, cultura e identidade**. 1ª ed.Salvador: EDUFBA, 2015, v. 1, p. 99-125.

SILVA. Elba da. [Seminários de Pesquisa]. Salvador: UFBA, 2015. **Anotações dos seminários estudantis de pesquisa**. Não paginado, não publicado. Notas de aula.

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e; SILVA, Bárbara Christine Nentwig; LEÃO, Sônia de Oliveira. **Urbanização e Metropolização no Estado da Bahia: evolução e dinâmica**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.

SOUZA, Éder Júnior Cruz de. **Políticas Territoriais do Estado da Bahia: regionalização e planejamento**. 2008. 158f. Dissertação (Mestrado: Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008

SOUZA, Maria Adélia A. de. A explosão do território e falência da região?. **Cadernos IPPUR/UFRJ**, Ano VII, nº 1, abril de 1993. p 85-95

VAINER, Carlos Bernardo. Regionalismos: anacronismo ou pós-modernidade? In: GONÇALVES, Maria Flora. (Org.). **O novo Brasil Urbano: Impasses, dilemas e perspectivas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995. p. 163-182.

VASCONCELOS, Cláudia. Pereira. **Ser-Tão baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana**. 2007. 115 f. Dissertação (Mestrado: Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

_____. Entre representações e estereótipos: o Sertão na construção da Brasilidade. In: Alberto Freire. (Org.). **Culturas dos Sertões**. 1ª ed. Salvador: EDUFBA, 2014, v. 16, p. 10-256.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A utilização dos agentes sociais nos estudos de geografia urbana: Avanço ou recuo? In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **A produção do espaço urbano: Agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Editora Contexto, 2011. p. 75-96.

VAZ, Caroline Bulhões Nunes. **Que Cultura é essa?** uma análise identitária sobre o Portal do Sertão e a regionalização da Bahia em Territórios de Identidade. Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. 62 p.

ENTREVISTAS

Território de Identidade Sertão do São Francisco

CARVALHO, Aismario Alves de. Diretor da Fanfarra e professor de música do município. NASCIMENTO, Aldo João Bernardes do. Vereador de Casa Nova. LEITE, Luciano Lima Correia. Gestor de Cultura e Turismo da Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte de Casa Nova. FONSECA, Marismário Hipólito da. Secretário de Cultura e Turismo da Secretaria Municipal de Cultura de Casa Nova e membro dos Caretas; PEREIRA, Tiago. Representante do poder público no conselho municipal de cultura de Casa Nova. Entrevista. [14 de Janeiro de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Casa Nova, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (1:10 hora). Transcrição 24p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

DINIZ, Flávio Fausto. Gerente de Cultura da Secretaria Municipal de Esporte, Cultura, Eventos, Turismo e Lazer de Remanso e Companhia de teatro de bonecos. Entrevista. [15 de Janeiro de 2015]. Entrevistadores: Caroline Bulhões Nunes Vaz; Mateus Barbosa Santos da Silva. Remanso, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (1:06 hora). Transcrição 22 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

FONSECA, Marismário Hipólito da. Secretário de Cultura e Turismo da Secretaria Municipal de Cultura de Casa Nova e membro dos Caretas. Entrevista. [14 de Janeiro de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Casa Nova, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (8:24 min).

Transcrição 3 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

GUIMARÃES, Pedro Arsênio Peixinho. Articulador cultural e Assessor de Cultura da Secretaria Municipal de Cultura e Meio Ambiente de Uauá. Entrevista. [10 de Janeiro de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Uauá, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (1:01 hora). Transcrição 20 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

JESUS, Carlos Carneiro de. Ator e professor de teatro da Companhia Teatral de Canudos. Entrevista. [10 de Janeiro de 2015]. Entrevistadores: Caroline Bulhões Nunes Vaz; Mateus Barbosa Santos da Silva. Canudos, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (38:17 min). Transcrição 14 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

MACEDO, Maria Augusta. Artesã. Entrevista. [10 de Janeiro de 2015]. Entrevistadores: Caroline Bulhões Nunes Vaz; Mateus Barbosa Santos da Silva. Canudos, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (27:44 min). Transcrição 12 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

MENEZES, Donizete Silva de. Secretário de Cultura e Juventude da Secretaria Municipal de Cultura e Juventude de Juazeiro; Entrevista. [12 de Janeiro de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Juazeiro, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (45:33 min). Transcrição 13 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

OLIVEIRA, Gildemar Sena. Artista plástico e cordelista; MARQUES, Antonio Sabino. Músico; Entrevista. [11 de Janeiro de 2015]. Entrevistadores: Caroline Bulhões Nunes Vaz; Mateus Barbosa Santos da Silva. Uauá, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (1:28 hora). Transcrição 28 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

OLIVEIRA, José Alex da Silva. Audiovisual; AMORIM, José Américo Alves. Poeta; IRMÃ, Josefa Maria Regis. Coordenadora do Instituto Popular Memorial Canudos (IPMC). Entrevista. [10 de Janeiro de 2015]. Entrevistadores: Caroline Bulhões Nunes Vaz; Mateus Barbosa Santos da Silva. Canudos, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (1:53 hora). Transcrição 43 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

PEREIRA, Ednaira Martins. Grupo de Dança Educativa Caminho da Cidadania (G-DECC). Entrevista. [05 de Março de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Salvador, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (1:50 hora). Transcrição 24 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos

Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

PEREIRA FILHO, José. Congos de Nossa Senhora do Rosário; ROSA, José da Silva. Afoxé Filhos de Zaze do Terreiro Ilê AléAyrápnnyndanco. SANTOS, Marcos Antonio dos. Teatro e Artes visuais; SENA, Ovídia Isabel de. Samba de Velhos do Rodeadouro e Reisado; FREITAS, Valdir Lemos de. Poeta, repentista, cantador de viola, cordelista e membro do grupo Lemos; ROSA, Zenaide dos Santos Diogo. Coordenadora da quadrilha junina Buscapé. Entrevista. [12 de Janeiro de 2015]. Entrevistadores: Caroline Bulhões Nunes Vaz; Mateus Barbosa Santos da Silva. Juazeiro, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (1:50 hora). Transcrição 31 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

ROCHA, Antonio Carvalho da. Organizador de Quadrilhas Juninas do município de Casa Nova; FERREIRA, Eulina de Araújo. Produção de doces artesanais; ARAÚJO, José Lima. artesão; SILVA, Maria Helena Souza. Artesã. SOUZA, Nilas Rodrigues. Membro do grupo de Hip-Hop; WOHLSCHLAGER, Nivia Braga dos Santos. Responsável pelos grupos de Reisado e de terno de Reis. Entrevista. [14 de Janeiro de 2015]. Entrevistador: Mateus Barbosa Santos da Silva. Casa Nova, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (1:45 hora). Transcrição 42 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

SANTOS, Edvaldo Santos dos. Membro da Banda de Pifanos. Entrevista. [10 de Janeiro de 2015]. Entrevistadores: Caroline Bulhões Nunes Vaz; Mateus Barbosa Santos da Silva. Canudos, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (16:44 min). Transcrição 10 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

SILVA, Alan Alves Pereira da. Representante Territorial de Cultura do Território de Identidade Sertão do São Francisco da Secretaria Estadual de Cultura da Bahia. Entrevista. [12 de Janeiro de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Juazeiro, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (35:24 min). Transcrição 11 p. Entrevista concedida à dissertação: título da diss.

SILVA, Janio Evangelista da. Capoeirista e professor da Capoeira Brasil. Entrevista. [15 de Janeiro de 2015]. Entrevistadores: Caroline Bulhões Nunes Vaz; Mateus Barbosa Santos da Silva. Remanso, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (15:32 min). Transcrição 7 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

SILVA, Jeová A. da. Capoeirista da Betel Capoeira de Juazeiro; Entrevista. [14 de Janeiro de 2015]. Entrevistadores: Caroline Bulhões Nunes Vaz; Mateus Barbosa Santos da Silva. Casa Nova, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (29:42 min). Transcrição 11 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

SOUZA, Marinalva Xavier de. Fundadora da Rádio Comunitária Zabelê FM e membro do grupo cultural Cabrini (GCUCA). Entrevista. [15 de Janeiro de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Remanso, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (29:47 min). Transcrição 10 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e

Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

SOUZA, Rubenilson Macedo de. Secretário Municipal de Cultura de Canudos. Entrevista. [09 de Janeiro de 2015]. Entrevistadores: Caroline Bulhões Nunes Vaz; Mateus Barbosa Santos da Silva. Canudos, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (34:34 min). Transcrição 13 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

Território de Identidade Sertão Produtivo

ALMEIDA, Josimar de Souza. Artesão e escultor em pedra e madeira. Entrevista. [09 de Abril de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Brumado, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (24:07 min). Transcrição 11 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

AMARAL, Helena Pereira do. Fundação Joaquim Guimarães e professora; BALEEIRO, Nice Amaral Guimarães. Professora de Geografia e Fundadora da Fundação Joaquim Guimarães; BALEEIRO, Juvenice Amaral. Professora e membro do Comitê organizador da Fundação Joaquim Guimarães. Entrevista. [07 de Abril de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Guanambi, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (1:43 hora). Transcrição 46 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

BARTILOTTI, Miguel A. A. Professor de Artes e coordenador do Flora Atelier Artes. Entrevista. [10 de Abril de 2015]. Entrevistadores: Caroline Bulhões Nunes Vaz; Mateus Barbosa Santos da Silva. Rio de Contas, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (1:54 hora). Transcrição 35 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

CARVALHO, Sebastião. Secretário de Cultura da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo de Caetité. Entrevista. [08 de Abril de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Caetité, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (45:00 min). Transcrição 19 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

DIAS, Fernando. Ator; BENEVIDES, Luiz Pereira. Radialista e organizador do Festival de Terno de Reis. Entrevista. [08 de Abril de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Caetité, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (1:27 hora). Transcrição 44 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

DIAS, Gilberto Lima Dias. Conselho Municipal de Cultura. Entrevista. [09 de Abril de 2015]. Entrevistador: Mateus Barbosa Santos da Silva. Brumado, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (39:48min). Transcrição 16 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e

Sertão do São Francisco.

DIAS, Miguel Lima Dias. Secretário de Esporte e Cultura de Brumado. Entrevista. [09 de Abril de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Brumado, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (18:06 min). Transcrição 8 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

LESSA, Rafael Messias Tanajura. Secretário de Educação e Cultura de Livramento de Nossa Senhora. Entrevista. [10 de Abril de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Livramento de Nossa Senhora, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (14:47 min). Transcrição 6 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

MOTA, Wilson Souza. Terreiro de Axé Roxo Múcumbe de Hanzambi e Grupo e Banda Afro de Percussão Alodê (Filhos de Alodê), Grupo de Capoeira Ganga Zumba Motumbá, Espaço Guarani Eventos, Samba de Roda Muzenza de Viola, Tecelão, Responsável pelo Sopão social do terreiro, professor de reforço escolar e do TOPA. Entrevista. [06 de Abril de 2015]. Entrevistadores: Caroline Bulhões Nunes Vaz; Mateus Barbosa Santos da Silva. Guanambi, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (54:40 min). Transcrição 16 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

NASCIMENTO, Maria Luzia Cardoso. Terno da Cigana. Entrevista. [08 de Abril de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Ibiassucê, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (29:47 min). Transcrição 13 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

OLIVEIRA, Joelton Pereira de. Diretor de teatro, ator do grupo de teatro Grupo Oliveira de Teatro Amador (GOTA), jornalista e professor de português. Entrevista. [07 de Abril de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Guanambi, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (31:12 min). Transcrição 12 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

OLIVEIRA, Rosângela Pereira de. Diretora do Centro de Cultura de Guanambi e membro do Grupo de teatro Grupo Oliveira de Teatro Amador (GOTA). Entrevista. [06 de Abril de 2015]. Entrevistadores: Caroline Bulhões Nunes Vaz; Mateus Barbosa Santos da Silva. Guanambi, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (26:09 min). Transcrição 13 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

PINA, João Roberto Rocha. Poeta, estudioso da cultura popular e articulador cultural. Entrevista. [06 de Abril de 2015]. Entrevistadores: Caroline Bulhões Nunes Vaz; Mateus Barbosa Santos da Silva. Guanambi, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (1:09 hora). Transcrição 23 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e

Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

PIRES, José Walter. Cordelista e membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Entrevista. [09 de Abril de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Brumado, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (1:35 hora). Transcrição 26 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

QUEIROZ, Edinalva Rosa da Silva. Artesã. Entrevista. [09 de Abril de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Brumado, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (14:05 min). Transcrição 5 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

SANTOS, Ana da Silva. Figurinista; PEREIRA, Adriana de Aguiar. Organizadora de Eventos vinculada à Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Ibiassucê; SOUZA, Marlene da Conceição de. Diretora de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Ibiassucê. Entrevista. [08 de Abril de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Ibiassucê, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (39:53 min). Transcrição 20 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

SANTOS, Jardiel Alarcon Silva. Representante Territorial do Território de Identidade Sertão Produtivo da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. Entrevista. [06 de Abril de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Guanambi, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (1:43 hora). Transcrição 41 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

SAYD, Yonélio Almeida. Diretor de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Livramento de Nossa Senhora. Entrevista. [10 de Abril de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Livramento de Nossa Senhora, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (1:07 hora). Transcrição 16 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

SILVA JUNIOR, Paulo Esdras Oliveira da. Ex-Representante Territorial de Cultura do Território de Identidade do Sertão Produtivo, membro do Movimento Cultural Abracadabra e membro da Academia de Artes e Letras de Brumado (ALAB). FREITAS, Zenildo de. Músico, poeta, luthier, compositor, membro da Academia de Artes e Letras de Brumado (ALAB) e funcionário da Prefeitura Municipal de Brumado; Entrevista. [09 de Abril de 2015]. Entrevistadores: Caroline Bulhões Nunes Vaz; Mateus Barbosa Santos da Silva. Brumado, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (1:07 hora). Transcrição 29 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

TEIXEIRA, Normalene Fernandes. Coordenadora do Ponto de Cultura Adote um Capoeirista.

Entrevista. [09 de Abril de 2015]. Entrevistadora: Caroline Bulhões Nunes Vaz. Brumado, UFBA, 2015. 1 arquivo sonoro Wave (51:05 min). Transcrição 20 p. Entrevista concedida à dissertação: Os Sertões pelos Sertanejos: Identidade, Representação e Regionalização nos Territórios de Identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco.

.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Roteiros de Entrevista

Apêndice 1.a**Roteiro para Realização de Entrevistas com os Representantes Territoriais de Cultura dos Territórios de Identidade Sertão do São Francisco e Sertão Produtivo da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia e com os Representantes do poder público municipais**

1. Qual o significado que você atribui a sertão? Como ele está presente em sua vida? Quais os sentimentos que ele te desperta? Por quê?
2. Existe algum símbolo que representa o sertão para você?
3. Quais são os limites do sertão? Por quê?
4. Na sua opinião, quais são as principais manifestações culturais sertanejas?
5. Em sua opinião, existe sertão fora do Nordeste?
*São sertões distintos? Se sim, o que os diferencia?
6. Eu gostaria que você falasse da sua trajetória com a cultura e sobre a sua relação com o Território de Identidade.
7. Na sua opinião, o que dá identidade a este território? Por quê?
8. Qual a sua motivação para trabalhar como representante de cultura no Território de Identidade? Como foi o processo seletivo? Há quanto tempo atua como representante?
9. Como você vê o papel do representante territorial da SECULT no Território de Identidade?
10. O que significa o nome do Território de Identidade? Você sabe o porquê deste nome?
11. Quais as principais manifestações culturais deste Território de Identidade? você conhece a história delas? Elas estão ligadas ao sertão?
12. A que região você pertence? Você poderia falar sobre isto?
13. Existe engajamento dos agentes/grupos culturais com as políticas culturais? Como ocorre sua participação?
14. Como é que os diferentes agentes/grupos culturais têm reagido à nova política de desenvolvimento territorial desenvolvida pela SECULT?
15. Pela sua experiência neste Território de Identidade, dentre os municípios, qual é a sua

avaliação sobre a política cultural destes? Quais são os municípios que têm políticas municipais mais bem desenvolvidas? Por quê?

16. Quais são as principais dificuldades/facilidades para implantar as políticas culturais?
17. Existe alguma influência do estado nas articulações dos agentes/grupos culturais?
18. Como estão distribuídos os equipamentos culturais nos diferentes municípios do Território de Identidade? Você sabe quais são os critérios para esta distribuição?
19. No Território de Identidade existem espaços de diálogo entre a SECULT e a sociedade civil? Como se dão estes espaços/reuniões?
20. Quais são os municípios que têm agentes/grupos culturais com maior frequência nestes espaços/reuniões? Por que este destaque? Quais as principais pautas desses encontros quando eles ocorrem?
21. Dentre os municípios que compõem o Território de Identidade, há algum que desejou/deseja mudar de Território por não se identificar com o sertão? Você sabe o porquê?

Apêndice 1.b**Roteiro para realização de entrevistas com os Agentes Culturais dos Territórios de Identidade Sertão do São Francisco e Sertão Produtivo**

4. Qual o significado que você atribui a sertão? Como ele está presente em sua vida? Quais sentimentos o sertão te desperta? Como você descreveria isto?
5. Existe algum símbolo que representa o sertão para você?
6. Suas manifestações culturais estão ligadas de alguma forma ao sertão? Como?
7. Quais são os limites do sertão? Por quê?
8. A que região você pertence? Você poderia falar sobre isto?
9. Você teve oportunidades para conhecer outros locais do Nordeste e do Brasil? Se sim, quais? Como foram estas experiências?
10. O que acha que diferencia seu território destes outros?
11. O que significa o nome do Território de Identidade? Você sabe o porquê deste nome? Caso mudasse, qual nome acredita que reflete melhor a identidade daqui?
12. Na sua opinião, quais são as principais manifestações culturais sertanejas? Conhece a história delas? Por que são sertanejas?
13. Em sua opinião, existe sertão fora do Nordeste?
*São sertões distintos? Se sim, o que os diferencia?
14. Há quantos anos você trabalha com cultura? Qual a sua motivação para trabalhar com cultura? Por que?
15. Como vocês utilizam os espaços do município? Existem manifestações na/de rua? Por quem? Quando?
16. Como se dá o acesso aos equipamentos culturais? Quais são as possibilidades de uso?
17. Como você avalia a política de desenvolvimento territorial e cultural do Estado?
18. Se pudesse mudar a política de desenvolvimento territorial e cultural, pensando no seu território, o que faria? por que?
19. Vocês recebem algum tipo de apoio do poder público para a realização da sua manifestação cultural? Existe alguma relação?
* Como é a relação de vocês como o poder público?

20. Vocês recebem algum outro tipo de apoio? De que maneira e de quem?
21. O que é que tem sido feito pelo seu grupo para se adequar a essa nova política de desenvolvimento territorial e cultural do estado da Bahia?

APÊNDICE 2 – Situações de entrevista

Encontro: Para reconhecer no outro a humanidade que tenho em mim

Angelo Serpa

Numa tentativa de valorizar os agentes que gentilmente colaboraram com o desenvolvimento desta pesquisa, busco descrever um pouco, de forma breve, os momentos das entrevistas: como foi o primeiro contato, onde aconteceram as entrevistas, o que se sucedeu depois, numa tentativa de evitar que estas pessoas se tornem apenas “nomes com atividades que desenvolvem” descritos num quadro. Não nego a importância da sistematização dos entrevistados num quadro, pois certamente ele ajuda o leitor a ter um panorama geral dos entrevistados. No entanto, compreendo que, se a participação dos agentes durante o processo de pesquisa fica restrita ao quadro, ocorre a desvalorização dos agentes e do trabalho de campo, que passa então a significar basicamente um momento de coleta de dados primários.

Neste sentido, este apêndice é construído para valorizar os momentos de entrevista, como momentos de encontro com o outro, momentos de compartilhamento de histórias e de criação de laços. Momentos que só podem ser compreendidos me colocando e colocando o outro em situação⁶⁷. É importante ressaltar que nem todas as entrevistas conseguiram cumprir este objetivo, haja vista que alguns entrevistados tinham resistência de conversar sobre alguns temas, principalmente aqueles envolvidos com o poder público. Por isso, este apêndice também é uma forma de problematizar a própria ferramenta de pesquisa, a entrevista, trazendo à baila também alguns dos seus limites.

Ressalto, finalizando essas linhas que antecedem as descrições propriamente ditas, que as situações são descritas aqui com base em anotações realizadas em um diário de campo, mas também com um esforço da memória numa tentativa de reviver, de transformar esses momentos em palavras. É certo que é impossível reviver e relembrar plenamente os momentos de campo, mas a tentativa é válida.

⁶⁷É claro que, neste apêndice, é o meu ponto de vista que é privilegiado, uma vez que sou eu quem descreve os momentos. São momentos em que tento ver o outro, considerando-o igual a mim, numa tentativa de não enquadrá-lo dentro dos meus pensamentos, daquilo que por ventura se espera do momento da entrevista ou do outro. É uma tentativa de deixar de lado o que me distingue do outro para poder me encontrar com ele.

1. No Território de Identidade Sertão do São Francisco

Gostaria de começar registrando também um pouco sobre a viagem, pois descrever as entrevistas é também descrever como o campo aconteceu.

Sáímos de Salvador, Mateus, Victor e eu, numa sexta-feira à tarde, pois havia uma entrevista marcada para Canudos neste mesmo dia, no turno da noite. A preparação para o trabalho de campo ocorreu durante toda a semana, ligando para as secretarias de cultura dos municípios na tentativa de conseguir contatos de grupos culturais e também procurando por agentes de cultura na internet, a partir dos catálogos de pontos de cultura, para tentar marcar entrevistas. Além disso, foi preciso imprimir as autorizações para uso da entrevista na pesquisa, comprar pilhas – muitas pilhas – para não correr o risco de acabar a bateria durante as entrevistas, e fazer a revisão do carro. Encontramo-nos na Universidade Federal da Bahia e de lá começamos a viagem. Durante o trajeto, que durou aproximadamente cinco horas, com poucas paradas, conversamos sobre as expectativas e incertezas do campo: o que será que nos aguarda? As pessoas vão nos receber? Será que vamos conseguir fazer as entrevistas em grupo focal?

As Entrevistas em Canudos

As ansiedades do começo da jornada

Ao chegar a Canudos, liguei para o primeiro entrevistado, Rubenilson, para combinar um local para a entrevista e também para pedir sugestão de hospedagem. Combinamos então de nos encontrar na pousada em que ficaríamos hospedados para a realização da entrevista.

A viagem foi muito desgastante e chegamos muito cansados. Tivemos pouco mais de uma hora de descanso até a hora marcada para a entrevista. Ficamos eu e Mateus esperando sr. Rubenilson por quase uma hora, haja vista que ele se atrasou. Estávamos agoniados achando que não ia dar certo, que o campo ia acabar ali mesmo. Então, ele chegou. Foi um alívio. Pediu desculpas pelo atraso e imediatamente começamos a conversar sobre a história de Canudos.

Durante a entrevista, sr. Rubenilson parecia inquieto e nervoso, mas respondeu a todas as perguntas e tentou ao máximo valorizar a cultura de Canudos e sua trajetória com sindicatos e demais movimentos sociais do município. Ao final da entrevista, perguntei a ele se ele teria o

contato de agentes de cultura do município para que eu pudesse entrar em contato com eles para a realização das entrevistas. Prontamente ele me deu o telefone do sr. Batista, guia do parque da Guerra de Canudos mantido pela UNEB. Ele também falou das proximidades culturais entre Canudos e Uauá e me indicou falar com sr. Pedro Peixinho neste município. Depois de mais uma breve conversa, nos despedimos.

Nesta entrevista, talvez por ter ficado nervoso, houve uma resistência dele em falar sobre as imagens e os sentimentos que balizavam sua experiência com o sertão e muito do conteúdo da entrevista é relacionado ao desenvolvimento das políticas culturais no município.

O sertão é alegria. Eu sei lá... é uma rebulição, sei não.

Edvaldo (Nininho)

No segundo dia de campo, no sábado pela manhã, liguei para sr. Batista que não pode fazer parte da pesquisa porque estava se preparando para uma viagem. No entanto, ele prontamente me deu o contato do sr. José Américo que é poeta. Liguei para o poeta e conversei sobre a pesquisa. Ele me deu os contatos de José Alex (audiovisual), Josefa (Projeto Memorial Canudos), Carlos Carneiro (teatro) e Maria Augusta (artesã). Combinei com ele de ligar para os demais e tentar marcar um horário comum, o começo da tarde. Porém, vários empecilhos apareceram: José Alex ia viajar no começo da tarde, D. Maria Augusta estava cuidando do pai que estava doente e Carlos Carneiro estava em Euclides da Cunha. Devido a essas demandas, não nos reunimos no começo da tarde. Com a ajuda de José Américo, consegui marcar com ele, José Alex e D. Josefa para o final da manhã no Memorial Antônio Conselheiro, centro de cultura mantido pela UNEB. Em conversa com José Américo por telefone, ele me indicou chamar sr. Nininho (Edvaldo) da Banda de Pífanos, mas não tinha o seu telefone. Então, fomos eu e Mateus à praça da cidade perguntar para as pessoas onde poderíamos encontrá-lo.

Depois de uma longa procura, encontramos sr Nininho num bar. Lá, ele nos disse que não poderia comparecer à reunião no Memorial, mas que estaria disposto a dar entrevista individualmente. Então, Mateus e eu adentramos ao bar, indo para o fundo, sentamos em uma mesa com sr. Nininho e começamos a entrevista.

Diferentemente de sr. Rubenilson, Nininho estava à vontade e falava sem muitas preocupações sobre os temas levantados na entrevista. Em alguns momentos, quando eu fazia a

pergunta, sr. Nininho dizia não entender e Mateus me ajudava explicando qual era a pergunta que estava sendo feita. Ao final da entrevista, ele foi chamado pelos amigos a jogar sinuca e disse que não poderia mais dispensar seu tempo conosco. Disse que falou o que sabia, mas que não era ele quem mais sabia dentre os componentes da Banda de Pífanos, disse que seria melhor procurar outras pessoas da Banda, mas que seria difícil encontrá-los e falar com eles. Trocamos os contatos e partimos de volta para o Memorial.

O sertão mais sertão

Nos encaminhamos diretamente para o Memorial e preparamos lanches e cadeiras para o pessoal que estava para chegar. Logo depois da nossa chegada, os entrevistados chegaram e de pronto nos acomodamos no espaço do auditório para a realização da entrevista. Ao longo desta, eles se mostraram muito confortáveis uns com os outros e com a entrevista e debateram amplamente os temas entre si. O espaço do Memorial já era familiar para os três, pois é neste espaço onde a maior parte das atividades culturais são desenvolvidas no município ao longo do ano. O Memorial é um espaço onde funciona uma exposição de fotos da Canudos antiga e de representações da guerra, onde utensílios utilizados pelos soldados e pelos guerrilheiros são mantidos em exposição; possui uma ampla área verde ao ar livre, uma biblioteca e um auditório. O espaço está aberto para visitação todos os dias do ano e, para ter acesso à exposição, foi apenas preciso falar com o segurança que prontamente nos recebeu.

Finda a entrevista, José Américo e José Alex reafirmaram a proximidade de Uauá e Canudos e nos aconselharam a ir a Uauá e falar com Gildemar Sena. Partimos então com dona Josefa para uma visita ao IPMC e continuamos a conversar sobre a história de Canudos e a importância de suas tradições religiosas, bem como sobre as marcas deixadas pela guerra. Pudemos ver, em primeira mão, as madeiras que seriam a base para a nova igreja que estava para ser construída pelos seguidores de Antônio Conselheiro.

Entre as entrevistas, estávamos confusos sobre o que fazer: vamos à Curaçá ou vamos à Uauá? Os contatos de Curaçá não estavam disponíveis para a data, mas poderíamos tentar na sorte encontrar pessoas ligadas à cultura. Uauá tampouco era certeza. Tínhamos apenas dois nomes para procurar e nenhum número de telefone. Depois de ampla argumentação entre nós, decidimos ir para Uauá. Foi neste momento que toda a base de seleção para os municípios se

mostrou falha, pois o campo depende muito da rede de contatos que estabelecemos no primeiro município e que nos guiou ao longo dos demais. Além disso, muito da infraestrutura que está disponível no site do MUNIC está inoperante ou não existe mais, o que invalida uma escolha por infraestrutura de equipamentos culturais.

O sertão quem carrega somos nós. É o ser humano

Carlos Carneiro

No começo da tarde, voltei para o Memorial para esperar o sr. Carlos e, tão logo ele chegou, iniciamos a entrevista. Descobri que ele tinha vindo de Euclides da Cunha apenas para falar comigo e me senti lisonjeada. Esta entrevista foi bastante peculiar, porque foi encarada por ele como um exercício de reflexão sobre o que o faz ser sertanejo. Em todo o tempo que estivemos juntos havia uma atmosfera de sintonia, de compartilhamento de algo, uma alegria que contagia e transforma o ambiente. Quando a entrevista terminou, ficamos eu, ele e Mateus (que havia chegado no meio da entrevista) conversando sobre as relações intrínsecas que ele vê entre os municípios que fizeram parte da história da Guerra de Canudos e pensamos juntos: Como pode um Território de Identidade desconsiderar as marcas da guerra? Os laços de dor e sofrimento que unem muitos? Ainda na companhia do sr. Carlos, ligamos para dona Maria Augusta que nos convidou para ir a sua casa no povoado 150, onde fica o Perímetro Irrigado Núcleo II.

Pensar no sertão, penso primeiramente na minha origem

Maria Augusta

Fomos, então, para a casa de D. Maria Augusta que nos recebeu juntamente com seus filhos em casa. Victor e Mateus decidiram ficar do lado de fora da casa conversando com os jovens, e eu adentrei a sala. Conversamos sobre a importância do estudo, sobre sua filha que está em São Paulo e sobre o amor que ela sente por Canudos, fazendo-a sentir-se até incapaz de ir morar em outro lugar. Durante a entrevista, ficamos eu e ela emocionadas pelo sentimento colocado por ela pelo sertão, por Canudos, pela forma como, para ela, até o ar é diferente e traz mais sossego do que o de outros lugares. Ao fim da entrevista, ela se dispôs a me receber mais vezes em sua casa e me mostrou seu trabalho de artesã. Partimos, então, rumo à Uauá.

Aqui eu gostaria de aprofundar um pouco a reflexão sobre a alteração dos municípios que seriam visitados em campo. Optei, ao longo do trabalho de campo, por valorizar as informações sobre os municípios dadas pelos diversos entrevistados, justamente na tentativa de construir a rede de entrevistados como propõe Serpa (2006). Outra razão, para valorizarmos ainda mais estas informações, se deu por vermos, em campo, que os princípios utilizados para a escolha dos municípios (principalmente no tocante a equipamentos culturais e projetos aprovados) não podiam ser amarras da pesquisa. Entendemos que deveríamos nos abrir ao mundo, nos abrir ao campo, ao que aparecia enquanto aparecia, mesmo que esta escolha significasse angústia e desassossego, felizmente passageiros.

Em Uauá

Um misto de alegria, às vezes tristeza. Eu vejo tanta coisa, tantas injustiças. E mais, eu me emociono muito pelo Sertão.

Pedro Peixinho

Chegamos em Uauá no sábado a noite com dois contatos a estabelecer: Pedro Peixinho e Gildemar Sena. Assim que chegamos, perguntamos na praça onde poderíamos encontrá-los. Logo na primeira parada, nos indicaram onde ficava a residência do sr. Pedro Peixinho e para lá nos dirigimos. Meio perdidos em Uauá, procuramos e chegamos na porta de sua casa onde se encontravam algumas pessoas sentadas conversando, inclusive sua esposa, que rapidamente nos concedeu seu telefone. Liguei para ele e ele me pediu que esperasse na porta de sua casa para realizarmos logo a entrevista. Assim que sr. Pedro Peixinho chegou, ele me convidou para entrar em sua casa e começamos a entrevista. Apesar de naquele momento estar envolvido com o poder público, ele já militava pela cultura há muito tempo.

Mateus me falou que já tinha se encontrado com ele em uma conferência de cultura durante o seu ano de pesquisa desenvolvida no Território de Identidade do Sisal e que ele era um dos propositores da queda do Mandacaru como símbolo do sertão baiano e a favor da nomeação do Umbuzeiro. Foi a partir dessa conversa com Mateus e dessa entrevista que passei a incluir no roteiro a seguinte pergunta: “qual é o símbolo que você acha que representa o sertão?”.

Ao longo da entrevista, descobri que Gildemar Sena é um artista plástico do município que tem um espaço para a realização de eventos e encontros (artísticos ou não), o Espaço Toque de Zabumba. Sr. Pedro Peixinho se prontificou a me apresentar o sr. Gildemar e mais alguns agentes de cultura do município, neste mesmo dia, mais tarde à noite, marcando um encontro conosco no Espaço Toque de Zabumba.

Lá, conheci sr. Gildemar e começamos a conversar. Descobrimos que tínhamos conhecidos em comum, do tempo que ele passou em Manoel Vitorino, município onde minha avó mora, ajudando na realização de um evento. Conhecemos, neste dia, músicos do município de Uauá que transmitem o ensinamento da sanfona por gerações: lá encontramos sr. “Veinho” com seu filho e seu neto, todos os três com sanfonas na mão, e foi muito especial ouvir os três tocando e cantando juntos. Conhecemos também sr. Cavachão (o Antônio Sabino Marques) que também é músico. Participamos com eles, então, de uma seresta que adentrou a noite. Combinamos de fazer entrevista com todos eles no dia seguinte de manhã, mas só conseguimos falar com sr. Cavachão e sr. Gildemar.

Todo universo tem sertão, não é só o sertão nordestino, tem o sertão de lá daquelas bandas, tem as grandes veredas lá de Minas Gerais, tem o Sertão do Chuí, do Iapoque, esses lugares todos, acho que tem Sertão na África, acho que em todo canto tem sertão

Gildemar Sena

*"Passarinho cantou, no pé da jurema,
bem-te-vi sentou em cima da ema,
veio o beija-flor deu um beliscão,
tudo isso eu vi, aqui no sertão”*

Cavachão (Antônio Sabino Marques)

Voltamos ao Espaço Toque de Zabumba no outro dia de manhã para a entrevista e ficamos sentados conversando esperando. Aproveitamos para apreciar as telas do sr. Gildemar, que estão espalhadas por todo o estabelecimento, e também para tirar algumas fotos. Quando sr. Gildemar chegou, já estava acompanhado de Sr. Cavachão e logo começamos a entrevista. No começo da entrevista, sr. Cavachão dizia “não vou responder, porque dessas coisas quem sabe é Gildemar”, mas, com o tempo, ele foi se soltando e começou a cantar suas músicas sobre o sertão para

responder as perguntas. A entrevista fluiu, literalmente, ao ritmo da música que sr. Cavachão falava/cantava e dos cordéis que Gildemar entoava. A atmosfera desta entrevista se deu num ambiente familiar, como conversa entre amigos. Quando a entrevista terminou, continuamos cantando e conversando por um bom tempo. Tentamos entrar em contato com mais agentes em Uauá, mas não tivemos sucesso.

Pensando sobre as situações que se colocam, vejo o quão difícil é chegar na casa dos outros depois de procurar por eles pelas praças do município para solicitar entrevista como uma completa estranha.

Em Juazeiro

Nos encaminhamos no final do dia para Juazeiro, para que pudéssemos estar mais descansados para as atividades do dia seguinte, pois a viagem entre Uauá e Juazeiro é feita, em sua maior parte, em estrada de terra. São quilômetros muito sofridos.

Acho que as pessoas também são geográficas porque eu posso levar o sertão para onde eu quiser. Se eu for limitar a uma região territorial aí eu vou estar limitando a geografia.

Alan Silva

No dia seguinte, em Juazeiro, fui para o Centro de Cultura João Gilberto realizar a entrevista com o representante territorial Alan Silva. Lá me demorei um pouco para conhecer as instalações do Centro de Cultura e aguardamos sua chegada para podermos realizar a entrevista (que aconteceu de forma bastante formal, mas também acalorada).

O sertão tem uma ligação muito com a questão da cultura, o semiárido é mais climático

Donizete Menezes

Na sequência, nos dirigimos juntos, eu e Alan, para a Secretaria municipal de Cultura, onde o secretário, sr. Donizete, tinha se disposto a organizar uma reunião com os agentes de cultura do município. Quando lá chegamos, ele me informou que tinha convidado onze representantes para a reunião (sim, pasme, onze!) dos mais diversos segmentos culturais. Imediatamente liguei para

Mateus e pedi que ele viesse correndo para a secretaria me ajudar a manejar a entrevista com o grupo focal.

Quando eu cheguei, apenas dois representantes estavam na casa e eles decidiram esperar pela chegada de mais agentes. Nesse meio tempo, fui realizar a entrevista com sr. Donizete, enquanto meus companheiros de jornada ficaram recebendo os agentes que estavam chegando na secretaria na sala ao lado. A entrevista com sr. Donizete teve algumas interrupções, pois ele estava recebendo ligações telefônicas e de vez em quando entrava uma pessoa na sala para falar com ele. Por vezes, o que não é de estranhar, ele perdia a concentração e se perdia na argumentação devido às interrupções. Esta entrevista, assim como a de Rubenilson, foi mais voltada para o desenvolvimento das políticas culturais no município. Mesmo assim, sr. Donizete se mostrou solícito em ajudar na pesquisa, mas muito agoniado pela grande quantidade de afazeres.

Então, vejo de duas formas, de uma forma natural e de uma forma poética, porque o sertão é a região mais rica que tem

Valdir

Nós somos artistas do semiárido, nós somos artistas sertanejos, tudo que a gente produz tem a cara do sertão, pode ser um texto de Shakespeare, pode ser uma música de Bethoven, mas não importa, a partir do momento que ele chega aqui, ele chega à nossa maneira, à nossa forma de interpretar, à nossa forma de ver

Marcos Santos (Marcos Velash)

Quando terminei a entrevista com sr. Donizete, logo começou a entrevista em grupo focal. De antemão, deixo claro, que dadas às circunstâncias, não consegui me aproximar de nenhum agente como gostaria. Não pude ouvir suas histórias, nem estabelecer laços com eles como tinha acontecido nas demais entrevistas realizadas com agentes de cultura até aqui. Tudo o que sei deles, foi o que disseram em entrevista e o que Victor e Mateus me contaram depois da entrevista. A sr. José Filho, D. Ovídia, sr. Valdir, Sr. Marcos, D. Zenaide, Sr. José Rosa eu só tenho a agradecer por terem se disposto a me contar sua arte.

A entrevista começou com cada um deles se apresentando e falando sobre a sua

manifestação cultural. Victor e Mateus estavam na sala me ajudando a mediar. Como tinha muitas pessoas, era difícil que todos respondessem aos estímulos lançados para discussão. Quando completamos uma hora e meia de entrevista, dava para perceber que eles já estavam cansados e o rendimento da entrevista diminuiu muito: com mais uns 15 minutos a entrevista chegou ao fim. Alguns entrevistados permaneceram um pouco mais, especialmente sr. Valdir e sr. Marcos e conversamos um pouco, mas bem rapidamente. Quando saímos da secretaria, Victor e Mateus me contaram que alguns dos entrevistados foram embora antes da entrevista começar, assim fizeram porque foram para a entrevista acreditando que receberiam algum apoio financeiro por parte da prefeitura e que, quando viram que não era sobre isso, decidiram ir embora e não participar. Permanecemos mais um dia em Juazeiro tentando entrar em contato com mais alguns agentes de cultura do Hip Hop, do Reisado e da vertente mais radical dos Penitentes (os que se flagelam), mas não obtivemos sucesso.

Em Casa Nova

Aqui pra mim é o rio São Francisco que nos dá essa identidade, mais precisa do Vale do São Francisco

Marismário Hipólito

Nos encaminhamos para Casa Nova na quarta-feira de manhã juntamente com Alan, o representante territorial, que me ajudou a articular a ida ao município. Quando chegamos em Casa Nova, Mateus e eu ficamos muito surpresos, pois a Câmara de Vereadores do município tinha feito uma sessão extraordinária para nos receber. Nós então nos apresentamos enquanto estudantes da UFBA do mestrado e da graduação em Geografia e como membros do grupo Espaço-Livre de Pesquisa Ação. Para que não acontecesse entrevista com pessoas que fazem parte do poder público e com agentes de cultura ao mesmo tempo, nos dividimos Mateus e eu para fazer as entrevistas em dois grupos. Eu fiz a entrevista com o poder público e Mateus com os agentes. Assim como em Juazeiro, não tivemos muita oportunidade de conversar com cada um deles (sejam do poder público ou não) antes da entrevista, o que conseguimos foi manter diálogos pontuais sobre a cultura do município e as dificuldades de implantar as políticas culturais. É importante ressaltar que nenhum dos agentes entrevistados recebe apoio do poder público para

realizar suas manifestações e todos disseram que foram sendo chamados um pouco antes da hora da entrevista para sua realização. Também gostaria de apresentar com um pouco mais de profundidade os agentes de cultura que contribuíram para a pesquisa, mas o contato com as pessoas entrevistadas de Casa Nova foi ainda mais reduzido do que o que houve em Juazeiro.

Brabo. Brabo, Brabo. Não vou nem falar. (se emociona)

Jeová

Seguimos, então, sob um céu sem nuvens e nos dirigimos para o restaurante de Luciano, que fica às margens do lago da represa de Sobradinho, mas apenas conversamos amenidades. No caminho, descobri que sr. Jeová, motorista do governo do Estado que estava levando Alan, faz parte de um grupo de capoeira em Juazeiro e perguntei a ele se ele se incomodava de me conceder uma entrevista enquanto almoçávamos. Ele disse que não e começamos a conversar sobre as atividades desenvolvidas pelo seu grupo de capoeira e sobre sua trajetória com a capoeira e com a cultura em Juazeiro. Essa entrevista foi marcada por emoção, emoção de quem se recusava a falar do sertão pelo sofrimento que desperta, pelas dores e perdas sofridas. Em alguns momentos, sr. Jeová decidiu que não ia falar mais sobre sertão e desde então terminamos a entrevista e encerramos o assunto. Agradei a ele pelo apoio e encerramos o assunto para melhorar o ambiente. Após o fim do almoço, nos despedimos e partimos para Remanso para enfrentar os dois últimos dias de campo.

Em Remanso

Em Remanso, chegamos depois de mais duas horas de viagem. Chegamos esgotados. Em Remanso o cansaço acumulado dos 6 dias de viagem nos atingiu. Ficamos os três doentes, mas não podíamos desistir agora, já tínhamos percorrido a maior parte do caminho, nos demos força. O desgaste é tanto do cansaço do corpo que fica na estrada quanto da mente que precisa estar sempre atenta nas entrevistas, na tentativa de me doar para os entrevistados como eles se doaram para mim. Em Remanso, isso foi quase impossível, não tinha muito de mim para dar.

Entramos em contato com Flávio, funcionário da Secretaria de Cultura, que é concursado pela prefeitura de Remanso e que é conhecido de um amigo que tenho no município. Procurei

saber pelo meu amigo, se ele tinha contato com alguém que trabalhasse com cultura no município, mas ele não tinha nenhum contato além de Flávio.

Nos dirigimos, Mateus e eu para a Secretaria de Cultura do município onde realizaríamos a entrevista. Lá, fomos informados que ele teve um problema com o pneu e atrasou bastante. Ficamos esperando metade da manhã. Ficamos deitados no carro, meio dormindo, meio acordados esperando a ligação de Flávio para podermos entrar na secretaria. Não tínhamos forças para esperar sentados em cadeiras.

O meu sangue é esse, é ser do sertão mesmo para mim, ser sertão é isso, é estar associado com a terra, não é uma palavra, seria mais um termo de identidade. Eu acho que é isso, um termo que identifica, que nos identifica aqui como pessoas de... 'ah o gaúcho', 'ah, o pessoal lá, o paulista', a gente é sertanejo.

Flávio Diniz

A entrevista decorreu amigavelmente, no entanto de forma tensa, mas não sei dizer a razão. Depois da entrevista ele me levou para conhecer o caminho que leva à Remanso velha, hoje inundada, e conversamos sobre a cultura do município. Ele me deu alguns contatos de agentes de cultura, mas só consegui agendar com dois contatos: o mestre Jânio da capoeira e D. Marinalva da rádio Zabelê. Confesso que fiquei em parte aliviada de não ter conseguido falar com mais pessoas, pois mal podia me sustentar de pé. Tivemos necessidade de deitar entre uma entrevista e outra para podermos recuperar nossas forças.

Eu acho que a seca, a seca, deixa eu ver mais, a seca, o sertanejo, o pessoal que vive no bioma caatinga, sertão, eu acho que isso é o sertão.

Jânio

A entrevista com Jânio aconteceu na academia de capoeira mantida por ele. Estávamos todos sentados em um banco de madeira (Mateus, Jânio e eu). A entrevista ficou agendada para o começo da tarde, mas só aconteceu no final, porque ele estava dando aula e não poderia nos atender. Ele falou conosco no final de uma aula, mas a entrevista foi breve e sem muitos rodeios, com respostas diretas sobre o que ele pensa sobre o sertão e sobre as políticas culturais. Ele nos

apresentou a academia que construiu do lado de sua casa para poder dar aula e nos mostrou fotos de atividades que desenvolve no município, falou das restrições que a capoeira encontra no município, mesmo com a força dos seis terreiros de candomblé existentes em Remanso.

A Ave Maria do Sertanejo de Luiz Gonzaga que ela é uma música que fala muito sobre a questão do sertão. Mas é uma coisa, que quando você ouve, você sente aquela vontade de chorar assim porque é muito forte sabe? Fala muito daquilo que você é. Então assim, eu acho que é esse sentimento. O sentimento, o desejo, sei lá, do que você é na verdade...

Marinalva

A entrevista com D. Marinalva aconteceu na praça da Igreja Matriz de Remanso, onde nos encontramos depois de sua reunião na igreja. Foi um longo período de espera. Entre dor de cabeça e indisposição do corpo, o que mais queria era ir para casa, voltar a dormir, sobreviver à indisposição e à entrevista. Não sabia se teria forças de ficar lá até o fim. Tive medo, mas sabia que não poderia me acovardar. Já tinha chegado tão longe... Não estava completamente presente, não estava com a mente completamente na entrevista, prestei atenção como pude. Parte de mim agradecia por não ter encontrado os meninos do Hip-Hop que me fariam ficar o sábado também em Remanso, parte de mim se envergonhava dos pensamentos autocentrados. Durante a espera, aproveitei o vento e a temperatura amena, completamente diferentes do calor e abafamento do dia. O céu estava limpo, muitas estrelas. Me voltei para minha infância em Manoel Vitorino e para a adolescência em Mairi onde deitava no chão da rua para ver as estrelas. Aproveitei o momento como pude, tentando organizar meus pensamentos.

Quando encontrei D. Marinalva, estava melhor, mas não o suficiente para ouvir com a atenção necessária, não para compartilhar o momento em inteireza. Me apresentei, apresentei a pesquisa, falamos sobre a história da rádio, sobre minha história com o sertão, sobre a história dela com o sertão, sobre a vida, o país, o rio. Expliquei a minha situação e Dona Marinalva pareceu entender. Na entrevista, segui o roteiro, mas não me esforcei para ver nas entrelinhas, para perguntar algumas sutilezas que deixei passar. D. Marinalva continuou à vontade, falando de sua atuação na rádio, da sua atuação nos grupos culturais de Remanso, e se abrindo para a entrevista. Estive presente como pude, mas não pude muito.

Flávio nos acompanhou nas duas entrevistas, mas não permanecendo exatamente do nosso

lado durante a realização delas. Mesmo com sua presença, nenhum dos dois entrevistados se intimidou e falou sobre os problemas de gestão de cultura que o município de Remanso enfrenta.

2. Em Salvador

Perdida no Barbalho

Depois da frustração de não ter conseguido nenhum contato em Curaçá, em pleno mês de março, recebo uma mensagem no celular de Ednaira do G-DECC de Curaçá me avisando que está em Salvador e que está disponível para me receber! Dei pulos de alegria, liguei para ela e combinamos um horário na casa de sua amiga no Barbalho. No dia combinado, arranjei uma carona que me levou até perto do endereço dado, mas não conseguia achar a casa, porque não via o número. Saí então desesperada com o GPS ligado procurando a casa ao tempo em que mandava mensagens para Ednaira e me perguntava ‘o que é que fui inventar, Pai do Céu!’. Ednaira saiu da casa e me encontrou zanzando na rua, meio perdida. Nos cumprimentamos, conversamos um pouco e começamos a entrevista. Ficamos juntas por boa parte da tarde, período no qual Ednaira gentilmente compartilhou as histórias do seu grupo comigo. Quando terminou a entrevista, nos despedimos e toda a angústia do começo da entrevista foi embora, pela sensação de dever cumprido. Mais do que isso: paz e alegria pelo tempo que passamos juntas.

3. No Território de Identidade de Sertão Produtivo

A viagem para o Sertão Produtivo foi um pouco diferente: dessa vez saímos num domingo de madrugada com o céu ainda escuro. Passamos eu e Mateus a viagem toda conversando sobre a Universidade e sobre Fenomenologia, dois assuntos que estavam nos deixando muito empolgados. Entre leituras de Sartre e de Merleau-Ponty, falamos de pesquisa e sobre arte.

Em Guanambi

Passamos dois dias em Guanambi: quando chegamos, Mateus ligou para um amigo dele que prontamente nos recebeu em sua casa. O domingo e a segunda-feira foram dias de muito sol

e muito calor, mas na terça-feira pela manhã a chuva caiu abundantemente do céu.

Eu digo que Guanambi não é sertão hoje, mas Guanambi já foi sertão. Existem ainda algumas cidades próximas a Guanambi que ainda podem ser consideradas como sertão. São cidades assim menos desenvolvidas, né, que têm muita dificuldade com a questão da água, a cultura, da educação...

Rosângela Oliveira

Na segunda-feira pela manhã fomos para o Centro de Cultura esperar por Rosângela, responsável pelo centro de cultura e também atriz do GOTA (Grupo Oliveira de Teatro Amador) e por Jardiel, representante territorial. Chegamos com o centro de cultura ainda fechado e ficamos sentados debaixo de uma árvore proseando. Assim que ela chegou, nos encaminhamos para sua sala, onde realizamos a entrevista. Conversamos pouco antes da entrevista começar e tudo aconteceu em meio a muita formalidade e com bastante atenção dela para conosco. A entrevista aconteceu sem interrupções e foi relativamente curta. Finda a entrevista, ela ligou para Jardiel, e ele avisou que tinha se esquecido do compromisso, mas que estava a caminho. Enquanto esperávamos Jardiel, D. Rosângela nos mostrou as dependências do Centro de Cultura e conversou conosco sobre como são feitas as solicitações de pauta. Depois ela nos deixou e foi cuidar dos seus afazeres cotidianos de trabalho.

E a foto do meu sertão, se eu fosse dar pra você uma foto em imagem era uma igreja, no meio da comunidade, cheio de gente, alegre.

Jardiel Alarcon

A entrevista com Jardiel foi muito engraçada. Ríamos os dois o tempo todo quando não estávamos emocionados. Ele me contou sobre suas motivações para trabalhar com a cultura e sua história, sobre as dificuldades que enfrenta sem verba para viajar entre os municípios do território e me mostrou sua sala, bem pequena e um pouco desconfortável, pois não conta com nenhum aparelho de ventilação para amenizar o calor que faz na cidade. A entrevista foi longa e sem ressalvas. Ele falou de tudo o que porventura apareceu ao longo da entrevista e brincou incessantemente com meus tiques e angústias de pesquisa: “para quê dois gravadores menina?!”,

“está franzindo tanto a testa que parece que está passando mal!” e ria a cada vez que brincava comigo. Quando terminou a entrevista, Jardiel me deu o contato de uma pessoa em Ibiassucê, D. Marlene, que atualmente está à frente da pasta da cultura no município. Combinei também de enviar para ele a entrevista transcrita. Fomos então, juntos, ver sr. Wilson do terreiro de Candomblé mais antigo do município (Terreiro de Axé Roxo Múcumbe de Hanzambi) e que desenvolve uma enorme quantidade de trabalhos culturais e sociais.

É até difícil falar assim, eu acho que é difícil, porque a gente fala, fala, fala. Mas pouco a gente são ouvidos

Então existe sim, eu acho que existe diferenciação, de sertão, sertão sim, sertão menos de conhecimento, sertão médio e um sertão por falta de conhecimento. Então eu acho que o Brasil também é sertão

Tata Wilson

Já era fim da manhã quando chegamos ao terreiro. Na porta, fomos informados por sua filha que ele não estava em casa. Quando estávamos prestes a sair, já pensando em como faríamos para ligar para ele e tentar agendar uma entrevista, vimos seu carro se aproximando. Que alegria! Fomos apresentados a ele por Jardiel, mas sr. Wilson ficou todo o tempo desconfiado, nos mantendo a uma distância segura. Depois de alguma relutância, ele nos convidou para entrar no terreiro e fomos convidados ao templo para realizar a entrevista. Neste momento, Jardiel se despediu e iniciamos a entrevista. Era com muito carinho e emoção que ele falava do seu trabalho com o Samba de Roda, com a Capoeira, das aulas de reforço, do cuidado com o terreiro, com a confecção de instrumentos, com o artesanato e com o sopão para ajudar os mais necessitados. Foi com tristeza que vimos o quanto do seu trabalho tem sido prejudicado pela falta de apoio, qualquer que seja, para a manutenção das atividades. O sopão, por exemplo, que era semanal, tornou-se mensal.

Finda a entrevista, pedimos para tirar foto da parte externa do terreiro e ele nos contou a história da lagoa que fica, hoje, nas imediações do terreiro, mas que outrora tomava parte considerável da cidade. Conhecemos o espaço que eles criaram para poder fazer suas apresentações, pois o Samba de Roda sofre muito preconceito e eles não conseguem se apresentar nos espaços do município. Conversamos mais um pouco e nos despedimos. Durante todo esse

tempo, sr. Wilson estava com olhar desconfiado e achando muito estranho nossa “aparição” lá no terreiro.

Eu carrego dentro de mim essa energia, esse amor pelo sertão, pelo homem da mão calejada, do chapéu de couro, que levanta o olho pro céu assim, o sol bate no rosto, o suor escorre na terra, eu gosto dessas coisas assim sentimentais do sertão, essas expressões sertanejas. Então desde pequeno que essa coisa aos poucos vai nos pegando, né, quando a gente se vê, a gente já tá no meio já.

João Rocha

No período da tarde, fui falar com João Rocha, poeta e articulador cultural de Guanambi que me ajudou a conseguir alguns contatos no município e que se dispôs a me apresentar seu trabalho e compartilhar parte do seu acervo sobre Guanambi comigo.

A entrevista aconteceu na prefeitura, onde trabalha, na assessoria de comunicação. Ele nos levou para uma sala de reunião onde poderíamos ter mais privacidade durante a realização da entrevista e um outro senhor, da prefeitura, sentou conosco para saber se poderia falar dos planos de infraestrutura que a prefeitura tem para o município, mas quando ele percebeu que a entrevista era sobre cultura, saiu da sala e nos deixou a sós. Todos pareceram ficar mais aliviados quando perceberam que a entrevista poderia decorrer sem interferências. A entrevista aconteceu quase naturalmente e muitas perguntas foram respondidas antes mesmo de terem sido feitas. João cantou e entoou trechos de música e poesia ao longo da entrevista que foi interrompida no meio por uma funcionária pedindo para fechar a sala. Saímos então de lá e nos alojamos no seu local de trabalho, pois já não havia mais ninguém lá no final da tarde. Nesta entrevista, fiquei agradecida por ter levado dois gravadores e pensei nas brincadeiras que Jardiel fez, pois um dos gravadores ficou sem bateria, mas como ‘uma mulher prevenida vale por duas’, a entrevista seguiu sem interrupção porque o outro gravador estava funcionando. Finda a entrevista, ficamos de nos encontrar na manhã do dia seguinte, pois ficou marcada uma reunião com mais agentes de cultura que João tentou articular.

Ó, eu acredito, quando se fala em sertão, se a gente for ao pé da letra, e quando eu estudei inglês então eu tentei traduzir o sertão para o inglês, e aí a gente brincava que era backwood, (...) Acho

que a tradução, se fosse assim traduzir o sertão seria “a parte bonita que está escondida no interior do estado”.

Joelton Oliveira

Na manhã seguinte acordamos e saímos com chuva para fazer entrevista. Quando chegamos na prefeitura, João avisou que, devido à chuva, a maior parte dos seus colegas desmarcaram e não poderiam vir para a reunião. Apesar da decepção de não poder fazer a entrevista em grupo, conseguimos falar com Joelton, diretor do grupo GOTA que foi à prefeitura nessa manhã. A entrevista com Joelton ocorreu sem imprevistos. Ficamos antes e depois conversando eu, ele e João sobre a chuva e eles contaram e cantaram sobre como a chuva é sagrada para eles. Segundo eles, em Guanambi falar mal da chuva é tomado como uma ofensa. Depois de um tempo considerável conversando, João me levou para o museu da Câmara de Vereadores, local onde está sediada a Fundação Joaquim Guimarães, responsável por manter um acervo histórico e organizar eventos culturais no município.

(...) o sertão estava dentro de mim, é isso.

Nice

*Quando fala sertão, realmente vem a figura do lajedo mesmo, que a gente vê a questão da...
Como é que é a terra, a vegetação, as características né...*

Juvenice

Lá nos encontramos com D. Nice, D. Helena e Juvenice (que é filha de D. Nice) que contaram a história da instituição, o trabalho desenvolvido por eles e os percalços para manter a fundação. D. Nice, para minha surpresa, é uma anciã licenciada em geografia e conversamos brevemente sobre a Geografia. Ela me contou sobre como ficou encantada quando conheceu o Instituto de Geociências da UFBA e quando teve o primeiro contato com a obra do professor Milton Santos há muitos anos.

Todas três são professoras, estando apenas Juvenice ainda no exercício da função. Durante a entrevista, contaram como fizeram pedido a todas as famílias do município para que doassem peças antigas para a conservação da cultura do município. Falaram sobre a luta pela construção de um museu no município que possa abrigar as peças, falaram das caminhadas da cultura que

desenvolvem em datas importantes para a história do município, da Bahia e do Brasil. Finda a entrevista, Juvenice me mostrou as instalações provisórias da fundação, junto com o acervo que possui. Nos despedimos para que Juvenice pudesse ir dar atenção à mãe e voltei para me despedir de João na prefeitura.

Já no começo da tarde, tentei estabelecer mais alguns contatos no município, mas sem sucesso. Nos encaminhamos então para Caculé. Íamos para Ibiassucê por causa dos compromissos agendados para a manhã do dia seguinte, mas como a distância é pequena, decidimos ir a Caculé tentar a sorte.

Em Caculé

Uma viagem infrutífera

Fomos para Caculé sem perspectivas e sem contatos. Fomos na vontade de ir perguntando na rua sobre a cultura do município. Chegando lá, procuramos pela Secretaria de Cultura, pela Secretaria de Educação, pela prefeitura, mas não tivemos sucesso. Fomos informados que as secretarias só funcionam no turno da manhã. Paramos no posto de gasolina para abastecer e perguntamos ao pessoal se eles sabiam de alguém que trabalha com cultura, qualquer expressão artística, mas ninguém sabia. Perguntamos no restaurante onde almoçamos e na pousada que decidimos ficar para a noite, mas ninguém sabia dos artistas do município. Fomos, então, na manhã seguinte, bem cedo para Ibiassucê.

Em Ibiassucê

o que é sertão? São as nossas raízes. Muito, assim, no meu ponto de vista, tá acima de tudo, assim. Para desenvolver qualquer trabalho, o sertão é o foco principal.

Marlene Sousa

Sertão para mim é um berço onde a gente nunca pode abandonar. É a alegria de viver aqui nessa região, nordestina, sofrida, mas alegre e bonita. É o que eu vejo do sertão.

Ana Santos

A primeira entrevista foi realizada no Departamento de Cultura do município. Estavam presentes D. Ana, que é figurinista ajudando a confeccionar trajes para artistas, escolas e para a Secretaria de Cultura; D. Marlene, que é a responsável pela Pasta, e Adriana, que trabalha organizando eventos tanto para a secretaria, quanto como membro da sociedade civil. Antes de começar a entrevista, D. Ana me mostrou o trabalho que eles desenvolvem confeccionando artesanato e ensaiando espetáculos com as crianças, mostrou que a maior parte do trabalho desenvolvido pela secretaria é voltado para as escolas do município. A princípio tentei não fazer a entrevista com as três juntas, mas como a resistência foi muito forte, decidi fazer a entrevista focando nos significados que elas atribuem ao sertão e falando muito pouco sobre políticas culturais. No final, elas falaram que há muita interferência dos partidos na forma como as coisas são feitas. Até determinadas cores são proibidas, pois podem remeter a um partido de oposição. Em seguida, pedi contatos de outras pessoas que trabalhassem com a cultura do município, mas elas me contaram que a cultura anda muito desvalorizada e que poucas pessoas se dedicam às atividades culturais, argumentaram que esta é uma das razões pelas quais elas focam nas escolas, para avivar nas crianças o desejo de desenvolver a cultura.

D. Ana então me levou para conhecer D. Maria Luiza que faz parte do Terno da Cigana no município e nos encaminhamos para sua chácara que fica já nos limites da cidade.

Como é bom fazer mais uma amiga!

Pensou sertão só vem aquela coisa de seca, de vida laboriosa, trabalhosa assim. Eu já não digo sofrida não, porque o lavrador, apesar de tudo, todo esse esforço, ele ainda tem o sorriso pra oferecer.

Maria Luiza (Marilu)

Quando chegamos à Chácara, Ana fez as nossas apresentações e voltou para o Departamento de Cultura onde estava confeccionando as roupas para uma apresentação do sítio do pica-pau amarelo. D. Marilu, como prefere ser chamada, esbanjava alegria por ter alguém interessado no Terno das Ciganas que ela e suas colegas conservam com tanto carinho. D. Marilu e eu ficamos conversando por um bom tempo, antes e depois da entrevista, momentos nos quais ela compartilhou comigo a história de sua casa, que é um casarão muito antigo no município, e de

sua família. Tiramos uma foto para marcar o momento e trocamos contatos de e-mail e telefone, pelos quais nos comunicamos até hoje.

Finda a entrevista, nos despedimos e seguimos, Mateus e eu, para Caetité, onde os compromissos começavam logo no começo da tarde. Mateus me contou que um dos funcionários de D. Marilu é considerado um mestre da cultura popular e que, segundo ele, os médicos do município o consultam para saber o que fazer em partos complicados. Ele é conhecedor das ervas e plantas nativas da região.

Em Caetité

Então o sertão pra nós é muito... Saber que em janeiro você vai chupar umbu, entendeu? Saber que agora é época da siriguela, não é (risos)? Eu acho que o sertão é muito isso...

Sebastião Carvalho

Em Caetité fomos direto para a Secretaria de Cultura onde tinha o compromisso marcado com sr. Sebastião (Tião), secretário de cultura. Antes da entrevista não conversamos muito, mas durante a entrevista ele não se negou a falar de nada e contou sua trajetória na cultura do município como músico e depois como gestor. Não tivemos oportunidade de conversar nem antes nem depois da entrevista devido às demandas da secretaria que precisavam ser atendidas.

Eu acho que sertão é um lugar onde eu existo. É simples, e existir vai muito além da sobrevivência, né, então eu não sou um sobrevivente porque eu aproveito e troco muito com o espaço onde eu estou, né, e agora eu tenho filhos e tudo.

Fernando Dias

É o jumento, é isso: é a resistência. O sertão pra mim... o que eu acho que é sertão? É a resistência, né, sertão é luta, sertão é perseverança, isso que eu acho que é sertão.

Luiz Benevides

Ao final da entrevista, ele me levou para a sala ao lado, onde me aguardavam os senhores Luiz e Fernando para a realização da entrevista. Ambos envolvidos com a nova gestão da cultura

do município, mas também desenvolvedores de atividades culturais de longa data em Caetitê. Sr. Luiz organiza anualmente há 30 anos o encontro do Reisado do município, que ajuda na manutenção da manifestação, porque gera o interesse nos mais jovens, por causa da competição. Esta realidade é bem diversa da que presenciamos em outros municípios onde essas manifestações estão desaparecendo por falta de interesse dos jovens. Além deste evento, o sr. Luiz é radialista há muitos anos e tem um programa na rádio sobre cultura sertaneja. O sr. Fernando, por sua vez, é líder de um grupo de teatro do município (os Desbravadores de Arte), que recebe apoio da Fundação Anísio Teixeira e realiza espetáculos com regularidade, buscando mostrar para os jovens do município que ‘dá para viver de arte, sim senhor!’.

Antes da entrevista, Fernando demonstrou preocupação pela possibilidade de edição, como consta na autorização, preocupado com seus direitos autorais, mas, depois que expliquei, ele entendeu e demos início a nossa conversa. Essa foi uma entrevista que acabou por falta de tempo. Ficamos uma hora e meia, aproximadamente, discutindo sobre o sertão, mas quando começou o entardecer ambos precisaram ir embora devido a outros compromissos. Por isso, encerramos a entrevista. Eles, ao final, nos deram outros contatos de grupos culturais do município, mas nenhum estava disponível para realizar entrevista nem neste dia, nem no próximo e decidimos seguir em direção a Brumado e ver se poderíamos adiantar as entrevistas que estavam agendadas para este município.

Em Brumado

Sertão é a região que sempre foi esquecida, infelizmente em todos os sentidos.

Miguel Dias

A manhã em Brumado foi parcialmente desastrosa: fizemos, Mateus e eu, duas entrevistas que não estavam muito relacionadas à cultura. O secretário, sr. Miguel, afirmou que não tem afinidade com a pasta, mas que assumiu porque havia perdido o cargo de secretário administrativo. A entrevista começou já querendo acabar, uma vez que o secretário não estava disposto a responder as perguntas que lhe foram feitas. A entrevista aconteceu em sua sala e teve várias interrupções. Uma delas de agentes de cultura convidados por ele para a entrevista, mas que eu pedi que não se juntassem a nós, pois afirmei que preferia falar com eles em separado. No

final da entrevista ele disse que me atendeu porque pensou que eu era da SECULT, o que me faz pensar que caso ele soubesse da minha pesquisa, ele não me receberia...

Mas o sertão é isso aí, é sofrimento, angústia e muito prazer em morar aqui. ⁶⁸

Gilberto Dias

A entrevista com o senhor Gilberto, mais conhecido como Giba, em Brumado, ocorreu pela manhã na sala do secretário de meio ambiente. No período anterior a entrevista, quando o senhor Gilberto chegou à sala do secretário de cultura, ele nos foi apresentado pelo secretário como um Presidente do Conselho Municipal e, por entender que eles são promovedores da cultura, decidimos que também iríamos entrevistá-lo.

Ao longo da entrevista percebi que o entrevistado não possuía ligações com o setor cultural no município, pelas explicações do próprio entrevistado. Ele apenas resolve problemas de pessoas que vivem na área rural. Na verdade, Giba está mais ligado ao poder público municipal, principalmente ligado à figura do prefeito e do secretário de cultura em Brumado. A entrevista ficou bastante comprometida, pois o entrevistado não falava realmente sobre as manifestações culturais do município, nem sobre as manifestações culturais sertanejas. Ele falava apenas sobre agricultura, áreas rurais e políticas públicas para o setor agrícola, principalmente voltadas para a agricultura familiar, desvinculadas de quaisquer manifestações culturais.

Para mim, acima de tudo, eu me sinto orgulhoso de ser sertanejo, de ser um forte e sobreviver, principalmente aqui no nosso agreste, onde temos dificuldades, principalmente relacionadas à questão de água, né?

Zenildo (Nildo) Freitas

O artista é como um antena da sua raça, ele capta e coloca no papel ou na plataforma artística o que ele trabalha o seu sentimento. Então, o sertão realmente tem um valor muito importante no meu trabalho.

Paulo Esdras

Quando terminei a breve entrevista com sr. Miguel, me apresentei para o sr. Nildo e o sr.

⁶⁸ Situação de entrevista escrita majoritariamente por Mateus uma vez que ele realizou a entrevista sozinho.

Paulo e nos encaminhamos para o auditório da prefeitura. Sr. Nildo é funcionário da prefeitura, auxiliando o sr. Miguel nas atividades da pasta de cultura, é músico, coordenador de um site de notícias, e poeta, que já tem livros publicados. Sr. Paulo é articulador e dirigente do movimento cultural Abracadabra, que organiza eventos no município, como feiras de livros, sarais literários, peças teatrais; anteriormente, era o representante territorial do Território de Identidade Sertão Produtivo. Perguntei a Nildo se ele se incomodava de ser entrevistado como agente de cultura, mesmo estando relacionado ao poder público e ele e Paulo disseram que não se incomodariam de participar juntos da entrevista. Já estávamos no meio da entrevista, quando Mateus nos encontrou na sala e confirmou que havia realizado a entrevista com o sr. Gilberto. A entrevista seguiu sem interrupções e, ao final, além de trocarmos contatos, Paulo ficou de me mandar por e-mail um material que ele produziu sobre o sertão e Nildo presenteou a mim e a Mateus com dois livros: um da academia de letras de Brumado, no qual ele tem algumas poesias, e um livro de autoria inteiramente sua sobre o sertão.

Então, na saída da prefeitura, sr. Paulo me falou sobre o sr. Zé Walter, cordelista de Brumado, e do contramestre de capoeira Zumbi e me deu o telefone deles. Nós nos despedimos e seguimos junto com osr. Nildo para o Mercado das Artes, onde pretendíamos entrevistar os artesãos do município.

Sertão é... assim... a vida de viver em um lugar meio... no campo principalmente, onde você encontra várias opções de vida. E aí você vai vendo a pessoa que é pessoa, mesmo que ele não tenha um conhecimento científico, ele está sempre ali a ensinar, você tem muito que aprender com essas pessoas. Para mim, isso aí é o sertão, né.

Edinalva Queiroz

Quando chegamos ao Mercado das Artes, encontramos dois estandes abertos: o da D. Edinalva e o do sr. Josimar. Fui primeiro falar com a sra Edinalva que prontamente se dispôs a fazer parte da pesquisa. Tentei, então, ver com o sr. Josimar para que pudesse fazer a entrevista com os dois juntos, mas sua esposa, que estava embalando peças e colocando-as em caixas, me informou que ele estava produzindo e que não poderia me atender neste momento, podendo me receber à tarde. D. Edinalva, no entanto, não estava disposta a voltar para o Mercado no turno da tarde, uma vez que ela já tinha compromissos agendados para este horário. Ficou decidido, então,

que as entrevistas seriam realizadas em separado.

A entrevista com D. Edinalva aconteceu no seu estande e ela ficou encantada de ter alguém interessado pelo seu trabalho. Ao final, quando a gravação foi encerrada ela pediu desculpas por não ter falado mais, pois ela fica muito nervosa diante dessas situações. Compramos, Mateus e eu, Lampiões e Marias Bonitas em seu estande para trazer de lembrança para Salvador.

Olha, sertão é um lugar assim que tem a dificuldade de se estar, mas que possa se sobreviver. Eu acho que eu estou no sertão.

Josimar Almeida

Um pouco antes de começar a entrevista com sr. Josimar, liguei para sr. Zé Walter para marcar um horário e combinamos que, assim que eu saísse do Mercado das Artes, me encaminharia para seu escritório que fica em frente à prefeitura. Então, logo no começo da tarde realizamos a entrevista com sr. Josimar no Mercado das Artes e, enquanto realizávamos a entrevista, ele embalava no papel, cuidadosamente, o seu artesanato feito em pedra e em madeira. Antes da entrevista, ele contou os perigos de trabalhar com madeira (que para minha surpresa são maiores do que o trabalho com rochas) e as dificuldades de ter que vender para intermediários, que, segundo ele, ficam com a maior parte do lucro. Sua esposa esteve ao seu lado durante todo o tempo da entrevista, mas não quis participar e apenas ficou olhando sem falar palavra.

Ao final da entrevista, enquanto ainda apreciávamos seu trabalho, o professor Zumbi, de capoeira, apareceu no Mercado e aproveitei para perguntar se ele se incomodaria de participar de uma entrevista comigo sobre o trabalho que ele desenvolve com a capoeira do município através do Ponto de Cultura. Ele prontamente se dispôs e combinamos para o final da tarde, depois que terminasse meu compromisso já agendado com sr. Zé Walter.

Eu não sei se você tem percebido que ao longo dessa nossa fala, ao longo dessa nossa conversa, ela está enricada de emoção. Está carregada desse sentimento, eu falo do sertão como aquilo que nasce do meu coração, não são palavras que brotam só da minha boca para fora. Eu falo do sertão com essa identidade, eu falo do sertão com esse conhecimento que eu procuro cada vez mais buscar; entendeu

José Valter (Zewalter) Pires

Quando cheguei no escritório, sr. Zé Walter me recebeu com uma pergunta: “o que você está esperando encontrar aqui?” e eu respondi a ele que não estava esperando nada. Quando entrei na sala tive uma grande surpresa! A sala é inteiramente decorada com cordéis dos mais diferentes tipos. Ele me apresentou sua sala, me contou sua história com o cordel, me falou que atualmente tem uma cadeira da Academia Brasileira de Literatura de Cordel e, então, começamos a entrevista. A entrevista foi repleta de muita emoção. Ficamos ambos muito empolgados e emocionados durante a entrevista, com lágrimas que beiraram meus olhos. Ao longo da entrevista, na medida do possível ele me apresentava cordéis escritos por ele e também livros e histórias que estivessem de acordo com o momento da entrevista. Passamos pelos cordéis, pelas lendas e pela sabedoria popular do sertão. Ao final, Mateus, que tinha optado por não vir, entrou para conhecer a sala e também ficou encantado. Ele me presenteou com vários cordéis escritos por ele e me contou a história de Sr. Adelbardo Silveira o “Deba” de Rio do Antônio, que é um grande incentivador da cultura do município, mas que está doente. Me contou também sobre professora Teresinha e seu esposo que escreveu um livro sobre a cultura de Livramento de Nossa Senhora. Trocamos contatos e nos demoramos até o final da tarde juntos.

Eu me sinto a própria sertaneja. Eu nasci na zona rural, minha vida... Fui criada na zona rural. (...) Sofrimento. Porque para mim é a visão que eu tenho de sertanejo. É resistência e sofrimento. Tem que ter garra.

Normalene (Gingadinha)

Como a entrevista com Zé Walter demorou, o contramestre Zumbi não pode me receber e me pediu que falasse com Normalene, professora Gingadinha na escola Nice Públio, que é onde funciona o Ponto de Cultura Adote um Capoeirista. Lá ela me apresentou as duas salas onde o Ponto funciona e me contou as dificuldades que enfrenta para continuar o trabalho que desenvolve com os seus mais de 100 alunos de capoeira, pois eles não têm mais acesso ao auditório, e, nos dias que eles podem dar aula de capoeira e de informática, acontece, também, na quadra da escola, os ensaios da Fanfarra. Ficamos conversando antes e depois da entrevista por um longo período no qual compartilhamos ideias e histórias.

Em Livramento de Nossa Senhora

Cultura mesmo é em Rio de Contas

Chegamos em Livramento, na quinta-feira à noite. Na sexta-feira pela manhã, saí à procura da casa da professora Teresinha para que pudesse realizar entrevista com ela e seu esposo, mas não obtive sucesso. Fui então à procura da prefeitura para poder saber onde fica a Secretaria de Educação e Cultura, local onde seria realizada a entrevista com o secretário de cultura, sr. Rafael. Chegando na praça da prefeitura, encontrei a Biblioteca municipal abrindo e vi a placa do Flora Ateliê Artes. Me aproximei da senhora que trabalha na Biblioteca e perguntei sobre a Biblioteca e sobre o Ateliê. Ela me convidou para entrar e perguntei a ela como era que andava a cultura do município: se tinha artesãos, poetas, pintores, escritores, músicos... e ela me disse “cultura mesmo é em Rio de Contas, aqui as pessoas não se envolvem muito com cultura não. Que eu saiba, tem o pessoal do ateliê aí”. Perguntei a ela sobre a escola de música do município que hoje é Ponto de Cultura e ela me disse que eles se apresentavam com alguma regularidade, mas que ‘anda meio apagado por esses dias’. Peguei os contatos do pessoal do ateliê no cartaz, me despedi e continuei minha procura sem muito sucesso. Conteí essa história, porque por onde perguntei na rua sobre a cultura do município, obtive essa resposta. Segui, então, no final da manhã sem muita esperança de entrevistar agentes de cultura, para a Secretaria de Educação e Cultura

Um símbolo assim que é pra representar uma paisagem desejada em si, mostraria, não seria o sertão, e sim abundâncias.

Rafael Lessa

Ao chegar na Secretaria, informei minha presença e perguntei se o secretário tinha separado a lista de contatos de agentes de cultura como tinha solicitado por e-mail e tive uma negativa por resposta. Então senti vontade de ir embora e continuar minha busca na rua, mas permaneci sentada esperando quando me disseram ‘o secretário já vai atender você’. A espera foi longa, mas como tinha me apresentado e me comprometido a ficar, decidi esperar. Aproveitei para estabelecer contato com o pessoal do Ateliê. Por telefone, falei primeiro com Flor e depois com

Miguel, pois apesar de os dois trabalharem juntos no Ateliê, Flor estaria trabalhando o dia inteiro e não poderia me receber e, por isso, me pediu para que entrasse em contato com Miguel, seu esposo, para ver as possibilidades de ser recebida por ele. Ao conversarmos no telefone, Miguel convidou a mim e a Mateus para almoçarmos em sua residência em Rio de Contas, mesmo quando relutei por conta do horário.

A entrevista com o sr. Rafael, assim como a maior parte das entrevistas realizadas com agentes do poder público, foi breve e sem rodeios. Já no final, quando perguntei sobre políticas culturais, ele me encaminhou para a sala do dirigente de cultura que ficava próxima à dele.

O sertão, eu acho que o sertão é o próprio Nordeste representado. É a miscigenação de vários povos, com várias culturas, todas riquíssimas

Yonélio Sayd

Quando cheguei em sua sala, fui apresentada ao sr. Yonélio e sem mais delongas começamos a entrevista. Yonélio deu ênfase às disputas partidárias que dificultam a mobilização dos artistas do município em prol da cultura e também a enorme influência que as músicas de fora tem feito na cultura do município. Assim que terminou a entrevista, perguntei se ele sabia o endereço de professora Teresinha e se ele podia me arranjar contatos de artistas locais, mas ele me informou que não tinha nenhum catálogo com contato dos agentes de cultura do município para poder me oferecer.

Assim que a entrevista terminou, tentei entrar em contato com o Ponto de Cultura do município, mas não obtive resposta. Liguei então para sr. Miguel e perguntei se poderia ir para sua casa realizar a entrevista e a resposta foi afirmativa. Passei então na pousada e peguei Mateus para irmos para Rio de Contas.

Em Rio de Contas

Olha, falar do sertão não é tão difícil porque começa com uma ligação muito forte, muito profunda (...) E aí eu, aqui na minha tentativa de definir também, quero fazer uma colocação de que é muito difícil definir porque eu comecei conhecendo o sertão de uma forma, e hoje o sertão forçosamente assumiu uma outra roupa, mas ainda tem aspectos de como... De quando eu

conheci, de como eu o conheci da vivência que eu tive com o sertão.

Miguel Bartilotti

Chegamos em Rio de Contas e fomos direto para a casa de Flor e Miguel, que tinham nos esperado para almoçar. Fomos recebidos por ele e seu filho mais novo que estava ansioso para nos mostrar um pífano que tinha sido confeccionado por seu pai. Durante o almoço, Miguel me contou que é geólogo formado pela UFBA, mas que decidiu ir para o interior em busca de uma melhor qualidade de vida. Contou que a ideia do Ateliê surgiu quando ainda moravam em Salvador e que eles decidiram continuar o trabalho mesmo depois de terem se mudado. Diferentemente do que a senhora que trabalha na biblioteca falou, Miguel disse que o trabalho é desenvolvido em Livramento porque o público voltado para a cultura lá é maior do que em Rio de Contas e, como a distância é muito pequena, é possível ir e vir entre os dois municípios com rapidez e facilidade. Passamos a tarde inteira juntos, conversando primeiro informalmente e depois com a gravação.

A entrevista terminou no final da tarde, trocamos contatos e nos despedimos. Logo em seguida, voltei a tentar entrar em contato com o pessoal do Ponto de Cultura, mas não tive sucesso.

A jornada que se finda

Foi então, depois de passarmos uma tarde muito agradável em Rio de Contas que nos encontramos diante do dilema: retornamos para Livramento e tentamos estabelecer mais contatos, ou damos o campo por encerrado e iniciamos a jornada de retorno? Decidimos que passaríamos por Livramento e que tentaríamos mais uma vez realizar contatos, mas que, se não desse certo, nos encaminharíamos para Salvador ainda naquele dia, pois o campo estava exigindo demais de nós. Quando chegamos a Livramento não conseguimos encontrar mais nenhum contato e decidimos que iríamos voltar para Salvador, pois, mesmo que ficássemos mais um dia em Livramento, nada nos garantiria conseguir mais uma entrevista e como os resultados já estavam se repetindo, mostrando sua saturação, decidimos que era melhor retornar.

Foi um retorno quase-imprudente, pois decidimos viajar à noite e com chuva em alguns trechos do percurso, mas como Mateus estava descansado, decidimos que não seria tão arriscado. Na

viagem de volta, estava com um misto de alegria e tristeza: alegre porque tinha alcançado meus objetivos com o campo e triste porque as possibilidades de continuar trocando experiências com aquelas pessoas, pelo menos provisoriamente, tinham acabado.

O que restava à frente eram muitas horas de transcrição e fazer jus a cada uma delas, trazendo-as para minha dissertação respeitando sua humanidade, suas opiniões, suas experiências com o sertão e dando-lhes o retorno da pesquisa em tempo oportuno.

APÊNDICE 3 – EQUIPAMENTOS CULTURAIS EXISTENTES NOS TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE SERTÃO DO SÃO FRANCISCO E SERTÃO PRODUTIVO

Apêndice 3.1

Informações culturais dos municípios componentes do Território de Identidade Sertão do São Francisco

Município	Equipamentos Culturais Existentes
Campo Alegre de Lourdes	Bibliotecas públicas/ Estádios ou ginásios poliesportivos/ Unidades de ensino superior/ Videolocadoras/ Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs/ Clubes e associações recreativas
Canudos	Bibliotecas públicas / Museus (2) / Videolocadoras, Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs / Clubes e associações recreativas
Casa Nova	Bibliotecas públicas (2)/ Videolocadoras/ Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs/ Clubes e associações recreativas
Curaçá	Bibliotecas públicas (3)/ Museu/ Teatros ou salas de espetáculos/ Estádios ou ginásios poliesportivos (2)/ Unidades de ensino superior/ Videolocadoras/ Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs/ Clubes e associações recreativas
Juazeiro	Bibliotecas públicas (2)/Museu/Teatros ou salas de espetáculos/ Teatros ou salas de espetáculos/ Estádios ou ginásios poliesportivos (2)/ Unidades de ensino superior/ Shoppincenters/ Videolocadoras/ Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs/ Livrarias/ Clubes e Associações recreativas/ Clubes e associações recreativas
Pilão Arcado	Biblioteca pública/ Unidades de ensino superior / Videolocadoras / Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs / Clubes e associações recreativas
Remanso	Biblioteca pública / Estádios ou ginásios poliesportivos (2) / Unidades de ensino superior / Videolocadoras / Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs / Livrarias / Clubes e associações recreativas
Sento Sé	Biblioteca pública / Museus / Estádios ou ginásios poliesportivos (2) / Videolocadoras / Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs / Clubes e associações recreativas
Sobradinho	Biblioteca pública / Videolocadoras / Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs / Clubes e associações recreativas
Uauá	Biblioteca pública / Cinemas / Unidades de ensino superior / Videolocadoras / Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs / Clubes e associações recreativas

Fonte: MUNIC,2006
Elaboração Própria

Apêndice 3.2

Informações culturais dos municípios componentes do Território de Identidade Sertão Produtivo

Município	Equipamentos Culturais Existentes
Brumado	Biblioteca pública/ Estádios ou ginásios poliesportivos (3)/ Cinema/ Unidades de ensino superior/ Videolocadoras/ Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs/ Livrarias/ Clubes e associações recreativas
Candiba	Biblioteca pública/ Videolocadoras/ Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs/ Clubes e associações recreativas
Caculé	Biblioteca pública/ Estádios ou ginásios poliesportivos/ Unidades de ensino superior/ Videolocadoras/ Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs/ Livrarias/ Clube e associações recreativas
Caetité	Bibliotecas públicas (2)/ Teatros ou salas de espetáculos (3)/ Estádios ou ginásios poliesportivos (2)/ Cinemas (2)/ Unidades de ensino superior/ Videolocadoras/ Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs/ Clubes e associações recreativas
Contendas do Sincorá	Biblioteca pública/ Videolocadoras/ Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs/ Clubes e associações recreativas
Dom Basílio	Biblioteca pública/ Estádios ou ginásios poliesportivos/ Livrarias
Guanambi	Biblioteca pública / Teatros ou sala de espetáculo / Centro cultural / Estádios ou ginásios poliesportivos (2) / Unidades de ensino superior / Videolocadoras / Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs / Livrarias / Clubes e associações recreativas
Ibissuacê	Biblioteca pública / Centro cultural / Videolocadoras / Clubes e associações recreativas
Ituaçu	Biblioteca pública / Estádios ou ginásios poliesportivos (2) / Unidades de ensino superior / Videolocadora / Clubes e associações recreativas
Iuiú	Biblioteca pública / Videolocadoras
Lagoa Real	Biblioteca pública / Unidades de ensino superior / Videolocadoras
Livramento de Nossa Senhora	Biblioteca pública / Teatro ou sala de espetáculo / Estádios ou ginásios poliesportivos (3) / Unidades de ensino superior / Videolocadoras/ Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs / Livrarias / Clubes e associações recreativas
Malhada de Pedras	Videolocadoras
Palmas do Monte Alto	Biblioteca pública / Unidades de ensino superior / Videolocadoras / Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs
Pindai	Videolocadoras
Rio do Antônio	Biblioteca pública / Videolocadoras / Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs / Clubes e associações recreativas
Sebastião Laranjeiras	Ausência de equipamentos culturais
Tanhaçu	Biblioteca pública / Estádio ou ginásio poliesportivo / Unidades de ensino superior / Videolocadoras / Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs / Clubes e associações recreativas
Urandi	Biblioteca pública / Estádio ou ginásio poliesportivo / Unidades de ensino superior / Videolocadoras / Lojas de discos, CDs, fitas e DVDs / Clubes e associações recreativas

Fonte: MUNIC,2006

Elaboração Própria

APÊNDICE 4 – TEMPO DE VIAGEM ESTIMADO ENTRE OS MUNICÍPIOS

Apêndice 4.1

Quadro sobre o tempo de viagem estimado entre os municípios componentes do Território de Identidade Sertão do São Francisco

Trajeto	Distância (Km)	Tempo estimado de viagem de carro	Rota
Campo Alegre de Lourdes - Canudos	556	7h 34min	BR 235 - BR 407 - BR 235
Campo Alegre de Lourdes - Casa Nova	252	3h 33min	BR 235
Campo Alegre de Lourdes - Curaçá	414	5h 49min	BR 235 - BA 210
Campo Alegre de Lourdes - Juazeiro	321	4h 25min	BR 235
Campo Alegre de Lourdes - Pilão Arcado	149	2h 6min	BR 235 - BA 752
Campo Alegre de Lourdes - Remanso	112	1h 36min	BR 235
Campo Alegre de Lourdes - Sento Sé	445	6h 18min	BR 235 - BA 210
Campo Alegre de Lourdes - Sobradinho	307	4h 20min	BR 235 - BA 316
Campo Alegre de Lourdes - Uauá	489	6h 34min	BR 235 - BR 407 - BR 235
Canudos - Casa Nova	262	4h 15min	BR 235 - BR 116
Canudos - Curaçá	180	2h 35min	BR 235 - BA 120
Canudos - Juazeiro	185	3h 17min	BR 235
Canudos - Pilão Arcado	465	6h 54min	BR 235 - BA 752
Canudos - Remanso	436	5h 45min	BR 235
Canudos - Sento Sé	387	6h 20 min	BR 235 - BA 210
Canudos - Sobradinho	231	3h 50min	BR 235 - BA 210
Canudos - Uauá	60	52min	BR 235
Casa Nova - Curaçá	162	2h 19min	BR 235 - BA 210
Casa Nova - Juazeiro	69	54 min	BR 235
Casa Nova - Pilão Arcado	212	2h 56min	BR 235 - BA 752
Casa Nova - Remanso	140	1h 55min	BR 235
Casa Nova - Sento Sé	193	2h 44min	BR 235 - BA 210 - BA 316
Casa Nova - Sobradinho	54	50min	BR 235 - BA 752
Casa Nova - Uauá	194	3h 13min	BR 235
Curaçá - Juazeiro	94	1h 26min	BA 210
Curaçá - Pilão Arcado	374	5h 08min	BA 210 - BR 235 - BA 752
Curaçá - Remanso	302	4h 07min	BA 210 - BR 235
Curaçá - Sento Sé	283	4h 03min	BA 210
Curaçá - Sobradinho	140	2h 07min	BA 210
Curaçá - Uauá	122	1h 46min	BA 120 - BR 235
Juazeiro - Pilão Arcado	281	3h 44min	BR 235
Juazeiro - Remanso	209	2h 44min	BR 235
Juazeiro - Sento Sé	191	2h 45min	BA 210
Juazeiro - Sobradinho	48	45min	BA 210
Juazeiro - Uauá	126	2h 22min	BR 235

Continuação do Quadro sobre o tempo de viagem estimado entre os municípios componentes do Território de Identidade Sertão do São Francisco

Trajetos	Distância (Km)	Tempo estimado de viagem de carro	Rota
Pilão Arcado - Remanso	72	1h 04min	BA 752 - BR 235
Pilão Arcado - Sento Sé	405	5h 43min	BA 752 -BR 235 - BA 210
Pilão Arcado - Sobradinho	267	3h 53min	BA 752 - BR 235 - BA 316
Pilão Arcado - Uauá	406	6h 13min	BA 752 - BR 235
Remanso - Sento Sé	333	4h 43min	BR 235 - BA 210
Remanso - Sobradinho	195	2h 45min	BR 235 - BA 316
Remanso - Uauá	334	5h 09 min	BR 235
Sento Sé - Sobradinho	149	2h 08min	BA 210
Sento Sé - Uauá	314	4h 58min	BA 210 - BR 235
Sobradinho - Uauá	172	3h 01min	BR 235 - BA 210

Fonte: Google Maps

Elaboração : Caroline Vaz e Mateus Barbosa

Apêndice 4.2

Quadro sobre o tempo de viagem estimado entre os municípios componentes do Território de Identidade Sertão Produtivo

Trajetos	Distância (Km)	Tempo estimado de viagem de carro	Rota
Brumado - Caculé	105	1h 32 min	BR 030 - BA 617
Brumado - Caetité	110	1h 44min	BR 030
Brumado - Candiba	169	2h 15min	BR 030 - BR 122 - BA 612
Brumado - Contendas do Sincorá	95	1h 18min	BR 030 - BA 142 - BA 407
Brumado - Dom Basílio	40	40min	BA 148
Brumado - Guanambi	141	1h 56min	BR 030
Brumado - Ibiassucê	80	1h 11min	BR 030 - BA 617
Brumado - Ituaçu	99	1h 33min	BA 026 - BA 142
Brumado - Iuiu	262	3h 31min	BR 030 - BA 160
Brumado - Lagoa Real	81	1h 09min	BR 030-BA 940
Brumado - Livramento de Nossa Senhora	68	1h 07min	BA 148
Brumado - Malhada de Pedras	29	46min	BR 030
Brumado - Palmas de Monte Alto	184	2h 22min	BR 030
Brumado - Pindaí	174	2h 19min	BR 030 - BR 122
Brumado - Rio do Antônio	75	1h 13min	BR 030 - BA 614
Brumado - Sebastião Laranjeiras	195	3h 03min	BR 030 - BR 122 - BA 612
Brumado - Tanhaçu	74	1h 02min	BA 026 - BA 142
Brumado - Urandi	207	2h 50min	BR 030 - BR 122
Caculé - Caetité	82	1h 15min	BA 617 - BR 030
Caculé - Candiba	140	1h 56min	BA 617 - BR 030 - BR 122- BA 612
Caculé - Contendas do Sincorá	197	2h 31min	BA 617 - BR 030 - BA 142- BA 407
Caculé - Dom Basílio	150	2h 05min	BA 617 - BR 030 - BA 148
Caculé - Guanambi	113	1h 44min	BA 617 - BR 030
Caculé - Ibiassucê	30	30min	BA 617
Caculé - ituaçu	201	2h 37min	BA 617 - BR 030 - BA 142
Caculé - Iuiu	234	3h 25min	BA 617 - BR 030 - BA 160
Caculé - Lagoa Real	63	55min	BA 617 - BR 030 - BA 940
Caculé - Livramento de Nossa Senhora	173	2h 38min	BA 617 - BR 030 - BA 148
Caculé - Malhada de Pedras	108	1h 39min	BA 026 - BR 030 - BA 617
Caculé - Palmas de Monte de Alto	156	2h 16min	BA 617 - BR 030 - BA 263
Caculé - Pindaí	104	1h 32min	BA 026 - BR 122
Caculé - Rio do Antônio	50	1h	BA 617- BA 026 - BA 614
Caculé - Sebastião Laranjeiras	119	1h 47min	BA 026 - BA 156 - BA 263
Caculé - Tanhaçu	176	2h 28min	BA 617 - BR 030 - BA 142
Caculé - Urandi	70	1h 01min	BA 026
Caetité - Candiba	69	54min	BR 030 - BR 122 - BA 612
Caetité - Contendas do Sincorá	192	2h 22min	BR 030 - BA 142
Caetité - Dom Basílio	146	1h 56min	BR 030 - BA 148
Caetité - Guanambi	40	35min	BR 030
Caetité - ibiassucê	46	38min	BR 030 - BA 617
Caetité - Ituaçu	197	2h 44min	BR 030 - BA 142
Caetité - Iuiu	138	1h 43min	BR 030 - BA 160

Continuação do Quadro sobre o tempo de viagem estimado entre os municípios componentes do Território de Identidade Sertão Produtivo

Trajetos	Distância (Km)	Tempo estimado de viagem de carro	Rota
Caetité - Lagoa Real	58	46min	BR 030 - BA 940
Caetité - Livramento de Nossa Senhora	175	2h 29min	BR 030 - BA 148
Caetité - Malhada de Pedras	94	1h 12min	BR 030 - BA 026
Caetité - Palmas de Monte Alto	84	1h 01min	BR 030 - BA 263
Caetité - Pindaí	74	58min	BR 030 - BR 122
Caetité - Rio do Antônio	75	1h 02min	BR 030 - BA 614
Caetité - Sebastião Laranjeiras	95	1h 41min	BR 030 - BR 122 - BA 612
Caetité - Tanhaçu	182	2h 22min	BR 030 - BA 142
Caetité - Urandi	106	1h 36min	BR 030 - BR 122
Candiba - Contendas do Sincorá	261	3h 15min	BA 612 - BR 122 - BR 030 - BA 142 - BA 407
Candiba - Dom Basílio	214	2h 50min	BA 612 - BR 122 - BR 030 - BA 148
Candiba - Guanambi	30	30min	BA 612 - BR 122
Candiba - Ibiassucê	115	1h 32min	BA 612 - BR 122 - BR 030 - BA 617
Candiba - Ituaçu	265	3h 22min	BA 612 - BR 122 - BR 030 - BA 142
Candiba - Iuiu	107	1h 25min	BA 612 - BR 030 - BA 160
Candiba - Lagoa Real	126	1h 40min	BA 612 - BR 122 - BR 030 - BA 940
Candiba - Livramento de Nossa Senhora	241	3h 17min	BA 612 - BR 122 - BR 030 - BA 148
Candiba - Malhada de Pedras	162	2h 06min	BA 612 - BR 122 - BR 030 - BA 026
Candiba - Palmas de Monte Alto	53	43min	BA 612 - BR 030 - BA 263
Candiba - Pindaí	29	26min	BA 612 - BR 122
Candiba - Rio do Antônio	143	1h 55min	BA 612 - BR 122 - BR 030 - BA 614
Candiba - Sebastião Laranjeiras	83	1h 31min	BA 612 - BR 122 - BA 263
Candiba - Tanhaçu	240	3h	BA 612 - BR 122 - BR 030 - BA 142
Candiba - Urandi	60	54min	BA 612 - BR 122
Contendas do Sincorá - Dom Basílio	134	1h 51min	BA 407 - BA 142 - BR 030 - BA 148
Contendas do Sincorá - Guanambi	233	2h 59min	BA 407 - BA 142 - BR 030
Contendas do Sincorá - Ibiassucê	171	2h 15min	BA 407 - BA 142 - BR 030 - BA 617
Contendas do Sincorá - Ituaçu	66	56min	BA 407 - BA 142
Contendas do Sincorá - Iuiu	330	4h 08min	BA 407 - BA 142 - BR 030 - BA 160
Contendas do Sincorá - Lagoa Real	173	2h 13min	BA 407 - BA 142 - BR 030 - BA 940
Contendas do Sincorá - Livramento de Nossa Senhora	161	2h 18min	BA 407 - BA 142 - BR 030 - BA 148
Contendas do Sincorá - Malhada de Pedras	133	1h 42min	BA 407 - BA 142 - BR 030 - BA 026
Contendas do Sincorá - Palmas de Monte Alto	276	3h 05min	BA 407 - BA 142 - BR 030 - BA 263
Contendas do Sincorá - Pindaí	266	3h 23min	BA 407 - BA 142 - BR 030 - BR 122
Contendas do Sincorá - Rio do Antônio	171	2h 16min	BA 407 - BA 142 - BR 030 - BA 614
Contendas do Sincorá - Sebastião Laranjeiras	287	4h 06min	BA 407 - BA 142 - BR 030 - BR 122 - BA 612

Continuação do Quadro sobre o tempo de viagem estimado entre os municípios componentes do Território de Identidade Sertão Produtivo

Trajetos	Distância (Km)	Tempo estimado de viagem de carro	Rota
Contendas do Sincorá - Tanhaçu	41	34min	BA 407 - BA 142
Contendas do Sincorá - Urandi	300	4h	BA 407 - BR 030 - BR 122
Dom Basílio - Guanambi	186	2h 45min	BA 148 - BR 030
Dom Basílio - Ibiassucê	122	1h 50min	BA 148 - BR 030 - BA 617
Dom Basílio - Ituaçu	139	2h	BA 148 - BR 030 - BA 142
Dom Basílio - Iuiu	281	3h 43min	BA 148 - BR 030 - BA 160
Dom Basílio - Lagoa Real	124	1h 48min	BA 148 - BR 030 - BA 940
Dom Basílio - Livramento de Nossa Senhora	29	32min	BA 148
Dom Basílio - Malhada de Pedras	84	1h 18min	BA 148 - BR 030 - BA 026
Dom Basílio - Palmas de Monte Alto	227	3h 02min	BA 148 - BR 030 - BA 263
Dom Basílio - Pindaí	218	3h 02min	BA 148 - BR 030 - BR 122
Dom Basílio - Rio do Antônio	122	1h 51min	BA 148 - BR 030 - BA 614
Dom Basílio - Sebastião Laranjeiras	240	3h 42min	BA 148 - BR 030 - BR 122 - BA 612
Dom Basílio - Tanhaçu	113	1h 38min	BA 148 - BR 030 - BA 142
Dom Basílio - Urandi	253	3h 34min	BA 148 - BR 030 - BR 122
Guanambi - Ibiassucê	87	1h 13min	BR 030 - BA 617
Guanambi - Ituaçu	237	3h 02min	BR 030 - BA 142
Guanambi - Iuiu	100	1h 20min	BR 030 - BA 160
Guanambi - Lagoa Real	99	1h 21min	BR 030 - BA 940
Guanambi - Livramento de Nossa Senhora	209	3h	BR 030 - BA 148
Guanambi - Malhada de Pedras	134	1h 47min	BR 030 - BA 026
Guanambi - Palmas de Monte Alto	46	42min	BR 030 - BA 263
Guanambi - Pindaí	35	32min	BR 122
Guanambi - Rio do Antônio	115	1h 36min	BR 030 - BA 614
Guanambi - Sebastião Laranjeiras	55	1h 15min	BR 122 - BA 612
Guanambi - Tanhaçu	212	2h 40min	BR 030 - BA 142
Guanambi - Urandi	67	59min	BR 122
Ibiassucê - Ituaçu	176	2h 14min	BA 617 - BR 030 - BA 142
Ibiassucê - Iuiu	184	2h 20min	BA 617 - BR 030 - BA 160
Ibiassucê - Lagoa Real	37	33min	BA 617 - BR 030 - BA 940
Ibiassucê - Livramento de Nossa Senhora	151	2h 09min	BA 617 - BR 030 - BA 148
Ibiassucê - Malhada de Pedras	73	59min	BA 617 - BR 030 - BA 026
Ibiassucê - Palmas de Monte Alto	130	1h 38min	BA 617 - BR 030 - BA 263
Ibiassucê - Pindaí	121	1h 38min	BA 617 - BR 030 - BR 122
Ibiassucê - Rio do Antônio	54	48min	BA 617 - BR 030 - BA 614
Ibiassucê - Sebastião Laranjeiras	141	2h 20min	BA 617 - BR 030 - BR 122 - BA 612
Ibiassucê - Tanhaçu	150	1h 52min	BA 617 - BR 030 - BA 142
Ibiassucê - Urandi	154	2h 08min	BA 617 - BR 030 - BR 122
Ituaçu - Iuiu	334	4h 14min	BA 142 - BR 030 - BA 160
Ituaçu - Lagoa Real	177	2h 19min	BA 142 - BR 030 - BA 940

Continuação do Quadro sobre o tempo de viagem estimado entre os municípios componentes do Território de Identidade Sertão Produtivo

Trajetos	Distância (Km)	Tempo estimado de viagem de carro	Rota
Ituaçu - Livramento de Nossa Senhora	167	2h 30min	BA 142 - BR 030 - BA 148
Ituaçu - Malhada de Pedras	137	1h 48min	BA 142 - BR 030 - BA 026
Ituaçu - Palmas de Monte Alto	280	3h 31min	BA 142 - BR 030 - BA 263
Ituaçu - Pindaí	270	3h 29min	BA 142 - BR 030 - BR 122
Ituaçu - Rio do Antônio	175	2h 20min	BA 142 - BR 030 - BA 614
Ituaçu - Sebastião Laranjeiras	291	4h 12min	BA 142 - BR 030 - BR 122 - BA 612
Ituaçu - Tanhaçu	26	23min	BA 142
Ituaçu - Urandi	303	4h 07min	BA 142 - BR 030 - BR 122
Iuiú - Lagoa Real	195	2h 34min	BA 160 - BR 030 - BA 940
Iuiú - Livramento de Nossa Senhora	306	4h 15min	BA 160 - BR 030 - BA 148
Iuiú - Malhada de Pedras	231	3h	BA 160 - BR 030 - BA 026
Iuiú - Palmas de Monte Alto	59	51min	BA 160 - BR 030 - BA 263
Iuiú - Pindaí	132	1h 47min	BA 160 - BR 030 - BR 122
Iuiú - Rio do Antônio	212	2h 49min	BA 160 - BR 030 - BA 614
Iuiú - Sebastião Laranjeiras	113	1h 36min	BA 160 - BR 030 - BA 263
Iuiú - Tanhaçu	309	3h 54min	BA 160 - BR 030 - BA 142
Iuiú - Urandi	166	2h 22min	BA 160 - BR 030 - BR 122
Lagoa Real - Livramento de Nossa Senhora	72	1h 08min	BA 940 - BA 572 - BA 569 - BA 152
Lagoa Real - Malhada de Pedras	74	1h	BA 940 - BR 030 - BA 026
Lagoa Real - Palmas de Monte Alto	141	1h 45min	BA 940 - BR 030 - BA 263
Lagoa Real - Pindaí	133	1h 43min	BA 940 - BR 030 - BR 122
Lagoa Real - Rio do Antônio	56	49min	BA 940 - BR 030 - BA 614
Lagoa Real - Sebastião Laranjeiras	152	2h 26min	BA 940 - BR 030 - BR 122 - BA 612
Lagoa Real - Tanhaçu	152	1h 53min	BA 940 - BR 030 - BA 142
Lagoa Real - Urandi	164	2h 10min	BA 940 - BR 030 - BR 122
Livramento de Nossa Senhora - Malhada de Pedras	111	1h 44min	BA 148 - BR 030 - BA 026
Livramento de Nossa Senhora - Palmas de Monte Alto	259	3h 42min	BA 148 - BR 030 - BA 263
Livramento de Nossa Senhora - Pindaí	245	3h 28min	BA 940 - BR 030 - BR 122
Livramento de Nossa Senhora - Rio do Antônio	150	2h 23min	BA 148 - BR 030 - BA 614
Livramento de Nossa Senhora - Sebastião Laranjeiras	265	4h 12min	BA 148 - BR 030 - BR 122 - BA 612
Livramento de Nossa Senhora - Tanhaçu	140	2h 04min	BA 148 - BR 030 - BA 142
Livramento de Nossa Senhora - Urandi	276	4h 02min	BA 148 - BR 030 - BR 122
Malhada de Pedras - Palmas de Monte Alto	177	2h 16min	BA 026 - BR 030 - BA 263
Malhada de Pedras - Pindaí	167	2h 14min	BA 026 - BR 030 - BR 122

Continuação do Quadro sobre o tempo de viagem estimado entre os municípios componentes do Território de Identidade Sertão Produtivo

Trajetos	Distância (Km)	Tempo estimado de viagem de carro	Rota
Malhada de Pedras - Rio do Antônio	27	25min	BA 026
Malhada de Pedras - Sebastião Laranjeiras	188	2h 57min	BA 026 - BR 030 - BR 122 - BA 612
Malhada de Pedras - Tanhaçu	112	1h 26min	BA 026 - BR 030 - BA 142
Malhada de Pedras - Urandi	199	2h 41min	BA 026 - BR 030 - BR 122
Palmas de Monte Alto - Pindaí	78	1h 04min	BA 263 - BR 030 - BR 122
Palmas de Monte Alto - Rio do Antônio	158	2h 06min	BA 263 - BR 030 - BA 614
Palmas de Monte Alto - Sebastião Laranjeiras	55	48min	BA 263
Palmas de Monte Alto - Tanhaçu	255	3h 10min	BA 263 - BR 030 - BA 142
Palmas de Monte Alto - Urandi	103	1h 32min	BA 263
Pindaí - Rio do Antônio	148	1h 57min	BR 122 - BR 030 - BA 614
Pindaí - Sebastião Laranjeiras	56	1h 04min	BR 122 - BR 263
Pindaí - Tanhaçu	245	3h 02min	BR 122 - BR 030 - BA 142
Pindaí - Urandi	34	31min	BR 122
Rio do Antônio - Sebastião Laranjeiras	155	2h 21min	BA 026 - BA 617 - BA 026 - BA 156 - BA 263
Rio do Antônio - Tanhaçu	150	1h 55min	BA 614 - BR 030 - BA 142
Rio do Antônio - Urandi	105	1h 35min	BA 026 - BA 617 - BA 026 - BA 156 - BA 263
Sebastião Laranjeiras - Tanhaçu	266	3h 50min	BA 612 - BR 122 - BR 030 - BA 142
Sebastião Laranjeiras - Urandi	50	46min	BR 263
Tanhaçu - Urandi	277	3h 35min	BA 142 - BR 030 - BR 122